

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

**ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: DESAFIOS
DE UMA NOVA CONJUNTURA PARA O MUNICÍPIO
DE ASSIS - SP**

Bruno de Camargo Mendes

Orientador: Prof. Dr. Odeibler Santo Guidugli

Dissertação de Mestrado elaborada
junto ao Programa de Pós-
Graduação em Geografia – Área de
Concentração em Organização do
Espaço, para obtenção do Título de
Mestre em Geografia.

Rio Claro (SP)
2005

Comissão Examinadora

- aluno (a) -

Rio Claro, _____ de _____ de _____.

Resultado: _____.

À minha sobrinha Maria, para quem o envelhecimento é uma preocupação muito distante, dedico.

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido realizado sem as inúmeras e valiosas contribuições que recebi durante esta jornada. Alguns colaboraram de forma direta com o andamento da pesquisa, sugerindo bibliografia, cedendo dados e informações, avaliando material redigido, discutindo hipóteses. Outros participaram de forma indireta, mas não menos importante. Estiveram ao meu lado oferecendo seu amor, carinho, amizade, companheirismo. A todas estas pessoas maravilhosas, eu agradeço. Contudo, alguns nomes devem ser mencionados.

Agradeço aos meus tios, Claudete e René, e aos meus primos Rafael, Beatriz e Juliana, pela hospitalidade e carinho que sempre recebi em Rio Claro.

Agradeço aos meus tios Terezinha e Piu pelos bons conselhos.

Agradeço à Ana Cristina Quiessi pela “alta fidelidade” da amizade, pelas conversas, brincadeiras e também pelos presentes. Obrigado por estar sempre por perto.

Agradeço à Daniela Pepes pelo carinho, amor e ajuda no momento mais difícil.

A special thanks to my dear friend Leda Servilha, thanks for the good advices, thanks for listening, thanks for the going outs and thanks for your friendship.

Agradeço aos meus amigos assisenses, especialmente Carolina Zanata, Marcos Almeida, Fernando Resende, Fábila Prates e Eliane Fonseca, dentro outros. Obrigado por tornarem a vida em Assis mais agradável e divertida.

Agradeço à minha amiga Marilda Beijo (Cemeterio), companheira de lutas. Obrigado por compartilhar os desafios desta jornada.

Agradeço aos grandes amigos Humberto Catuzzo, Letícia Perez, Amanda Vasques e Mariana Zancul, que a distância e o tempo não conseguiram (e que nunca consigam) afastar.

Agradeço aos alunos de Geografia das Faculdades Integradas de Ourinhos. Obrigado, pela acolhida e por permitirem que aprendêssemos juntos um pouco mais sobre nossa ciência tão querida. Também agradeço aos colegas do Departamento, especialmente à Professora Edélzia Bertello. Obrigado pela oportunidade e confiança.

Agradeço a galerinha do Colégio Mais e do Colégio Santa Maria.

Agradeço às grandes amigas da Biblioteca (Rua Dez) IGCE-UNESP-Rio Claro, Mônica e Meire, pela disposição, carinho e atenção dedicada ao longo destes nove anos de vida acadêmica.

Agradeço ao amigo Gilberto D Henrique, do Departamento de Geografia (IGCE). Obrigado por toda a ajuda.

Agradeço aos professores, Dr. José Marcos Pinto da Cunha (NEPO-Unicamp) e Dra. Solange Terezinha de Lima (DG-IGCE-UNESP), pelas oportunas sugestões quando do exame de qualificação.

Agradeço ao Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de Campinas (NEPO) e a Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), por cederem seu material bibliográfico.

Agradeço ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Fundação SEADE pelos dados disponibilizados para esta pesquisa.

Agradeço ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) pelo financiamento.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Prof. Dr. Odeibler Santo Guidugli pela atenção, disposição e paciência, dedicados durante toda esta jornada. Seu interesse no trabalho, seu conhecimento do conteúdo e seu profissionalismo foram indispensáveis para o desenvolvimento desta pesquisa.

ÍNDICE

Introdução.....	1
1. Um panorama da literatura do processo de envelhecimento populacional. ..	5
1.1. O levantamento assistemático da literatura do processo de envelhecimento e da população idosa.	7
1.2. Resultados obtidos no levantamento assistemático.	10
1.3. O processo de envelhecimento e da população idosa: um levantamento sistemático da literatura.	32
2. O desenvolvimento demográfico de Assis.	51
2.1. Introdução.	51
2.2. Desenvolvimento demográfico de Assis.	57
2.2.1. A análise do comportamento das variáveis demográficas (Natalidade/Fecundidade, Mortalidade e Migração).	57
2.2.2. As características da população de Assis (situação, estrutura sexo-idade, ocupação, etc).....	81
3. O envelhecimento populacional.	96
3.1. A transição demográfica da estrutura etária das populações: da escala nacional à local.....	96
3.2. O envelhecimento populacional: o caso brasileiro.	116
3.3. O envelhecimento populacional em micro-escala (local).....	127
3.4. As conseqüências de uma população que "envelhece".....	135
4 – Envelhecimento e idosos no espaço intraurbano de Assis. Questões sócio-espaciais.....	141
4.1. Introdução.	141
4.2. O desenvolvimento urbano de Assis.	145
4.3. A distribuição espacial intraurbana da população idosa na cidade de Assis.	155
4.4. As características sócio-econômicas dos setores censitários. ...	171
Considerações finais.	186
Bibliografia.	190

ÍNDICE DE FIGURAS.

Figura 1 – Distribuição dos artigos e trabalhos indexados pelo Popindex – 1989-1998.....	12
Figura 2 – Distribuição dos artigos indexados no Population Index (1989-1998), por grupos de idioma.....	13
Figura 3 – Distribuição dos artigos e trabalhos indexados pelo Geographical Abstracts – 1989-1998.....	20
Figura 4 - Distribuição dos artigos indexados no Geographical Abstracts (1989-1998), por grupos de idioma	21
Figura 5 - Mapa de Localização da Região de Governo e do Município de Assis.....	53
Figura 6 - Divisão territorial do Município de Assis em 1950, 1960 e 1993... ..	58
Figura 7 - Municípios da Região Administrativa de Assis. Ano de Instalação e Município de Origem.....	62
Figura 8 - Taxa de Natalidade do município de Assis - 1940 a 2000.....	66
Figura 9 - Número total de nascidos vivos no Município de Assis (1940-2000).....	68
Figura 10 -Taxa Geral de Fecundidade (por mil mulheres entre 15 e 49 anos) do município de Assis e Estado de São Paulo - 1980-2000.....	69
Figura 11 - Mortalidade Geral do Município de Assis - 1940-2000.....	71
Figura 12 - Taxa de Mortalidade Infantil no Município de Assis - 1940-2000.....	74
Figura 13 - Participação dos grupos de idade (0-14 anos, 15- 59 anos e 60 anos e mais) na população do município de Assis - 1960-2000.....	83
Figura 14 - Pirâmide Etária da população do Município de Assis nos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000.....	85
Figura 15 - Pessoal ocupado por setor da economia (em %) no Município de Assis - 1950-2000.....	93
Figura 16 -Taxa de Fecundidade Total entre 2000 e 2050 (Projeções).....	105
Figura 17 -Taxa de Mortalidade (por mil habitantes) entre 2000 e 2050....	107
Figura 18 - Participação por Grupos Etários (em Porcentagem) na População Brasileira, 1940-2050.....	120
Figura 19 - Taxa de Fecundidade Geral do Brasil (1940-2050).....	121
Figura 20 - Pirâmide Etária Brasil (1970-2050).....	123
Figura 21 - Patrimônio do Bispado e área da ocupação inicial de Assis.....	147
Figura 22 – Planta de Assis.....	149
Figura 23 - Evolução da área urbana do Município de Assis - 1930 a 2000.....	151
Figura 24 - Mapa da expansão urbana da cidade de Assis - 1930 a 2000.....	154
Figura 25 - Setores Censitários Urbanos de Assis.....	156
Figura 26 - Distribuição espacial da população residente, segundo os setores censitários - Assis - 1991.....	158
Figura 27 - Distribuição espacial da população residente, segundo os setores censitários - Assis - 2000.....	159

Figura 28 - Distribuição espacial da população idosa (60 anos e +), segundo setores censitários - Assis – 1991.....	162
Figura 29 - Distribuição espacial da população idosa (60 anos e +), segundo os setores censitários - Assis - 2000.....	163
Figura 30 - Índice de Envelhecimento segundo os setores censitários - Assis - 1991.....	169
Figura 31 - Índice de Envelhecimento segundo os setores censitários - Assis - 2000.....	170
Figura 32 - Razão de masculinidade por setor censitário - Assis – 1991....	172
Figura 33 - Razão de masculinidade por setor censitário - Assis – 2000....	173
Figura 34 - Percentagem de pessoas responsáveis por domicílio com rendimento nominal superior a 5 salários mínimos segundo os setores censitários - Assis - 1991.....	176
Figura 35 - Percentagem de pessoas responsáveis por domicílio com rendimento nominal superior a 5 salários mínimos segundo os setores censitários - Assis - 2000.....	177
Figura 36 - Percentagem de população alfabetizada por setor censitário - Assis - 1991.....	179
Figura 37 - Percentagem de população alfabetizada por setor censitário - Assis - 2000.....	180
Figura 38 - Taxa Geral de Dependência por setor censitário - Assis - 1991.....	183
Figura 39 - Taxa Geral de Dependência por setor censitário - Assis - 2000.....	184

ÍNDICE DE TABELAS.

Tabela 1 – Distribuição dos artigos indexados pelo Population Index (1989-1998), segundo o objetivo da pesquisa.....	15
Tabela 2 – Distribuição dos artigos indexados pelo Popindex (1989-1998), segundo a escala espacial de análise.....	17
Tabela 3 – Distribuição dos artigos indexados pelo Geographical Abstracts (1989-1998), segundo o objetivo da pesquisa.....	22
Tabela 4 – Distribuição dos artigos indexados pelo Geographical Abstracts (1989-1998), segundo a escala espacial de análise.....	23
Tabela 5 – Distribuição dos artigos indexados pelo DocPop (1989-1998), segundo o objetivo da pesquisa.....	26
Tabela 6 – Distribuição dos artigos indexados pelo DocPop (1989-1998), segundo a escala espacial de análise.....	27
Tabela 7 – Total de Artigos indexados pelo Population Index, relacionados à temática do envelhecimento populacional, segundo o periódico no qual foram publicados (50% do inventário) e respectiva participação relativa.....	29
Tabela 8 - Total de Artigos indexados pelo Geographical Abstracts, relacionados à temática do envelhecimento populacional, segundo o periódico de publicação (50% do inventário) e respectiva participação relativa.....	30
Tabela 9 – Distribuição dos artigos relacionados ao processo de envelhecimento populacional indexado pelo Docpop (1986-1998) segundo o periódico no qual foram publicados e sua importância relativa.....	31
Tabela 10 – Artigos publicados pelo periódico Demography, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	36
Tabela 11 – Artigos publicados pelo periódico Notas de Población, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	38
Tabela 12 – Artigos publicados pelo periódico Population (Paris), relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	39
Tabela 13 – Artigos publicados pela Revista Brasileira de Estudos Populacionais, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	41
Tabela 14 – Artigos publicados pelo periódico AREA, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	42

Tabela 15 – Artigos publicados pelo periódico <i>Urban Studies</i> , relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	42
Tabela 16 – Artigos publicados pelo periódico <i>International Journal of Population Geography</i> , relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1996 e 2002.....	44
Tabela 17 – Artigos publicados pelo periódico <i>Espace Population Societé</i> , relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	45
Tabela 18 – Artigos publicados pelo periódico <i>NOROIS</i> , relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	46
Tabela 19 – Artigos publicados pelo periódico <i>Estudios Geográficos</i> , relacionados com a temática do envelhecimento populacional e da população idosa, no período entre 1989 e 2002.....	47
Tabela 20 – Artigos publicados pelo periódico <i>Progress in Human Geography</i> , relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, entre 1989 e 2002.....	48
Tabela 21 – Evolução da população absoluta do Município de Assis e o acréscimo de habitantes – 1940 a 2000.....	60
Tabela 22 – Taxa geométrica de crescimento médio anual da população total do Município Assis (1940-2000), com e sem Tarumã após 1991..	61
Tabela 23 – Taxa geométrica de crescimento médio anual da população total dos municípios da Região de Governo de Assis (1940-2000).....	61
Tabela 24 – Crescimento médio anual da população total do Brasil, do Estado de São Paulo e do Município de Assis (somado a Tarumã) – 1940-2000.....	64
Tabela 25 – Taxa de natalidade de Assis, do Estado de São Paulo – 1940-2000.....	67
Tabela 26 – Taxa de Mortalidade Geral (por mil habitantes) para o Município de Assis, Estado de São Paulo – 1940-2000.....	72
Tabela 27 – Taxa de Mortalidade Infantil do Município de Assis, Estado de São Paulo – 1940-2000.....	74
Tabela 28 – Número total e percentual das pessoas não naturais do Município de Assis (1970-2000).....	76
Tabela 29 – Número de nascimentos e óbitos, crescimento vegetativo, crescimento real da população e saldo migratório registrados no Município de Assis entre os anos de 1940 e 2000.....	77
Tabela 30 – Região de nascimento da população do Município de Assis, 1970-2000.....	79
Tabela 31 – Principais Estados de origem (lugar de nascimento) da população do Município de Assis, 1970-2000.....	80
Tabela 32 – População por grupo de sexo (totais e percentual) e razão de masculinidade no município de Assis – 1940 - 2000.....	82

Tabela 33 – Participação dos grandes grupos etários (0-14, 15-59 e 60 anos e mais) na a população do Município de Assis, no Estado de São Paulo e no Brasil – 1970-2000.....	87
Tabela 34 – Índice de envelhecimento da população do Município de Assis, Estado de São Paulo e Brasil (1970-2000).....	88
Tabela 35 – Taxa de crescimento médio anual dos grandes grupos de idade (0-14 anos, 15-59 anos e 60 e mais anos) e da população total do município de Assis – 1960-2000.....	89
Tabela 36 – Percentagem de população urbana do município de Assis, Estado de São e Brasil, entre 1950 e 2000.....	91
Tabela 37 – Esperança de vida ao nascer (em anos) entre 2000 e 2050 para alguns países do mundo e, o ganho total de anos durante o período.....	109
Tabela 38 – Estrutura etária dos cinco setores censitários mais envelhecidos” e, dos cinco setores menos “envelhecidos” no Censo de 1991 – Assis.....	164
Tabela 39 – Percentual dos grandes grupos de idade (0-14, 15-59 e 60 anos e mais) dos cinco setores censitários mais envelhecidos” e dos cinco setores menos “envelhecidos” no Censo de 2000 – Assis.....	166
Tabela 40 – Percentual e população total de idosos nos setores centrais de Assis no Censo 1991 e 2000.....	167

Resumo

PALAVRAS CHAVE: ENVELHECIMENTO POPULACIONAL, POPULAÇÃO IDOSA E MICRO-ESCALA.

Nas últimas décadas, o Brasil vem experimentando profundas transformações em seu padrão demográfico. Dentre estas alterações, destaca-se o aumento da participação dos idosos no total da população. Este fenômeno, conhecido como envelhecimento populacional, decorre principalmente da queda das taxas de fecundidade e mortalidade e, do aumento da longevidade. Diferentemente dos países industrializados, o envelhecimento populacional brasileiro surpreende por sua rapidez e, pela multiplicidade de questões que suscita. As particularidades do segmento idoso (declínio das funções sociais, econômicas, psico-biológicas), combinadas aos problemas socioeconômicos brasileiros (má distribuição de renda, desemprego, previdência social e sistema de saúde deficitários), representam desafios a serem enfrentados pelo poder público, sociedade, família e pelo próprio indivíduo. Dentre estes desafios, aqueles relacionados à micro-escala adquirem importância. Em primeiro lugar, porque o envelhecimento populacional brasileiro é espacialmente diferenciado, alguns espaços encontram-se em estágio mais avançado. Em segundo, porque os idosos vivem, convivem e demandam, predominantemente, em escala local. Esta pesquisa contemplou empiricamente o estudo do processo em um espaço local. Como o município paulista de Assis, tem registrado um envelhecimento populacional mais acentuado que o verificado no Estado de São Paulo e no Brasil, converte-se em um interessante objeto de estudo da problemática.

Abstract

KEY-WORDS: AGING POPULATION, ELDERLY PEOPLE AND MICRO-SCALE.

In the last decades, Brazil has been experiencing deep changes in its demographic pattern. Among these changes the increase of the proportion of elderly people in the population stands out. This phenomenon, known as aging population, occurs mainly due to the decline of fertility and mortality rates and the rise of life expectancy. Unlike the industrialized countries, the Brazilian aging population, surprises because of its speed and because of the multiple questions that involves it. The specific characteristics of elderly people (decline of social, economic and psycho-biological functions) combined with the Brazilian socio-economic problem (bad income distribution, unemployment, inefficient social and health care), represent challenges to be faced by the public sector, society, family and by the people themselves. Between these challenges, those related to the micro-scale, or local scale, acquire importance. First because the Brazilian aging population is spatially different, some spaces present higher levels of the process. Second, because elderly people live, relate and demand, largely, in micro-scale. Therefore, the empirical purpose of this study was to investigate the aging population of a local space. Assis city, where the process reaches higher levels than in the State of São Paulo and Brazil, becomes an interesting object of study of the problem involving the local govern, society and elderly people.

Introdução.

“Que importam os anos?

O que importa mesmo é comprovar que afinal de contas a melhor idade da vida é estar vivo”

Mafalda (Quino)

Nas últimas décadas tem se percebido importantes e talvez, irreversíveis, alterações nos padrões demográficos de diversos países. A redução das taxas de fecundidade e mortalidade e, o aumento da expectativa de vida, ainda que se processem de maneira diferenciada entre um espaço nacional e outro, constituem, de maneira geral, uma tendência mundial. Claro que ainda existem países onde tais mudanças ainda não foram experimentadas de maneira significativa e que mantêm índices bastante elevados de fecundidade e mortalidade. Contudo, pela grande disseminação destas tendências em países com situações socioeconômicas tão diversas, pode se falar em um fenômeno mundial.

Entre as conseqüências destas alterações, temos a transformação da estrutura etária da população. Em virtude das novas taxas demográficas, o grupo etário de maior idade (idosos) passa a representar, cada vez mais, valores (percentuais) mais significativos. Os idosos aumentam sua participação no total da população, em detrimento aos grupos mais jovens (0-14 anos). A este processo de aumento da participação dos idosos no total da população dá se o nome de *envelhecimento populacional*.

Este processo, mais do que um simples aumento percentual e também numérico dos idosos, possui uma infinidade de atributos que lhe

confere uma multiplicidade de dimensões sociais, políticas, econômicas, culturais, espaciais, etc.

Os indivíduos que alcançam as coortes de idade mais elevada possuem características muito específicas. Estes se encontram no último estágio do ciclo vital onde, naturalmente e progressivamente, ocorre um declínio das funções psicológicas, biológicas, sociais e econômicas. Desta forma, os desafios lançados pelo aumento da participação deste grupo etário são muitos e variados.

Uma sociedade mais “envelhecida” representa novos desafios para o Estado, a Sociedade, a Família e para o indivíduo. Pode-se perguntar na dimensão econômica do processo se os idosos representarão, efetivamente, um aumento na razão de dependência? Ou ainda, se os gastos com saúde e previdência irão aumentar? Já com relação à dimensão social: Quem cuidará dos idosos? A família? O Estado? Na dimensão cultural pode-se indagar: A velhice será vista sempre da mesma forma? O que representará ser um idoso agora e no futuro?

Contudo, não se pode limitar este processo as suas conseqüências negativas e aos seus desafios. Deve-se ressaltar que o envelhecimento populacional é, antes de tudo, uma conquista social. As sociedades que estão vivenciando este processo alcançaram, ainda que de maneira desigual, indicadores e condições de vida que permitiram que um maior número de indivíduos pudesse envelhecer.

Para a Geografia, como uma ciência humana e social, todas estas questões são relevantes e merecem ser consideradas. Porém, pela própria especificidade da Geografia, que tem como objeto central de estudo a dimensão espacial dos fenômenos humanos, ou seja, a interação entre o homem e o meio, outras questões devem ser realizadas. A Geografia se interessa em saber como se processa espacialmente o envelhecimento populacional. Como as diferentes formas de ocupação do espaço interferem no processo. Se o envelhecimento populacional é espacialmente desigual. Se a distribuição espacial da população idosa é uniforme. Portanto, a esta ciência interessa investigar de que maneira os espaços “envelhecem”.

É neste sentido que se infere esta pesquisa, tentar responder algumas das questões que provocam a Geografia.

Empiricamente esta pesquisa busca analisar o processo de envelhecimento populacional ocorrido no Município de Assis, localizado no oeste do Estado de São Paulo (Alta Sorocabana de Assis).

Este município, com uma população de aproximadamente 87.251 habitantes (Censo 2000), têm apresentado valores expressivos e, crescentes, de participação do grupo etário de mais idade no total da população. O percentual de idosos em Assis (11,6% em 2000) é superior ao verificado para o Estado de São Paulo (9,0%) e para o conjunto da Federação (8,6%).

Portanto, procurou-se investigar as razões do envelhecimento populacional diferenciado da população assisense. Também, procurou-se investigar os arranjos espaciais (distribuição) da população idosa no interior deste espaço (intraurbano).

Para realizar as análises sobre a situação demográfica da população idosa assisense fez-se uso dos dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) nos levantamentos censitários de 1991 e 2000, desagregados ao nível dos setores censitários.

Este trabalho está dividido em quatro seções principais. O primeiro capítulo discute o estado da arte do tema estudado, ou seja, realiza-se uma breve avaliação da bibliografia existente sobre a temática do envelhecimento e da população idosa. A primeira parte deste capítulo contempla um levantamento assistemático em três obras de referencial bibliográfico, duas demográficas e uma geográfica. Este levantamento assistemático buscou analisar, quantitativamente e qualitativamente, a produção científica sobre o tema e, definir os materiais bibliográficos que poderiam colaborar com a pesquisa. Na segunda parte realiza-se um levantamento sistemático em onze periódicos científicos, quatro demográficos e sete geográficos, para avaliar a publicação de artigos relacionados ao tema nestas obras.

O segundo capítulo contempla a análise do desenvolvimento do Município de Assis. Na primeira parte deste capítulo discute a formação, ocupação e desenvolvimento do município. Na segunda parte discute a evolução das principais variáveis demográficas, a saber: natalidade, mortalidade e migração; no município. Na terceira parte discute as

características demográficas da população assisense, enfatizando as transformações ocorridas na estrutura etária da população.

O terceiro capítulo é dedicado a discussão teórica do tema. Primeiramente se discute a transição demográfica da estrutura etária das populações, suas etapas, dinâmicas, causas, conseqüências, etc. Na segunda parte discute-se particularmente o caso do envelhecimento populacional brasileiro, mostrando a intensidade e velocidade deste processo no país. Na terceira parte é abordada a questão do envelhecimento em micro-escala ou escala local. Neste momento, discute-se como o envelhecimento neste escala adquire algumas características diversas do envelhecimento em escalas superiores (Regiões, Estados e Países). A quarta e última parte trata das conseqüências do processo de envelhecimento populacional, especialmente sociais e econômicas.

O quarto capítulo aborda o envelhecimento intraurbano da cidade de Assis. Utilizando-se dos setores censitários definidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas nos Censos de 1991 e 2000 para o Município de Assis e, dos dados divulgados para este nível de desagregação nos mesmos levantamentos demográficos, realiza-se uma análise sobre a população idosa. Discute-se o envelhecimento populacional do espaço intraurbano de Assis e a distribuição espacial de sua população idosa.

1. Um panorama da literatura do processo de envelhecimento populacional.

A compreensão do processo de envelhecimento populacional abrange, além de análises estatístico-matemáticas e espaciais, o levantamento bibliográfico da literatura produzida sobre o tema. É, através, deste levantamento e da análise bibliográfica é que será possível dimensionar a relevância das questões investigadas, as formas de abordagens teóricas, as técnicas e os instrumentos utilizados e os resultados obtidos com as atuais pesquisas.

Desta maneira, todo estudo empírico requer a realização de um inventário, para que se possa ter um panorama do estado da arte, neste caso do tema do envelhecimento populacional e do estudo das populações idosas. Este inventário deve, para ser representativo dos diferentes estágios do processo de envelhecimento em diferentes países, contemplar tanto a bibliografia nacional quanto a internacional.

Porém, a obtenção de um inventário completo de toda a bibliografia envolvendo o processo de envelhecimento populacional e a população idosa seria impraticável. Pelo menos, para um trabalho de mestrado, efetuado apenas por um pesquisador. As fontes bibliográficas, ou seja, as obras de referência, os periódicos acadêmicos, as monografias, teses e dissertações, os livros, os "Working Papers" e textos de discussão, etc, formam um universo gigantesco e crescente, na medida que o processo se acentua em alguns espaços e emerge em outros. Mesmo que se limitasse a análise ao campo das ciências demográfica e geográfica, ainda assim o conjunto de material bibliográfico seria muito amplo. Isto, sem se mencionar a dificuldade de acesso a algumas fontes bibliográficas, que não estão presentes em bibliotecas nacionais e nem disponíveis na Internet.

Também, o formato das publicações (livros, artigos, teses, etc), constitui um obstáculo para um levantamento bibliográfico completo e realizado de forma sistemática. Isto é, livros, teses, dissertações, monografias, "working papers", etc, possuem um caráter inconstante como

publicação. Não são publicados em intervalos regulares, uma vez que não são publicações seriadas. Por outro lado, os artigos de periódicos apresentam uma certa regularidade, o que facilita a análise da evolução da bibliografia e da temática tratada.

Portanto, antes de iniciar um trabalho exaustivo e improdutivo para avaliar toda a bibliografia referente ao processo de envelhecimento populacional e da população idosa, impôs-se uma reflexão sobre os meios para realizar um levantamento bibliográfico satisfatório, ou seja, organizado e representativo.

Desenvolveram-se técnicas e mecanismos que permitiram investigar um expressivo número de material. Reconhece-se que algumas obras e estudos relevantes de algumas escolas foram deixadas de fora e alguns periódicos, de grande valor científico, foram analisados superficialmente. Contudo, não foi objetivo deste trabalho de produzir um inventário completo da bibliografia sobre o envelhecimento populacional, mas, sim, trazer uma primeira luz à questão.

Luz esta vinculada à especificidade empírica da presente pesquisa que contempla o estudo do envelhecimento em Assis. Este, um município de porte médio, localizado no Oeste do Estado de São Paulo. No futuro, outros inventários poderão ser efetuados ampliando este conhecimento.

A pesquisa bibliográfica desenvolveu-se em grande parte na biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, detentora de uma expressiva coleção de periódicos geográficos. Também foram consultadas outras bibliotecas: 1) as da UNESP Campus de Marília e de Assis; 2) a do Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de Campinas (NEPO-UNICAMP); 3) a da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFCH-USP). Também, utilizou-se os recursos de bibliotecas virtuais, principalmente, SCIELO, Periódicos Capes, Geobase. Recorreu-se a obras de referencial bibliográfico on-line, casos do Population Index da Princeton University (Jersey, Estados Unidos) e do Docpop da Fundação SEADE, etc.

A técnica empregada para produzir este panorama geral foi a de analisar somente artigos de periódicos, sendo que outras publicações aparecem em outros capítulos. Esta análise de artigos de periódicos deu-se em duas etapas complementares. Na primeira, denominada levantamento

assistemático, envolveu a análise de algumas obras de referencial bibliográfico. Na segunda, denominada levantamento sistemático, procedeu-se a investigação direta na coleção de alguns periódicos.

Desta forma, este capítulo está dividido em duas partes: na primeira, será discutida o procedimento de análise e os resultados obtidos no levantamento assistemático e, na segunda, o levantamento sistemático.

1.1. O levantamento assistemático da literatura do processo de envelhecimento e da população idosa.

O envelhecimento populacional e o aumento do número de pessoas idosas são universais. Países desenvolvidos e subdesenvolvidos, do Norte e do Sul, do Oriente e do Ocidente, estão todos, em maior ou menor grau, enfrentando este fenômeno. Assim a bibliografia crescente sobre o assunto e de diferentes áreas do conhecimento passa, inevitavelmente, por todos estes países, caracterizando-se, ao mesmo tempo, numa oportunidade e em um desafio para o pesquisador.

O primeiro passo desta investigação bibliográfica englobando o processo de envelhecimento populacional e o da população idosa foi o de definir o grupo de material bibliográfico a ser pesquisado. Por questões de praticidade, uniformidade e regularidade de publicação, optou-se pelos artigos de periódicos. Estes constituem uma fonte de material regular, sendo publicados em intervalos regulares (bimestrais, semestrais, anuais, etc), divulgam as pesquisas mais importantes e inovadoras e, também, são de fácil acesso. Isto não quer dizer que outros grupos de material bibliográfico não foram avaliados na pesquisa.

O início do levantamento assistemático revelou uma rica e variada bibliografia sobre a temática publicada sob o formato de livros, texto de discussão, "working papers", etc. Este montante de referencial bibliográfico, apesar de não ter sido incluído na contabilização e balanço do levantamento

foi bastante consultado tendo inclusive, quando seu acesso permitia, sido utilizado nas análises realizadas nos diferentes capítulos.

O segundo passo consistiu na consulta de obras de referência bibliográfica para se dimensionar, por aproximação, o tamanho do universo bibliográfico. As obras de referência constituem uma importante ferramenta para pesquisa bibliográfica, por catalogar a produção científica dos principais periódicos do mundo segundo áreas do conhecimento. Pesquisou-se, preferencialmente, aqueles que contemplam, especificamente, a Geografia e a Demografia.

Neste sentido foram selecionadas três obras de referência para investigar a produção sobre a temática, duas demográficas e uma geográfica, a saber: **Population Index**, organizado pela Princeton University (EUA), **Docpop**, da Fundação SEADE (Brasil) e **Geographical Abstracts – Human Series**, editado pela Editora Elsevier (Reino Unido). Uma obra de referencial bibliográfico que, apesar de sua importância não foi consultada durante o inventário assistemático, foi o **Docpal** – Documentos de Población de América Latina, editado pela CEPAL/CELADE.

A não inclusão do Docpal pode ser justificada pela sua forma de organização e resgate de informações. Diferentemente das outras obras, o Docpal não disponibiliza, em alguns casos, o resumo (abstracts) dos artigos e, também, não permite o acesso direto a todas as informações do referencial bibliográfico, o que dificulta a sua análise e correlação com outras bases de referencial bibliográfico. Desta forma, apesar de ter sido utilizado para buscar alguns textos que foram utilizados em outros capítulos, o Docpal não foi incluído no inventário.

Estas obras possuem diferenças nos seus procedimentos técnicos (coleta de referências, periódicos inventariados, etc), nos seus objetivos (algumas preocupa-se somente com obras geográficas), na sua abrangência (nacional, regional, internacional) e, também, na sua acessibilidade (recuperação das informações, acesso físico ou on-line, etc), o que impossibilitou submeter todas ao mesmo tipo de análise.

Por esta razão, parte do inventário bibliográfico foi denominada de levantamento assistemático, porque se trata de uma consulta indireta às fontes de informação (periódicos) e, porque cada uma das obras de

referencial bibliográfico possui uma metodologia própria que dificulta uma comparação direta.

Outra dificuldade encontrada na análise das obras de referência foi à diferença dos períodos contemplados pelos seus inventários. O **Population Index**, por exemplo, apresenta um inventário que abrange um período de 14 anos, entre 1986 e 1999, tendo sido interrompido após este último ano. O **Geographical Abstracts**, apesar de continuar a ser editado até o presente momento, apresenta uma série histórica menor, pois foi iniciada em 1989. E o **Docpop** apresenta alguns problemas de resgate de informação depois de 1998.

Assim, para uniformizar a análise do levantamento assistemático definiu-se um período de 10 anos, de 1989 a 1998, para realizar a investigação. O levantamento sistemático envolvendo periódicos específicos e que avançou até anos mais recentes (2002), consegue dar um quadro das publicações mais atuais.

A análise destas obras de referência teve uma dupla função. Em primeiro, lugar serviu para evidenciar o tema e suas variantes. Possibilitou a identificação dos tipos de abordagem acadêmica (geográfica, não geográfica), escala espacial de análise (local, regional, nacional, global), quantidade de trabalhos e dos subtemas ligados ao envelhecimento. Em segundo, permitiu avaliar a origem, especificamente em termos de periódicos, dos artigos referenciados. Ou seja, possibilitou saber em quais periódicos haviam sido publicados os maiores números de artigos e qual a periodicidade dos artigos relacionados ao tema. Esta segunda função foi fundamental, tanto na definição do alcance bibliográfico da análise, como na identificação dos periódicos a serem trabalhados de forma sistemática.

Para resgatar as informações bibliográficas contidas nas obras de referência, estabelecemos algumas palavras chaves que permitiram delimitar os trabalhos que relacionados ao tema. Como palavras chaves foram escolhidas: envelhecimento da população e idoso, e seus correspondentes em inglês, respectivamente, *aging population*, *aged* e *elderly*.

1.2. Resultados obtidos no levantamento assistemático.

A primeira obra consultada foi o **Population Index**, que é uma das principais ferramentas de referência bibliográfica da produção da literatura de população. Organizada pela universidade norte-americana de Princeton, ela cataloga livros, capítulos de livros, teses, artigos de periódicos, work papers, textos de discussão e técnico de entidades científicas, etc. Também, disponibiliza um pequeno resumo (abstract) destes trabalhos catalogados, o que permite identificar as idéias principais de seus autores.

O **Population Index** indexa a publicação de aproximadamente 400 periódicos divididos em áreas como: biologia (*Journal of Biosocial Science*), medicina (*New England Journal of Medicine*, *British Medical Journal*), sociologia (*Sociologie et Sociétés*, *Sociological Forum*, etc), economia (*Journal of Economic Perspectives*, *International Review of Applied Economics*, etc), demografia (*Demography*, *Demographic Research*, etc), geografia (*Professional Geographer*, *Boletín del Instituto de Geografía*, etc), gerontologia (*Gerontology*), etc. Quanto à origem destes periódicos tem-se como foco principal a produção de países de língua inglesa como os Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Nova Zelândia. No entanto, periódicos de países de língua não inglesa como França, Espanha, Japão, Alemanha, Suécia, Holanda, China, também, são contemplados na indexação.

O **Population Index**, comumente chamado de **Popindex**, possui um total de 46.035 referências bibliográficas com resumo em seu acervo online. Por meio destas referências bibliográficas é possível resgatar as seguintes informações: número de identificação do trabalho (próprio do Popindex), nome do autor, título do trabalho (em inglês, seguido do título em outro idioma se existir), nome do editor (se houver), local da publicação, data da publicação, edição, publication order number, distribuidor, número de página, International Standard Book Number (ISBN), número do catálogo da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, e o idioma em que encontra escrito o trabalho.

Esta obra de referência apresenta um pequeno resumo (abstracts) que procura indicar o conteúdo e alcance da obra, assim como informar as fontes dos dados, o tamanho da população estudada e o período coberto.

Algumas vezes estão disponíveis os resultados encontrados pelo pesquisador. A referência bibliográfica também informa, onde pode ser encontrada uma cópia integral do trabalho. Como exemplo de referência, temos:

"65:41176 Delisle, Marc-André. *Regional aspects of aging*. [Vieillissement et régionalité.] Recherches Sociographiques, Vol. 40, No. 2, May-Aug 1999. 313-44, 401 pp. Quebec, Canada. In Fre. with sum. in Eng.

"In Quebec, most persons aged 65 years and over live outside the large urban centres. In order to learn more about them and to better understand whether 'regionalism' has an effect on how people age, we present an analytical survey of research focusing on elderly persons living in seven regions of Quebec. Considerable differences can be observed between elderly persons in the different regions, and people do not age in the same way everywhere--hence the likelihood of a regional influence."

Correspondence: M.-A. Delisle, Université Laval, Département de Sociologie, Cité Universitaire, Quebec, Quebec G1K 7P4, Canada. *Location*: Princeton University Library (SPR)".¹

As referências bibliográficas e os resumos dos trabalhos indexados pelo Popindex estão disponíveis on-line na Internet. Eles podem, portanto, ser acessados e consultados facilmente através da home page da Princeton University: <http://popindex.princeton.edu>. Em resumo, esta obra de referência permite a elaboração de um inventário bibliográfico contemplando vários enfoques: anos ou períodos, autores específicos, áreas ou países e, o que é mais relevante, uma ampla temática pesquisada segundo diferentes disciplinas científicas. Este último, o mais relevante para a pesquisa realizada.

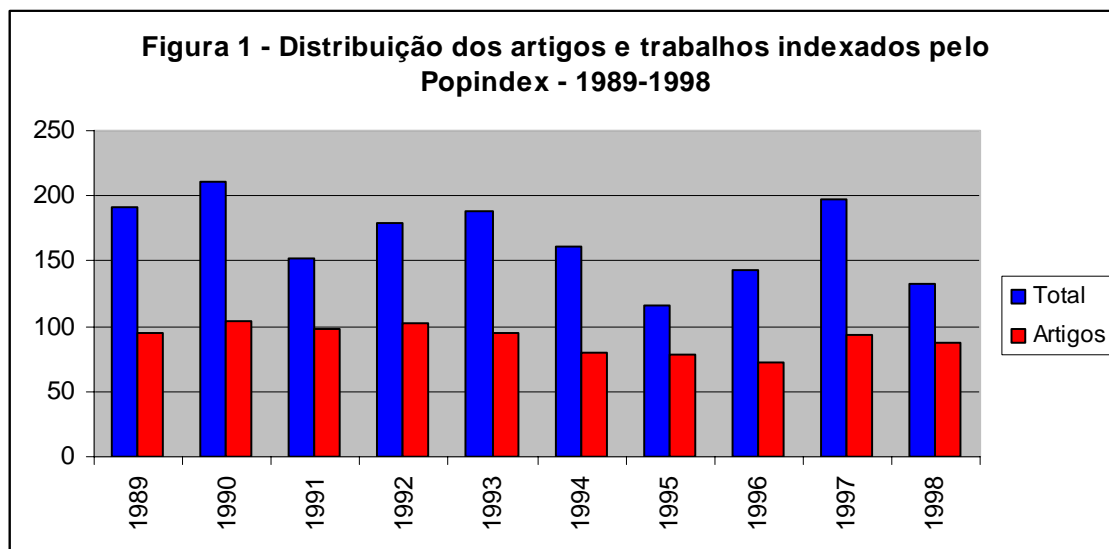
Utilizando-se das palavras chaves: aging e aged (a palavra chave elderly, ou seja, idoso em inglês não foi aceita por esta obra), resgatou-se um total de 1.672 trabalhos, sendo 1.070 referências com a palavra chave aging (envelhecimento) e 602 com aged (idoso, envelhecido, de idade).

A primeira etapa de análise do Popindex consistiu na separação dos trabalhos, segundo a forma em que haviam sido publicados, selecionando somente com aqueles em formato de artigos de periódicos. Conforme referência anterior, a preferência por artigos em detrimento de outros grupos de material bibliográfico deve-se ao caráter uniforme e regular das fontes onde eram encontrados os periódicos.

¹ Extraído da listagem "aging", ano de 1999. Population Index. <http://popindex.princeton.edu>. 07/06/2002.

Através, deste procedimento, obteve-se um montante de 907 artigos de periódicos, que representam 54,3% das referências do Popindex para o período de 1989-1998. Isto significa que esta análise está contemplando a maior parte da bibliografia produzida no mundo e catalogada por esta obra.

Pode-se observar, na Figura 1, a distribuição ano a ano da quantidade de trabalhos e artigos indexados pelo Population Index.



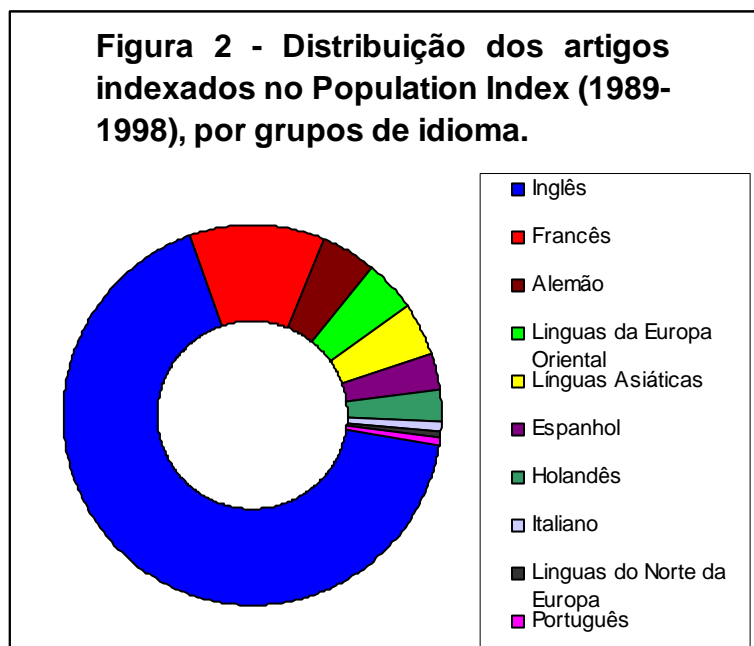
Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

A etapa seguinte do inventário assistemático do Popindex, consistiu na separação dos artigos por idioma em que haviam sido escritos. Esta separação dos artigos por grupos de idioma subordinou-se a dois propósitos. O primeiro foi identificar os artigos intelegíveis ao pesquisador, ou seja, que poderiam ser compreendidos. Com isto, descartou-se, por exemplo, os trabalhos redigidos em chinês, japonês, russo, polonês, romeno, alemão. O segundo, foi identificar, ainda que de maneira superficial, a origem (nacionalidade) dos artigos, já que os idiomas constituem, de modo geral, um atributo de um determinado Estado nacional.

A divisão dos artigos por grupos de idioma pode ser avaliada na Figura 2. Ela revela a predominância de trabalhos publicados em inglês, com 610 artigos, ou 67%. A supremacia do inglês pode ser explicada pela grande produção acadêmica sobre estudos populacionais nos países deste idioma como Reino Unido, Canadá, Austrália, Nova Zelândia, Índia e, principalmente, Estados Unidos. E, não se pode ignorar que vários destes

países encontram-se em avançado processo de envelhecimento, fato que estimulou a multiplicação de estudos sobre o tema. Outra razão está na adoção, no meio acadêmico, do Inglês como língua “universal”. Inúmeros periódicos de países de língua não-inglesa publicam seus artigos para alcançarem um público maior.



Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

O Francês ocupa o segundo lugar, com 102 artigos (11%), o que se explica pelo interesse nos estudos populacionais na França, país de forte tradição demográfica e pioneiro no processo de envelhecimento.

Em seguida, seguem o Alemão com 45 (5%), Línguas da Europa Oriental (como Russo, Polonês, Tcheco, Sérvio, etc) com 40 (4%), Línguas Asiáticas (Chinês, Japonês, Coreano, Tailandês, etc) com 39 (4%), Espanhol e Holandês 3%, Italiano e Línguas do Norte da Europa (Dinamarquês, Sueco, Finlandês, etc) com 1%.

O Português, no qual se inclui a produção brasileira, com apenas 6 artigos (menos de 1%), demonstra, claramente, que o processo de envelhecimento já iniciado no país ainda é sub-estudado. Esta constatação impõe a necessidade de que a questão seja mais aprofundada e compreendida. Com relação aos trabalhos elaborados em Portugal, que

também compõem esta categoria, embora seja um país bastante envelhecido, sua produção acadêmica não acompanha o fenômeno.

Após ter-se analisado as referências bibliográficas do **Popindex**, segundo sua forma de publicação (artigos e não artigos) e grupos de idioma, o passo seguinte consistiu no exame qualitativo do conteúdo dos artigos, através da leitura de seus abstracts (resumos).

Para este procedimento, estabeleceu-se algumas categorias que auxiliassem na classificação dos artigos, segundo o conteúdo de seu resumo (abstract). As categorias definidas foram: a) Estudos de Caso, esta categoria agrupava os trabalhos que buscaram pesquisar o processo de envelhecimento (sua dinâmica, velocidade, variações, características e projeções) em um determinado espaço; b) Reflexões e discussões sobre o processo de envelhecimento, esta reunia os trabalhos que discutiam as conseqüências do processo de envelhecimento populacional para a Sociedade, o Estado (Previdência, Saúde, Trabalho, etc) e Família (cuidados, moradia, etc); c) Dimensão geográfica, trabalho envolvendo a dimensão espacial do fenômeno (distribuição, migração, ageing in place, etc). Não apenas como uma localização, um simples endereçamento, mas como aspecto relevante para a compreensão do processo como um produto de interrelações; d) Metodologia e técnicas, artigos que apresentavam discussões conceituais e técnicas a respeito do estudo envelhecimento; e) Revisões bibliográficas, a respeito do processo e; f) Outros, agrupando os trabalhos que não se encaixaram nas categorias acima.

Deve-se, ressaltar, porém, que nem sempre esta divisão aparece clara e precisa nos artigos, muitos apresentam estudos de caso no qual realizam discussões teóricas. O que se buscou, portanto, foi identificar a preocupação central dos autores.

Na tabela 1 abaixo pode-se observar a distribuição dos artigos indexados pelo **Popindex**, segundo o seu tema.

Os artigos contendo estudos de caso foram os que predominaram com um total de 490 artigos indexados, ou 54,1%. Isto pode ser explicado pelo fato de que muitos países, estados, regiões, etc, começaram, recentemente, a perceber o fenômeno, o que parece ter estimulado um grande número de pesquisas para caracteriza-lo. Também, países que já se

encontram envelhecidos continuaram a realizar pesquisas para acompanhar a evolução do processo.

Tabela 1 – Distribuição dos artigos indexados pelo Population Index (1989-1998), segundo o objetivo da pesquisa.

Categorias	Artigos	%
Estudos de caso	490	54,1
Reflexões e discussões	204	22,5
Dimensão Geográfica (espacial)	99	10,9
Metodologia e técnicas	51	5,6
Revisões bibliográficas	4	0,4
Outros	59	6,5

Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

Dentre os trabalhos listados, pode-se citar, como exemplos: LOPEZ JIMENEZ (1992), "El proceso de envejecimiento demografico en España", CHENG & QIANJIN (1994) "Population aging in China: the demographic implications", DANTEC (1998) "Convergence des vieillissements en Europe et retraites". É interessante destacar que as realidades empíricas são as principais geradoras dos estudos, uma vez que, trabalhos de natureza teórica são produzidos em Universidades que desenvolvem centros de estudos demográficos ou em institutos especializados como, por exemplo, o INDED – Institute National D'Études Démographiques na França. Contudo, no conjunto, estas instituições não são muito numerosas.

Em segundo lugar, ficaram os artigos contendo discussões e reflexões sobre as conseqüências do processo de envelhecimento com 204 artigos ou 22,5%. Estes trabalhos discutem, em sua maioria, as conseqüências do aumento da participação do grupo idoso para os sistemas de previdência social. Dentre eles temos: VOSSEN (1991), "Population ageing and increasing public expenditure: is population policy the answer?", ESTIENNE (1996), "Vieillissement et retraites au Japon: une adaptation économique et sociale?", JOHNSON (1996), "Grey horizons: who pays for old age in the 21st century?".

O terceiro lugar, trabalhos que contemplavam a dimensão espacial do processo de envelhecimento populacional, de grande relevância para a pesquisa. Estes somaram um total de 99 artigos (10,9%). Como exemplo desta categoria pode-se citar os seguintes artigos: GAUTHIER (1992), "La mobilite géographique des personnes agees au Quebec", BUCHER (1994)

“Die raumliche Dimension der Alterung (The spatial dimension of aging)”, WARNES (1994), “Cities and elderly people: recent population and distributional trends”.

Os artigos apresentando Metodologias e técnicas para o estudo do envelhecimento populacional concentraram 51 (5,6%) e os trabalhos com revisões da bibliografia do processo 4 (0,4%). Como exemplos, temos, respectivamente: VALENTE ROSA (1996), “Envelhecimento demográfico: proposta de reflexão sobre o curso dos factos”, ROWLAND (1996) “Population momentum as a measure of ageing” (metodologias e técnicas) e, CHAKRAVARTY & CHAKRAVARTY (1993) “A general index of aging” e BOURCIER DE CARBON (1994) “La situation demographique de la France en 1993. Quelques observations a partir de publications recentes”.

Trabalhos que não se encaixaram em nenhuma das categorias acima, totalizaram 59 artigos (6,5%).

A última classificação a que foram submetidos os artigos indexados pelo Popindex refere-se à escala espacial de análise. Ela é de fundamental importância para definir os trabalhos realizados em escalas micro (local ou urbana) cuja contribuição derivada pode ser relevante e objetiva (através das técnicas empregadas), para a pesquisa de um espaço micro, como é o caso da área urbana de Assis.

Cinco categorias foram definidas para esta classificação, a saber: a) Nacional ou macro escala, com pesquisas sobre espaços e grupos populacionais grandes, b) Regional, contemplando os estudos de áreas meso como Estados, Províncias, Cantões, Regiões Autônomas, etc, c) Local, com estudos de municípios, áreas metropolitanas, condados, etc, d) Urbana, com artigos sobre o processo de envelhecimento em escala micro envolvendo uma cidade ou, parte dela como um bairro e, e) Outros, com trabalhos sem indicação de área estudada (discussões metodológicas, por exemplo). A tabela 2 apresenta os resultados obtidos com esta classificação dos artigos indexados nesta obra.

Através dos resultados, fica evidente que a grande maioria dos trabalhos, 76,4% do total, está centrada em estudos populacionais macro, como estudos das populações nacionais. Este fato pode ser explicado, em primeiro lugar, pela tradição demográfica de trabalhos nesta escala espacial e, em segundo lugar, porque as políticas públicas se desenvolvem, em sua

maioria, ao nível dos governos federais e, em terceiro, porque censos normais têm mais um carácter macro do que micro em termos das necessidades de governos centrais. Desta forma, os trabalhos demográficos em macro escala servem de subsídio a elaboração destas políticas públicas nacionais.

Tabela 2 – Distribuição dos artigos indexados pelo Popindex (1989-1998), segundo a escala espacial de análise.

Categorias	Total	Porcentagem
Nacional	693	76,4
Regional	81	8,9
Local	28	3,1
Urbana	8	0,9
Outras / Sem indicação	97	10,7

Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

Os trabalhos em escala micro (Local e Urbana) perfazem, conjuntamente, 4% dos trabalhos indexados, constituindo-se, assim, em uma pequena parcela do total. Este pequeno percentual pode ser explicado pela falta de tradição de estudos populacionais nestas escalas e pela dificuldade de se trabalhar em micro-escala. Neste nível, tem-se uma dificuldade de acesso aos dados secundários, uma vez que as entidades que promovem recenseamento, normalmente, divulgam os dados em escalas maiores. Também, as populações de espaços menores, por se tratarem de um conjunto mais reduzido de indivíduos, estão sujeitas a constantes instabilidades ou transformações rápidas e abruptas. Contudo, é crescente a preocupação com as populações de espaços menores, pelo fato de que, em países como o Brasil, unidades político-administrativas como os municípios passaram a provedores de uma maior quantidade de serviços estatais (educação infantil, saúde, etc). Afinal, as pessoas moram precisamente nos municípios.

Através destes procedimentos, pode-se estabelecer algumas conclusões sobre a literatura do envelhecimento populacional encontrada no **Population Index**. Em primeiro lugar, uma parcela significativa dos trabalhos eram de carácter pragmático, cujo objetivo era demonstrar, através de análises e projeções, a situação da população de um determinado espaço (em sua maioria nacional). São, portanto, trabalhos

que “levantavam” o tema do envelhecimento, alertando governos, sociedade e a academia, para a urgência e relevância das questões.

Em segundo lugar, os estudos sobre o envelhecimento populacional buscavam avaliar qual seria a consequência sócio-econômica desta transição demográfica, especialmente, para o orçamento público. São estudos vinculados ao estabelecimento de políticas públicas para macro escalas e macro espaços. Em terceiro, que os trabalhos acerca da dimensão espacial do envelhecimento ainda são muito escassos. Se forem excluídos os artigos que estudam os padrões migratórios da população idosa, percebe-se que os trabalhos sobre a relação do envelhecimento com o espaço constituem um “território selvagem”, ainda não desbravado.

Por último, a escala espacial de análise predominante nos estudos do processo de envelhecimento populacional é a nacional, destacando-se os Estados nacionais. Os trabalhos em escala micro constituem um conjunto ainda reduzido.

Após a análise das referências do **Popindex**, o levantamento assistemático caminhou para a consulta de outra obra de referência fundamental: o **Geographical Abstracts – Series Human Geography**. Esta obra, apesar de possuir um enfoque diferente (geográfico), daquele do Popindex, mas pode ser submetida ao mesmo tipo de identificação de artigos. A comparação entre as duas obras, conforme se demonstrará, permitiu desvendar a diferença entre a literatura geográfica e não geográfica sobre o envelhecimento populacional.

O **Geographical Abstracts** é, portanto, o similar para a produção geográfica do **Population Index**. Publicado pela Elsevier, editora sediada no Reino Unido, ele lista a produção mundial de trabalhos relacionados à geografia humana. Existe uma outra versão dedicada à produção no campo da Geografia Física. Assim como o Population Index, sua cobertura abrange vários grupos de material bibliográfico (livros, teses, etc), mas sua ênfase é sem dúvida, nos artigos de periódicos.

Esta obra está baseada em, aproximadamente, 2000 periódicos científicos para estabelecer seu catálogo. Entre estes periódicos, alguns possuem uma vinculação direta com a Geografia, tais como: *Geography*; *Annals of the Association of American Geographers*; *Australian Geographical Studies*; *Estudios Geográficos*; *Espace, Populations, Sociétés*; entre outros.

Em outros, é indireta, são de disciplinas complementares e/ou auxiliares à geografia humana tais como: *Annals of Regional Science*, *European Economic Review*, *International Migration Review*, *Population Studies*, *Demography*, *Population & Development Review*, entre outros.

Publicado, mensalmente, o **Geographical Abstracts** também apresenta um pequeno, mas completo resumo sobre os trabalhos referenciados, sendo similar ao modelo do Population Index reproduzido na página 11. As pequenas diferenças entre as duas formas de referência dizem respeito à localização do texto (em acervos bibliotecários) e a identificação do endereço dos autores (para correspondência) indicadas pelo Popindex.

Apesar de ter sido incluído na GEOBASE, uma base de informações geográficas on-line, teve que ser consultado na versão impressa. Isto porque o GEOBASE, apesar de ser também uma importante ferramenta bibliográfica, não contempla o período integral do **Geographical Abstracts**, misturando, também, suas referências com as de outras obras, o que não permite um resgate adequado das informações. Ele oferece referências bibliográficas e não o texto completo do periódico, o que representa uma diferença significativa para o pesquisador.

Este periódico assume importância fundamental na pesquisa por se tratar de um inventário específico da produção geográfica. Isto faz dele, pela natureza da pesquisa (também de vinculação geográfica), a principal ferramenta para se avaliar a estado da arte dentro da ciência da Geografia.

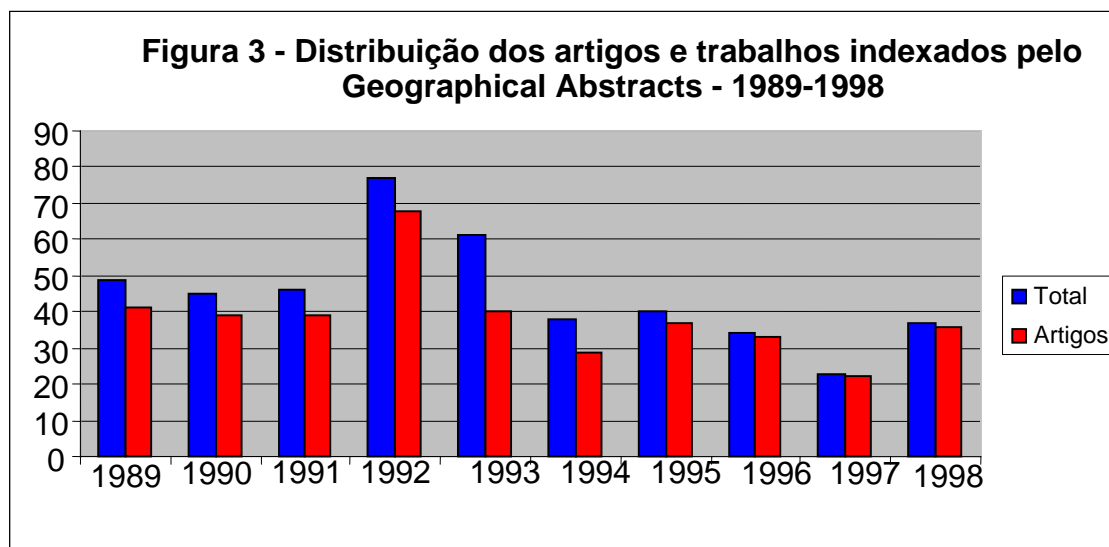
Como se trata de uma obra de referência publicada em Inglês, as palavras chaves escolhidas para se definir os trabalhos relacionados à temática foram: aging e ageing (envelhecimento) combinadas com process, population, etc e, elderly e aged, acrescidos de outros termos como population, people, care, etc.

Definindo um período histórico (1989-1998), igual ao delimitado para o Popindex, o levantamento assistemático permitiu identificar um total de 450 trabalhos relacionados à temática do envelhecimento populacional e com a população idosa.

Procedendo da mesma maneira que na análise do Popindex, excluíram-se os trabalhos que haviam sido publicados sob o formato de

livros, teses, textos de discussão, limitando-se aos artigos de periódicos. Com este procedimento, limitou-se o exame a 384 artigos.

A Figura 3 mostra a distribuição dos artigos e trabalhos indexados pelo Geo Abstracts ano a ano.



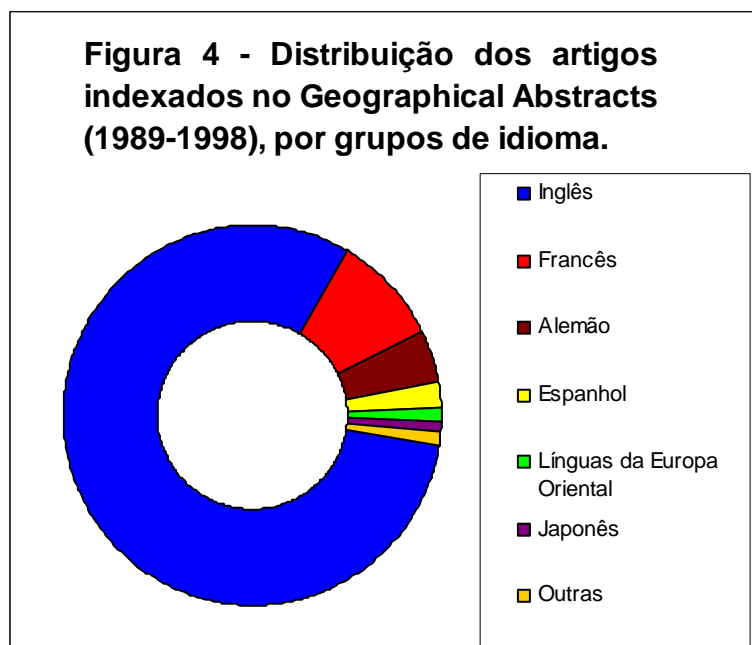
Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

Comparando-se a quantidade de trabalhos referenciados pelo Popindex e pelo Geographical Abstracts para o mesmo período, o primeiro com 1672 referências (sendo 907 de artigos) e o segundo com 450 (sendo 384 artigos), percebe-se que o Popindex trabalha com um universo bibliográfico mais amplo. É interessante notar que, apesar de alguns periódicos serem indexados pelas duas obras (tais como *Ageing & Society*, *Demography*, *Annals of American Geographers Association*, etc), não há uma correspondência em seus levantamentos. Isto ocorre porque o Geographical Abstracts, como uma obra de referência específica, é mais seletiva quanto aos trabalhos que são catalogados, fazendo com que somente aqueles relacionados à geografia humana tenham interesse para a obra.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que, de uma bibliografia superior a 1500 trabalhos (relacionados pelo Popindex), o Geographical Abstracts considera que menos de um terço seja geográfico ou possuam relação com a Geografia. Isto pode significar que a bibliografia geográfica do processo de envelhecimento é ainda mais limitada.

Assim, repetindo-se o procedimento realizado no Popindex, na primeira etapa de classificação do conteúdo do **Geographical Abstracts** efetuou-se a separação por grupos de idioma, conforme o demonstrado na Figura 4.



Fonte: Pesquisa do autor.
Organizado: Pelo autor.

Esta classificação dos artigos por grupos de idioma, também, revelou uma supremacia dos textos em Inglês, 310 (81%), seguido dos textos em Francês, 37 (10%), em Alemão, 17 (4%), Espanhol, 8 (2%), Línguas da Europa Oriental, 4 (1%), Japonês, 4 (1%) e Outros 4 (também 1%). O Português não aparece como idioma em nenhum texto, o que é um indício claro da pouca participação da Geografia brasileira e portuguesa no envolvimento com a temática.

A grande quantidade de trabalhos em Inglês no Geographical Abstracts, proporcionalmente maior que aquela encontrada no Popindex, também pode indicar, além da já discutida "universalização" deste idioma na publicação científica, o grande envolvimento da Geografia britânica e norte-americana nos estudos populacionais, em especial na questão do envelhecimento. Isto poderá ser comprovado no exame dos periódicos geográficos de origem americana e britânica discutido no levantamento sistemático.

A etapa seguinte consistiu na separação dos artigos segundo o conteúdo de seus resumos (abstracts). As categorias definidas para a análise do Popindex foram mantidas: a) Estudos de Caso; b) Reflexões e discussões sobre o processo de envelhecimento; c) Dimensão geográfica; d) Metodologia e técnicas; e) Revisões bibliográficas e; f) Outros. Os resultados desta classificação podem ser observados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição dos artigos indexados pelo Geographical Abstracts (1989-1998), segundo o objetivo da pesquisa.

Categorias	Artigos	%
Estudos de caso	208	54,2
Reflexões e discussões	107	27,9
Dimensão Geográfica (espacial)	41	10,7
Metodologia e técnicas	17	4,4
Revisões bibliográficas	2	0,5
Outros	9	2,3

Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

Os Estudos de caso totalizaram mais da metade dos artigos, com aproximadamente, 54,2%. As Reflexões e discussões, 27,9%, os trabalhos contemplando a dimensão espacial, 10,7%, Metodologias e técnicas, 4,4% e as revisões bibliográficas, 0,5%.

Os resultados encontrados são similares aos do Popindex. Não houve diferenças significativas em nenhuma das principais categorias, os percentuais alcançados foram, em alguns casos, idênticos. Reproduziu-se o mesmo quadro para os estudos de caso que, para o Popindex representam 54,1% e, para no Geo Abstracts, 54,2%.

É interessante, notar que mesmo no inventário de uma obra de cunho geográfico, como é o caso do **Geographical Abstracts**, os trabalhos relacionados diretamente com a Geografia continuam a representar pouco mais de um décimo do total. A Geografia precisa, para criar seu arcabouço teórico sobre o processo de envelhecimento populacional, considerar os trabalhos de outras disciplinas, como a demografia, a economia, a psicologia social, etc.

A última classificação dos artigos indexados no Geographical Abstracts, assim como no caso do Popindex, foi segundo a escala espacial de análise. As categorias criadas para separar os artigos do **Popindex** foram, igualmente, mantidas: a) Nacional, b) Regional, c) Local, d) Urbana e, e) Outras ou sem especificação.

A distribuição dos artigos indexados pelo Geographical Abstracts – Human Geography, pode ser observada na Tabela 4. Os resultados obtidos guardam alguma similaridade com aqueles do Popindex. Em ambas as obras, os artigos, cuja escala de análise foi a nacional, obtiveram percentuais acima de 75% do total. Também, a categoria Regional registrou valores bastante próximos, em torno de 8,5%. Já os artigos, em escala espacial micro, Local e Urbana apresentaram, no Geographical Abstracts, valores mais expressivos. Elas totalizaram um percentual de quase doze por cento (11,7%), contra os 4% do levantamento do Popindex.

Tabela 4 – Distribuição dos artigos indexados pelo Geographical Abstracts (1989-1998), segundo a escala espacial de análise.

Categorias	Total	Porcentagem
Nacional	289	75,3
Regional	33	8,6
Local	30	7,8
Urbana	15	3,9
Outras / Sem indicação	17	4,4

Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

Esta diferença pode indicar que a bibliografia sobre o processo de envelhecimento populacional, considerada pelo Geographical Abstracts como geográfica ou de interesse geográfico, revela uma maior preocupação com os estudos da estrutura e funcionamento do processo em escala espacial micro. Como exemplo, de cada uma das categoriais, pode-se citar para os estudos nacionais os seguintes artigos: TOUTAIN (1997) "Vieillissement et réforme du système des retraites en Italie" e HELLER (1998) "Aging in the Asia tiger economies". Regional: BRECKENRIDGE (1993) "Shelter provision for the black elderly in Soweto" e ROSE (1998) "Snow belt: retirement communities - past, present and future". Local: PINCH (1991) "The impact of centralisation upon geographical variations in the provision of aged care services: a comparison of outcomes in Melbourne and Adelaide" e GANT (1997) "Elderly people, personal mobility and local environment: an opportunity for fieldwork". Urbana: STROS & LENER (1990) "Homes for elderly in urban areas" e COWART & SEROW (1997/98) "Population aging in urban centers of Pacific Rim: implications for planners".

Outro fator de comparação que pode ser estabelecido, entre o Geographical Abstracts e o Popindex, é quanto à sobreposição de referências. Este é um dado interessante, pois permite verificar se, apesar de basearem seus index em periódicos similares, os inventários consideram os trabalhos de maneira análoga. Permite avaliar, com maior objetividade, quantidade de artigos publicados, uma vez que se elimina a dupla contagem. A sobreposição das referências mostrou que apenas 87 artigos (22,6%) indexados pelo Geo Abstracts também o foram pelo Popindex. Através, desta informação, pode-se concluir que para o período de 1989 a 1998, temos um total de 1203 (907 no Popindex e 296 no Geo Abstracts) e que, apesar terem indexados, em parte, os mesmos periódicos, revelam uma abordagem diferente em sua seleção.

Outra questão importante é que apesar do index do Geographical Abstracts contemplar diversos periódicos e artigos, tidos como demográficos, esta obra não considera trabalhos de forma idêntica ao Population Index.

A terceira obra de referência, analisada de modo mais aprofundado, foi o **Docpop** – Sistema de documentação sobre população no Brasil, organizado e mantido pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Este index foi criado em 1982 para compilar, processar e disseminar as informações bibliográficas sobre população no país, agregando, sistematicamente, documentos produzidos desde 1970 até o presente momento. Assim como as demais obras, o Docpop cataloga trabalhos publicados sobre a forma de livros, artigos, resumos de anais, texto de discussão, etc, e, também, disponibiliza um resumo desta bibliografia.

O Docpop disponibiliza suas referências e seus resumos on-line, até 1998, na página http://www.seade.gov.br/cgi-bin/docpopv98/docpop_01.ksh.

A análise desta obra, no período de 1989 e 1998, teve como objetivo avaliar a produção dos estudos demográficos no Brasil sobre a temática do envelhecimento populacional. Utilizando as palavras-chave: envelhecimento e velhos (a palavra-chave idoso agregou pouquíssimas referências) resgatamos um total de 157 trabalhos relacionados à temática do envelhecimento. Estando associado a outras bases de informação bibliográfica (POPIN, DOCPAL, etc), o Docpop possui, em seu inventário,

alguns trabalhos da literatura internacional. Como estes trabalhos também não têm como preocupação o estudo do processo no país, optou-se pela sua eliminação do inventário.

Outras depurações realizadas no inventário do Docpop foram com relação à dupla contagem, ou seja, eliminou-se uma das referências quando estas apareciam nas duas listagens (velhos e envelhecimento) e, descartou-se os trabalhos que não estavam publicados na forma de artigos de periódicos (para homogeneizar com as análises do Popindex e do Geographical Abstracts). Com isso, limitou-se a análise a 51 artigos de periódicos indexados pelo DocPop e publicados entre 1989 e 1998.

Considerando que o envelhecimento brasileiro é relativamente recente, esta quantidade de trabalhos, ainda que pequena, é significativa. Ela revela, ainda de maneira tímida, que o estudo da questão já se faz presente no país.

O total de 51 ao longo de uma década, perfaz uma média de 5,1 artigos ao ano. Este baixo número de artigos encontrados no Docpop pode ser creditado, além da reduzida produção brasileira, aos procedimentos de coleta de informação do próprio index. Ele, diferentemente do Population Index, limita-se a um país e, diversamente do Geographical Abstracts, é restrito aos trabalhos específicos de população. Deve-se ressaltar que o index do Docpop não faz nenhuma referência a artigo publicado em revista geográfica ou autores com vinculação geográfica. Contudo, ao se considerar a complexidade e a urgência prática da temática, pode-se argumentar que a produção brasileira de estudos populacionais contemplando a questão é, ainda, muito escassa.

Utilizando-se das categorias previamente definidas para a análise do Popindex e do Geographical Abstracts, os artigos indexados pelo Docpop foram classificados segundo o conteúdo dos seus resumos. Os resultados podem ser observados na Tabela 5.

Os resultados encontrados para as categorias Estudos de caso e Reflexões e discussões sobre as conseqüências do processo de envelhecimento são similares aqueles das outras duas obras analisadas. Contudo, o que chama a atenção no inventário do Docpop é a ausência de trabalhos apresentando revisões bibliográficas, o que se deve, provavelmente, ao fato da bibliografia ser reduzida até o momento do

inventário (1998). Também estão ausentes os trabalhos de cunho geográfico.

Tabela 5 – Distribuição dos artigos indexados pelo DocPop (1989-1998), segundo o objetivo da pesquisa.

Categorias	Artigos	%
Estudos de caso	27	52,9
Reflexões e discussões	12	23,5
Metodologia e técnicas	3	7,8
Apresentação de dados	2	3,9
Revisões bibliográficas	0	0,0
Dimensão Geográfica (espacial)	0	0,0
Outros	6	11,8

Fonte: Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

Apesar das limitações existentes no inventário do Docpop (não indexa os trabalhos geográficos), sua análise permitiu esboçar um retrato da situação da literatura referente ao envelhecimento populacional no Brasil. De posse dos resultados, pode-se concluir que a pesquisa e a conseqüente publicação de trabalhos sobre esta temática ainda é restrita quer na quantidade, quer nos tipos de abordagem. Muitos aspectos importantes do processo ainda não foram investigados ou, o foram de maneira sucinta.

A participação da geografia nos estudos do envelhecimento populacional no Brasil não pode ser avaliada no levantamento assistemático, ela só pode ser verificada no levantamento sistemático. Isto decorreu do fato de que não existe um index brasileiro específico da Geografia e também pela não cobertura desta literatura por parte do Docpop. Porém, se a ausência dos trabalhos geográficos no inventário do Docpop não permite avaliar o envolvimento desta disciplina com a questão, por outro lado, possibilita constatar o distanciamento entre a Geografia e a Demografia no país.

A segunda etapa de tratamento das informações contidas no Docpop foi, justamente, a separação por escala espacial de análise. As categorias definidas foram as mesmas utilizadas na análise das obras de referencial bibliográfico estrangeiro. Esta classificação pode ser analisada na Tabela 6.

Os resultados, até pelo número reduzido de referências (universo de estudo pequeno, maior probabilidade de distorções), são um pouco diferentes daqueles encontrados nas outras obras. Os estudos em escala espacial de análise macro (Nacional) totalizaram 56,9%, contra

aproximadamente 75% das obras estrangeiras. Já as categorias: Regional, Local e Urbana apresentaram índices superiores. Como exemplo de artigos contemplando o estudo populacional em escala micro pode-se citar: GOICOCHEA & COELHO (1990) “Perfis de condições habitacionais e situações de bem-estar de alguns residentes em Viçosa, Minas Gerais” e RAMOS, L. R. et al. (1993) “Perfil do idoso em área metropolitana na região Sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar”.

Tabela 6 – Distribuição dos artigos indexados pelo DocPop (1989-1998), segundo a escala espacial de análise.

Categorias	Total	Porcentagem
Nacional	29	56,9
Regional	6	11,8
Local	7	13,7
Urbana	2	3,9
Outras / Sem indicação	7	13,7

Fonte: Pesquisa do autor.

Através da análise do DocPop, percebe-se a necessidade de se aprofundar os estudos sobre o processo de envelhecimento populacional nacional, quer em escala macro, contemplando as grandes questões de políticas públicas (Previdência, Saúde, Habitação, etc), quer na escala micro, procurando identificar padrões próprios da população idosa na apropriação e transformação do espaço habitado.

A análise das três obras de referencial bibliográfico possibilitou visualizar o panorama geral do estado da arte da literatura sobre o processo de envelhecimento populacional. Quer no âmbito da produção demográfica mundial e brasileira quer no da produção geográfica mundial. Entretanto, ela não se configurou como levantamento minucioso e detalhado que a questão merece.

Além disto, este levantamento assistemático também teve como objetivo identificar os periódicos mais relevantes (geográficos e não-geográficos) na publicação de artigos voltados para à temática. Esta segunda dimensão da análise permitiu, portanto, definir em quais periódicos deve ser executado o levantamento sistemático da bibliografia, trabalho posteriormente.

Com relação ao Population Index, os 907 artigos catalogados para o período entre 1989 a 1998 estavam distribuídos por 326 diferentes periódicos. A maioria dos periódicos presentes no catálogo do Population

Index (193) continha apenas um artigo publicado sobre a temática do envelhecimento populacional. Isto pode significar que tais publicações não apresentam uma preocupação efetiva acerca do processo e os artigos publicados são resultados de esforços individuais.

A Tabela 7 mostra a distribuição de artigos indexados pelo Population Index (1989-1998), segundo os periódicos nos quais foram publicados. Como se tratava de um montante de 326 periódicos, optou-se por destacar apenas os 39 periódicos mais expressivos, que somaram, conjuntamente, 50% dos artigos.

Através da análise da distribuição dos artigos pelos periódicos nos quais foram publicados percebe-se, em primeiro lugar, que a literatura demográfica sobre o envelhecimento apresenta uma enorme dispersão, estando distribuída por mais de 300 periódicos. Isto revela, ao mesmo tempo, que poucas foram as revistas que se dedicaram, de forma contínua e sistemática, à divulgação do tema. Por outro lado, o aspecto multifacetado do envelhecimento populacional suscita um grande número de questões que são abordadas por diferentes pesquisadores de diferentes áreas acadêmicas.

Outra constatação que se pode fazer é com relação à origem acadêmica dos periódicos. Examinado-se os periódicos mais expressivos (aqueles que conjuntamente responderam por 50% do total), percebe-se que, em sua grande maioria, tratam-se de obras gerais de demografia, tais como: *Demography* (32 artigos), *Chinese Journal of Population Science* (31 artigos), *Jinko Mondai Kenkyu* (20), *Population* (15), *European Journal of Population* (14), *Populations Studies* (10), *Journal of Populations Studies* (07), entre outros.

As revistas geográficas só aparecem representadas neste grupo por: *Espace, Populations Societes* (17) e *International Journal of Population Geography* (10), sendo esta última, específica da geografia da população. Outros periódicos geográficos tais como *Estudios Geográficos* (3), *Urban Studies* (3), *Geography* (2), *AREA* (1), entre outros, também são citados na listagem completa, porém não possuem expressividade na quantidade de artigos.

Tabela 7 – Total de Artigos indexados pelo Population Index, relacionados à temática do envelhecimento populacional, segundo o periódico no qual foram publicados (50% do inventário) e respectiva participação relativa.

Periódico	Total	Participação %
Demography	32	3,5
Chinese Journal of Population Science	31	3,4
Jinko Mondai Kenkyu	20	2,2
Zeitschrift für Bevölkerungswissenschaft	20	2,2
Asia-Pacific Population Journal	19	2,1
Journal of Gerontology	19	2,1
Maandstatistiek van de Bevolking	18	2,0
Espace, Populations, Societes	17	1,9
Journal of Population Economics	16	1,8
Population	15	1,7
Bevolking en Gezin	14	1,5
European Journal of Population	14	1,5
Research on Aging	13	1,4
Social Science and Medicine	12	1,3
Journal of Cross-Cultural Gerontology	11	1,2
Yearbook of Population Research in Finland	11	1,2
Genus	10	1,1
International Journal of Population Geography	10	1,1
Polish Population Review	10	1,1
Population Studies	10	1,1
Cahiers Quebecois de Demographie	9	1,0
Demografie	9	1,0
Population and Development Review	9	1,0
British Medical Journal	8	0,9
Economie et Statistique	8	0,9
Naselenie	8	0,9
American Journal of Epidemiology	7	0,8
Journal of Population Studies	7	0,8
Korea Journal of Population and Development	7	0,8
Population et Avenir	7	0,8
Public Finance/Finances Publiques	7	0,8
Ageing and Society	6	0,7
Futuribles	6	0,7
Journals of Gerontology	6	0,7
Population Research	6	0,7
Population Research and Policy Review	6	0,7
Statistical Journal of the UN Economic Commission for Europe	6	0,7
American Demographics	5	0,6
Canadian Social Trends	5	0,6
Total Parcial	454	50,1
Total Absoluto	907	100,0

Fonte: Popindex, 1989-1998. Pesquisa do autor.

Organizado: Pelo autor.

De certa maneira, reafirma-se a pouca participação dos periódicos geográficos no inventário do Popindex. Embora estes dados, tendo em vista os mecanismos do inventário, podem não corresponder à realidade. Isto será mostrado para alguns periódicos no levantamento sistemático.

Da lista de periódicos também chama a atenção revistas como *Research on Aging* (13), *Ageing & Society* (6), *Journal of Gerontology* (6). Eles assumem fundamental importância por serem específicos da temática

do envelhecimento. Suas existências comprovam a relevância de estudos sobre a questão e o grau de detalhamento para o qual se caminha nas pesquisas.

Ao se observar a lista dos periódicos mais expressivos, contendo artigos sobre envelhecimento e registrados no inventário do Geographical Abstracts, conforme o evidenciado na tabela 8, constata-se algumas diferenças em relação ao Popindex.

Tabela 8 - Total de Artigos indexados pelo Geographical Abstracts, relacionados à temática do envelhecimento populacional, segundo o periódico no qual foram publicados (50% do inventário) e respectiva participação relativa.

Periódico	Total de artigos	Participação %
Ageing & Society	29	7,6
Journal of Ageing & Social Policy	18	4,7
Social Science & Medicine	16	4,2
Demography	15	3,9
Espace, Populations, Societe	12	3,1
Informationen zur Raumentwicklung	12	3,1
Population	11	2,9
Environment & Planning A	10	2,6
European Journal of Population	10	2,6
International Journal of Health Services	8	2,1
Housing Studies	7	1,8
Norois	7	1,8
Population Studies	7	1,8
Estudios Geográficos	6	1,6
OECD Observer	6	1,6
International Migration Review	5	1,3
Canadian Geographer	4	1,0
Community Development journal	4	1,0
Geographical Review of Japan	4	1,0
Journal of Social Policy	4	1,0
Total Parcial	195	50,8
Total Absoluto	384	100,0

Fonte: Geographical Abstracts, 1989-1998. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

Os 384 artigos indexados pelo Geographical Abstracts estão distribuídos por 145 periódicos (média de 2,64% contra 2,78% do Popindex). Destes periódicos, 79 (54,5%) apresentaram apenas um artigo sobre a temática ao longo do período.

A principal diferença é que os periódicos geográficos estão mais presentes, resultado já esperado tendo em vista a especificidade do próprio index. Contudo, a presença dos periódicos geográficos, que correspondem a 29,6% dos periódicos listados, não se reflete na quantidade de artigos. Os

periódicos específicos de geografia (*Norois, Estudios Geográficos, Annals of Association of American Geographer*, etc), respondem por apenas 22,9% dos artigos relacionados ao tema. Isto demonstra, mais uma vez, que a Geografia tem que buscar outras fontes, não-geográficas, para agrupar seu referencial bibliográfico acerca da temática.

Os periódicos que mais se destacam na quantidade de artigos no levantamento do Geo Abstracts foram os específicos da temática como os: *Ageing & Society* (29), *Journal of Ageing & Social Policy* (18); os demográficos: *Demography* (15), *European Journal of Population* (10), *Population* (8) e, os geográficos: *Espace Population Sociétés* (12), *Environment & Planning* (10), *Estudios Geográficos e Norois* (6). Destaca-se, também, o periódico médico *Social Science & Medicine*, com 16 artigos.

A lista dos periódicos indexados pelo Docpop entre 1989-1998 pode ser reproduzida na íntegra, uma vez que se trata de apenas 13 revistas. A tabela 9 demonstra os resultados obtidos.

Tabela 9 – Distribuição dos artigos relacionados ao processo de envelhecimento populacional indexado pelo Docpop (1986-1998) segundo o periódico no qual foram publicados e sua importância relativa.

Periódico	Total de artigos	Participação %
Revista de Saúde Pública	12	23,5
A Terceira Idade	8	15,7
Previdência em Dados	7	13,7
Tempo e Presença	6	11,8
Conjuntura Demográfica	5	9,8
São Paulo em Perspectiva	5	9,8
Revista de Administração Pública	2	3,9
Boletim Epidemiológico	1	2,0
Cadernos de Saúde Pública	1	2,0
Ciência Hoje	1	2,0
MS. Estudos em Saúde Coletiva	1	2,0
PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva	1	2,0
Revista Brasileira de Estudos de População	1	2,0
Total Absoluto	51	100,0

Fonte: DocPop, 1989-1998. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A lista do Docpop demonstra que uma parcela significativa dos periódicos que compõem o inventário para a questão, é formada por publicações da área de administração pública, tais como *Previdência em Dados, São Paulo em Perspectiva, Revista de Administração Pública* e de

revistas da área da saúde: *Revista de Saúde Pública*, *Cadernos de Saúde Pública*, *PHYSIS Revista de Saúde Coletiva*, *Boletim Epidemiológico*.

Os periódicos específicos de população estão representados por: *Conjuntura Demográfica* e *Revista Brasileira de Estudos de População*, totalizando 11,8% dos artigos publicados. É oportuno destacar a participação pouco expressiva da revista editada pela Associação Brasileira de Estudos Populacionais neste index. O Docpop considera que a REBEP (*Revista Brasileira de Estudos Populacionais*) publicou somente um artigo sobre a temática durante o período. Contudo, no inventário sistemático, investigando diretamente este periódico identificou-se pelo menos oito artigos sobre a temática, que estão expostos adiante no capítulo. Isto comprova a necessidade de realização do inventário sistemático (consulta direta às reais fontes de material), ainda que limitado a poucos periódicos, para corrigir eventuais "distorções" que as obras de referencial bibliográfico apresentam.

A revista *A Terceira Idade* como uma publicação específica da temática também se destaca na lista. Embora tenha o caráter apenas de divulgação.

Esta apreciação dos inventários do Popindex, Geographical Abstracts e Docpop, foi de fundamental importância para que se pudesse delimitar os periódicos que, pela expressividade de sua publicação sobre o processo de envelhecimento populacional, deveriam ser analisados através de um levantamento sistemático. Os periódicos selecionados, bem como o procedimento de análise dos mesmos, são apresentados no item seguinte do capítulo.

1.3. O processo de envelhecimento e da população idosa: um levantamento sistemático da literatura.

A primeira parte da análise bibliográfica sobre o processo de envelhecimento populacional, o chamado levantamento assistemático, teve como objetivo principal traçar um panorama geral sobre o estado da arte do

tema estudado. Este levantamento foi realizado através da análise de obras de referencial bibliográfico de estudos de população (Population Index e Docpop) e de estudos geográficos (Geographical Abstracts). A investigação destas obras de referencial bibliográfico permitiu que se trabalhasse com um volume significativo de informações e de origens (acadêmica e de nacionalidades) diversas.

Pode-se, através, desta primeira etapa do levantamento bibliográfico, tomar conhecimento dos autores e periódicos mais expressivos da bibliografia, bem como observar o conteúdo dos trabalhos realizados. Contudo, o levantamento assistemático apresentou algumas limitações no que diz respeito à série histórica. Conseguiu-se, pela disponibilidade das informações, produzir um levantamento bibliográfico contemplando um período de apenas dez anos (1989-1998).

Outra limitação da análise das obras de referência é que seus catálogos se constituem em uma informação secundária, ou seja, apresentam uma catalogação e classificação de acordo com uma metodologia própria de seus conselhos editoriais. Portanto, estas obras são passíveis de apresentarem distorções, pois um trabalho considerado de interesse por uma destas obras pode ser desconsiderado por outra. A análise de obras de referência é, desta forma, uma consulta indireta, passível de erros, face às verdadeiras fontes de informação no qual se está interessado (periódicos).

Desta maneira, verificou-se a necessidade de investigar diretamente os periódicos científicos para analisar a evolução e o *momentum* da temática, bem como, avançar o levantamento bibliográfico até anos mais recentes (2002). Como o conjunto de periódicos, mesmo considerando apenas os geográficos e demográficos é muito grande, uma investigação aleatória seria, com certeza, desgastante e improdutiva. É, neste sentido, talvez, que o levantamento assistemático contribua, de maneira mais significativa, para a delimitação dos periódicos que, de forma mais expressiva, contribuíram para a literatura sobre a temática.

Alguns periódicos foram escolhidos independentemente de sua expressão no catálogo das obras de referência. Isto ocorreu porque se tratava de obra de grande valor acadêmico para os estudos geográficos e

demográficos e que poderiam ter sido “ignorados” pelas obras de referencial bibliográfico.

Definiu-se, por razões operacionais, que o levantamento sistemático contemplaria quatro periódicos de natureza demográfica, três estrangeiros representando escolas importantes e um nacional. Os periódicos demográficos selecionados foram: o americano *Demography*, o francês *Population*, o chileno *Notas de Población* (publicado pelo CELADE, Nações Unidas) e o brasileiro *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*.

Os periódicos geográficos foram escolhidos com base nos mesmos critérios (participação nos index do Popindex, Geo Abstracts e Docpop ou pela expressão científica e acadêmica). Foram selecionados sete periódicos: os britânicos *AREA*, *Urban Studies* e *International Journal of Geography Population*, os franceses *NOROIS* e *Espace Population Societé*, o espanhol *Estudios Geográficos* e o americano *Progress in Human Geography*.

Para o levantamento sistemático da bibliografia não foi selecionado nenhum periódico geográfico brasileiro. Durante toda as etapas do levantamento bibliográfico (sistemático e assistemático) buscou-se investigar alguns periódicos de forma aleatória (sem procedimentos técnicos definidos) em busca de material que pudesse servir para as discussões teóricas e mesmo metodológica do processo de envelhecimento populacional. Dentre estes periódicos que foram pesquisados estavam as principais publicações geográficas do país. O que se constatou foi a inexistência de artigos relacionados com a temática do envelhecimento populacional ou estudos geográficos da população idosa. Mesmo trabalhos oriundos da Geografia da População eram bastante escassos. Deste modo, concluiu-se que uma busca sistemática nesta fonte bibliográfica seria inútil.

A análise dos periódicos selecionados contemplou o período entre 1989-2002. A definição deste intervalo temporal acompanhou a escolha do período definido para o levantamento assistemático, iniciando em 1989 e, avançou até anos mais recentes (2002). Como este levantamento foi concluído em 2003, não foi possível avançar a pesquisa até este ano. Porque muitos dos periódicos (estrangeiros principalmente), não disponibilizaram seu conteúdo on-line e nem estavam disponíveis em bibliotecas nacionais.

Uma das dificuldades para realizar um inventário sistemático em um periódico, dentro de um intervalo temporal definido, resulta das falhas e irregularidades das coleções. A grande maioria dos periódicos disponíveis em bibliotecas brasileiras apresentou falha, ou seja, a coleção estava incompleta. Infelizmente alguns dos números e volumes foram perdidos ou mesmo por problemas financeiros das instituições, deixaram de ser adquiridos por um ou dois anos. Este é o caso do periódico americano *Demography*, o qual apresentou três falhas na coleção (volume 35, número 2, 1998, volume 38, número 4, 2001; volume 39, número 39, 2002).

Alguns dos periódicos estrangeiros que estão disponíveis on-line apresentam seu índice e mesmo o conteúdo integral na rede virtual. Contudo, este procedimento, muitas vezes, não cobre toda a série histórica, limitando-se aos números mais recentes. Também, alguns destes sites ou sítios são de acesso restrito a assinantes, o que inviabiliza a livre consulta.

Desta forma, em algumas situações do levantamento sistemático a única informação disponível era o sumário ou índice das obras. Nestes casos procurou-se, através da existência de palavras-chaves no título (envelhecimento, idosos, aposentados, etc), definir os artigos que se relacionavam com a temática.

As falhas e inconstâncias foram corrigidas da melhor maneira possível consultando versões digitais e impressas das obras e recorrendo, em algumas situações, ao levantamento assistemático. Mesmo assim, algumas lacunas não puderam ser preenchidas. Contudo, estas se limitaram a um número bem reduzido, o que se acredita não ter comprometido o resultado final.

O inventário dos quatro periódicos de origem demográfica reuniu um total de 110 artigos relacionados com a temática, sendo 49 artigos na revista americana *Demography*, 14 em *Notas de Población*, 40 na francesa *Population* (Paris) e, 07 na *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*.

O periódico *Demography*, publicado pela Associação Americana de População (Population Association of America – PAA), expressa a riqueza dos estudos populacionais (no caso relacionado ao processo de envelhecimento populacional) na literatura norte-americana. Deve-se ressaltar, porém, que uma parte significativa dos artigos têm como objeto de estudo de populações que não a americana, em especial de populações

asiáticas. Também, pode-se destacar o aparecimento da questão racial ou étnica no envelhecimento populacional da sociedade norte-americana.

Os resultados encontrados podem ser observados na tabela 10. Eles demonstram o aspecto multifacetado que o fenômeno suscita, com a variedade de subtemas e abordagens pesquisados.

TABELA 10 – Artigos publicados pelo periódico **Demography**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N	Título do Artigo	Autor(es) do Artigo	Pg.
1989	26/3	Occupational influences on retirement, disability and death.	M Hayward et al.	393-410
1989	26/4	Living arrangements of the elderly in Fiji, Korea, Malaysia and Phillipines.	L. G. Martin	627-644
1989	26/4	Black/white differences in health status and mortality among the elderly.	L. Berkman, B. Singer, K. Manton	661-678
1989	26/4	Demographic conditions responsible for population aging.	S. H. Preston, C. Himes, M. Eggers.	691-704
1990	27/1	Occupational careers and mortality of elderly men.	D. E. Moore, M. D. Hayward	31-54
1990	27/3	Work and retirement among a cohort of older men in the United States, 1966-1983.	M. D. Hayward, W. R. Grady.	337-356
1991	28/2	The effect of age misreporting in China on the calculation of mortality rates at very high ages.	A. J. Coale, Shaomin Li	293-302
1991	28/3	A longitudinal analysis of household and nonhousehold living arrangements in later life.	J. Mutchler, J. Burr	375-390
1992	29/1	Changes in the family status of elderly women in Korea.	J-L Lee, A Palloni	69-92
1992	29/1	The living arrangements of unmarried elderly Hispanic females.	J Mutchler, J Burr	93-112
1992	29/4	A description of the extreme aged population based on improved Medicare enrollment data.	B. Kestenbaum	565-580
1993	30/4	Fertility and family planning among the elderly in Taiwan, or integrating the demography of aging into population studies.	A. I. Hermalin	507-518
1994	31/1	Living arrangements of older Malaysians: who coresides with their adult children?	J. Davanzo, A. Chan	95-114
1994	31/1	Changing mortality and morbidity rates and the health status and life expectancy of the older population.	E. Crimmins, M. Hayward, Y. Saito	159-184
1995	32/1	Echoes of the baby-boom and bust: recent and prospective changes in living alone among elderly widows in the US.	E. Crimmins et al.	17-28
1995	32/1	Stability and change in temporal distance between the elderly and their children.	M. Silverstein	29-46
1995	32/1	The impact of "parent care" on female labor supply decisions.	S. L. Ettner	63-80
1995	32/3	The elderly who live alone in the US: historical perspectives on household change.	E. Kramarow	335-352
1996	33/2	African-American mortality at older ages: results of matching study.	S Preston, I Elo, I Rosenwaike, M Hill	193-210
1997	34/1	Ever since Gompertz.	S. Olshansky, B. Carnes	1-16
1997	34/1	How frailty models can be used in evaluating limits.	A. I. Yashin, I.A. Iachine	31-48

Continua

1997	34/1	A theory of technophysio evolution, with some implications for forecasting population, health care costs, and pensions costs.	R. W. Fogel, D. L. Costa	49-66
1997	34/1	Death and taxes, longer life, consumption and Social security.	R. Lee, S. Tuljapurkar	67-82
1997	34/1	Retirement against the demographic trend: more older people, living longer, working less and saving less.	D. A. Wise	83-96
1997	34/1	The effects of economic and population growth on National Saving and Inequality.	A. S. Deaton, C. H. Paxson	97-114
1997	34/1	Motives for intergenerational transfers: evidence from Malaysia.	L. A. Lillard, R. J. Willis	115-134
1997	34/1	Changes in the age dependence of mortality and disability: cohort and other determinants	K. G. Manton, E. Stallard, L. Corder	135-158
1997	34/1	Demographic and economic correlates of health in old age.	J.P. Smith, R. Kington	159-170
1997	34/3	Population momentum expresses population aging.	Y. J. Kim, R. Schoen	421-428
1997	34/4	Age distribution dynamics and aging indexes.	C. Y. Cyrus Chu	551-564
1998	35/1	Intergenerational relations in urban China: proximity, contact and help to parents.	F. Bian, J. R. Logan, Y. Bian	115-124
1998	35/3	Reassessing the decline in Parent-Child Old age coresidence during the 20th Century.	R. F. Schoeni	307-314
1998	35/3	Educational attainment and transitions in functional status among older taiwanese.	Z. Zimer, X. Liu, et al.	361-376
1998	35/4	Deceleration in the age pattern of mortality at older ages.	S. Horiuchi, J. R. Wilmoth	391-412
1998	35/4	A methodology for identifying married couples in Medicare data: mortality, morbidity, and health care use among the married elderly	T. J. Iwashyna et al.	413-420
1999	36/2	Time? Money? Both? The allocation of resources to older parents.	K. A. Couch, M. C. Daly, D. A. Wolf	219-232
1999	36/3	Parental marital disruption and intergenerational transfers: an analysis of lone elderly parents and their children.	L. E. Pezzin, B. S. Schone	287-298
1999	36/4	The role of education in explaining and forecasting trends in functional limitations among older Americans.	V.A. Freedman, L. G. Martin	461-474
1999	36/4	Multivariate survivorship analysis using two cross-sectional samples.	Mark E. Hill	497-504
2000	37/2	The residency decision of elderly Indonesians: a nested logit analysis.	L. Cameron	17-28
2000	37/2	Understanding the Twentieth-Century decline in chronic conditions among older men.	Dora L. Costa	41-52
2000	37/2	Obesity, disease and functional limitation in later life.	C. L. Himes	73-82
2000	37/2	Age reporting among white Americans aged 85+: results of a record linkage study.	M. Hill, S. Preston, I. Rosenwaike	175-186
2000	37/2	Social security, economic growth and the rise in elderly widow's independence in the 20 th Century.	K. McGarry, R. F. Schoeni	221-236
2000	37/2	Active life expectancy estimates for the US. Elderly Population: a multidimensional continuous mixture model of functional change applied to completed cohorts, 1982-96.	K. G. Manton, K. C. Land	253-266
2001	38/2	Increasing longevity and medicare expenditures	T. Miller	215-226
2002	39/1	Aids and the elderly of Thailand: projecting familial impacts.	K Wachter, J Knodel.	25-43

Continua

2002	39/1	Changing chronic disease rates and long-term declines in Functional Limitation among older men.	Dora L. Costa	119-138
2002	39/3	Mortality rates of elderly Asian American Populations based on Medicare and Social Security Data.	D. S. Lauderdale, B. Kestenbaum	529-540

Fonte: Demography, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A Revista *Notas de Población*, é uma publicação editada pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) e pelo Centro Latinoamericano de Demografia (CELADE), órgãos das Nações Unidas (ONU). Apesar de estar sediada no Chile, esta publicação é fundamental para os estudos populacionais realizados na América Latina, abrangendo a produção de diversos países como: Argentina, Brasil, México, Cuba, etc.

O resultado do inventário da revista, *Notas de Población*, pode ser observado na Tabela 11.

TABELA 11 – Artigos publicados pelo periódico **Notas de Población**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es) do Artigo	Pg.
1990 1991	18/ 51-52	Câmbios em el empleo, la edad de jubilación y la fecundidad: sus repercusiones sobre lá dependencia econômica y el ingreso per capitã.	Jorge H. Bravo	97-120
1992	20/56	La transición demográfica en América Latina y em Europa.	M. E. Zavala de Cosío	11-32
1992	20/56	La transición de la fecundidad en Brasil. Causas y consecuencias.	J.A.M. de Carvalho, L.R. Wong	107-142
1994	22/60	América Latina: tendencias demográficas con énfasis em la mortalidad.	Juan Chackiel, Renate Plaut	11-46
1995	23/62	La población en América Latina y el Caribe: tendencias y percepciones.	R. F. Bajraj, J. Chackiel	11-55
1995	23/62	Una perspectiva transcultural de las transferencias intergeneracionales.	Ronald Lee	311-362
1998	26/ 67-68	América Latina: lá transición demográfica em sectores rezagados.	S. Schkolnik, J. Chackiel	7-54
1999	27/69	Jubilación mediante capitalización y reparto según el contexto demográfico: resultados comparativos.	D. Blanchet	7-40
2000	28/70	Costos fiscales de transición y factores demográficos Del cambio de sistemas de pensión de reparto a capitalización.	J. Bravo, A. Uthoff	7-32
2000	28/70	Tendencias demográficas en América Latina : desafios para la equidad em el ámbito de la salud.	S. Schkolnik	33-86
2001	28/72	Problemas em la declaración de edad de la población adulta mayor em los censos.	F. Del Popolo	73-122

Continua

2001	28/72	Los comportamientos de salud correlacionados y la transición de la mortalidad em América Latina.	M. J. McQuestion	189-236
2002	29/74	¿Hacia donde iremos? Algunas tendencias demográficas em el siglo XXI.	J. A. M. Carvalho	9-18
2002	29/74	La reforma de los sistemas de pensiones y los desafíos de la dimensión de género.	A.A. de Mesa, P.G. Cornejo	163-212

Fonte: Notas de Población, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

Neste periódico, destacam-se a discussões sobre a transição demográfica e da fecundidade nos países latino-americanos, e as questões relativas aos sistemas de previdência social.

O periódico francês *Population*, também apresentou uma produção expressiva acerca da temática, com 40 artigos publicados. Esta obra assume importância quando se contextualiza sua origem. Em primeiro lugar, porque se trata de uma publicação de um centro de excelência da ciência demográfica, o INED. Em segundo lugar, pelo fato da população francesa ter sido uma das primeiras a vivenciar o envelhecimento da população.

Dentre os temas mais atuais discutidos por esta obra estão questões da biodemografia, principalmente relacionadas ao avanço da longevidade. Os resultados podem ser observados na Tabela 12.

TABELA 12 – Artigos publicados pelo periódico **Population** (Paris), relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es)	Pg.
1989	44/3	Vieillessement et consommation: quelques resultats tires des enquêtes francaises sur les budgets des menages.	EKERT-JAFFE, O.	561-579
1989	44/4-5	Vieillessement démographique, retraites et conditions de vie des personnes agées en Chine.	CHESNAIS, J-C; WANG, SHUXIN.	873-900
1989	44/6	Arsene Dumont et la capillarité sociale.	BEJIN, ANDRE.	1009-28
1989	44/6	L'évolution démographique des principaux régimes de retraite en France depuis 1950.	CHESNAIS, J-C.	1029-52
1990	45/2	Les centenaires dans le monde.	KANNISTO, V.	423-425
1990	45/3	Croissance du nombre des isolés en France: vers de nouveaux comportements?	DELBES, C., GAYMU, J.	501-530
1990	45/3	La naissance de la retraite moderne: l'Allemagne dans une comparaison internationale (1850-1960).	CONRAD, C.	531-564

Continua

1990	45/4-5	Vieillessement des populations et système de retraite.	BOURGEOIS-PICHAT, J.	803-820
1991	46/1	Les femmes plus âgées que leur conjoint sont-elles atypiques?	BOZON, M.	151-159
1992	47/3	Les disparités géographiques de la mortalité en Tchécoslovaquie	RYCHTARIKOVA, J.; DZUROVA, D.	617-643
1992	47/3	La migration de retraite des Parisiens: une analyse de la propension au départ.	CRIBIER, F.; KYCH, A.	677-718
1992	47/6	Quelques parades au coût du vieillissement.	HENRIPIN, J.	1621-38
1992	47/6	Croissance démographique et vieillissement.	PARANT, A.	1657
1993	48/4	La mortalité des centenaires en baisse.	KANNISTO, V.	-
1993	48/6	Avoir 60 ans ou plus en France en 1990.	GAYMU, J.	1871-1910
1994	49/3	Analyse du vieillissement différentiel et mécanismes de sélection dans une grande entreprise de métallurgie.	DAVEZIES, P.	790-798
1994	49/4-5	Les migrations et l'inégal vieillissement des zones rurales et des zones urbaines: une étude sur la Bretagne et la Lorraine.	JACQUOT, A.	985-1014
1995	50/6	Le vieillissement: discours à deux voix.	HENRIPIN, J.; LORIAUX, M.	1591-1638
1996	51/4-5	Les formes de la vie conjugale des "jeunes" couples "âgés".	CARADEC, V.	897-927
1997	52/2	Vieillessement et réforme du système des retraites en Italie.	TOUTAIN, S.	441-450
1997	52/6	Le vieillissement dans les pays de l'OCDE. Un défi fondamental pour la politique.		1579-92
1998	53/5	La situation démographique des régimes de retraites en France.	CHESNAIS, J.C.	1027-32
1999	54/3	Les facteurs du vieillissement démographique.	CALOT, G.; SARDON, J. P.	509-552
1999	54/3	L'activité après 55 ans en Italie	TOUTAIN, S.	555-572
2000	55/1	Le droit d'asile au Royaume-Uni: évolutions et perspectives dans le contexte européen.	LASSALE, D.	137-166
2001	56/1-2	Perspectives biodémographiques de la longévité humaine. Éditorial.	ROBINE, J.-M.	11-12
2001	56/1-2	Principes de biodémographiques avec référence particulière à la longévité humaine.	CAREY, J.R.; JUDGE, D.S.	13-50
2001	56/1-2	Une démographie sans limite?	CASELLI, G.; VALLIN, J.	51-86
2001	56/1-2	Les centenaires au Danemark hier et aujourd'hui.	JEUNE, B.; SKYTTE, A.	87-108
2001	56/1-2	L'enquête sur la longévité en bonne santé: l'espérance de vie sans incapacité des personnes très âgées en Chine.	ZENG YI; VAUPEL, J.W.; ET AL.	109-132
2001	56/1-2	La survie des centenaires belges (générations 1870-1894)	POULAIN, M.; CHAMBRE, D.; FOULON, M.	133-158
2001	56/1-2	La démographie des centenaires en Angleterre et au Pays de Galles.	THATCHER, R.	159-182
2001	56/1-2	Mode et dispersion de la durée de vie.	KANNISTO, V.	183-198

Continua

2001	56/ 1-2	Redefinir les phases de la transition épidémiologique à travers l'étude de la dispersion des durée de vie : le cas de la France.	ROBINE, J-M.	199- 224
2001	56/ 1-2	Étude biodémographique des déterminants familiaux de la longévité humaine.	GAVRILOV, L.A.; GAVRILOVA, N.S.	255- 252
2001	56/ 1-2	La transmission héréditaire de la longévité en lignes maternelle et paternelle.	WESTENDORP, R.; KIRKWOOD, T.	253- 268
2001	56/ 1-2	La longévité est-elle héritée? Comparaison de l'ascendance de deux doyennes de l'humanité.	DESJARDINS, B.	269- 276
2001	56/ 1-2	La longévité vue sous l'angle de la démographie.	VAUPEL, J.W.	277- 294
2002	57/4- 5	Comment améliorer la précision des tables de mortalité aux grands âges? Le cas de la France.	MESLÉ, F.; VALLIN, J.	603- 632
2002	57/6	Le choc du veuvage à l'orée de la vieillesse: vécus masculin et féminin.	DELBÈS, C.; GAYMU, J.	879- 912

Fonte: Population (Paris), 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A quarta e última obra demográfica investigada foi a *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Esta investigação teve como objetivo estabelecer um panorama da produção brasileira, uma vez que esta revista sendo publicada pela Associação Brasileira de Estudos Populacionais, instituição que congrega os principais pesquisadores de população no país, é o principal veículo de divulgação científica do tema no país. Os resultados, que podem ser verificados na Tabela 13, demonstram a escassez de trabalhos sobre a temática no Brasil.

TABELA 13 – Artigos publicados pela **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es)	Pg.
1991	8/1-2	Algumas questões para a demografia dos anos noventa.	Elza Berquó	55-60
1991	8/1-2	Perspectivas atuais do papel da família frente ao envelhecimento populacional: um estudo de caso.	L. M. Yazaki	137- 141
1993	10/ 1-2	Características regionais da população idosa no Brasil.	A. M. Bercovich	125- 144
1994	11/1	Transição demográfica : novas tendências, velhos desafios.	N. Patarra	
1997	14/1- 2	Transferência de apoio entre o idoso e a família no Nordeste e no Sudeste do Brasil.	P. M. Saad	
1998	15/1	Vida em família e institucionalização em um contexto de envelhecimento populacional – o caso do México.	M. C. Gomes da Conceição.	79-94
1998	15/1	O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência.	M. M. Moreira	
1998	15/2	Exodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos.	A. A. Camarano, R. Abromovay.	

Fonte: Revista Brasileira de Estudos Populacionais, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A pesquisa nos sete periódicos de origem geográfica identificou um montante de 113 artigos. É significativo o fato de que o total encontrado em sete periódicos geográficos é similar ao encontrado em quatro demográficos.

A primeira obra consultada foi a revista britânica *AREA*. Nela encontrou-se apenas três artigos relacionados com a temática. Este resultado, que pode ser observado na tabela 14, não é representativo da escola britânica. Esta aparece representada neste inventário pelos periódicos: *Urban Studies* e *International Journal Of Population Geography*. A geografia britânica apresenta uma rica produção em áreas como o envelhecimento populacional e Geografia da População.

TABELA 14 – Artigos publicados pelo periódico **AREA**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es) do Artigo	Pg.
1990	22/1	Population change in the Republic of Ireland 1981-86.	M. E. CAWLEY	67-74
1992	24/2	The distribution of public and private residential homes for elderly persons in England and Wales.	C. HAMNETT; B. MULLINGS	130-144
1992	24/4	The new global context of international migration: policy options for Australia in the 1990s.	H. JONES	359-366

Fonte: AREA, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A revista *Urban Studies*, editada pela Universidade de Glasgow (Reino Unido), apesar de ter como preocupação central a Geografia Urbana, publica artigos que versam sobre questões populacionais deixando transparecer uma maior integração entre estes dois ramos (Urbana e População) na geografia britânica. Os resultados obtidos na *Urban Studies* estão expostos na tabela 15 abaixo.

TABELA 15 – Artigos publicados pelo periódico **Urban Studies**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N	Título do Artigo	Autor(es)	Pg.
1990	27/3	Migration and Residential Mobility in the US.	W.A.V. CLARK	458-59
1991	2/18	Geographic Variations in Moves into Institutions Among the Elderly in England and Wales.	A. HARROP, E. M.D. GRUNDY	65 - 86
1992	29/3-4	Population Growth, Density and the Costs of Providing Public Services.	HELEN F. LADD	273-95
1992	29/3-4	Cities and elderly people: recent population and distributional trends.	A. M. WARNES	799-818

Continua

1996	33/2	Analysis of Access to Cars from the 1991 UK Census Samples of Anonymised Records: A Case Study of the Elderly Population of Sheffield.	CHRIS GARDINER; ROSALIE HILL	269-82
1996	33/2	Big cities, big problems: reason for the elderly to move?	T. FOKKEMA et al.	353-78
1996	33/6	Health Levels Influenced by Urban Residential Conditions in a Megacity-Tokyo.	ATSUKO TANAKA	799-816
1997	34/3	Space to grow old in: the availability of public spaces for person in Singapore.	P. TEO	419-40
1998	35/1	The Scope for Poverty Alleviation among Elderly Home-owners in the US through Reverse Mortgages	NANDINEE K. KUTTY	113-30
1998	35/2	Why people move to the 'Sun belt': a case study of long-distance migration to the Gold Coast, Australia.	R. J. STIMSON; J. MINNERY	193-214
1998	35/8	Predicting the growth and filtering of at-risk housing: structure ageing, poverty and redlining.	H. L. MARGULIS	1231-1260
2001	38/1	The effects of neighbourhoods on size of social network of the elderly and loneliness: a multilevel approach.	P. MOORER; T. P.M. SUURMEIJER	105-18
2001	38/5-6	Gender, race, age and fear in the city	R. PAIN	899-914

Fonte: Urban Studies, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

Na tabela 16 observa-se o resultado do inventário sistemático para outra publicação britânica: *International Journal of Geography Population*. Apesar de estar classificada como uma obra britânica, deve-se ressaltar que esta publicação possui um caráter internacional. Inclusive seu corpo editorial é formado por especialistas de diversos países (em especial de língua inglesa).

Esta obra deve ser vista à parte, por se tratar de uma publicação recente (desde 1995) e específica da disciplina Geografia da População.

TABELA 16 – Artigos publicados pelo periódico **International Journal of Population Geography**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1996 e 2002.

Ano	V/N	Título do Artigo	Autor(es) do Artigo	Pg.
1996	2/2	Co-residence of Household Heads with Parents in Japan: A Multivariate Explanation.	M.-A. Budak, K.-L. Liaw, H. Kawabe	133-52
1997	3/2	Migration and life course: is there a retirement transition?	R. M. Bures	109-19
1997	3/2	Changes in geography proximity between parents and their adult children.	P. Rogerson; J. Burr; G. Lin	121-36
1998	4/2	International Retirement Migration in Europe. Editorial introduction.	Warnes, A. et al.	87-89
1998	4/2	International retirement migration in Europe	R King et al.	91-111

Continua

1998	4/2	British retirees in Malta: components of the cross-national relationship	A.M. Warnes; G. Patterson	113-33
1998	4/2	An empire lost but a province gained: a cohort analysis of British international retirement in the Algarve	A.M. Warnes; G. Patterson	135-55
1998	4/2	Diverse paths: the elderly British in Tuscany	R. King; G. Patterson	157-82
1998	4/2	European retirees on the Costa del Sol: a cross-national comparison	V Rodriguez et al.	183-200
1998	4/4	Migration and household change in the population aged 65 and over, 1971-1991	K. Glaser; E. Grundy	323-39
1999	5/2	Inter-provincial migration in Spain: temporal trends and age-specific patterns.	A. G. Coll; J. Stillwell	97-115
1999	5/6	Assessing changes in interstate migration patterns of the US elderly population, 1965-1990	G. Lin	411-24
2000	6/1	State magnets for different elderly migrant types in the US	W. H. Frey, K. L. Liaw, G. Lin	21-44
2000	6/3	Proximity of Adult Children to their Parents in Great Britain	N. Shelton, E. Grundy	181-95
2001	7/1	Living arrangements and support relationships among elderly Indonesians: case studies from Java and Sumatra	V. A. Beard, Y. Kunharibowo	17-33
2001	7/4	Retire to where? A discrete choice model of residential location	W Duncombe et al.	281-93
2001	7/5	The international dispersal of pensioners from affluent countries.	A. M. WARNES	373-88
2002	8/3	Return migration in Andalusia, Spain.	V. Rodriguez et al	233-54
2002	8/6	Extending the temporal and spatial limits of gentrification: a research agenda for population geographers	D. P. Smith	385-94
2002	8/6	A geographical analysis of spatial differentials in mobility and self-care limitations among older Americans	G. Lin, Z. Zimmer	395-408

Fonte: Internation Journal of Popilation Geography, 1996-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A geografia francesa está representada pelos periódicos *Espace Population Societé* e *NOROIS* que totalizaram, respectivamente, 36 e 9 artigos. A revista *Espace*, editada pela Universidade de Lille (França), também deve ser compreendida a parte, uma vez que, também pode ser vista como uma publicação específica da Geografia da População. Ela reúne um grupo de pesquisadores bastante ativos liderados pelos professores franceses NOIN e THUMERELLE. Também, nela se destaca a participação de especialistas ingleses tais como o renomado professor WARNES. Diversos números deste periódico foram dedicados exclusivamente às discussões sobre o processo de envelhecimento populacional. A Tabela 17 demonstra os artigos encontrados na revista *Espace Population Societé*.

TABELA 17 – Artigos publicados pelo periódico **Espace Population Societe**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	N	Título do Artigo	Autor(es) do Artigo	Pg.
1990	3	La mortalitée francaise aux grands âges: vers un nivellement des disparités géographiques?	C. Delbes, J. Gaymu	447-457
1990	3	Le suicide des personnes âgées: comparaisons nationales et internationales (1976-87)	J. Andrian	565-572
1991	2	Population change in the suburbanized areas of the Federal Republic of Germany with special reference to Hamburg (1970-1987).	P. Gans	293-307
1992	1	Les personnes agees en France: d'hier a demain.	C Delbes, J Gaymu	43-58
1992	1	La mobilité géographique des personnes âgées au Quebec.	H. Gauthier	59-70
1992	1	Le vieillissement démographique: un phénomène instable a l'échelon local.	P-J Thumerelle, J-F Ghekiere	105-115
1992	1	Le vieillissement demographique. La France et le Quebec dans le monde: hier, aujourd'hui, demain.	A. Parant	13-27
1992	1	Le vieillissement de la population francaise, passe, présent et futur.	A. Dittgen	29-41
1992	1	Vieillir en institution ou a domicile? Les facteurs associés a l'hebergement des personnes âgées.	L. Pelletier	71-86
1993	2	Politiques locales et repartition des populations agees: l'exemple d'Angers.	C. Pihet; P. Violier	335-342
1993	3	The development of retirement migration in Great Britain.	A. M. Warnes	451-464
1993	3	Is elderly migration absent in the Netherlands?	P Hooimeijer et al.	465-476
1993	3	Migrations of the elderly in West Germany: developments 1970-1990.	F-J. Kemper	477-487
1993	3	Les migrations de retraite des citoyens en France.	F. Cribier; A. Kyche	489-501
1993	3	Migration among the elderly, the Stockholm case.	S Oberg, S Scheele	503-514
1993	3	The process of mobility decision-making in later old age: early findings from an original survey of elderly people in south east England.	R. Ford	523-532
1995	2	Cinq aperçus géographiques de la population japonaise.	L. Pelletier	181-190
1995	2	La population taiwanaise: aspects démographiques.	N. Stokman	203-207
1996	1	La population des regions françaises: Attenuation ou accentuation dès différences?	Gerad-François Dumont	37-44
2000	1	Differentiation par âge et soldes migratoires imterprovinciaux en Espagne.	J. Stillwell, A. Garcia Coll	57-70
2000	1	Comparaison des structures par agê des pays européens.	J. Grimmeau, V. Verbeke	71-81
2000	3	Le vieillissement démographique dans le monde	J.P. Thumerelle	337-338
2000	3	Le vieillissement démographique. Anti-hasard et défaut de prospective.	A. Parant	339-361
2000	3	Vieillissement et longue vie.	J.P. Thumerelle	363-378
2000	3	Le vieillissement en Afrique subsaharienne.	B. Schoumaker	379-390
2000	3	Le vieillissement démographique en Chine	Fei Peng	391-397
2000	3	Differences sociales et spatiales des transitions de structures par Âge.	M. C. Lepina, I. Pool	399-410
2000	3	L'Espagne face à son vieillissement démographique.	F. Zamora-Lopez	411-424

Continua

2000	3	Sept Espagne sur le plan démographique?	P Velasco, V. R Rodriguez	425-435
2000	3	Les taux de mortalité par causes spécifiques aux grands âges.	A. M. Warnes	437-450
2000	3	Vieillesse démographique et planification hospitalière en France.	A. Jourdain, I. De Turenne	451-460
2000	3	La "géritude" est-elle un concept bidon?	M. Loriaux	461-474
2000	3	La mesure du vieillissement démographique.	G Calot, J. Sardon	475-481
2000	3	Le vieillissement démographique: concepts et méthodes d'analyses.	J.F. Ghékière	483-494
2001	1	Le choix résidentiel des communes rurales bretonnes au moment de la retraite. Des enjeux identitaires diversifiés.	Y. Guichard-Claudic	139-150
2002	1	Caractéristiques et facteurs déterminants des migrations et mouvements de retour en Andalousie. Le cas de la province de Jaén.	C. E. Jimenez, V. R. Rodriguez	109-124

Fonte: Espace Population Société, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

O inventário da *Espace Population Société* demonstra que esta publicação possui uma clara preocupação com a dimensão espacial do processo de envelhecimento populacional. Diversos artigos abordam a distribuição, migração e espacialização de populações idosas. Infelizmente, não se encontrou nenhuma coleção completa desta publicação em bibliotecas brasileiras. Também, este periódico ainda não está disponível em versão on-line na Internet, o que dificulta sua consulta.

Contudo, fica comprovada a importância deste periódico para as discussões acerca da temática em questão nesta pesquisa.

A tabela 18 mostra os resultados encontrados em outra publicação geográfica francesa, a revista *NOROIS*. Também conhecida como *Revue Géographique de l'Oest et des Pays de l'Atlantique Nord*, este periódico é de responsabilidade da Universidade de Nantes (França).

TABELA 18 – Artigos publicados pelo periódico **NOROIS**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es)	Pg.
1989	36/143	La progression des clubs du 3 ^e âge em France	A. DELAMARRE	249-56
1991	38/150	La migration de retraite em Floride	D. CLARK	127-44
1991	38/150	Les populations des Pays-de-la-Loire après le recensement de 1990: premiers éléments d'analyse.	C. PIHET	211-20
1991	38/150	Principaux enseignements du recensement de 1990 pour villes, l'exemple d'Angers.	P. VIOLIER	221-24
1991	38/151	La population du Limousin en 1990.	G. BOUET; O. BALABANIAN	333-45

Continua

1993	40/160	Les structures par Âge et leurs transformations dans les quartiers d'Angers.	C. PIHET; P. VIOLIER	687-98
1996	43/170	Ageing and disability in the British countryside. A perspective from the North Cotswolds.	R. GANT	339-54
1996	43/171	Un bilan incertain : les variations démographiques et sociales des villes moyennes des Pays de la Loire	C. PIHET	513-23
1999	46/184	Un siècle et demi d'évolution de la population communale bretonne: 1851-1999	J. LE BIHAN; J. OLLIVRO	559-74

Fonte: NOROIS, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

Para a geografia espanhola selecionou-se como representante o periódico Estudios Geográficos. Esta revista, de responsabilidade do Instituto de Economia e Geografia Aplicada da Universidade de Madri (Espanha) reúne, no período, um total de 19 artigos referentes a temática, destacando-se aqueles relativos ao despovoamento e, conseqüente, envelhecimento populacional das regiões espanholas deprimidas economicamente, em especial, Aragão, Leão e Castela. Os resultados da revista Estudios Geográficos podem ser observados na tabela 19.

TABELA 19 – Artigos publicados pelo periódico Estudios Geográficos, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, no período entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es) do Artigo	Pg.
1990	LI/199-200	Envejecimiento de la población española e sus características sociosanitarias.	A.A. GARCIA et al.	241-58
1991	LII/203	En torno a una geografía social del envejecimiento y de las personas ancianas.	J. LÓPEZ JIMÉNEZ	223-38
1991	LII/203	El retorno de emigrantes a la provincia de Alicante.	J. R. ESCANDELL	313-68
1993	LIV/210	La decisión de emigrar en las personas de edad.	A. A. GARCÍA	5-18
1994	LV/214	Alcalá de Henares: percepción de un espacio urbano según su población mayor.	V. E. ÁDAN	5-32
1994	LV/216	Envejecimiento y estilos de vida saludables en España.	G. FERNÁNDEZ et al.	455-80
1994	LV/217	La geografía de la población en el último decenio del siglo XX.	A. BALLESTEROS	593-16
1996	LVII/223	La población de Cuba: su evolución y características actuales.	S. RODRÍGUEZ	245-68
1996	LVII/224	Diferencias de bienestar y política demográfica en el Mediterráneo.	A. A. GARCÍA	407-36
1996	LVII/225	El envejecimiento de la población en Aragón.	M. J. AGUILERA ARILLA	573-96
1997	LVIII/226	Desarticulación del Mundo Rural: El Envejecimiento en Castilla e León.	M. J. GONZÁLES-GONZÁLES	59-76
1997	LVIII/227	La morbilidad hospitalaria de la población española.	F.R. PÉREZ et al	257-280
1997	LVIII/229	Población y tamaño municipal: reflexiones a partir del Censo de 1991.	A. G. COLL; D. S. AGUILERA	513-544

Continua

1997	LVIII/229	El envejecimiento del empresariado agrario en Extremadura. Una aproximación mediante el análisis de componentes principales.	F. L. BERROCAL	625-642
1998	LVIX/230	Evolución reciente de la población de la Mancha.	R. CALCERRADA; J. M. VEGA	75-98
1998	LVIX/233	Evolución y crisis de una población campesina.	J. O. MORINA	641-660
1999	LX/234	El estado actual de la población en Chile.	M. G. GEISSE	45-60
1999	LX/237	Entre la despoblación y el envejecimiento. Estructura demográfica de un tejido social en crisis. El casco antiguo de Madrid.	C. V. MARINÉZ	651-692
2000	LXI/240	Notas metodológicas para el análisis de la mortalidad diferencial.	G. A. VELÁZQUEZ	515-528

Fonte: Estudos Geográficos, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

A última obra pesquisada foi a americana: *Progress in Human Geography*. Este periódico é singular na bibliografia geográfica, pelo fato de que possui um traço específico, além de publicar artigos sobre diversas temáticas geográficas, dedica sistematicamente uma seção (Progress in...), à revisão e prognósticos para uma determinada área desta ciência. Isto permite ao pesquisador conhecer publicações e avaliar tendências ou avanços do desenvolvimento da ciência em diferentes temáticas específicas.

TABELA 20 – Artigos publicados pelo periódico **Progress in Human Geography**, relacionados com a temática do envelhecimento populacional e população idosa, entre 1989 e 2002.

Ano	V/N.	Título do Artigo	Autor(es)	Pg.
1989	13/1	Environmental perception: the relationship with age (Progress Report).	J. R. GOLD; B. GOODEY	99-106
1989	13/2	A review of the literature on elderly migration in the Federal Republic of Germany.	R. R. ZÄNKER	209-222
1989	13/3	Population studies (Progress Report).	BRIAN HEENAN	401-411
1990	14/1	Geographical questions in gerontology: needed directions for research.	ANTHONY M. WARNES	24-56
1991	15/1	Population geography (Progress Report)	ALLAN FINDLAY	64-72
1991	15/2	The challenge facing population geography.	A. M. FINDLAY; E. GRAHAM	149-162
1992	16/1	Population geography (Progress report)	A. M. FINDLAY	88-97
1992	16/2	Urban housing demography.	P. GOBER	171-89
1993	17/1	Population geography: disorder, death and future directions (Progress report).	ALLAN M. FINDLAY	73-83
1994	18/1	Population geography (Progress report)	ALAN NASH	84-91
1994	18/3	Population geography (Progress report)	ALAN NASH	385-396
1995	19/2	Household migration and the structuration of patriarchy: evidence from the USA.	K. H. HALFACREE	159-182
1995	19/2	Rethinking the geography of ageing.	SARAH HARPER; GLENDA LAWS	199-221

Continua

1996	20/2	Population geography (Progress report)	ALAN NASH	203-214
1998	22/1	Hierarchical households and gendered migration in Latin America: feminist extensions to migration research.	VICTORIA A. LAWSON	39-53
1998	22/1	Population geography (Progress report).	PHILLIP E. OGDEN	105-114
1998	22/3	Residential separation and patterns of interaction between elderly parents and their adult children.	GEOFFREY C. SMITH	368-384
1999	23/4	Population geography (Progress report).	PHILLIP E. OGDEN	617-632
2002	26/4	Population geography: transnational women on the move. (Progress report).	PAUL BOYLE	531-543

Fonte: Progress in Human Geography, 1989-2002. Pesquisa do autor.

Organizado: pelo autor.

Dentre os "Progress in..." (Progresso em...), estão os da Geografia da População. De tempos em tempos, em um intervalo de três a quatro anos, um especialista da área de população é convidado a redigir um texto comentando as pesquisas mais recentes, as tendências e os futuros encaminhamentos.

Assim, optou-se selecionar, além dos artigos que pudessem estar relacionados com a temática do processo de envelhecimento, todos aqueles relacionados ao *Progress in Population Geography*, pois poderiam conter informes sobre o atual estágio da pesquisa do fenômeno. Deste periódico foram retirados 16 artigos e "Progress in...".

Concluindo, este capítulo teve como objetivo demonstrar, de maneira sintética porém organizada, o estado da arte do tema do envelhecimento populacional e da população idosa na literatura existente. Reconhece-se que diversas obras relevantes foram analisadas parcialmente ou, apenas, abordadas superficialmente. Críticas e sugestões, com certeza, serão efetuadas, porém, acredita-se ter-se realizado um esforço para alicerçar as discussões que se seguirão neste trabalho e, mesmo servir de base para novas pesquisas de outros especialistas. O recurso a fontes indiretas (obras de referencial bibliográfico) e fontes diretas (periódicos) foi fundamental para que se pudesse trabalhar com um grande volume de informações e alcançar um resultado consistente. Contudo, deve-se ressaltar que esta discussão não se encerra aqui, outros trabalhos poderão ser realizados antes que se possa falar no real estado da arte. Mesmo, dentro desta

pesquisa outras discussões de fundo teórico e técnico recorrerão ao material citado neste capítulo, para embasar alguns pressupostos.

Isto ficará evidente no terceiro e quarto capítulo, quando se abordar o processo de envelhecimento populacional em escala micro. Artigos contendo discussões desta natureza serão analisados mais profundamente, pois representam um subsídio válido para conhecimento de questões teóricas e práticas. O envelhecimento populacional é uma importante inovação da vida humana peculiar a sociedade contemporânea. Por isto, seu estudo ainda não apresenta um lastro de referências muito amplo. Mas é preciso construí-lo, particularmente no Brasil, onde o processo que está apenas se iniciando.

2 – O desenvolvimento demográfico de Assis.

2.1. Introdução.

Conforme o explicitado anteriormente, a parte empírica desta pesquisa abrange a análise da conjuntura demográfica do município paulista de Assis, ou mais precisamente a análise da evolução do processo de envelhecimento vivenciado por esta população nas últimas décadas.

Para compreendermos como esta população se encontra no começo do século XXI em um nítido e avançado grau de envelhecimento populacional, comparando-se com as médias nacional e estadual, faz-se necessário refletirmos sobre a sua evolução demográfica.

O estudo do desenvolvimento demográfico de Assis indica fenômenos (queda da mortalidade infantil, queda da natalidade, emigração de população jovem, etc) que explicam porque o município vem transformando sua estrutura etária. Também, esta investigação pode dar subsídios para a identificação de possíveis tendências para o futuro desta população.

Este é, portanto, o objetivo principal deste capítulo: analisar a evolução demográfica de Assis. Contudo, cabe aqui salientar que não se tem a pretensão de esgotar o assunto e explicar todo o conjunto de variáveis que determinaram o desenvolvimento da população assisense. Isto porque, em primeiro lugar, deve-se reconhecer a falta de importantes fontes de informação, tais como levantamentos demográficos apurados dos primeiros anos de povoamento do município, dados sobre a dinâmica migratória (são insuficientes para registrar alguns deslocamentos importantes), etc. Em segundo lugar, deve-se assinalar a escassez de estudos e pesquisas que tenham se debruçado sobre a dimensão demográfica do desenvolvimento do município de Assis, especialmente em um passado mais distante.

Também, não se tem como objetivo, produzir uma análise sobre a evolução histórica do município ou mesmo uma revisão da produção historiográfica relativa a Assis. O desenvolvimento histórico do município tem sido alvo de inúmeras pesquisas produzidas, principalmente, pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis. Desta forma, considerando que existe uma base bibliográfica sobre a história do município, nosso objetivo se encaminha para a análise da evolução demográfica de Assis, que ainda não foi contemplada por estes estudos.

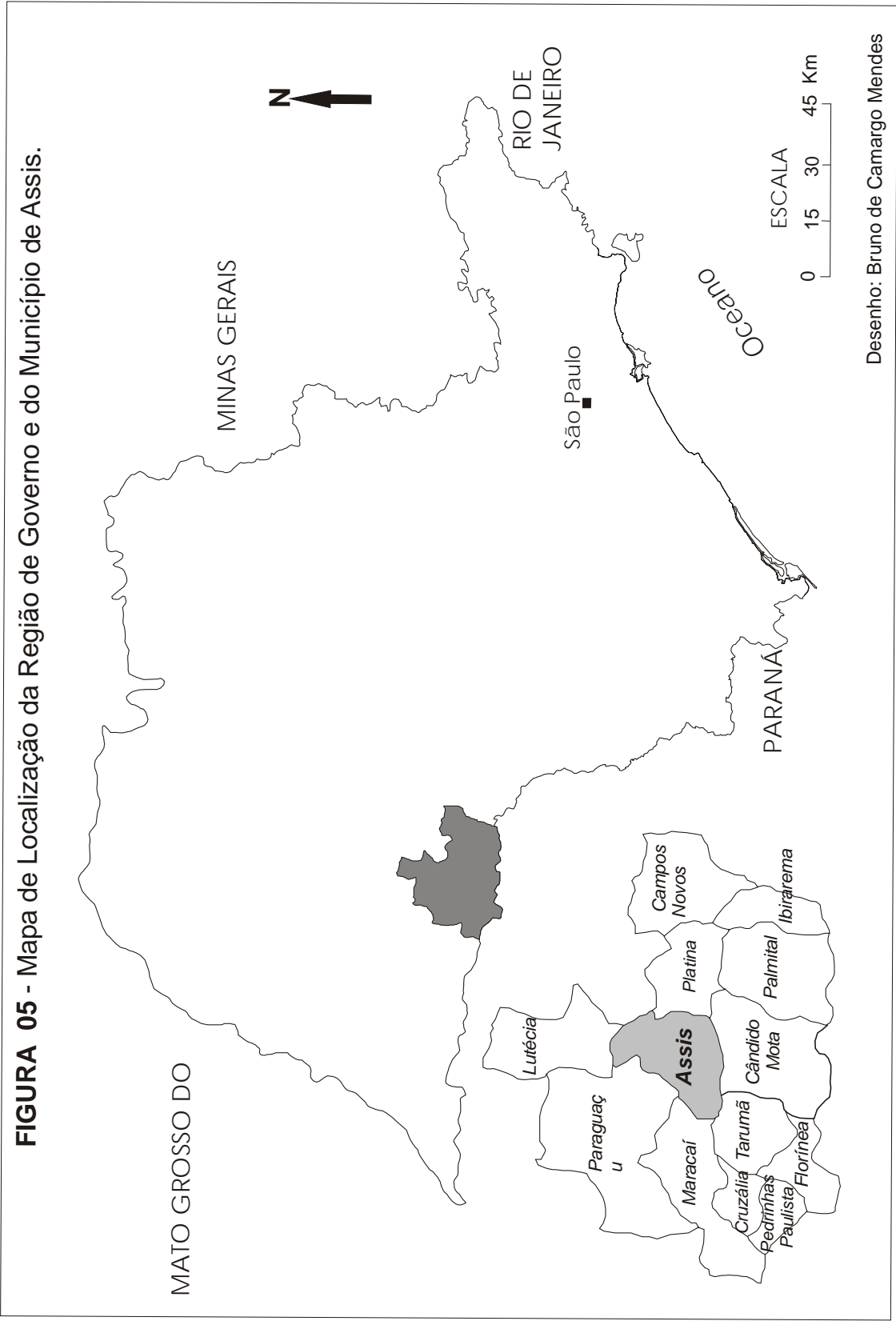
Das pesquisas produzidas sobre a história municipal e regional assisense destacam-se as teses de DI CREDDO (1977), CAMPOS JÚNIOR (1992), SILVA (1996). O trabalho de DI CREDDO (1977), "A propriedade de terra no Vale do Paranapanema", que discute o desmembramento de uma grande propriedade rural (Fazenda Taquaral), entre o final do século XIX e início do XX, como condição da formação de múltiplas propriedades privadas e de núcleos urbanos que, posteriormente, constituem-se nos municípios de Platina e Assis.

CAMPOS JR (1992), em "A agroindústria e o espaço urbano de Assis – Vila Prudenciana (1970/1991)", aborda a relação entre a instalação do complexo agroindustrial sucro-alcooleiro na região, a expulsão do campesinato para a área urbana e a formação de um bairro da periferia de Assis. Já o arquiteto SILVA (1996), numa abordagem multidisciplinar, "Urdiduras e tessituras urbanas. Na história das cidades, a estruturação territorial de Assis", discorre sobre a evolução e expansão do quadro urbano da cidade (que será retomado posteriormente). Partindo destes estudos podemos reconstituir a forma de ocupação e crescimento da cidade.

Localizado no oeste do Estado de São Paulo (ver Figura 05 – mapa de localização), região conhecida antigamente como Sertão do Paranapanema e mais recentemente como Alta Sorocabana de Assis e Médio Vale do Paranapanema, o município de Assis está inserido em uma área de recente ocupação do Estado.

Os primeiros registros de povoamento da região datam do último quarto do século XIX, ou seja, pouco mais de cem anos, quando famílias mineiras (sul de Minas Gerais) imigram para o Sertão do Paranapanema abrindo grandes propriedades agrícolas para acompanhar a expansão da cultura cafeeira (DI CREDDO, 1987; CAMPOS JR, 1992; SILVA, 1996).

FIGURA 05 - Mapa de Localização da Região de Governo e do Município de Assis.



Desenho: Bruno de Camargo Mendes

Esta forma de apropriação espacial da região, através da abertura de grandes fazendas, determinou, além do uso da terra, a forma como se constituiu a rede urbana regional.

Os povoados, patrimônios, comarcas, distritos e cidades, criados entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, são uma consequência direta da estruturação das grandes fazendas e do dinamismo de seus proprietários. Quando os núcleos urbanos não eram criados para servir de entreposto comercial ou “boca de sertão” (núcleo que servia de base para a colonização de áreas ainda não desbravadas), eles eram fundados por grandes proprietários, muitas vezes em parceria com a Santa Sé. A criação de um núcleo urbano estatal (povoamento, comarca, etc), conferia ao grande proprietário, além de poder econômico, a hegemonia política sobre o território.

Assis é criada para atender a segunda situação (núcleo urbano estatal). Em 1905, o Capitão Francisco de Assis Nogueira, grande proprietário de origem mineira, doa oitenta alqueires de terra para a construção de uma capela católica e instalação de um povoado.

Contudo, o “Patrimônio de Assis” somente começou a se desenvolver, de fato, em 1915 com a chegada dos trilhos de trem da Ferrovia Sorocabana. Neste mesmo ano, Assis torna-se Distrito do Município de Platina, pelo Decreto de Lei nº 1496.

Dois anos depois, em 1917, com o crescimento promovido pela estrada de ferro, Assis é elevada à condição de município pela Lei Estadual nº 1581, emancipando-se de Platina.

Sobre este aspecto, CAMPOS JR (op. cit., p. 28) observa que: “o desenvolvimento da cidade também ocorreu em função da ferrovia, que em 1926, inaugurou um depósito com a finalidade de dar apoio ao desbravamento ferroviário na Alta Sorocabana. Com o deslocamento da ferrovia para oeste, Assis perdeu a posição de capital regional para Presidente Prudente, mas conservou o seu movimento pois manteve importantes serviços ferroviários: abastecimento de lenha para as locomotivas, vagões leito e foi por algum tempo Boca de Sertão”.

Também neste sentido SILVA (op cit, p. 129) comenta que: “mais do que em outros estados, em São Paulo a ferrovia acompanhou de perto a marcha pioneira e seqüencialmente o avanço do cultivo do café. A

passagem dessa estrada consolidou, como núcleos urbanos e centros polarizadores da economia, as cidades que atravessava. Foi o que ocorreu com Ourinhos e com Assis”.

Assim, a cultura do café, em associação com a instalação da rede de transporte ferroviária, foi a força motriz do crescimento econômico inicial da região. O café (cultivo e escoamento) foi a atividade geradora de capital.

Contudo, a cultura cafeeira atingida pelas crises e oscilações do mercado internacional e também pela abertura de uma nova fronteira agrícola no “Norte Pioneiro” do Estado do Paraná (especialmente a região de Londrina e Maringá), a partir da década de 1940, começa a ser substituída na região. O café é gradativamente trocado pelo algodão, milho, feijão e, posteriormente, pela soja e, principalmente, pela cana de açúcar.

Esta mudança das culturas agrícolas na região significou, além da alteração da força motriz do desenvolvimento econômico, também o desenvolvimento de um novo modo de produção no campo. Esta nova forma de produção, baseada no cultivo de culturas de maior rotatividade, com maior uso de insumos e implementos, provocou uma reestruturação nas relações de trabalho da agricultura regional, dispensando grande parte dos trabalhadores-residentes das fazendas. Isto repercutiu na distribuição espacial da população regional. Esta massa de trabalhadores e produtores rurais e seus familiares nas mais diferentes condições, foi sendo “encaminhada” para as áreas periféricas das cidades (êxodo rural). Mais adiante esta questão é discutida neste capítulo, quando se analisa a distribuição da população segundo a sua situação (urbana e rural).

Sobre estas novas tendências, SALOTTI (1982, p. 15) nota que:

“A medida que a cultura do café deixa a região para expandir-se para o Norte do Paraná, inicia-se na região a diversificação agrícola. A substituição do cultivo do café por outras culturas de maior rotatividade provoca a substituição da mão-de-obra por outros insumos. Com isso cria-se um excedente populacional relativo que torna desnecessária a fixação do homem no interior das unidades agrícolas iniciando-se assim uma nova fase de relações de produção onde a mão-de-obra é sazonal”.

Quanto à diversificação da produção agrícola na região deve-se destacar a instalação do complexo agroindustrial sucro-alcooleiro na região, a partir das décadas de 1940 e 1950. Sobre a agroindústria canavieira na região, além do trabalho de CAMPOS JÚNIOR (1992), temos BRAY (1984).

Este autor destaca o crescimento da área utilizada para a produção da cana de açúcar na região. Segundo BRAY, a Usina Nova América, situada no município de Tarumã (antigo distrito de Assis) passa de 4.920 ha plantados na safra de 1950/1951 para 11.320 ha em 1977/1978, ou seja, um crescimento superior a 130%. A Usina de Maracaí, localizada no município de mesmo nome e vizinho a Assis, aumenta de 4.540 ha para 7.160 ha no mesmo período, 57% de expansão da área cultivada.

Isto comprova a importância que esta cultura agrícola assume na economia e no mercado de trabalho da região. O complexo sucro-alcooleiro, mesmo não estando localizado dentro na área do município, assume um importante papel na absorção da mão-de-obra assisense. Isto fica evidente com o emprego de muitos trabalhadores volantes (bóias-frias) que residem na periferia da cidade, como também funcionários especializados e para o seu quadro administrativo.

Além da importância do setor primário para a economia local, deve-se destacar que Assis conseguiu se estabelecer, ao lado de Marília, Ourinhos e Presidente Prudente, como um centro regional de comércio e serviços para municípios próximos. Assis é sede de região de governo que abrange, além do próprio município, mais doze: Campos Novos Paulista, Cândido Mota, Cruzália, Florínea, Ibirarema, Lutécia, Maracaí, Palmital, Paraguaçu Paulista, Platina, Pedrinhas Paulista e Tarumã (ver Figura 05).

Dentre a rede de serviços que a cidade oferece pode-se destacar o educacional. A cidade conta com duas faculdades públicas, um campus da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e uma fundação municipal (FEMA – Fundação Educacional do Município de Assis) e duas instituições privadas de ensino superior (IEDA e UNIP). A cidade possui nove escolas particulares de ensino fundamental e médio.

Também, o município se apresenta como pólo de serviços médicos, com o Hospital Regional, Santa Casa de Misericórdia, Hospital Maternidade e, diversas clínicas e consultórios. Serviços bancários, com aproximadamente doze instituições, dentre outros serviços.

Esta vocação de Assis para os serviços e o comércio ficará evidente quando da discussão da população ocupada por ramo de atividade, constante deste capítulo.

Apesar da economia assisense estar fortemente relacionada com o setor primário e terciário, pode-se destacar a existência de algumas unidades industriais. Segundo dados obtidos na Fundação SEADE (2003), o município conta com aproximadamente 200 unidades industriais. A grande maioria destas indústrias é composta por empresas de pequeno e médio porte ligadas ao beneficiamento de grãos, alimentícias, de bebidas e de maquinário agrícola.

Dentre as indústrias, destaque para a Cervejaria Malta e Cervejaria Conti. Esta última, apesar de situada no município vizinho Cândido Mota, emprega trabalhadores de Assis.

Com relação à evolução territorial do Município, esta pode ser observada através da Figura 06. Nela foram destacados os desmembramentos e emancipações que envolveram Assis nos últimos anos. Ao se analisar as tendências demográficas não se deve desconsiderar o de fato de quando de sua emancipação do município de Platina, Assis contava com terras que hoje formam os municípios de Cândido Mota, Florínea e Tarumã, que se desmembraram respectivamente em 1923, 1953 e 1990.

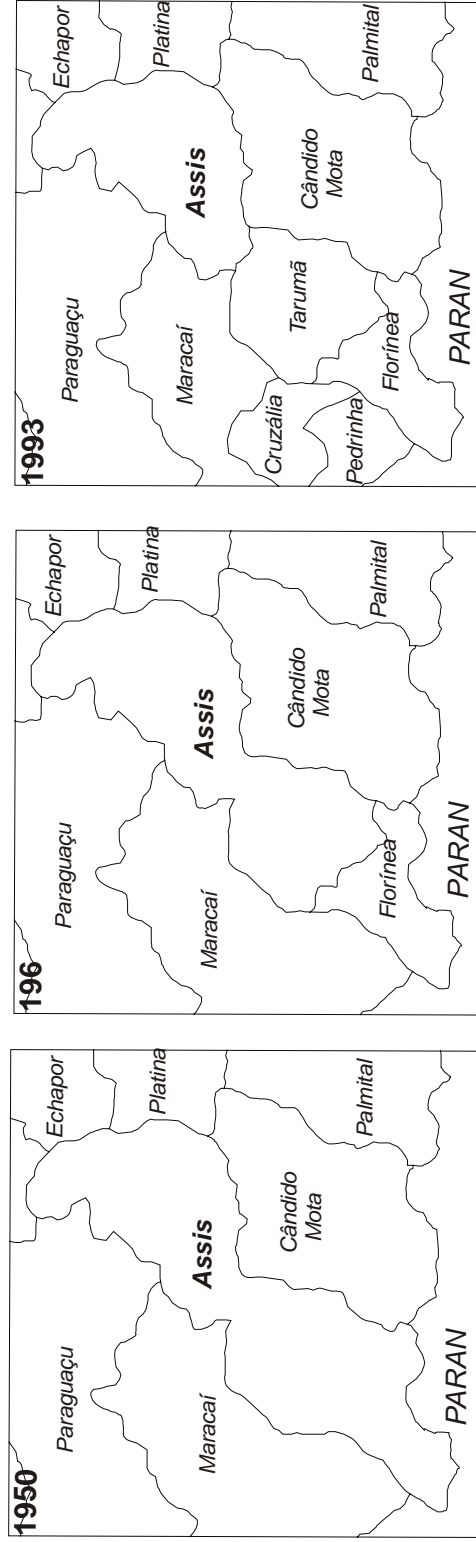
Por último é interessante pontuar a ferrovia no contexto das transformações, quer considerando a região ou apenas Assis. Alguns detalhes deste aspecto são mostrados no quarto capítulo.

2.2. Desenvolvimento demográfico de Assis.

2.2.1. A análise do comportamento das variáveis demográficas (Natalidade/Fecundidade, Mortalidade e Migração).

A análise da evolução da população assisense, ao longo das últimas décadas, pode ajudar a revelar as causas do envelhecimento populacional verificado no município. Ela pode dar subsídios para entendermos como cada uma das variáveis da dinâmica demográfica (natalidade/fecundidade, mortalidade e migração) atuou e, em diferentes períodos, para a transformação da estrutura etária da população local.

FIGURA 06 - Divisão territorial do Município de Assis em 1950, 1960 e 1993.



HISTÓRICO DA FORMAÇÃO, INCORPORAÇÃO E DESMEMBRAMENTO DOS DISTRITOS DO MUNICÍPIO DE ASSIS:

Cândido Mota

Distrito: Lei 1831 de 24-12-1921, com a povoação de Cândido Mota.

Desmembramento: Lei 1956 de 28-12-1923, elevado à município.

Tarumã

Distrito: Lei 2203 de 20-10-1927.

Pelo Decreto-Lei 14334 de 30-11-1944, perdeu terras para a formação do distrito de Florínea.

Pela Lei 2456 de 30-12-1953, perdeu terras para o Município de Florínea.

Desmembramento: Lei 6645 de 9-1-1990, elevado à município.

Florínea

Distrito: Decreto-Lei 14334 de 30-11-1944, com o povoado de Pântano e terras do distrito de Tarumã.

Fonte: Fundação Seade, 2004.

Organização: Autor.

A principal fonte de informações (dados), empregada na investigação da população de Assis, foram os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram consultados os Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000. Os levantamentos anteriores a 1940 não foram incluídos na análise devido aos problemas de natureza técnica que apresentam. Também, utilizou-se para esta análise as Estatísticas Vitais organizadas, no Estado de São Paulo, pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE). Estes dados estão disponíveis para os anos de 1920, 1940, 1960 e 1970, os mesmos daqueles dos levantamentos censitários do IBGE. Após 1970 as Estatísticas Vitais passam a ser calculadas anualmente pelo mesmo órgão, através de projeções e estimativas.

Deve-se esclarecer que a apreciação de alguns temas não contempla o período integral (1940 a 2000). Isto pode ser justificado pelas diferenças técnicas, operacionais e de divulgação da informação encontradas em cada levantamento demográfico (Censo) que, em alguns casos, se modificam de um momento para outro, dificultando uma investigação uniforme. Este é o caso do censo de 1940 que não apresenta muitas informações, ao nível de desagregação municipal, sobre a migração (população não natural do município, lugar de nascimento, etc). Também, alguns temas só ganham interesse para esta pesquisa nas últimas décadas, o que fez que fossem analisados entre 1970 e 2000. Este é o caso da própria estrutura etária da população, que começa a se transformar somente a partir da década de 1970, e que é relevante para o estudo do envelhecimento local.

A primeira análise sobre a evolução da população de Assis é a que diz respeito ao seu desenvolvimento ao longo dos anos, melhor dizendo, é a análise do comportamento de seu tamanho. Esta evolução da população total (absoluta) de Assis e o acréscimo de habitantes (absoluto e relativo) em cada levantamento demográfico podem ser observados na Tabela 21, abaixo.

A população de total de Assis apresentou, ao longo do período analisado (1940 – 2000), um aumento de 268,1%, totalizando no ano de 2000, 87.251 habitantes. Contudo, ao analisarmos o acréscimo de habitantes dentro do período, considerando os intervalos dos levantamentos demográficos (Censos), percebe-se uma tendência de redução.

TABELA 21 – Evolução da população absoluta do Município de Assis e o acréscimo de habitantes – 1940 a 2000.

Ano	População	Acréscimo (total)	Acréscimo (%)
1940	23.703	--	--
1950	32.959	9.256	39,0
1960	42.666	9.707	29,5
1970	57.220	14.554	34,1
1980	67.357	10.137	17,7
1991	85.391	18.034	26,8
2000	87.251	1.860	2,2

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (1940 a 2000).

Organização: Autor.

Claro que se deve considerar que o município apresentou duas grandes perdas de população neste período, representados pelas emancipações dos então distritos de Florínea² na década de 1950 e Tarumã³ na década de 1990. Contudo, no primeiro caso, a perda foi amenizada ou “mascarada” pelo elevado índice de crescimento médio que o município vivenciava na época, conforme descrito na Tabela 22. No segundo evento, a perda foi associada a um ritmo já baixo e declinante de crescimento, o que fez com que na última década (nove anos entre 1991 e 2000), a adição de novos habitantes contabilizasse pouco menos de 2.000 pessoas.

Também, cabe aqui destacar os desempenhos registrados nas décadas de 1970, quando se registra uma queda no percentual de acréscimo de novos habitantes, relacionado provavelmente ao intenso processo migratório vivenciado no país e no estado durante o período, e na década de 1980, quando ocorre uma certa “recuperação” do crescimento.

TABELA 22 – Taxa geométrica de crescimento médio anual da população total do Município Assis (1940-2000), com e sem Tarumã após 1991.

Anos	Crescimento médio anual	
1940-1950	3,35	
1950-1960	2,61	
1960-1970	2,98	
1970-1980	1,64	
1980-1991	2,18	
1991-2000	Sem Tarumã	Com Tarumã
	0,24	1,54

Fonte: Censo demográfico IBGE (1940 a 2000).

Organização: Autor.

² No censo de 1960, primeiro levantamento realizado após a emancipação de Florínea, contabiliza a população total deste município em 5.732 habitantes. Desta forma, se não tivesse ocorrido a separação entre Florínea e Assis, o acréscimo de população na década de 1960 seria de 15.439 pessoas.

³ O censo de 2000 registra a população de Tarumã em 10.743 habitantes. Assim, o acréscimo de população que Assis teria registrado na década de 1990, se não tivesse ocorrido a emancipação do Município de Tarumã, seria da ordem de 12.603 pessoas.

Analisando-se a Tabela 22, que registra a taxa de crescimento médio anual para o período entre 1940 e 2000, com e sem Tarumã após 1991, também pode-se perceber a tendência de redução de crescimento da população do município. Avaliando, as já mencionadas perdas de população nas décadas de 1950 e 1990 (Florínea e Tarumã) e a recuperação ocorrida na década de 1980, as taxas vêm declinando sensivelmente. Assis passa, no início do período, de taxas superiores a 3% para valores entre menos ou pouco mais de 1% (mesmo computando ou não Tarumã), no final do período.

Se considerarmos o crescimento médio anual da população, ao longo de todo período, temos, aproximadamente, 2,2% a.a., o que significa dizer que durante a última década analisada o crescimento da população ficou expressivamente abaixo da sua média histórica. É interessante notar que, mesmo não excluindo Tarumã como parte integrante de Assis, o crescimento médio anual fica abaixo da média do período, o que indica uma clara tendência de redução do seu ritmo.

Ao se comparar a taxa de crescimento anual da população de Assis com a taxa encontrada nos demais municípios de sua Região de Governo (ver Figura 07), percebe-se uma tendência regional de baixo crescimento nas últimas décadas, Tabela 23.

TABELA 23 – Taxa geométrica de crescimento médio anual da população total dos municípios da Região de Governo de Assis (1940-2000).

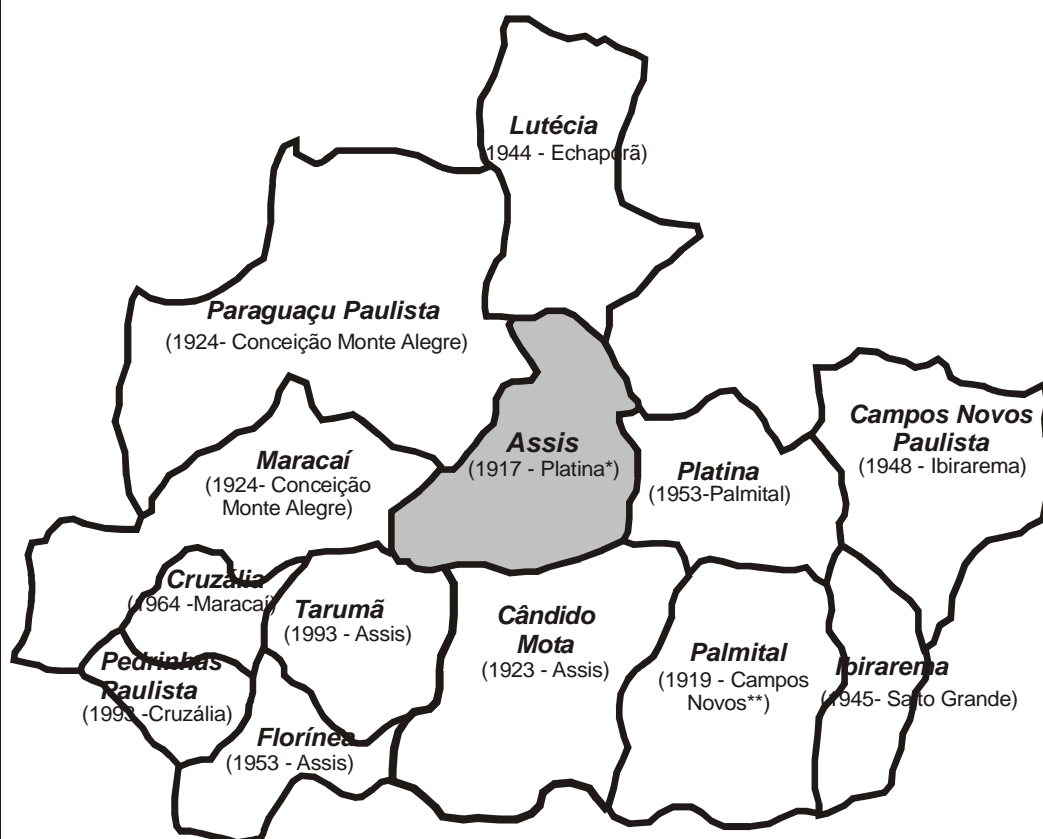
Município	1940/50	1950/60	1960/70	1970/80	1980/91	1991/00
Assis	3,35	2,61	2,98	1,64	2,18	0,24
Campos Novos Pta	*	0,87	0,20	-1,05	0,66	0,44
Cândido Mota	1,60	2,75	0,83	-1,80	2,31	1,60
Cruzália*	*	*	*	-4,58	0,97	-7,46
Florínia	*	*	-0,03	-7,10	0,81	0,50
Ibirarema	*	2,81	-1,61	-1,31	1,15	0,41
Lutécia	*	-0,55	-5,63	-3,84	-1,15	1,00
Maracaí	3,79	-0,53	-5,50	-1,34	1,96	0,50
Palmital	0,94	0,28	0,17	-1,61	0,79	1,16
Paraguaçu Pta	0,08	-0,33	-0,83	0,71	3,33	1,81
Pedrinhas Pta	*	*	*	*	*	*
Platina	*	*	0,51	-2,67	1,99	0,18
Tarumã	*	*	*	*	*	*

* Dado não disponível.

Fonte: Censo demográfico IBGE (1940 a 2000).

Organização: Autor.

**FIGURA 07 - Municípios da Região Administrativa de Assis.
Ano de Instalação e Município de Origem.**



* Extinto.

** Atual Município de Echaporã.

Organização: Autor

Os municípios da Região de Governo de Assis, assim como o município sede, apresentam uma clara tendência, ao longo das últimas décadas, de redução do ritmo de crescimento de sua população total. Alguns municípios chegam a registrar decréscimos significativos em algumas décadas, exemplo de Cruzália entre 1970 e 1980, Florínea no mesmo período, Lutécia e Maracaí entre 1960 e 1970, todos superiores à 5% ao ano.

É interessante notar que, com exceção das emancipações e desmembramentos que envolveram o município de Assis, somente ocorreram quatro emancipações que representaram perdas de população para os municípios da região. A emancipação de Platina do Município de Palmital em 1953, que provocou a redução do ritmo de crescimento da população deste município na década de 1950. A emancipação de Cruzália em 1964, então distrito de Maracaí, que resultou num decréscimo superior a 5% ao ano da população do município. Paraguaçu Paulista perde o distrito de Borá também em 1964. E por último, a emancipação de Pedrinhas Paulista do Município de Cruzália, em 1991.

Através destas informações pode-se afirmar que a maior parte dos crescimentos negativos (perdas populacionais) registrados nos municípios da região foi resultado de processos migratórios (emigração). Esta emigração pode ter tido, particularmente como destino, Assis, centro sub-regional, que registrou, em quase todo o período, um ritmo superior aos demais.

Também, ao se observar as taxas registradas na última década, percebe-se que seis municípios da região tiveram um crescimento reduzido, abaixo de 1% ao ano e, um município apresentou crescimento negativo. Ainda que muitos municípios, ao apresentarem este crescimento abaixo de 1%, estejam em um processo de recuperação de população, uma vez que apresentaram decréscimos importantes no passado, o crescimento da última década parece demonstrar uma tendência de estagnação ou estabilização de suas populações. Assim, as tendências observadas tanto poderão ser confirmadas ou alteradas desde que alguma motivação, especialmente econômica, reverta esta trajetória.

Uma técnica de análise interessante que podemos submeter a população assisense é o chamado *Tempo para dobrar de tamanho*

(Doubling Time). Esta técnica considera que, permanecendo inalteradas as taxas de crescimento médio anual e os demais componentes da dinâmica demográfica durante um período, a população levaria um determinado tempo para dobrar o seu tamanho⁴. Claro que este exercício é, em muitos casos, meramente especulativo, porém nos dá uma idéia da projeção da população.

No caso de Assis, que crescia 3,35% ao ano na década de 1940, ela levaria aproximadamente 20,8 anos para dobrar seu tamanho. Isto não ocorreu pois a população assisense somente dobrou, pela primeira vez no período analisado, provavelmente, na metade da década de 1960 (entre 25 anos). Deve-se considerar que Assis apresenta uma redução no crescimento médio anual na década de 1960, que impediu que dobrasse seu tamanho no tempo esperado.

Se calcularmos o tempo que Assis demorará para dobrar de tamanho novamente no futuro, mantendo as taxas calculadas para a última década (1991-2000), encontraremos como resultado 45,5 anos (considerando o ritmo conjunto com Tarumã) e 291,6 anos (considerando o crescimento somente de Assis).

TABELA 24 – Crescimento médio anual da população total do Brasil, do Estado de São Paulo e do Município de Assis (somado à Tarumã) – 1940-2000

Anos	Brasil	São Paulo	Assis e Tarumã
1940-1950	2,34	2,44	3,35
1950-1960	3,17	3,44	2,61
1960-1970	2,75	3,27	2,98
1970-1980	2,48	3,51	1,64
1980-1991	1,93	2,12	2,18
1991-2000	1,63	1,82	1,54

Fonte: Censo Demográfico do IBGE (1940 a 2000).

Organização: Autor.

A Tabela 24 apresenta, de forma comparativa, o crescimento médio anual do município de Assis comparado com as médias do Estado de São Paulo e do conjunto da Federação (Brasil). Através dela pode-se observar que o ritmo de crescimento médio anual do município não reproduz os índices estadual e nacional. A diferença entre o ritmo nacional e municipal já era esperada, uma vez que, o Brasil abrange uma grande diversidade de situações sócio-econômicas e espaciais, o que faz com que a média

⁴ Se uma população cresce a 1% ao ano, levaria setenta (70) anos para dobrar o seu tamanho atual, permanecendo as taxas inalteradas.

nacional, na maioria dos casos, não corresponda aos valores encontrados nas escalas inferiores de análise.

A comparação entre o ritmo municipal e o estadual encontra a mesma situação, entretanto, em menor grau, já que as disparidades econômicas e sociais são menos evidentes dentro do espaço mais “homogeneizado” do Estado. Desta maneira, era esperado que o comportamento municipal estivesse, ainda que diferente, próximo ou na mesma tendência do ritmo estadual.

Contudo, não é isto que a comparação evidencia. Apesar de ambas as populações apresentarem uma tendência para a redução da taxa de crescimento médio anual, o seu grau e alguns intervalos demonstram situações díspares. Enquanto Assis parte de um crescimento superior a 3% ao ano, para oscilar, ao longo do período, entre 2% e reduzir no final para um valor um pouco superior a 1%, o Estado de São Paulo apresenta um comportamento diferente. A população estadual parte de um crescimento da ordem de 2,5%, aumenta para taxas superiores a 3% durante a metade do período para depois declinar para um valor inferior 2% ao final. Esta diferença entre os ritmos de crescimento populacional espacialmente diferenciado do Brasil, São Paulo e Assis explica, em parte, o estágio mais avançado do processo de envelhecimento no município.

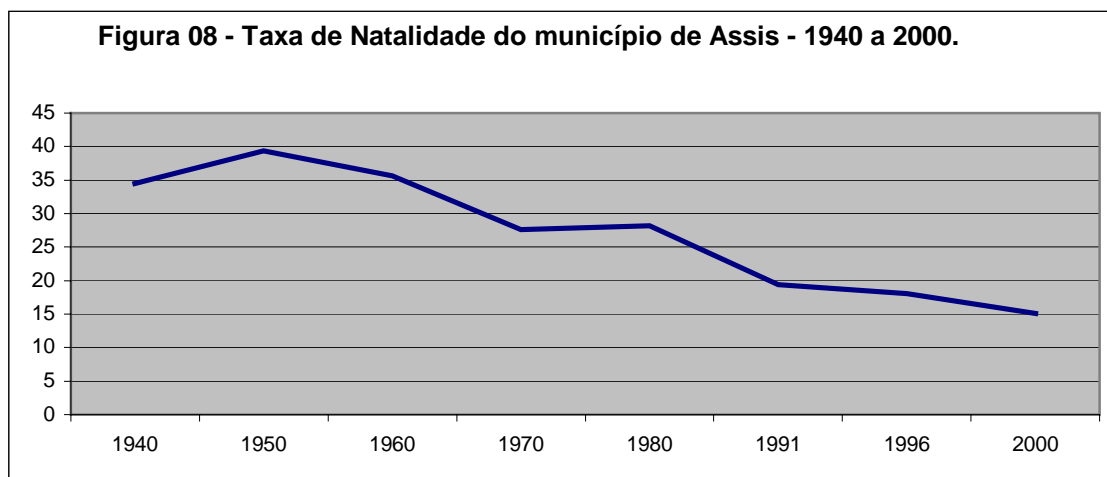
Para que se entenda o modelo de crescimento médio anual de Assis durante o período deve-se analisar o comportamento das três variáveis que determinam esta dinâmica, a saber: nascimento (natalidade e fecundidade), morte (mortalidade geral e infantil) e a migração. É a associação deste conjunto de variáveis que determina ou não o processo do envelhecimento demográfico.

O envelhecimento populacional se processa quando a população idosa passa a representar um percentual mais significativo e crescente no total da população. Existem duas formas do grupo idoso aumentar a sua participação no total da população. Na primeira forma, este grupo passa a representar um percentual mais significativo porque reduziu-se a participação dos demais grupos, especialmente do grupo etário de menor idade. A segunda forma ocorre quando, de fato, aumenta-se o contingente (número absoluto) da população idosa. Esta situação pode se dar quando há uma intensa migração de indivíduos idosos para uma determinada área,

tendência que se manifestou em algumas áreas dos Estados Unidos (Sun Belt – Flórida e Arizona), por exemplo. Ou quando, um grupo de indivíduos nascidos em um “baby boom” alcançam a idade idosa.

A segunda situação é bastante rara, e específica de sociedades com um alto grau de desenvolvimento social e econômico, que permitem que as pessoas alcancem a maturidade com independência física e econômica para mudarem para espaços mais aprazíveis. Desta forma, nossa análise vai se dedicar em primeiro lugar, a estudar o comportamento das taxas de natalidade e fecundidade como responsáveis pelo processo que afeta, em particular, Assis.

A Figura 08 apresenta a evolução da taxa de natalidade do município de Assis, desde 1940 até 2000.



Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

A utilização da taxa de natalidade neste tipo de análise é bastante controversa, uma vez que esta taxa considera o número de nascimentos vivos por mil habitantes, independentemente de estes habitantes estarem ou não em idade reprodutiva⁵. Contudo, como esta taxa ainda é bastante utilizada entendeu-se que seria oportuno incluí-la na análise.

⁵ CARVALHO, J.A.M., SAWYER, D.O., RODRIGUES, R.N. Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia. São Paulo: ABEP, 1998 (reimpr.).

“A Taxa Bruta de Natalidade depende em maior ou menor intensidade com que as mulheres têm filhos a cada idade, do número das mulheres em idade fértil, como proporção da população total, e da distribuição etária relativa das mulheres dentro do período reprodutivo. Portanto, não é um bom indicador para se analisar diferenciais de níveis de fecundidade entre populações”. Pg. 20

A evolução da natalidade ao longo do período revela uma nítida tendência de redução na proporção de nascimentos entre a população total, passando de 35 nascimentos por mil pessoas entre 1940 e 1950, para pouco mais de 15 no final do período, ou seja, uma redução de aproximadamente 133,3%.

É interessante notar que a taxa permanece estável durante a década de 1970, quando ocorre uma redução significativa da taxa de crescimento médio anual de Assis e declina na década de 1980, fase de recuperação deste ritmo de crescimento. Isto pode significar que a migração (emigração e imigração respectivamente) contribuiu de maneira mais direta do que a redução ou aumento no número nascimentos para estes eventos.

A tabela 25 apresenta a comparação entre o comportamento da taxa de natalidade do município e do Estado de São Paulo. Nela pode-se observar que ambas possuem uma tendência de queda. A taxa de natalidade municipal permanece superior à média estadual em quase todo o período, somente a partir da década de 1980 é que a situação se inverte.

Tabela 25 – Taxa de natalidade de Assis, do Estado de São Paulo – 1940-2000.

Anos	Assis	São Paulo
1940	34,5	32,2
1950	39,3	-
1960	35,6	34,1
1970	27,6	26,8
1980	28,2	28,9
1991	19,4	20,8
2000	15,1	18,9

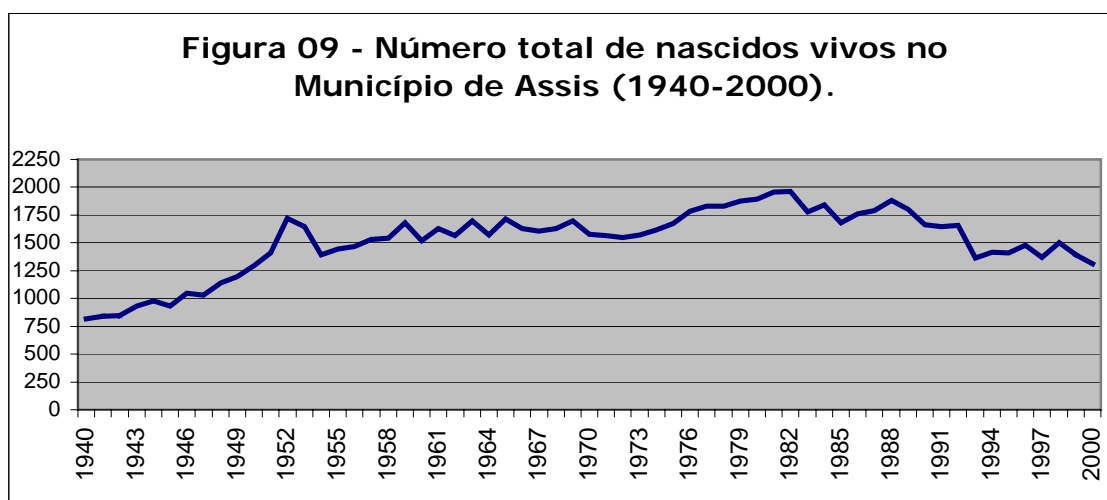
Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

Isto é interessante, pois se natalidade de Assis permaneceu, na maior parte do período, superior à taxa estadual, não deveríamos estar vivenciando um envelhecimento mais acentuado no município. Desta forma, deve-se considerar o papel da migração para o processo. É sabido que o Estado de São Paulo foi a área de convergência da imigração, especialmente nordestina, principalmente, durante a década de 1970 o que fez com que tivesse um crescimento populacional expressivo. Já o comportamento migratório de Assis deverá ser estudado para entendermos como afetou a sua estrutura etária, provocando uma “aceleração” no processo de envelhecimento.

Com relação aos nascimentos (nascidos vivos⁶) também é interessante observar o comportamento de seus totais, durante o período. A Figura 09 apresenta a evolução do número total de nascimentos entre os anos 1940 e 2000.

Fica claro que o ápice no número de nascimentos ocorreu na década de 1980, justamente o período no qual identificamos uma ligeira recuperação no ritmo de crescimento da população municipal. Também fica evidente a tendência de queda no número de nascimentos na última década.



Fonte: SEADE – Estatísticas Vitais.

Organização: Autor.

Esta queda nos nascimentos pode ser melhor analisada através da medida da Taxa de Fecundidade Geral⁷. Nela, ao inverso da medida de Natalidade é considerado o número de nascimentos face às mulheres em idade fértil, ou seja, aquelas que de fato são responsáveis por conceber filhos. Deve-se ressaltar que a análise da Taxa Específica de Fecundidade, ou seja, a análise da relação entre o número de nascidos vivos e mulheres em uma determinada idade ou grupo etário dentro do período reprodutivo,

⁶ Definição: Nascido Vivo é o produto da expulsão ou extração completa de uma criança do corpo materno, independente da duração da gravidez, o qual, depois da separação, respire e dê qualquer outro sinal de vida, como batimentos do coração, pulsação do cordão umbilical ou movimentos efetivos dos músculos de contração voluntária, estando ou não cortado o cordão umbilical e estando ou não desprendida a placenta (Declaração de Nascimento).

Fonte: Fundação SEADE. www.seade.gov.br/500anos 01/11/2004

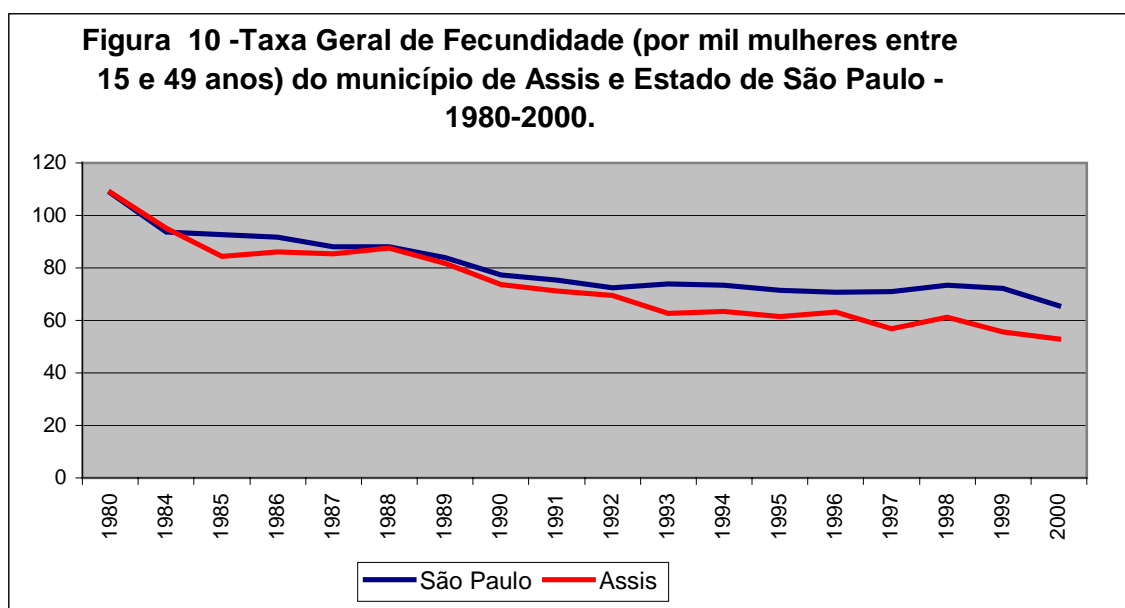
⁷ CARVALHO, J. A. M., SAWYER, D. O., RODRIGUES, R. N. (op. cit.).

“A Taxa de Fecundidade Geral é o quociente, num determinado ano, entre o número de nascidos vivos e a população e a população feminina dentro do período reprodutivo ou em idade fértil. Usualmente, considera-se idade fértil da população feminina a faixa de 15 a 49 anos. A TFG depende em maior ou menor intensidade (risco) com que as mulheres têm filhos a cada idade, assim como a distribuição etária proporcional das mulheres dentro do intervalo de 15 a 49 anos de idade”.

daria uma visão mais completa do comportamento da fecundidade municipal. Contudo, como nosso objetivo é simplesmente avaliar o envelhecimento populacional, acreditamos que o exame do comportamento da Taxa de Fecundidade Geral seja suficiente para dar subsídios para a compreensão do processo.

O comportamento das taxas de fecundidade geral do município e do Estado de São Paulo, entre os anos de 1980 e 2000, pode ser observada na Figura 10 abaixo.

A evolução do comportamento desta taxa está centrada nas mulheres em idade reprodutiva em um contexto que contempla variáveis sociais, econômicas, políticas, etc. É sabido que a significativa mudança de status das mulheres na sociedade e as novas alternativas ao seus planos de vida (estudar mais, trabalho fora de casa, etc) tem determinado alterações relevantes na fecundidade.



Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

Através da avaliação da fecundidade, em um intervalo de vinte anos, fica evidenciado a expressiva tendência de queda. O número de nascidos vivos e de mulheres em idade reprodutiva foi reduzido em mais de 48,6% durante este período. Também é interessante considerar, no episódio da recuperação do crescimento da população de Assis entre os anos de 1980 e 1991, a fecundidade ainda que tenha declinado no início da década,

permaneceu num patamar elevado, podendo ter contribuído para o acréscimo populacional.

Mas, com certeza, os aspectos mais importantes que podem ser extraídos desta análise são: a fecundidade registrada para o município ter apresentado um declínio mais acentuado do que a média estadual e, que este declínio processou-se em um intervalo de tempo mais curto.

Outras variáveis que auxiliam na compreensão da evolução da população assisense são: a mortalidade geral (Taxa Geral de Mortalidade) e a mortalidade infantil (Taxa de Mortalidade Infantil). Entretanto, existe uma dificuldade de relacionar o comportamento da mortalidade (geral e infantil) com o envelhecimento populacional, pelo menos em suas primeiras etapas ou estágios. Isto, levando-se em conta as quatro etapas do processo sugeridas tanto por CHESNAIS (1990) quanto CHACKIEL (1999). Inicialmente, a queda da mortalidade contribui para um rejuvenescimento da população, especialmente a redução da mortalidade infantil e associada a altos índices de natalidade e fecundidade. Isto ocorre porque a redução da mortalidade, em função de seu caráter etário diferenciado, afeta inicialmente as coortes de idade mais jovens que se beneficiam das melhorias sanitárias e aumentam sua participação na população total.

Somente nas etapas finais do envelhecimento populacional, quando os efeitos da queda da mortalidade ocorrem em função dos avanços da medicina e da melhoria do atendimento médico, é que os efeitos são mais nítidos nas coortes em idades mais avançadas⁸. Contudo, não se deve menosprezar os efeitos da redução da mortalidade durante todo o processo de envelhecimento populacional, mesmo que esta não possa ser identificada

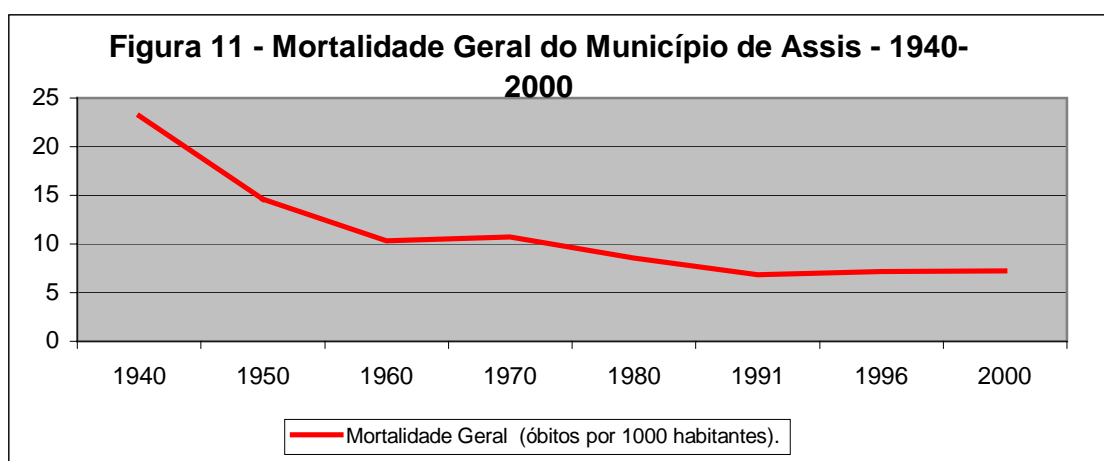
⁸ CHESNAIS, Jean Claude. La evolución de las determinantes demográficas de los cambios en la estructura por edades de la población. In: CHESNAIS, Jean Claude. **El proceso de envejecimiento de la población**. Santiago: CELADE/INED, 1990. p. 21

“En la primera al mantenerse constante la fecundidad, la pirámide de edades se rejuvenece; la mortalidad de la niñez se reduce en forma más importante que la del resto de las edades y, en consecuencia, aunque se produce un crecimiento de la población en todas las edades, éste es proporcionalmente mayor en las edades muy jóvenes. En la segunda etapa, el descenso es más equilibrado y afecta en forma más o menos parecida a todos os grupos de edades. El efecto sobre la estructura es, en consecuencia, diferente al descrito en el párrafo anterior. En la última etapa, cuando se ha eliminado casi del todo la alta mortalidad entre los más jóvenes, se observa una reducción de la mortalidad debido a enfermedades degenerativas que afectan, especialmente, a las personas mayores de 50 años”. 21

tão claramente nas etapas iniciais do processo, é certo que ela contribuiu para o aumento da longevidade⁹.

Assim sendo, mesmo que exista uma grande dificuldade para relacionar a mortalidade com as transformações ocorridas na estrutura etária do município, ela pode servir para explicar a recuperação do ritmo de crescimento identificado na década de 1980 ou, mesmo, como ilustrativa da qualidade de vida.

A evolução da Taxa Geral de Mortalidade¹⁰ registrada para o Município de Assis, entre os anos de 1940 a 2000, pode ser observada na Figura 11 abaixo.



Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

Durante o período de 60 anos, a Taxa Geral de Mortalidade declinou pouco mais de 68,7%. Também é interessante notar o declínio da mortalidade durante a década de 1980, após ter permanecido praticamente estável no período anterior (década de 1970).

⁹ MOREIRA, M. M. Determinantes demográficos do envelhecimento populacional. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, 2000. **Anais...** Caxambu, ABEP, 2000.

“Naqueles onde os níveis de fecundidade e mortalidade ainda são elevados, o efeito da redução da fecundidade é o determinante chave do envelhecimento, sobrepujando o efeito da queda da mortalidade, que tende a rejuvenescer a população. Nos países em que os níveis de fecundidade e mortalidade já são muito baixos, e onde há espaço apenas para a queda da mortalidade, é esta o determinante principal do continuado envelhecimento populacional”.

¹⁰ CARVALHO, J. A. M., SAWYER, D. O., RODRIGUES, R. N. (op. cit.).

“A relação entre o total de óbitos e a população total representa o risco que tem uma pessoa dessa população de morrer no decorrer deste ano. Esta medida é conhecida como Taxa Bruta de Mortalidade”.

HAUPT, A., KANE, T. T. **Population Handbook**. Washington: PRB, 2001 (9ª ed.)

“The death rate (also called the crude death rate) is the number of deaths per 1,000 population in a given year”.

Também, deve-se destacar o fato de que nos últimos anos a taxa tem oscilado em um valor quase constante. Isto pode significar que o município já alcançou algumas melhorias sanitárias, que permitiram reduzir sua mortalidade, mas deverá prosseguir investindo na “sofisticação” de seu aparato médico - hospitalar para avançar na redução da mortalidade.

A comparação entre o comportamento da Taxa Geral de Mortalidade no município e no Estado de São Paulo (apresentada na Tabela 26) nos permite tecer algumas considerações importantes.

Em primeiro lugar, pode-se observar que existe uma tendência de queda da mortalidade tanto para o conjunto do Estado quanto para o município e a redução da mortalidade da população assisense parece estar em acordo com as tendências observadas na mortalidade estadual.

Em segundo lugar, deve-se considerar que a taxa verificada no município é ligeiramente superior, durante todo o período, à taxa estadual. Se considerarmos que Assis se encontra em um grau mais elevado de envelhecimento populacional do que o conjunto do Estado, pode-se afirmar, com certa tranqüilidade, que a queda da mortalidade não foi a grande responsável pelo processo em Assis. Se a queda da mortalidade, por si só, provocasse o envelhecimento populacional, o Estado de São Paulo apresentaria um percentual de idosos mais significativo do que o município, já que suas taxas foram inferiores ao longo de todo o período.

Tabela 26 – Taxa de Mortalidade Geral (por mil habitantes) para o Município de Assis, Estado de São Paulo – 1940-2000.

Anos	Assis	São Paulo
1940	23,16	17,99
1950	14,59	--
1960	10,34	9,01
1970	10,73	8,25
1980	8,55	6,93
1991	6,83	6,26
2000	7,24	6,44

Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

Pode-se argumentar que o Estado não é um espaço demográfico fechado e que os processos migratórios, especialmente a intensa imigração ocorrida na década de 1970, contribuíram para o anular o efeito da queda da mortalidade no envelhecimento estadual. Se este for o caso, a redução da mortalidade poderia ser a responsável pelo aumento do envelhecimento

em Assis. Mas então, chega-se à conclusão que a migração em Assis, pelo menos a imigração ou chegada de novos habitantes, foi nula ou praticamente nula nas últimas décadas. Esta questão só pode ser respondida através da análise da dinâmica migratória do município, que será investigada adiante neste capítulo.

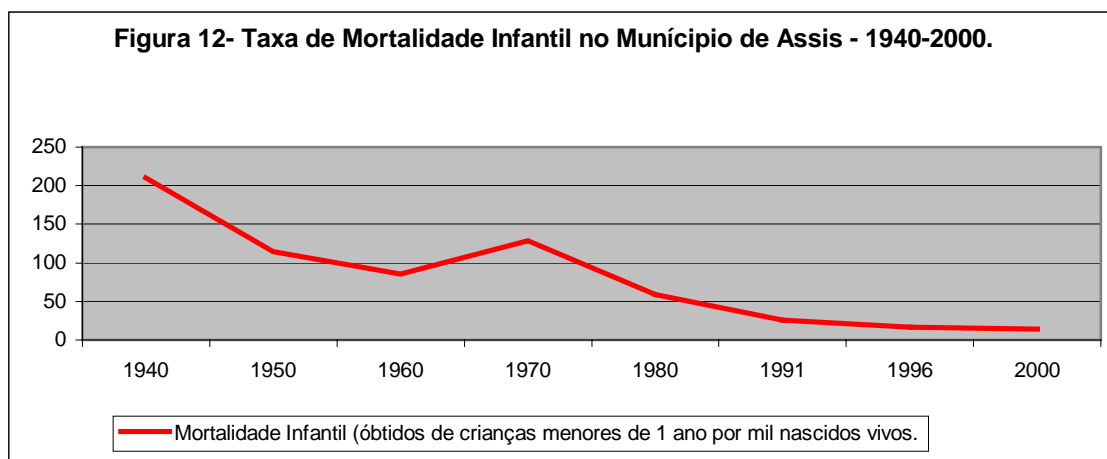
Também é interessante examinar o desempenho da Taxa de Mortalidade Infantil¹¹ no município de Assis. A Figura 12 apresenta a evolução da Taxa de Mortalidade Infantil entre os anos de 1940 e 2000.

Pode-se observar que a Taxa de Mortalidade Infantil apresenta um declínio considerável nos últimos 60 anos, algo próximo a 93,5%. O efeito desta queda da mortalidade infantil poderia ter tido duas conseqüências para o município. Em primeiro lugar, poderia ter ocorrido um aumento do ritmo de crescimento populacional, uma vez que, ao se reduzir o número de óbitos de crianças menores de um ano, aumenta-se o número de indivíduos que ingressam naquela população. Em segundo lugar, deveria ocorrer um rejuvenescimento desta população como conseqüência do aumento de pessoas em idade mais jovem, especialmente crianças.

Contudo, nada disto foi registrado no município, ao contrário, estamos observando uma redução do crescimento da população total e um aumento da participação da população de mais idade (idosos). Isto ocorre em virtude da redução da natalidade e fecundidade. Esta redução do número de nascimentos anulou o efeito da redução da mortalidade infantil. Assim, neste momento, a redução da mortalidade infantil, não teve o efeito transformador esperado na estrutura etária e no ritmo de crescimento do município.

¹¹ CARVALHO, J. A. M., SAWYER, D. O., RODRIGUES, R. N. (op. cit.).

“Uma das taxas mais importantes no que se refere a mortalidade é a Taxa da Mortalidade Infantil. Ela corresponde ao risco que um nascido vivo tem de vir a falecer antes de completar um ano de idade. Está implícito neste conceito a idéia de probabilidade... Apesar do numerador da TMI corresponder aos óbitos de crianças com idade abaixo de um ano, a distribuição dos óbitos dentro deste intervalo se dá de maneira desigual. Para aquelas populações onde a taxa de mortalidade infantil é baixa, os óbitos se concentram nas primeiras semanas de vida das crianças porque, neste caso, as mortes são principalmente por causas genéticas e causas ligadas ao parto. Naquelas populações onde a TMI é alta, os óbitos são menos concentrados nas primeiras semanas de vida, porque muito dos infantis são devidos a fatores ligados ao meio em que a criança vive, tais como condição de saneamento, nutrição, etc”.



Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

Também, pode-se refletir se esta queda da mortalidade infantil não foi causada pela própria redução do número de nascimentos. O maior acesso a melhorias sanitárias (saneamento básico), ao atendimento médico-hospitalar (vacinas, consultas, exames, etc), combinados com a redução do número de nascimentos pode ter provocado a redução do número de óbitos infantis.

Ao se reduzir o número de nascimentos (gestações, partos, acompanhamento pediátrico, etc), também se reduz a demanda pelos serviços médicos pré e neonatais, possibilitando ao sistema de saúde contemplar um maior percentual de pacientes e, desta forma, melhorar o atendimento e reduzir a mortalidade infantil.

A comparação entre a Taxa de Mortalidade Infantil municipal e estadual coloca algumas questões relevantes. Esta comparação pode ser observada na Tabela 27 abaixo.

Tabela 27 – Taxa de Mortalidade Infantil do Município de Assis, Estado de São Paulo – 1940-2000.

Anos	Assis	São Paulo
1940	210,53	178,3
1950	114,97	115,85
1960	85,58	77,17
1970	128,97	84,34
1980	59,13	50,93
1991	26,09	27,05
2000	13,73	16,97

Fonte: Estatísticas Vitais – Fundação SEADE.

Organização: Autor.

Pode-se perceber que a Taxa de Mortalidade Infantil municipal se apresenta, ao longo de quase todo o período, superior à média estadual. Somente a partir da última década, a de 1990 é que a situação se inverte e a taxa municipal passa a ser inferior à aquela registrada para o Estado.

Além da fecundidade e da mortalidade, o terceiro componente da dinâmica demográfica, a migração, assume importância fundamental para a análise da evolução da população de Assis. Quando lidamos com um pequeno conjunto de indivíduos, caso de Assis, pouco menos de 90 mil habitantes, movimentos de saída ou entrada de indivíduos podem resultar em importantes transformações de sua estrutura¹².

Um movimento de saída de indivíduos jovens e em idade ativa, pode representar um aumento da participação do grupo idoso no total daquela população¹³. Assim como, a chegada de pessoas em idades mais avançadas (idosos) pode ter o mesmo efeito na estrutura etária¹⁴.

Também, devemos considerar o fato de que Assis, como um espaço intra-nacional, sem limites e fronteiras que impeçam a mobilidade das pessoas, é extremamente suscetível aos processos migratórios. As pessoas podem entrar e sair de Assis a todo o momento sem qualquer tipo de controle alfandegário e fronteiriço, como ocorre nas migrações internacionais. Isto faz com que a migração assuma uma forma volátil e instável, muitas vezes, extremamente difícil de ser mensurada.

Outra questão que deve ser considerada é que a migração, diferentemente das outras duas variáveis da dinâmica demográfica (fecundidade e mortalidade), pode não ser um evento único na vida de um indivíduo. As pessoas nascem e morrem apenas uma única vez, mas podem

¹² MCFALLS, J. A. Population: a lively introduction. **Population Bulletin**, Washington, v. 53, n. 3, 1998, p. 48.

"Migration usually has the greatest impact on population change in small geographic areas and where there is little or no natural increase from the excess of births over deaths".

¹³ Diversos autores apontam a emigração de jovens como causa do envelhecimento populacional de determinadas áreas. GONZÁLES – GOZÁLES (1997), em seu trabalho sobre a "desarticulação do mundo rural" das regiões espanholas como Castela e Leão, a autora aponta a emigração maciça e seletiva de jovens e o crescimento natural negativo são as causas do intenso envelhecimento (17,6% da população tem 65 anos ou mais) registrado para estes espaços.

Também SANTANA (2002), pesquisando a influência da migração no processo de envelhecimento das regiões de Minas Gerais, encontra relação entre a saída de jovens de áreas economicamente "deprimidas" e o aumento da participação da população idosa.

¹⁴ Esta situação foi descrita por GARCÍA (1993) em um artigo intitulado "La decisión de emigrar en las personas de edad". Segundo este autor, após alcançarem a aposentadoria, muitos idosos decidem emigrar para lugares mais agradáveis ao novo momento da vida, provocando o envelhecimento de determinadas áreas.

migrar inúmeras vezes ao longo do espaço e do tempo. Assim, muitos dos processos migratórios acabam não sendo apreendidos estatisticamente, pois os levantamentos demográficos (Censos, contagens, amostras, etc) não dão conta de identificá-los.

Para estudarmos a dinâmica migratória de Assis utilizamos três indicadores. No primeiro, calculamos a porcentagem de pessoas não naturais do município na ocasião do levantamento censitário. No segundo, calculamos o saldo migratório verificado entre os censos demográficos e, no terceiro, analisamos o lugar de nascimento da população residente em Assis.

A tabela 28 apresenta a porcentagem, com relação à população total, das pessoas que não eram naturais do município de Assis entre os anos de 1970 e 2000.

Tabela 28 – Número total e percentual das pessoas não naturais do Município de Assis (1970-2000).

Anos	Pessoas não naturais do município	% de Pessoas não naturais
1970	29.769	52,0
1980	33.927	50,4
1991	42.845	50,2
2000	44.054	50,5

Fonte: Censo Demográfico, IBGE (1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

Observando-se a tabela percebe-se que a porcentagem de pessoas não naturais do Município de Assis, ou seja, resultado de processos migratórios, oscila em torno de 50% ou metade da população local. Este é um dado importante, pois significa que o município é influenciado pela migração, que esta variável contribui para o seu desenvolvimento demográfico.

Outro cálculo utilizado na análise da migração foi o saldo migratório, este se baseia na diferença entre o crescimento total de uma população e o crescimento vegetativo, relação entre o número de nascimentos e de óbitos, ao longo de um determinado período. Este cálculo se baseia na premissa de que uma população, sem os processos migratórios, portanto fechada, deveria alterar seu tamanho apenas pela relação entre o número de nascimentos e o número de óbitos registrados no período. Assim, se o

número de nascimentos superasse o número de mortes teríamos um acréscimo populacional, ao contrário, uma redução.

Ao relacionar este crescimento esperado de uma população com seu crescimento real, ou seja, com o número registrado em um levantamento, temos uma diferença, esta diferença é resultado da migração e, é aqui denominada de saldo migratório. Claro que este cálculo não é totalmente seguro, por exemplo, ele não consegue registrar aqueles migrantes que ingressaram e partiram entre um censo e outro. Conforme mencionamos anteriormente, ele não dá conta de explicar a complexidade da migração mas, na ausência de instrumentos mais confiáveis, ele permite que se tenha uma visão aproximada sobre a questão.

Outro problema que envolve o cálculo do saldo migratório é com relação à compatibilização dos levantamentos. O IBGE adota datas variadas (1º de julho ou 1º de setembro) como referência para os levantamentos censitários, contudo, as estatísticas vitais são calculadas para o ano todo. Desta forma, ocorre uma distorção nos resultados encontrados. Para evitar este problema, optou-se por trabalhar com as projeções de população, calculadas pela Fundação SEADE e que contemplam a população do ano e não da data referência, em detrimento dos censos demográficos.

A Tabela 29 registra o saldo migratório total entre os anos de 1940 e 2000. Os dados referentes aos números de nascimentos e óbitos foram extraídos das Estatísticas Vitais da Fundação SEADE.

Tabela 29 – Número de nascimentos e óbitos, crescimento vegetativo, crescimento real da população e saldo migratório registrados no Município de Assis entre os anos de 1940 e 2000.

Anos	Número de nascimentos	Número de óbitos	Crescimento Vegetativo	Crescimento real.	Saldo Migratório
1940-50	9.765	4.825	4.940	9.256	4.316
1950-60	15.126	4.544	10.582	9.707	-875
1960-70	16.255	4.904	11.351	14.368	3.017
1970-80	16.864	5.415	11.449	10.137	-1.312
1980-91	18.117	6.319	11.798	18.034	6.236
1991-00	13.236	6.026	7.210	11.428	4.218

Fonte: Estatísticas Vitais, Fundação SEADE.

Organização: Autor.

É interessante relacionar os resultados encontrados para o saldo migratório com a taxa de crescimento médio anual da população de Assis. Através desta relação fica claro o quão importante é a migração para a

dinâmica demográfica do município, quer em termos de ganhos ou de perdas.

Os períodos em que a população registrou os maiores percentuais de crescimento médio anual são justamente aqueles em que o saldo migratório foi positivo, casos das décadas de 1940, 1960 e 1980. Nestas décadas o saldo registrou imigrações (chegadas) de um número significativo de pessoas. Já os períodos de declínio da taxa de crescimento da população encontram correspondência nos períodos de saldo migratório negativo. Um exemplo desta situação ocorre na década de 1970, quando o crescimento anual, que vinha a uma taxa próxima a 3% a.a. é reduzido a metade. Nesta década registra-se uma tendência de emigração.

Também, o momento de recuperação do ritmo de crescimento da população na década de 1980, anteriormente mencionado, apresenta vinculação com o maior saldo positivo registrado durante o período analisado.

Estas duas situações, perda de população na década de 1970 e recuperação na década de 1980 foram identificadas por CUNHA & BAENINGER (1996) em seu trabalho sobre a dinâmica regional da migração no Estado de São Paulo nas últimas décadas¹⁵. Segundo estes autores, ocorreu uma redução da saída de população das áreas de menor dinamismo econômico (como o Município de Assis), para as áreas mais ricas do estado. CUNHA & BAENINGER (p. 103) observam que:

“Os anos 80 revelaram uma nova e inusitada face da migração que, grosso modo, se resumiria no arrefecimento, sem precedentes, da migração líquida tanto para o total do Estado de São Paulo quanto para as regiões tradicionalmente mais atrativas, como é o caso da Região Metropolitana de São Paulo”.

Também, estes mesmos autores (p. 104) afirmaram:

“A década de 80 apontou um crescimento maior das sedes nas regiões de Araçatuba e Marília e a passagem para taxas de crescimento positivas de seus entornos... Vale lembrar que tais regiões diminuíram significativamente suas perdas populacionais (refletidas na recuperação das taxas de crescimento da população) sem contudo, terem conseguido atingir um patamar de desenvolvimento urbano capaz de absorver expressivos contingentes populacionais. É mais provável que essas áreas tenham, na verdade, apenas aumentado o seu poder de retenção da população residente”.

¹⁵ CUNHA, J. M. P., BAENINGER, R. Migração, dinâmica regional e projeções populacionais. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, 10 (2), p. 102 – 109, 1996.

Portanto, a recuperação do crescimento populacional de Assis deve-se à sua capacidade de retenção da população (queda da emigração), mas também da chegada de novos habitantes vindos da zona rural e de outros municípios vizinhos. Segundo FERREIRA & WALDDVOGEL (1994)¹⁶ a interiorização do desenvolvimento econômico do Estado de São Paulo “determinou uma sensível recuperação nas regiões onde tradicionalmente havia perda populacional e desacelerou o crescimento migratório nas áreas típicas de maior atração de migrantes, tendo presente o comportamento recessivo desta última década”.

A análise do papel da migração no último período fica um pouco comprometida pela perda populacional provocada pelo desmembramento de Tarumã. Contudo, analisando-se o comportamento da população de Assis isoladamente, fica evidente que foi mantida a tendência de saldo migratório positivo. Isto pode significar que Assis se consolida de fato como um centro sub-regional de serviços e comércio, que possui atrativos à migração. Para avaliarmos a origem dos imigrantes de Assis é interessante analisarmos a origem ou lugar de nascimento da população assisense. A Tabela 30 demonstra o lugar de nascimento dos habitantes de Assis segundo as grandes regiões geográficas (Norte, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste e Sul) para o período entre 1970 e 2000.

Tabela 30 – Região de nascimento da população do Município de Assis, 1970-2000.

Região	1970	1980	1991	2000
Norte	0,0	0,0	0,0	0,1
Nordeste	4,3	4,0	3,9	3,3
Sudeste	91,0	89,7	89,8	89,5
Sul	4,4	5,8	5,6	5,9
Centro-Oeste	0,2	0,2	0,7	0,8

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

Observa-se que a população assisense é oriunda, predominantemente, da região Sudeste. O conjunto de pessoas, nascidas na região Sul, se constituem no segundo grupo mais relevante numericamente, isto se explica pelo fato do município estar localizado próximo à divisa do Estado de São Paulo com o Paraná.

¹⁶ FERREIRA, C. E., WALDDVOGEL, B. Os novos cenários da população paulista. **Conjuntura demográfica**. São Paulo, SEADE, 26, jan./mar. 1994.

Se considerarmos a origem da população assisense segundo as unidades da federação, esta situação fica mais nítida. A Tabela 31 apresenta os cinco principais Estados de origem da população de Assis.

Percebe-se que a população assisense é eminentemente paulista, o que nos faz considerar que grande parte do fluxo migratório ocorrido no município é intra-estadual. Provavelmente, os imigrantes de Assis são oriundos das pequenas cidades da sua região de governo. CAMPOS JÚNIOR (op cit) menciona em trabalho que a periferia de Assis, especificamente, a Vila Prudenciana, agregou inúmeros emigrantes das pequenas cidades da região, que vinham para a cidade para trabalhar no complexo sucro-alcooleiro como trabalhadores volantes ou bóias-frias.

Tabela 31 – Principais Estados de origem (lugar de nascimento) da população do Município de Assis, 1970-2000.

Região	1970	1980	1991	2000
São Paulo	87,0	86,1	86,9	87,2
Paraná	4,1	5,5	5,5	5,7
Minas Gerais	3,7	3,2	2,6	1,9
Bahia	1,7	1,5	1,4	1,2
Pernambuco	1,0	0,8	0,8	0,6

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

Também, fica evidente a relativa importância da localização de Assis, próxima à divisa com o Paraná. Este Estado é a segunda principal origem da população residente em Assis e com uma tendência de crescimento. Isto já era esperado uma vez que Assis possui uma importante ligação histórica, econômica e social com o Norte Pioneiro do Paraná. Inclusive, acredita-se que, para alguns serviços e comércios, Assis está sob influência de Londrina, distante pouco mais que 120 Km, e não dos centros regionais paulistas como Marília, Presidente Prudente e Bauru.

A surpresa neste exame fica por conta de Minas Gerais, terceiro principal Estado de origem da população de Assis. É sabido que o município foi fundado e povoado, nas primeiras décadas, por mineiros do sul do Estado. Contudo, é interessante notar que se manteve um certo fluxo migratório.

Conclui-se, portanto, que a migração possui um papel relevante no desenvolvimento demográfico de Assis. Considerando que a natalidade e fecundidade apresentaram uma queda considerável nas últimas décadas, os

movimentos migratórios passaram a ser o grande responsável pelo ritmo de crescimento desta população.

2.2.2. As características da população de Assis (situação, estrutura sexo-idade, ocupação, etc).

A segunda parte da análise do desenvolvimento demográfico de Assis é constituída pelo exame da evolução das características desta população. Se o comportamento das variáveis é o responsável pela transformação das características de uma população, também é verdadeiro afirmar que, a alteração da estrutura de uma população influencia no comportamento das próprias variáveis.

Por exemplo, uma população que envelhece em virtude da queda do número de nascimentos. O número de nascimentos futuros desta população ficará comprometido, uma vez que se reduz o número de pessoas, especialmente mulheres, em idade reprodutiva e aumenta o percentual de pessoas que possivelmente já tiveram e não terão novamente filhos.

Assim, deverá ocorrer novamente uma queda do número de nascimentos, que irá acelerar, ainda mais, o processo de envelhecimento. Ou seja, o efeito se torna causa da ação, num contínuo processo de retroalimentação do sistema populacional (feed-back).

As primeiras características analisadas da população do município foram as suas estruturas por sexo e idade. A tabela 32 apresenta os valores totais e percentuais de homens e mulheres e razão de masculinidade¹⁷ do município de Assis para os anos censitários entre 1940 e 2000.

¹⁷ Também chamada de Razão por sexo. É a razão de homens por mulheres em uma determinada população, geralmente expressa como o número de homens por grupos de cem mulheres (HAUPT & KANE, op. cit.).

Tabela 32 – População por grupo de sexo (totais e percentual) e razão de masculinidade no município de Assis – 1940 - 2000.

Anos	Homens	Homens %	Mulheres	Mulheres %	Razão de Masculinidade
1940	12.221	51,6	11.482	48,4	106,4
1950	16.686	50,6	16.273	49,4	102,5
1960	21.203	49,7	21.463	50,3	98,8
1970	28.179	49,2	29.041	50,8	97,0
1980	33.345	49,5	34.012	50,5	98,0
1991	41.632	48,8	43.759	51,2	95,1
2000	42.438	48,6	44.813	51,4	94,7

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1940-2000).

Organização: Autor.

Observa-se que a estrutura por sexo da população de Assis se transforma ao longo do período. De uma população com superioridade numérica de homens na década de 1940, passa-se a uma população predominantemente feminina ao final do período (2000). Também, observando a evolução da razão de masculinidade ao longo dos sessenta anos analisados, nota-se a transformação da estrutura por sexo, operando-se quase uma inversão de situações.

O aumento da população feminina pode estar ocorrendo em conseqüência de dois fenômenos sociais. Em primeiro lugar, é sabido que a migração do campo para as cidades (êxodo rural) tem sido extremamente seletiva quanto à estrutura por sexo dos migrantes. A migração rural-urbana tende a ser um evento permanente para as mulheres, já para os homens tende a ser um movimento temporário ou sazonal¹⁸. Como o Município de Assis não oferece muitas oportunidades de empregos temporários, a migração rural-urbana pode ter atraído um maior número de mulheres do que homens.

Em segundo lugar, esta feminização da população local pode estar ocorrendo em virtude do próprio processo de envelhecimento. Isto ocorre devido à mortalidade diferencial de homens e mulheres. Os homens apresentam uma expectativa de vida menor do que as mulheres. Assim, o número de mulheres que atingem as coortes de idade de mais avançada

¹⁸ BREA, J. A. Population Dynamics in Latin America. **Population Bulletin**. Population Reference Bureau, v. 58, n. 1, 2003, 36 p.

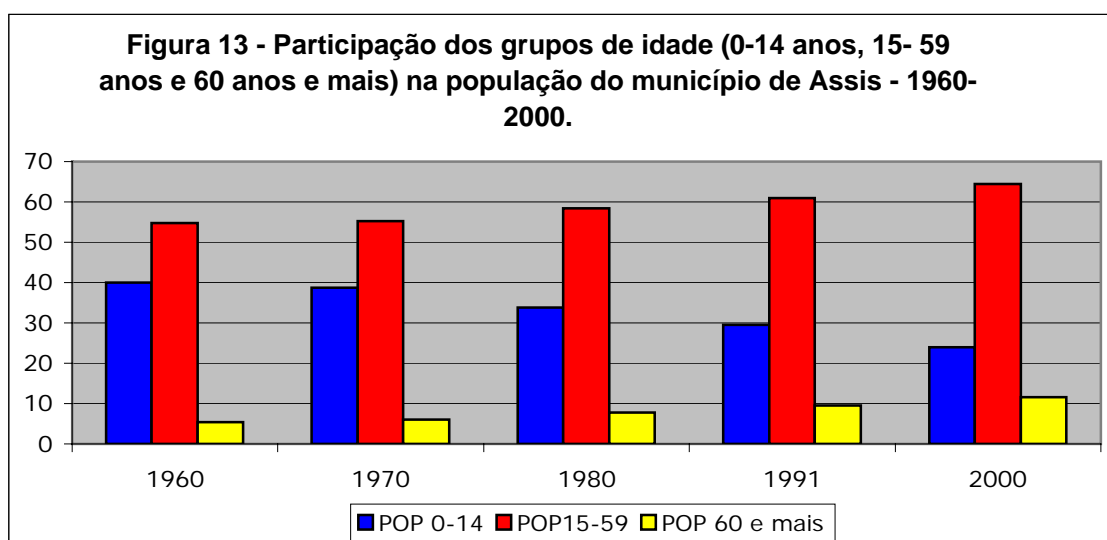
"Most permanent rural-urban migrants have been women, while temporary migrants tend to be men who leave their wives and children in their home communities while they work in the city".

MCFALLS (op. cit, p. 18) "In many Latin Americans countries, the heavy flows of rural-to-urban migrants is dominated by young women because they are most likely to move to the city to find work, often as domestic workers".

tendem a ser muito maior do que o número de homens¹⁹. Portanto, quando a população de Assis começou a transformar a sua estrutura etária é possível que tenha alterado também, a sua distribuição por sexo, aumentando a participação feminina e reduzindo a masculina.

A análise da estrutura etária do município de Assis é, sem dúvida, a mais relevante para a pesquisa. É ela que demonstra, mais claramente, o estágio do processo de envelhecimento no município e a emergência da temática. Também, pode-se argumentar que a estrutura etária de uma dada população é referência indispensável para a análise de outras dimensões da população tais como: mão-de-obra, escolaridade, renda, etc.

Através da Figura 13 fica evidente o aumento da população adulta (15–59 anos) e idosa (60 anos e mais) em detrimento da população jovem (0-14 anos).



Fonte: Censo Demográfico IBGE (1960-2000).

Organização: Autor.

Observa-se que a população com menos idade (jovens) apresenta uma nítida tendência para redução de sua participação no total, enquanto que os grupos, adulto e idoso, apresentam um aumento, ao longo do período. Contudo, é a população idosa que apresenta o crescimento mais significativo. As pessoas de 60 anos e mais, que no Censo de 1960,

¹⁹ MOREIRA, M. M. O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Brasília, v. 15, n. 1, p.79-94, 1998.

contabilizavam 5,3% da população total de Assis, passa a 11,6% em 2000, um aumento de 7,3 pontos percentuais.

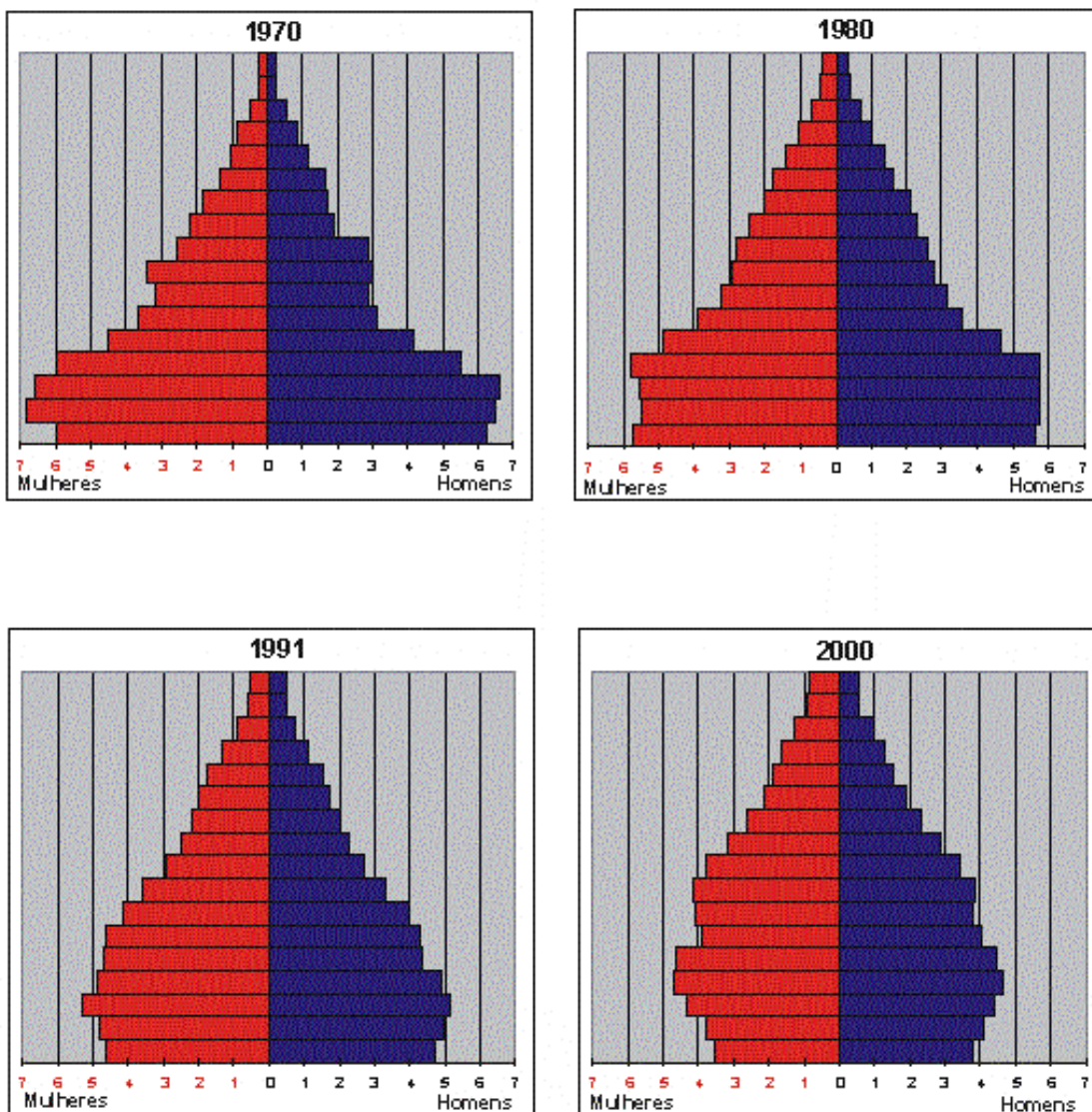
A evolução da estrutura etária da população de Assis fica mais evidente quando analisamos a distribuição das coortes de idade ao longo dos últimos censos demográficos. A Figura 14 apresenta as pirâmides etárias da população de Assis para os anos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

A pirâmide etária de 1970 apresenta uma estrutura típica de uma população com alta taxa de natalidade, base larga e topo estreito, com a redução progressiva de percentual da participação das coortes de mais idade, ou seja, cada faixa etária possui uma participação inferior à coorte imediatamente mais jovem. Contudo, pode-se destacar o fato de que a coorte de menos idade, entre 0 e 4 anos, para o grupo feminino e 0-9 anos para o grupo masculino, totalizam percentuais inferiores às coortes com idade imediatamente superior (5-9 para as mulheres e 10-14 anos para os homens). Este pode ser apontado como o início do desenvolvimento do processo de envelhecimento populacional no município decorrente em parte da redução da taxa de natalidade verificada na década de 1960, que é reduzida de 35,5 para 27,6 nascimentos por mil pessoas.

A pirâmide etária de 1980 ainda revela a estrutura típica de base larga e topo estreito, contudo, percebe-se que ocorre uma expansão desta base larga, que passa a agregar não apenas as coortes de menor idade (0-14 anos), mas também as primeiras coortes da idade adulta (15-19 anos e 20-24 anos). Desta maneira, pode-se classificar, de maneira rudimentar, a população de Assis neste momento como tendo uma população jovem-adulta. Também se deve destacar que o topo, ainda estreito, passa a ser mais representativo. Neste período, Assis recupera o seu ritmo de crescimento em virtude uma certa “estabilização” da taxa de natalidade durante a década de 1970, mas tem um saldo migratório negativo.

Em 1991, têm início, de forma mais evidente, as mudanças. A pirâmide etária deste ano aponta uma alteração da estrutura de idade do município. A base larga e “estendida” do ano de 1970 se estreita significativamente e o afunilamento das coortes de mais idade se torna mais suave.

Figura 14 - Pirâmide Etária da população do Município de Assis nos anos de 1970, 1980, 1991 e 2000.



Fonte: Censo Demográfico IBGE (1970, 1980, 1991 e 2000) Organização: Autor.

O alargamento da base avança para os jovens-velhos (10-14 anos) e para os jovens-adultos (15 a 19anos). Também o topo apresenta um alargamento expressivo. Entre os anos de 1980 e 1991, Assis apresenta novamente uma queda considerável da taxa de natalidade, de 28 para 19 nascimentos por mil pessoas. O saldo migratório durante o período registra valores positivos, indicando talvez que os imigrantes tenham adicionado representação às coortes de jovens-adultos (mais propensos a migrar).

No ano de 2000 ocorre o que poderíamos chamar de consolidação do processo de envelhecimento populacional no município. A pirâmide etária deste ano registra um expressivo estreitamento da base, especialmente das coortes mais jovens (0 a 4 anos, 5 a 9 anos e 10 a 14 anos). Também o alargamento das coortes de "jovens-adultos" (15-29 anos) e dos "adultos-adultos" (30 – 44 anos), assim como, o aumento do topo da pirâmide. Esta pirâmide pode ser identificada com as etapas intermediárias do processo de envelhecimento populacional, onde os efeitos da queda da natalidade por um intervalo considerável de tempo se fazem bastante notados no aumento de adultos e idosos.

Segundo VEYRET-VERNER, apud GONZÁLES (1997), do ponto de vista demográfico, uma população é sã quando os três grandes grupos de idade alcançam os seguintes valores médios: jovens 25% do total, adultos 65% e idosos 10% do total populacional.

Assim, a população do município de Assis alcança valores próximos aos propostos por VEYRET-VERNER, mas com a população idosa ultrapassando seu limite ideal e consolidando, desta maneira, o envelhecimento populacional. Esta aceleração do processo encontra novamente, entre suas causas, a redução da taxa de natalidade que se traduz, em 2000, na proporção de 15 nascimentos por grupo de mil habitantes. Neste momento, consolida-se um saldo migratório positivo para o município o que deve ter provocado aumento da população em idade adulta.

Contudo, o que torna o processo de envelhecimento da população assisense tão interessante é o fato de não estar no mesmo ritmo do conjunto do Estado (São Paulo) e da Federação (Brasil).

Ao observarmos a Tabela 33, relativa à evolução dos grandes grupos de idade (0-14, 15-59 e 60 anos e mais) para o município de Assis, o

Estado de São Paulo e o Brasil, percebe-se o caráter espacialmente diferenciado do envelhecimento no município. Nota-se que a participação da população de mais idade (idosos) parte, em 1970, de percentuais bastante próximos no Município, no Estado e na Federação. Contudo, ao final do período, os idosos assisenses apresentam um percentual significativamente superior às taxas estadual e nacional. Os idosos de Assis apresentam um aumento de 5,6 pontos percentuais, contra 2,9 do Estado e 3,3 pontos do Brasil.

É interessante notar a evolução da participação do grupo jovem assisense. No início do período analisado, este grupo tinha uma participação na população municipal superior à média estadual, mas esta situação ao final do período mostra-se invertida, ficando abaixo da participação recomendada para uma população "saudável".

TABELA 33 – Participação dos grandes grupos etários (0-14, 15-59 e 60 anos e mais) na a população do Município de Assis, no Estado de São Paulo e no Brasil – 1970-2000.

	1970	1980	1991	2000
Assis 0-14 anos	38,8	33,8	29,5	23,9
São Paulo 0-14 anos	36,7	33,0	30,7	26,2
Brasil 0-14 anos	42,0	38,2	34,7	29,6
Assis 15-59 anos	55,2	58,4	61,0	64,5
São Paulo 15-59 anos	57,2	60,7	61,6	64,8
Brasil 15-59 anos	52,7	55,6	58,0	61,8
Assis 60 anos e mais	6,0	7,7	9,5	11,6
São Paulo 60 anos e mais	6,1	6,4	7,7	9,0
Brasil 60 anos e mais	5,3	6,2	7,3	8,6

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

A redução mais acentuada da taxa de natalidade no município do que no Estado e no país, associada a um padrão migratório diferenciado provocou a aceleração do processo de envelhecimento no município. Isto fará com que Assis tenha que enfrentar primeiro as conseqüências de uma população que rapidamente envelhece e deverá estar apta a adequar seus recursos para oferecer cada vez mais serviços que este segmento com certeza irá demandar.

Outra forma de se analisar o processo de envelhecimento diferencial de Assis, é examinando o chamado índice de envelhecimento²⁰. Este índice é bastante difundido para analisar o processo de envelhecimento, pois considera os dois grupos etários (jovens e idosos) responsáveis pelo processo, e seus resultados representam a mudança do Índice de Reposição. A Tabela 34 apresenta o Índice de Envelhecimento da população de Assis, São Paulo e Brasil entre os anos de 1970 e 2000.

Através desta tabela, pode-se mostrar que o município se encontra em um grau mais avançado do processo, especialmente a partir da década de 1990, quando a diferença entre o Índice municipal se apresenta bem mais elevado que nas outras unidades espaciais elevadas.

Tabela 34 – Índice de envelhecimento da população do Município de Assis, Estado de São Paulo e Brasil (1970-2000).

	1970	1980	1991	2000
Assis	15,4	22,8	32,3	48,6
São Paulo	16,6	19,3	25,1	34,2
Brasil	12,6	16,1	21,0	28,9

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

Ao analisarmos o ritmo de crescimento dos grandes grupos etários, especialmente do grupo em idade mais avançada, podemos observar a velocidade com que se processou as alterações e até mesmo indicar possíveis tendências para o futuro.

A tabela 35 apresenta a evolução do ritmo de crescimento médio anual de cada um dos grandes grupos de idade (0-14 anos, 15-59 anos e 60 e mais anos) no município de Assis ao longo dos últimos quarenta anos (entre 1960 e 2000).

Observa-se que, durante todo o período, a população idosa apresentou taxas de crescimento médio anual superiores aos demais grupos etários e à população total. Enquanto isto, a população idosa apresenta um

²⁰ MOREIRA (1998, p.81) "Uma medida mais adequada do envelhecimento populacional é, portanto, a que incorpora as mudanças na participação relativa do grupo etário idoso e, concomitantemente, considera as variações do grupo mais jovem; dessa forma, evita-se as dificuldades inerentes a uma definição de envelhecimento que considera tão somente o que ocorre no grupo etário dos idosos. Definimos tal Índice de Idosos – II – como a razão entre as participações relativas dos grupos etários extremos".

$$II = (P_{65 e +} / Pop_{total}) / (Pop_{0-14} / Pop_{Total}) \times 100.$$

crescimento, mais ou menos estável entre 1960 e 1991, na casa dos 4% ao ano, o grupo etário jovem declina para valores inferiores a 1% ao ano.

Tabela 35 – Taxa de crescimento médio anual dos grandes grupos de idade (0-14 anos, 15-59 anos e 60 e mais anos) e da população total do município de Assis – 1960-2000.

Anos	Pop 0-14 anos	Pop 15-59 anos	Pop 60 e mais	Pop Total
1960-1970	2,66	3,09	4,20	2,98
1970-1980	0,27	2,22	4,26	1,64
1980-1991	0,91	2,58	4,14	2,18
1991-2000	-2,07	0,86	2,49	0,24

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1960, 1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

Deve-se mencionar que, a queda do ritmo de crescimento da população idosa na década de 1990 (entre 1991 e 2000), pode significar que esta população já ultrapassou o seu ápice de crescimento e, a partir de agora, vai seguir crescendo a taxas mais baixas. Contudo, isto não significa que o processo estabilizou ou mesmo que esteja perdendo impulso. Na verdade, Assis já conta com um número absoluto e percentual de idosos bastante significativos. Mesmo que este grupo não repita as taxas registradas no passado ainda assim apresentará um avanço no processo²¹. É interessante observar que no Censo de 2000, a coorte etária entre 50 e 59 anos, que deverá ingressar no grupo idoso nos próximos dez anos, totaliza 7.827 pessoas. Se esta coorte apresentar alta taxa de sobrevivência, nos próximos anos, os idosos de Assis terão sua população quase duplicada.

Também, considerando as taxas de crescimento verificadas na última década (1990), percebe-se que o crescimento da população idosa ainda é significativamente superior ao crescimento dos outros grupos etários e da população total. Ainda, sobre esta a última década deve-se mencionar o fato de que Assis sofre uma perda populacional, gerada pela emancipação do Município de Tarumã (até 1991 um distrito de Assis). Ocorre uma redução expressiva do crescimento anual de todos os grupos analisados, com a população jovem apresentando um decréscimo ou crescimento negativo.

Estes resultados, encontrados para a década de 1990, provocam algumas reflexões. Em primeiro lugar deve-se refletir porque a população

²¹ Isto ocorre devido ao chamado "Ímpeto Demográfico", ou seja, população continua a crescer devido as tendências e valores registrados no passado.

jovem apresenta este crescimento negativo tão expressivo. Este grupo etário vinha crescendo a taxas próximas a zero, contudo, um decréscimo de 2,0% ao ano é muito elevado. Isto pode ser explicado, em parte, pela estrutura etária de Tarumã que é mais “jovem” do que a de Assis. Em Tarumã (Censo 2000), a população jovem representa 28,5% do total, a adulta 64,1% e a população idosa apenas 7,4%. Portanto, quando se “retirou” a população de Tarumã do total da população de Assis, subtraiu-se principalmente do grupo etário jovem.

Contudo, isto não é suficiente para elucidar completamente a questão. Se considerarmos somente a população de Assis (excluindo Tarumã), a população jovem ainda teria, na década de 1990, um crescimento negativo da ordem de 0,5% ao ano.

Isto revela que, independentemente da emancipação de Tarumã, a população jovem em Assis está encolhendo seja em relação à população total (percentual), seja em números absolutos.

Quanto ao ritmo de crescimento dos grandes grupos de idade da população assisense, podemos afirmar que o envelhecimento populacional foi provocado pelo ritmo mais acelerado da população idosa. Este grupo permaneceu crescendo a taxas superior a 4% ao ano durante 31 anos e na última década, apesar da redução, manteve um crescimento acima dos demais grupos etários e da população total.

Utilizando-se novamente a técnica do “Tempo para Dobrar”, podemos afirmar que, mantendo-se as tendências atuais, a população idosa de Assis deverá dobrar de tamanho em apenas 28,1 anos e representará um contingente superior a 20 mil pessoas. Considerando a população, no Censo de 2000, com idades entre 30 e 59 anos, que são os indivíduos que deverão ingressar na idade idosa nos próximos trinta anos temos um total de 33.261 pessoas, que representa 38,1% da população atual do município.

Deve-se registrar que estas coortes de idades, entre 30 e 59 anos tiveram, no passado, participação bem menos expressiva (33,3% em 1991, 29,9% em 1980 e 28,4% em 1970). Isto significa, que os “velhos-adultos”, ou seja, aqueles que, num futuro próximo, integrarão o grupo idoso, também estão aumentando a sua participação no total. Desta forma, fica comprovado o avançado grau de desenvolvimento do processo de

envelhecimento no município e a emergência das questões relativas a esta temática.

Outra característica da população local analisada foi quanto à sua distribuição ou situação (urbana-rural). A Tabela 36 apresenta a evolução da população urbana no Município de Assis, comparada a do Estado de São Paulo e do Brasil.

Tabela 36 – Percentagem de população urbana do município de Assis, Estado de São e Brasil, entre 1950 e 2000.

Anos	Assis	São Paulo	Brasil
1950	54,5	52,6	36,2
1960	65,3	62,8	45,1
1970	83,2	80,3	55,9
1980	90,9	88,6	67,6
1991	93,8	92,8	75,6
2000	95,6	93,4	81,2

Fonte: Censo Demográfico IBGE (1950-2000).

Organização: Autor.

É interessante observar que já na década de 1950, a população assisense era, em sua maioria, urbana. Considerando que se trata de um município situado numa região com a economia voltada, predominantemente, para o setor primário, este dado é bastante relevante.

Ele pode indicar, como sugerem diversos pesquisadores do desenvolvimento histórico de Assis (DI CREDDO, 1977; SALOTTI, 1982; CAMPOS JÚNIOR, 1992; VICTOR, 1994; SILVA, 1996), que o êxodo rural foi bastante intenso e prematuro na região.

Este êxodo rural teria ocorrido quando da substituição da cultura cafeeira, que necessitava de um contingente relativamente grande para a sua produção, por culturas temporárias (trigo, milho, soja e especialmente cana), que além de recorrerem a uma maior mecanização, empregam a mão-de-obra apenas em algumas das etapas do ciclo produtivo (corte e colheita da cana, por exemplo). Com isto, a presença de trabalhadores rurais permanentes nas propriedades se torna desnecessária. Todo este contingente populacional foi impelido a residir na periferia da zona urbana ou em distritos semi-urbanos (caso de Tarumã, que posteriormente elevado à condição de município).

Também, a instalação do complexo sucro-alcooleiro na região contribuiu para o alto percentual de urbanização verificado. Este complexo sucro-alcooleiro, para expandir sua área de plantação, incorpora (compra

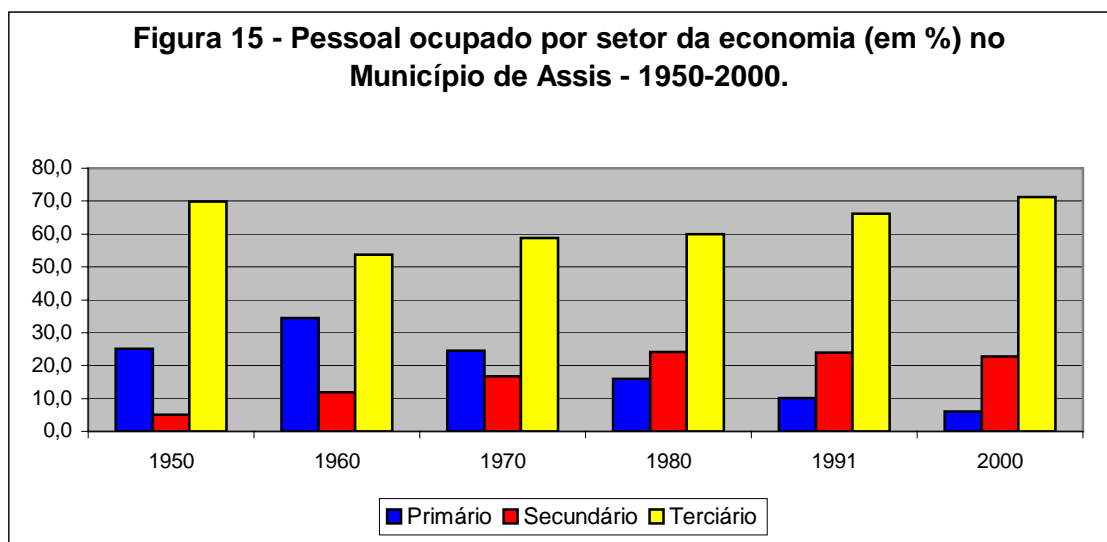
ou arrenda) as pequenas propriedades alterando a estrutura fundiária regional e as relações no campo. Isto fez com que os antigos proprietários, migressem para o meio urbano.

Contudo, estes novos habitantes urbanos não se desligaram totalmente do setor primário, uma parcela significativa converteu-se em trabalhadores volantes ou “bóias-frias” (VICTOR, op. cit.; CAMPOS JÚNIOR, op. cit.). Desta forma, pode-se explicar os percentuais de urbanização do município de Assis, que alcançam no 2000, um percentual próximo a 97% da população.

Esta alta taxa de urbanização pode ser um dos vetores que contribuíram para o rápido e intenso processo de envelhecimento da população assisense. O maior acesso à saúde e educação, as melhorias sanitárias, o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, etc, podem ter atuado tanto na redução da mortalidade quanto na queda da natalidade, resultando na desaceleração do crescimento da população e no aumento da participação da população idosa no total da população de Assis.

As características sócio-econômicas da população assisense também foram objeto de investigação deste capítulo, mais especificamente, analisou-se a condição de ocupação desta população. Esta variável pode fornecer importantes informações que auxiliem a compreender as dinâmicas migratórias ocorridas no município, a distribuição espacial da população (urbana e rural), etc.

A Figura 15 demonstra o percentual de população ocupada por setor da economia (Primário, Secundário e Terciário).



Fonte: Censo IBGE (1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000).

Organização: Autor.

A primeira observação que se pode extrair da figura acima é com relação à participação do pessoal ocupado no setor primário da economia (agricultura, pecuária, etc). Percebe-se que este setor da economia apresentou, na década de 1960, o seu ápice (34,4%), provavelmente, motivado pela instalação do complexo sulcro-alcooleiro na região e o incipiente processo de mecanização no campo. Após este período, observa-se uma tendência de redução significativa deste setor da economia no mercado de trabalho do município.

Esta redução do setor primário pode ter tido conseqüência no saldo migratório negativo registrado na década de 1970. Entre 1970-1980, a participação do setor primário passou de 34,4% para 24,5%, quase dez pontos percentuais e o saldo migratório registra a saída de 1.312 pessoas. As transformações ocorridas no campo durante a década de 1970 (mecanização, Estatuto do Trabalhador Rural, etc), na medida em que expulsaram a população rural, também contribuíram para a saída de população do município, uma vez que a economia local não possui um dinamismo comercial ou parque industrial capaz de absorver esta mão-de-obra excedente que, em parte, se dirigiu para os grandes centros do Estado.

Outra observação relevante é quanto ao setor secundário, que tradicionalmente não se constitui na base da economia do Município²². A participação deste setor na absorção do pessoal ocupado no município apresentou, ao longo do período, uma tendência de crescimento, atingindo seu ápice na década de 1980 (24,1%). Após este momento, ocorre uma ligeira redução e a participação desse setor que se estabiliza em valores próximos a 20%.

O setor terciário (comércio e serviços) apresenta um comportamento bastante peculiar no município de Assis. É interessante considerar que este setor, no início do período analisado, apresentava uma participação de quase 70%, ou seja, absorvia mais de dois terços da mão-de-obra do município. Isto pode sugerir, conforme mencionado por alguns autores, que se dedicaram ao estudo da história de Assis, o município sempre possuiu uma vocação para o comércio e serviços, prestando-se como um centro sub-regional para estas atividades.

Também, é interessante observar que o setor terciário, após o período inicial (1950), apresenta uma tendência a redução de sua participação. Somente em 2000 é que alcança novamente o patamar registrado no início do período. Deve-se considerar, mais uma vez, que o município já apresentava, em 1950, uma população predominantemente urbana, resultado da “expulsão” prematura da população do campo. Desta forma, o setor terciário pode ter ganhado expressividade na década de 1950 devido ao êxodo rural. Nas décadas posteriores, esta expressividade pode ter sido reduzida pelo crescimento do setor secundário e pela recuperação do setor primário, agora com a absorção de mão-de-obra volante.

O objetivo deste capítulo foi o de analisar o desenvolvimento demográfico do Município de Assis, visando compreender como esta população iniciou e avançou no processo de envelhecimento populacional ao longo das últimas décadas. Não se teve a pretensão de produzir uma análise final e completa sobre as características demográficas da população local, contudo, acredita-se que as informações reunidas e discutidas no

²² No ano 2000 o Município de Assis possuía 248 unidades indústrias segundo o Cadastro Central de Empresas (IBGE) e, 212, segundo a Relação Anual de Informações Sociais - Rais/ Ministério do Trabalho (SEADE).

capítulo darão subsídios para se compreender a evolução, dinâmica e algumas tendências peculiares da população de Assis.

O capítulo quatro avançará nas análises demográficas, especialmente aquelas relacionadas ao envelhecimento populacional e ao grupo etário de mais idade (idoso). Será discutida a dimensão espacial do envelhecimento na cidade, ou seja, a distribuição interna da população idosa por setores censitários. Também, serão investigadas as características socioeconômicas da população idosa.

3. O envelhecimento populacional.

3.1. A transição demográfica da estrutura etária das populações: da escala nacional à local.

No primeiro capítulo, analisou-se o estado da arte do tema pesquisado, através de um levantamento bibliográfico, assistemático e sistemático. No segundo capítulo, avaliou-se o desenvolvimento demográfico da população de Assis. Agora, no terceiro capítulo, busca-se discutir o processo de envelhecimento populacional propriamente dito. Através de discussões teóricas procura-se definir o processo, compreender suas causas, conseqüências, desdobramentos, dinâmicas e tendências, etc, em múltiplas escalas. Com estas discussões pretende-se dar subsídios para o estudo empírico do fenômeno no espaço de Assis, objeto do quarto capítulo.

Para se compreender as múltiplas dimensões que cercam o processo de envelhecimento populacional em um município como Assis, incluindo aqui a dimensão espacial, de fundamental importância para esta pesquisa, faz-se necessário analisar o “funcionamento” do fenômeno. Dentro desta perspectiva, inicia-se a abordagem do tema apresentando algumas considerações sobre o conceito de envelhecimento e idoso. Parte-se desses pressupostos, para as causas, ou melhor dizendo, para o entendimento do comportamento das variáveis demográficas (nascimento, morte e migração) que contribuem para o aumento da participação idosa. Também, faz-se uma reflexão sobre a dinâmica do processo em uma escala micro, que é o caso de Assis. Por último, realiza-se uma breve consideração sobre as conseqüências e desdobramentos do processo para a família, sociedade e Estado.

As discussões realizadas neste capítulo foram embasadas em uma literatura rica, especialmente em termos do aspecto multifacetado do tema estudado. Os estudos selecionados para fundamentar estas discussões têm como origem predominante a ciência demográfica, mas não se ignorou a contribuição significativa da geografia ou “geodemografia”. Estes textos também foram selecionados através do levantamento assistemático e sistemático, constante do primeiro capítulo, especialmente os artigos que foram classificados nas categorias “Envelhecimento e dimensão espacial” e “Envelhecimento e escala local”. Contudo, infelizmente uma grande parcela dos textos analisados no capítulo não se encontra disponível para bibliotecas brasileiras e, às vezes, existe um elevado custo para obtê-los no exterior.

Desta forma, trabalhou-se com o acervo disponível em bibliotecas brasileiras, especialmente aquelas do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP Rio Claro e do Núcleo de Estudos Populacionais da UNICAMP. Também, recorreu-se as bibliotecas digitais como: Periódicos CAPES, SIELO, ELSEVIER, dentro outros. Deve-se também, destacar o acervo virtual da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)²³ que disponibiliza os artigos publicados na *Revista Brasileira de Estudos Populacionais* e os artigos apresentados nos anais dos encontros científicos desta instituição.

Como resultado dos avanços sociais, econômicos, políticos, científicos, tecnológicos, entre outros; importantes transformações foram impostas à sociedade no último século. Um intenso êxodo rural encaminhou uma grande parte das pessoas para o ambiente urbano, onde tiveram mais acesso a melhores condições sócio-sanitárias e a outros bens e serviços públicos, o que se traduziu, em muitos casos, em melhorias nas condições de vida. As mulheres puderam exercer um papel mais ativo na sociedade e no mercado de trabalho e, com isto, alcançaram uma maior independência.

Em decorrência destas e de outras transformações, a população mundial como um todo também modificou seus padrões demográficos. Claro que os avanços e transformações não ocorreram da mesma forma e com a mesma intensidade em todos os países. Alguns apresentaram alterações de grande

²³ Disponível na página: www.abep.org.br

magnitude e velocidade, enquanto outros tiveram, pelo menor desenvolvimento sócio-econômico, transformações pequenas e lentas. Contudo, mesmo não tendo ocorrido de forma homogênea ou uniforme, as transformações demográficas acometeram todas as populações e podem ser consideradas, na atualidade, como tendências globais.

Dentre estas alterações, duas chamam a atenção. A primeira é que as pessoas passaram a viver mais anos. A esperança de vida ao nascer, antes da transição demográfica se iniciar (século XVIII), era, em média, de apenas 25 anos. Atualmente, neste processo, os países mais avançados apresentam taxas superiores a 80 anos²⁴. Nos últimos 50 anos, a esperança de vida ao nascer da população mundial aumentou de 46 anos (1950) para 66 anos²⁵. Isto representa um acréscimo de 20 anos na esperança de vida num intervalo de apenas meio século.

A segunda é que a população começou a “envelhecer”. Assim, o número absoluto de pessoas em idade avançada vem crescendo em um ritmo acelerado e suas participações no total da população permitem identificar a significância deste processo. É esta última condição que permite conceituar o envelhecimento.

Deve-se ressaltar que alguns autores não concordam com a utilização do termo “envelhecimento” para uma população, acreditam que isto induz a um equívoco que tem sido caro à demografia. Segundo estes pesquisadores, “envelhecimento” aplica-se apenas a indivíduos e não ao seu conjunto. Contudo, até então não se propôs nenhuma alternativa à questão. Nesta perspectiva, PÉREZ-DÍAZ (1998) pondera que:

“En realidad, la misma denominación de “envejecimiento” referida a una población es un error, hace tiempo introducido por algunos en la jerga de la demografía, que los demógrafos estamos pagando muy caro, en forma de incomprensión y de malentendidos generalizados. Las que envejecen son las personas, no las poblaciones, y en eso no hay cambios desde que el ser humano puebla este planeta. Se trata de un proceso biológico que, entre personas sanas, bien alimentadas, a salvo de muertes violentas y de enfermedades graves, se produce igual ahora que hace cien mil años”.

²⁴ CHACKIEL, J. El envejecimiento de la población latino-americana. ¿Hacia una relación de dependencia favorable? **Serie Población y Desarrollo**: CELADE, n.4, Santiago, 2000. 35 p.

²⁵ FNUAP. **Seis mil milhões. Chegou a hora de escolher**. Nova York: FNUAP, 1999.

Contudo, é necessário diferenciar o envelhecimento da população do envelhecimento de um indivíduo. Para MOREIRA (1998, p.81) “o envelhecimento populacional é distinto do envelhecimento das pessoas que compõem a população. O indivíduo envelhece à medida que sua idade aumenta; a população envelhece à medida que a idade média da população amplia, isto é, a população envelhece, ao aumentar o peso relativo dos idosos no total da população”.

CHACKIEL (2000, p 9) também faz uma diferenciação entre os dois tipos de envelhecimento. Para ele, “envejecimiento de las poblaciones, que generalmente se expresa en un aumento en la proporción de personas mayores [...] El proceso de envejecimiento biológico de los individuos, como tal, es irreversible y ocurre a lo largo de toda la vida. Sin embargo, se considera vieja a la persona que está en la etapa final de la misma, en la que dicho proceso se hace más acelerado y va comprometiendo las facultades físicas y mentales”. Nesta discussão é relevante também considerar o significado relativo da idade individual ou coletiva no contexto de uma dada população. Assim, numa sociedade em a que a duração de vida média chega a 80 anos como considerar aqueles com apenas 40? Como considerar estas mesmas pessoas numa sociedade cuja vida média seja de 50 anos? Este aspecto não representa relações entre duas variáveis, mas sim questões cuja reflexão é muito mais ampla.

Portanto, o envelhecimento populacional poderia ser definido como o aumento da participação da população idosa, em detrimento da população mais jovem, no total da população, o que também resulta num aumento da idade média. Já o envelhecimento individual seria aquele associado ao declínio das funções biológicas, psicológicas e sociais, resultante do aumento da idade cronológica. Neste sentido, CHESNAIS (1990, p.10) defende que:

“La clásica definición de envejecimiento es el aumento de la proporción de personas de edad avanzada con respecto a la población total; sin embargo, es preferible definirla como la inversión de la pirámide de edades. Desde el punto de vista económico lo que más interesa es la contracción de la base de esa pirámide al conjugarse el aumento del número de personas en edad avanzada – mayores de 65 años, por ejemplo – con la disminución del número de jóvenes – menores

de 15 años – que son los grupos que plantean los problemas económicos más serios”.

Contudo, neste aspecto há uma questão não resolvida adequadamente: a definição exata da idade limite, a partir da qual o indivíduo pode ser considerado velho. Não existe uma idade, depois da qual as funções comecem a declinar acentuadamente. Esta idade pode variar muito de um indivíduo para outro, assim como difere entre países e regiões. Uma pessoa de 75 anos pode apresentar um alto grau de independência e de discernimento, enquanto outra, aos 65 anos, pode ser considerada senil, incapaz e dependente²⁶.

NUNES (1999, p.345), explica que “as diferenças individuais dificultam a associação do envelhecimento à idade cronológica. Esta fornece uma aproximação do processo de envelhecimento, pois o organismo humano nem sempre respeita a idade cronológica, sendo freqüente pessoas 'idosas' com físico e intelecto 'mais jovens' do que outras cronologicamente mais novas”.

CHACKIEL (op cit, p.9), também concorda com os problemas gerados na adoção da idade cronológica como critério para a definição dos idosos. Para ele, “este umbral es, sin duda, arbitrario y no puede contemplar la multidimensionalidad de un estado que depende de muchos factores, en los que la edad por sí sola nada significaría. Visto de otra manera, la edad umbral es sólo un indicador sintético de una condición que involucra probablemente como elemento central el estado de salud de las personas, pero también aspectos sociales, psicológicos, culturales, políticos, etc”.

Como a avaliação, caso a caso, dos indivíduos para determinar se estão no estágio da velhice, com declínio das funções biológicas, psicológicas e sociais, é impraticável, tem-se que adotar o critério da idade cronológica. A

²⁶ CAMARANO, A. A., MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (org). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros**. Brasília: IPEA, 1999, p. 6.

“O conceito de idoso, portanto, envolve mais do que a simples demarcação de idades - limite biológicas e enfrenta pelo menos três obstáculos. O primeiro diz respeito à heterogeneidade entre indivíduos no espaço e no tempo; o segundo, à suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais, e o terceiro, à finalidade social do conceito de idoso [...] O conceito de idoso é, do ponto de vista instrumental, uma definição também com a finalidade de caráter social. Na classificação de um indivíduo como idoso por formuladores de políticas predominam tanto objetivos relacionados à sua condição em determinado ponto do curso de vida orgânica quanto os relacionados ao seu posicionamento em um ponto do ciclo de vida social”.

Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO), determina que as pessoas devem ser consideradas velhas ou idosa ao completarem 60 anos, se residirem em países em desenvolvimento e, 65 anos, se residirem em países desenvolvidos.

Porém, alguns autores tem tentado minimizar as distorções geradas pela adoção da idade cronológica dividindo a “velhice” em duas etapas, a “terceira idade” e a “quarta idade”. A novidade seria a terceira idade e não a quarta, ela contemplaria o período no qual após a aposentadoria, ou seja, o término do período ativo, o indivíduo permanece independente física, social e economicamente. A quarta idade seria a antiga concepção de “velhice”, a etapa final do ciclo vital, na qual as incapacidades se fazem mais presentes e constantes²⁷.

LASLETT (1996 apud CHACKIEL, op cit, p.10), visualiza a “posibilidad de distinguir cuatro etapas del ciclo de vida: la ‘primera edad’, relacionada con la infancia y la juventud, la ‘segunda edad’, vinculada a la vida activa y reproductiva, la ‘tercera edad’, referida a la etapa activa de retiro; y la ‘cuarta edad’ que alude a la fase de declinación, mayor dependencia y deterioro más acelerado”. Contudo, este autor alerta que alguns países pouco desenvolvidos ou indivíduos com baixos ingressos econômicos, não teriam esta terceira idade, pois pulariam diretamente para a quarta idade. Estes não teriam condições de aproveitar a “velhice”, sairiam diretamente da atividade produtiva para um período de senilidade acentuado e curto. Isto porque estes indivíduos não teriam o suporte econômico para interromper a atividade produtiva, teriam que trabalhar até idades mais elevadas, quando o declínio de suas funções compromettesse seu desempenho.

O aumento da longevidade e o envelhecimento populacional, apesar de estarem relacionados, são fenômenos distintos. Ambos ocorrem em

²⁷ CAMARANO, A. A., MEDEIROS, M. op cit, p. 7.

“Novas terminologias e novos conceitos vêm surgindo para tentar classificar indivíduos de idade mais avançada. Até recentemente, a ‘terceira idade’ designava os idosos de maneira geral. O aumento da longevidade e da qualidade de vida de seus membros levou a que se considerasse, principalmente na Europa e nos Estados Unidos a existência da quarta idade. A distinção, por exemplo, entre a terceira e quarta idades é uma tentativa de ajustar esquemas classificatórios a circunstâncias sociais, culturais, psicológicas e biológicas particulares das sociedades ocidentais. No entanto, não é a quarta idade a nova categoria, e sim a terceira. Essa ultima categoria visa classificar indivíduos que não são mais enquadrados na idade do trabalho (ou segunda idade), porém tampouco apresentam sinais de senilidade e decrepitude”.

conseqüência da transição demográfica, mas devem ser analisados distintamente. O aumento da longevidade é resultado da queda da mortalidade²⁸, da melhoria das condições sanitárias e do avanço da medicina. O envelhecimento populacional é, por sua vez, resultado da queda da fecundidade, da mortalidade e também, do próprio aumento da longevidade.

Contudo, ao contrário do que possa parecer ao senso comum, a queda da mortalidade não possui uma conseqüência direta e imediata para o envelhecimento populacional. Quando a mortalidade declina, normalmente antecedendo a queda da fecundidade, ocorre um rejuvenescimento da população, uma vez que, num primeiro momento, são as coortes mais jovens aquelas que se beneficiam da redução da mortalidade. Somente quando a taxa de fecundidade é baixa e a queda da mortalidade atinge as coortes de mais idade é que a influência na redução do número de mortes atua no envelhecimento populacional²⁹.

O envelhecimento populacional, também pode estar associado ao processo migratório, quando este é muito expressivo, ou quando se estudam grupos de populações mais reduzidos³⁰. Como a migração é extremamente seletiva do ponto de vista etário, são os indivíduos jovens os mais suscetíveis a

²⁸ HIMES, C. L. Elderly Americans. **Population Bulletin**: Population Reference Bureau, v. 57, n. 4, 2001, p. 40.

"Until the last 50 years, most gains in life expectancy came as the result of improved child mortality. The survival of larger proportions of infants and children to adulthood radically increased average life expectancy in the United States and many other countries the past century" p. 3.

²⁹ PÉREZ DÍAZ, J. La demografía y el envejecimiento de las poblaciones. In: STAAB, A. S., HODGES, L. C. **Enfermería Gerontológica**. México D.F.: McGraw Hill, 1998, pp. 451-463.

"Digo que no siempre el descenso de la mortalidad implica envejecimiento demográfico porque también puede rejuvenecer la estructura por edades y, de hecho, es lo que en realidad ha causado siempre en aquellas poblaciones en las que la mortalidad infantil era muy elevada. El descenso de las muertes entre los recién nacidos, sobre todo las que se producen durante las primeras horas de vida, eleva considerablemente la esperanza de vida del conjunto de la población, pero también tiene el efecto de aumentar la proporción de niños y jóvenes y, por tanto, de disminuir el peso de las edades avanzadas. Sólo en las poblaciones en que se han alcanzado ya niveles de mortalidad infantil muy bajos y en que el aumento de la esperanza de vida se produce por la disminución de la mortalidad en el resto de edades, la consecuencia, esta vez sí, es el envejecimiento demográfico". p. 453

³⁰ BREA, J. A. Population Dynamics in Latin America. **Population Bulletin**. Population Reference Bureau, v. 58, n. 1, 2003, p. 36.

"In some countries, especially smaller Central American and Caribbean countries, emigration to the United States has accelerated the aging process. Younger adults are the most likely to migrate abroad to find work, leaving behind the middle-aged and older adults. The most rapid aging – which is already occurring in many countries – often results from migration of younger adults from rural to urban areas within the same country". p. 23

migrar em busca de melhores condições de vida (trabalho, educação, casamento, etc), a maior ou menor saída de população pode contribuir para o aumento do processo de envelhecimento populacional.

Ao processo de redução das taxas de fecundidade e de mortalidade, que resultaram nas modificações dos padrões demográficos (crescimento vegetativo, estrutura etária, etc), foi dado o nome de *Transição Demográfica*. Segundo o "Population Handbook" editado pelo Population Reference Bureau's (Estados Unidos), transição demográfica pode ser definida como a histórica mudança nas taxas de nascimento e morte de elevados níveis, para patamares inferiores³¹.

"The demographic transition is defined as a process in which societies move from a stage of high fertility and mortality through a phase of rapid population growth (as mortality declines but fertility remains high) to a stage of stable low fertility and mortality. This transition is beneficial insofar as the death rate declines, especially among infants and children, and life spans increase". Este é o conceito desenvolvido pelo Population Council (1996, p.1), para transição demográfica.

CHACKIEL (op cit, p.13) comenta que: "ligado a las transformaciones económicas y sociales ocurridas en Europa a partir del siglo XVIII se dieron cambios importantes en el comportamiento demográfico, caracterizados por descensos de la mortalidad en una primera etapa, y más tarde en la fecundidad. En este sentido la transición demográfica se entendería como el pasaje de un régimen demográfico de equilibrio, constituido por altos niveles de mortalidad y fecundidad, a una nova fase de equilibrio con baja mortalidad y fecundidad".

CHESNAIS (op cit) considera que a transição demográfica pode ser dividida em quatro estágios de evolução. Segundo este autor, a **primeira etapa** da transição demográfica se caracterizaria por uma queda da mortalidade mais acentuada do que da fecundidade. Como a mortalidade, que

³¹ HAUPT, A., KANE, T. T. **Population Handbook**. Washington: PRB, 2001 (9ª ed.).

"Demographic transition: the historical shift of birth and death rates from high to low levels in a population. The decline of mortality usually precedes the decline in fertility, thus resulting in rapid population growth during the transition period". p. 57

constitui a saída da população do sistema decaí, e como a fecundidade, que representa a entrada de indivíduos no sistema, permanece elevada, ocorre um maior crescimento vegetativo que resulta num rejuvenescimento da população.

Esta primeira etapa da transição demográfica explica o impressionante crescimento mundial da população no último século. Em 1900, a população mundial era de aproximadamente 1,5 bilhão de habitantes. Em 1960, já havia duplicado e, em 1999, quadruplicado para 6 bilhões de habitantes. Este crescimento sem precedentes seria resultado da queda da mortalidade mais rápida do que a da fecundidade, a partir de níveis inicialmente elevados em ambos os casos (FNUAP, 1999).

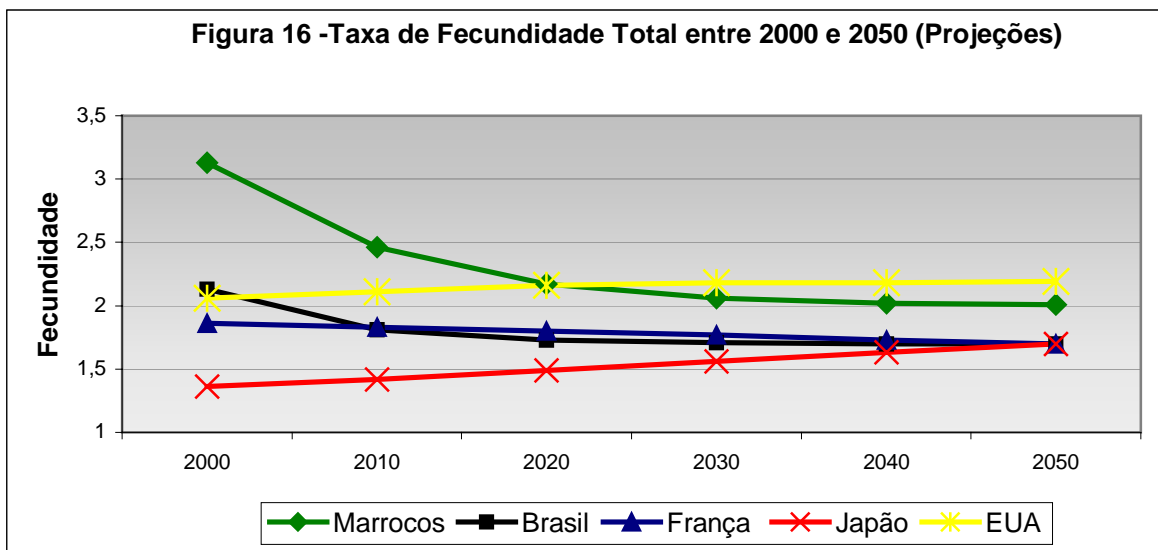
Como a queda da mortalidade neste primeiro momento, ocorreu de maneira mais acentuada entre a população infantil (0-5 anos) do que nas coortes de maior idade, teve-se um rejuvenescimento da população, com a pirâmide etária apresentando base mais larga.

A **segunda etapa** seria caracterizada pela queda mais acentuada da fecundidade do que da mortalidade. Neste período teríamos um aumento das coortes de idade adulta e, também um leve envelhecimento populacional provocado pela contração no número de jovens. Este seria o chamado *envelhecimento pela base da pirâmide*.

Na **terceira etapa**, com as taxas de fecundidade e mortalidade já baixas, se avultariam as coortes de idades centrais (adultas). Isto ocorre devido às altas taxas de fecundidade prevalecentes num passado não muito distante.

Quando os ganhos na mortalidade se dão com mais força nas idades mais avançadas, tem-se a **quarta etapa** da transição demográfica. A longevidade aumenta, fazendo com que a pirâmide etária se alargue no topo. É o chamado *envelhecimento pelo topo da pirâmide*. Nesta etapa, pode-se falar em populações realmente "envelhecidas", onde a participação do grupo idoso alcança valores maiores do que 20% do total e ultrapassa o percentual de jovens (0-14 anos).

A transição demográfica não tem se processado igualmente entre todas as populações do mundo. Alguns países apenas iniciaram o primeiro estágio, enquanto outros já estão na etapa final do processo.



Fonte: US Bureau of the Census, 2003.

Organizado: Pelo Autor.

Países mais desenvolvidos como a Espanha, a Itália, o Japão, a França já apresentam uma fecundidade inferior a 2 filhos por mulher, valor mínimo para a reposição da população (crescimento negativo), enquanto que outros países como Gâmbia, Guatemala, Angola e Paraguai, ainda apresentam taxas superiores a 4 filhos. Alguns países como Uganda apresenta uma fecundidade de quase 7 filhos (6,96 filhos, segundo US Bureau of the Census, 2003).

Na Figura 16, observa-se a projeção da taxa de fecundidade para alguns países durante a primeira metade deste novo século (entre 2000 e 2050). Através dela pode-se constatar que existe uma tendência de queda da fecundidade para todos os países, inclusive para os menos desenvolvidos (Brasil e Marrocos). Os países em desenvolvimento deverão, ao longo deste século, alcançar valores inferiores ou próximos a dois filhos por mulher. Estes países igualariam as taxas encontradas nos países desenvolvidos, que deverão sofrer um pequeno acréscimo na fecundidade, chegando a valores mais próximos de 2 filhos (FNUAP, 1999). Estas duas tendências, a dos países em

desenvolvimento e a dos desenvolvidos, deverão resultar em uma fecundidade da população mundial bastante baixa para os próximos anos³².

Estes valores estão de acordo com as projeções do FNUAP, para a população mundial. Segundo este órgão, “embora em apenas uns quantos países se registre uma queda da população, 61 países (com cerca de 44% da população mundial) apresentam já taxas de fecundidade abaixo do nível de substituição (menos de 2,1 nascimentos por cada mulher). Espera-se que esse grupo de países aumente para 87, até 2015, e represente dois terços da população mundial” (1999, p.19).

Contudo, esta queda da fecundidade não resultará, em curto e médio prazo, em um crescimento nulo ou negativo da população mundial. Isto porque, como a fecundidade do passado era mais elevada, um grande número de indivíduos está chegando e chegará às idades reprodutivas. Mesmos que estes indivíduos tenham menos filhos que seus pais, a população continuará a crescer, pelo grande volume de pessoas, especialmente mulheres, em idade reprodutiva. Este processo é conhecido como *ímpeto demográfico* ou *potencial de crescimento de uma população, efeito eco*. CHACKIEL (op cit, p.14) observa que:

“Los cambios en la mortalidad y la fecundidad no tienen un efecto inmediato importante sobre la estructura por edades, sino retardado por una inercia proveniente principalmente de los altos niveles de fecundidad del pasado [...] El promedio de hijos por mujer disminuye, pero el número de nacimientos continúa creciendo debido al alto contingente de mujeres que llegan a la edad de procreación. Así, por ejemplos, algunos países de la región muestran una fecundidad y mortalidad similares a los países desarrollados, pero aún mantienen un alto crecimiento de su población y una estructura por edades relativamente joven”

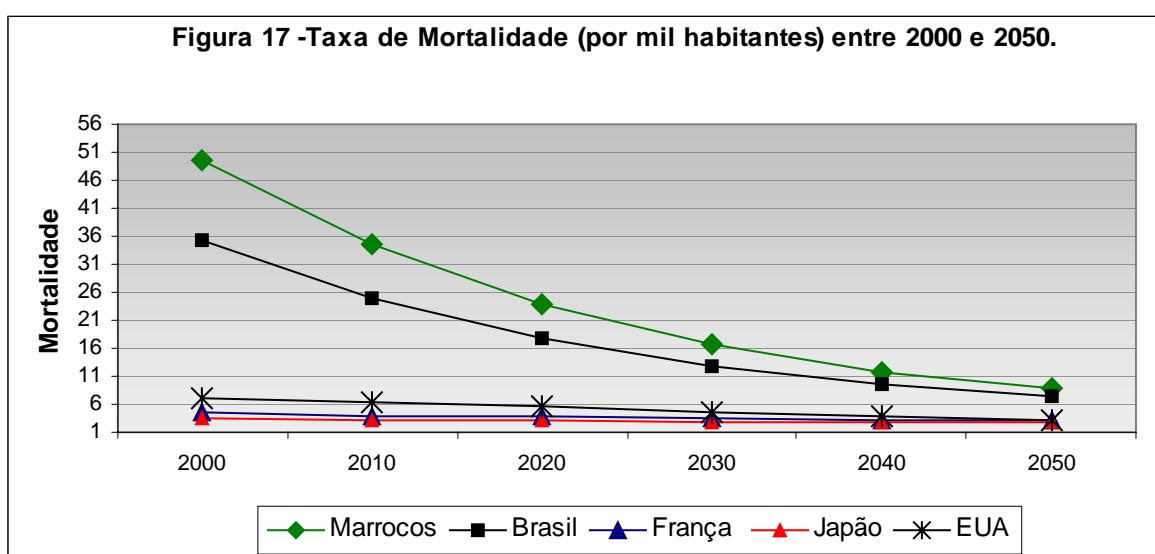
Portanto, ainda não será neste século que a população mundial deverá encontrar um crescimento vegetativo nulo ou negativo. Contudo, esta queda

³² CAETANO, A. J. População no século 21: o Brasil e o mundo. **Folha de São Paulo**, 20 de agosto de 2001.

“A fecundidade caiu substancialmente no Terceiro Mundo, com ou sem serviços de planejamento familiar. Atualmente, 44% da população mundial vive em países cujas taxas de fecundidade estão abaixo do nível de reposição -aquela que apenas repõem a população. Projeções da ONU indicam que, em 2015, esse percentual será de 67%. Segundo essa projeção, a população mundial se estabilizará em torno de 8,4 bilhões no final do século”.

da fecundidade mundial, deverá aumentar já e, de forma considerável, a participação da população idosa. Isto constituirá, sem dúvida, num grande desafio para os governos e sociedade de todos os países, sejam eles desenvolvidos ou não.

A queda da mortalidade, por sua vez, pode ser observada na Figura 17, que aponta as tendências de comportamento dos países destacados na figura 16, na primeira metade do século XXI. Nesta figura é possível perceber que a tendência de queda da mortalidade também é geral.



Fonte: US Bureau of the Census, 2003, Projeções.

Organizado: Pelo Autor.

Brasil e Marrocos, aqui representando os países em desenvolvimento, registram uma drástica redução da ordem de 79% e 82% respectivamente. Já os países desenvolvidos apresentarão taxas com pouca variação ao longo do período. Isto ocorre porque estes países já registram uma taxa de mortalidade muito baixa (aproximadamente 3/mil habitantes), própria de sociedades onde o desenvolvimento sócio-econômico alcançou altos valores. Para reduzirem suas taxas, ainda que a valores 0,1 menores, precisariam conquistar, principalmente no campo da medicina, avanços gigantescos. Estes países parecem ter atingido, no momento, o limite mínimo da mortalidade.

Contudo, mesmo com as reduções da mortalidade nos países em desenvolvimento, as diferenças com os países desenvolvidos ainda serão

consideráveis. O Brasil que, em 2050, deverá ter alcançado uma mortalidade de 8,8 mortes por grupo de mil habitantes, ainda estará muito distante dos valores alcançados pelo Japão (2,8). Para se equipararem, os países em desenvolvimento precisarão efetuar grandes investimentos em saúde pública, segurança, etc.

Deve-se ressaltar que alguns países, ainda que reduzam substancialmente sua mortalidade, continuarão com índices elevados, próprios de países onde imperam a miséria e as desigualdades. Como exemplo, pode-se citar a Libéria que deverá reduzir sua mortalidade de 137,3 em 2000 para 44,8 em 2050. Apesar do declínio ser acentuado, o valor final ainda é expressivo.

O outro indicador que irá repercutir no envelhecimento populacional, a esperança de vida ao nascer, também deverá apresentar, nesta próxima metade de século, nos países em desenvolvimento, um aumento substancial. Através da Tabela 37, pode-se perceber que os países desenvolvidos (Japão, Suíça, Itália, etc), que atualmente contam com uma esperança de vida ao nascer próxima dos 80 anos, deverão, nos próximos cinquenta anos, apresentar um acréscimo de 4 ou 5 anos, alcançando algo em torno de 83 ou 84 anos. Esta idade, considerando o estágio atual da ciência médica, deverá ser, por algum tempo, o limite máximo para a esperança de vida³³.

Contudo, Pichat (1985, apud Chackiel, p.14), acredita que no período pós-transição demográfica, o limite máximo de longevidade poderá ser superado. Esta fase “se caracterizará por un fuerte descenso de la mortalidad en edades avanzadas y incluso por un aumento en el limite máximo de la vida, que hasta ahora no ha sufrido mayores cambios y se sitúa entre 115 y 120 años de edad. En su opinión se debería estar preparado para alcanzar esperanzas de vida al nacer del orden de 95 a 100 años”.

³³ MCFALLS, J. A. Population: a lively introduction. **Population Bulletin**, Washington, v. 53, n. 3, 1998, p. 48.

“The average life expectancy for a national population has never exceeded 80, although continued declines in mortality among elderly are likely to push that higher. Some demographers predict that the average life expectancy for a national population may never exceed 85 years, although unforeseen medical breakthroughs could raise that limit”. p. 13

Tabela 37 – Esperança de vida ao nascer (em anos) entre 2000 e 2050 para alguns países do mundo e, o ganho total de anos durante o período.

País	2000	2025	2050	Ganhos (anos)
Japão	80,6	82,8	84	3,4
Suíça	79,7	82,3	83,8	4,1
Canadá	79,4	82,2	83,7	4,3
Itália	79,1	81,9	83,5	4,4
Espanha	79,1	81,8	83,5	4,4
França	78,8	81,8	83,5	4,7
Alemanha	78,1	81,2	83,2	5,1
Reino Unido	77,8	81,1	83,1	5,3
Cuba	76,2	80,3	82,7	6,5
Chile	75,7	80	82,5	6,8
Uruguai	75,2	79,7	82,3	7,1
Argentina	74,8	79,4	82,1	7,3
EUA	76,6	80,5	83,9	7,3
Coréia do Sul	74,7	79,4	82,1	7,4
China	71,4	77,4	81	9,6
Brasil	70,3	76,5	80,4	10,1
Marrocos	69,1	75,8	80	10,9
Rússia	67,2	73	78,3	11,1
Indonésia	68	75	79,5	11,5
Arábia Saudita	67,8	74,8	79,4	11,6
Guatemala	65,3	70,5	78,6	13,3
Bolívia	63,7	71,8	77,5	13,8
Índia	62,5	70,9	77	14,5
Angola	37,4	40,4	55	17,6
Nigéria	52,3	53,6	71,7	19,4
Camarões	48,3	54,2	72,3	24
Uganda	43,7	53,2	70,8	27,1
Quênia	46	49,6	74	28

Fonte: US Bureau of the Census, 2003, Projeções.

Organizado: Pelo Autor.

O aumento na esperança de vida está profundamente relacionado à queda da mortalidade nas mais altas coortes de idades. Para que se alcance alguma melhora significativa na esperança de vida dos países desenvolvidos será necessário, portanto, um elevado investimento em pesquisa sobre doenças crônico-degenerativas, que acometem os indivíduos durante a velhice. Também será necessária uma atenção especial à saúde dos homens. Uma vez que estes, em todos os países, costumam viver em média alguns anos a menos que as mulheres. Esta dinâmica “puxa” a média total para baixo.

Se conseguirmos equiparar a esperança de vida dos homens à das mulheres, países como o Japão e Suíça poderão apresentar valores próximos a

86 ou 87 anos. A diferença entre a esperança de vida dos homens e das mulheres é devido a mortalidade diferencial entre os dois grupos. Esta mortalidade diferencial faz com que a cada faixa etária diminua-se o número de homens em relação às mulheres causando, nas altas coortes de idade, o fenômeno da feminização.

A esperança de vida em alguns países em desenvolvimento deverá apresentar ganhos expressivos. Como a esperança de vida em alguns destes países, especialmente os mais pobres, é ainda muito baixa, qualquer avanço nas condições de vida representará um “combustível” para a subida. Países como Quênia, Uganda e Camarões deverão aumentar em, mais ou menos, 25 anos as suas taxas. Contudo, ainda estará bem aquém daquela verificada nos países mais desenvolvidos. Países com desenvolvimento médio, como o Brasil, Argentina, Chile, China, Uruguai, Marrocos, também contarão com acréscimos em sua longevidade, aproximando-se mais dos mais desenvolvidos.

Segundo a FNUAP, a esperança de vida da população mundial como um todo, deverá aumentar de 66 anos, em 1999, para 76 anos, em 2050.

Além da queda da fecundidade e da mortalidade e do aumento da esperança de vida ao nascer, o envelhecimento populacional também pode estar, em alguns casos, associado à outra dinâmica demográfica: a da migração.

Atualmente, a migração internacional não possui a projeção e intensidade verificada em períodos anteriores. Ainda ocorrem fluxos migratórios internacionais consideráveis, como a migração de latinos para os Estados Unidos, de argelinos e marroquinos para a França e turcos para Alemanha, etc. Contudo, os grandes deslocamentos populacionais ocorridos principalmente no século XIX e início do XX, entre Europa e América, fazem parte do passado. Nos dias atuais as migrações internacionais são coibidas e monitoradas por rígidos controles fronteiriços que impedem a “invasão de bárbaros terceiro-mundistas” ao “Eldorado” dos países centrais.

Mas, as migrações intranacionais, de uma região a outra de um mesmo Estado, continuam significativas. Como não existe nenhum controle quanto ao deslocamento interno de populações, estas apresentam um alto grau de

mobilidade. A migração intraurbana também representa um exemplo claro de alta mobilidade espacial, que influencia o processo de envelhecimento fazendo com que as cidades em processo de envelhecimento mostrem espaços mais, ou menos “envelhecidos”.

Portanto, a migração é um importante fator da dinâmica demográfica. Seja quando analisamos países com população reduzida, seja para os espaços intra-nacionais, que são mais sujeitos ao efeito da migração. O saldo positivo ou negativo destas migrações afeta, sem dúvida, a estrutura da população, contribuindo para diversos processos, dentre eles o do envelhecimento.

SOLARIS (1987, apud CHACKIEL, op cit), ao analisar o envelhecimento populacional no Uruguai julgou importante o papel da migração internacional neste processo. A forte saída de jovens para o exterior desde a década de 70 teria contribuído para a desmedida proporção de 70 indivíduos passivos (fora da atividade produtiva) para cem ativos. Segundo este autor, se deu um “envejecimiento perverso” porque os componentes do crescimento vegetativo da população (baixo) se somaram a emigração de pessoas jovens.

A migração contribui, portanto, de três maneiras para o envelhecimento. Por um lado, depara-se com a situação ocorrida no Uruguai, nos Estados nordestinos brasileiros, no sul da Itália, regiões da Espanha, etc, onde a população jovem, em início da atividade reprodutiva e produtiva, parte em busca de novas oportunidades de trabalhos em centros econômicos mais dinâmicos. Isto faz com que as coortes de maior idade (“velhos adultos” e velhos), aumentem sua participação no total da população. Também, ao se extrair de uma população indivíduos que estão no começo de sua fase reprodutiva, reduz-se a possibilidade de novos nascimentos, ou seja, também se extrai os possíveis filhos que esta população jovem terá no futuro. Neste sentido VARELA (1999, p.668), assinala as conseqüências demográficas da saída de população jovem:

“Los efectos de estas pérdidas no sólo se reflejarán en las cohortes de edad de los propios migrantes sino que también tendrán su reflejo en aquellos grupos edad a los que pertenecerían sus descendientes. Por el contrario, aquellos con menos opciones o razones para irse, en su mayoría población anciana de bajos recursos, quedarán fijados en sus residencias tradicionales”.

Esta relação entre migração e o envelhecimento populacional, foi estudada por diversos autores (SURAULT, 1988; MEYER & CROMLEY, 1989; PLANE, 1992; GARCÍA, 1993; FUGUITT & HEATON, 1994; WARNES, 1994; TREAS, 1995; ARRILA, 1996; MCHUGH & MINGS, 1996; GONZÁLES-GONZÁLES, 1997; VARELLA, 1999, SANTANA, 2002).

ARRILA (op cit), pesquisando o envelhecimento populacional na região espanhola de Aragão, constatou que os municípios que sofreram os maiores efeitos da emigração no envelhecimento se caracterizam por terem uma pequena população e uma economia agrária extensiva de baixo rendimento, onde a população jovem se vê forçada a sair em busca de melhores condições de trabalho³⁴.

SURAULT (op cit) em um estudo sobre o envelhecimento populacional na região francesa de Poitu-Charentes encontra resultados similares. Segundo este autor, os cantões mais envelhecidos são aqueles tipicamente rurais, com população entre 3 e 7 mil habitantes, saldo migratório negativo e os cantões mais jovens são aqueles urbanos ou mistos (urbanos e rurais), com população entre 7 e 15 mil habitantes e saldo migratório menos negativo.

Também, FRANZ et al, em seu estudo sobre a segregação espacial da população idosa na Alemanha Ocidental encontra as mesmas explicações para a concentração, acima da média, de idosos em algumas cidades alemãs³⁵.

FUGUITT & HEATON (1994) que estudaram o impacto da migração na estrutura etária das áreas metropolitanas e não-metropolitanas dos Estados

³⁴ ARILLA, M.ª J. A. El Envejecimiento de la Población en Aragón. **Estudios Geográficos**, Madrid, LVII, 225, p. 573-595, out. - dez. 1996.

“Los municipios más envejecidos tienen poblaciones por debajo de los 200 h, y una gran mayoría, por debajo de 100. Se trata de municipios de economía agraria dominante, con una agricultura o ganadería extensivas, ocupando tierras marginales, cuya población obtiene rendimientos muy bajos de su trabajo... Este círculo vicioso en el que se inscribe el mundo rural aragonés, en el que al tradicional flujo migratorio se suma la baja fecundidad, produce un envejecimiento que provoca la falta de dinamismo económico de su sector agrario, a excepción de las áreas de regadío”. p. 587

³⁵ FRANZ, P., UELTZEN, W., VASKOVICS, L. Residential Segregation of the elderly in West German Cities. **The Netherlands Journal of Housing and Environment Research**, v. 4, n. 4, p. 371-382, 1989.

“Existing migration studies on a regional level indicate that those regions in West Germany which have a higher concentration of old-age persons than average a) have a weak economy, low population density, peripheral location (for example in regions adjacent to the border with the GDR), and a net outmigration of younger persons, and b) have a scenic landscape and a net immigration of the elderly (for example in the region of the lower Alps) (Koch, 1976)” p. 372

Unidos, constaram que a saída de jovens das áreas não-metropolitanas tem um impacto expressivo no envelhecimento deste espaço. Como as populações não-metropolitanas são constituídas por um número mais reduzido de indivíduos e sua economia não apresenta o dinamismo das áreas metropolitanas, a migração constitui um importante fator da dinâmica populacional.

SANTANA (2002), em seu estudo sobre envelhecimento e migração no Estado de Minas Gerais, conclui que: "As regiões mineiras que são envelhecidas devido à migração, também são as mais pobres e as políticas públicas voltadas para os idosos nestas regiões, além de levar em conta as questões sociais típicas deste grupo etário, devem ter em mente que sua proporção de idosos, e, conseqüentemente, sua demanda por serviços, é aumentada em função da saída de jovens".

Estes resultados parecem indicar que, ao contrário dos estudos comparativos do envelhecimento populacional entre Estados Nacionais, onde o maior grau de desenvolvimento sócio-econômico também se traduz em um maior percentual de pessoas idosas, quando se estuda o processo em espaços dentro de um mesmo país, o menor grau de desenvolvimento é que determina a maior participação dos idosos (ARRILA, op cit). Isto significa dizer que, a migração afeta a distribuição interna das populações idosas, a saída de jovens das regiões de menor dinamismo econômico (agrárias, deprimidas, etc) pode ser um fator decisivo para um maior grau de envelhecimento populacional.

Contudo, a migração não afeta a estrutura etária somente com a saída de indivíduos jovens, ela pode ter conseqüência para o envelhecimento em outras duas formas. Uma ocorre quando um dado espaço recebe, em um determinado momento, um fluxo significativo de indivíduos nas coortes entre 20 e 30 anos. Este espaço pode sofrer, 30 ou 40 anos depois, no momento em que essas coortes alcançarem a idade de 60 e mais anos, um incremento não previsto no seu número de idosos.

A outra forma ocorre com a migração seletiva das coortes de idade mais avançada no período "pos-jubilación" ou pós-aposentadoria. Neste momento, os idosos com maior renda migram para comunidades mais aprazíveis ou para

os locais onde possuam vínculos pessoais. Este segundo tipo de migração é chamada de migração de retorno e ocorre com indivíduos que em sua fase produtiva (atividade profissional) se deslocaram para centros economicamente mais dinâmicos. Após se aposentarem, retornam para seus lugares de origem.

GARCIA (1993, p. 9) observa que:

“El lugar de nacimiento prima en el grueso de las migraciones en España, que son las de retorno. Las relaciones familiares o de amistad, las redes sociales ya establecidas, son un factor de tracción, en especial para los que buscan sobre todo un apoyo o asistencia cuando la salud se deteriora”.

A migração de retorno teria um caráter mais definitivo, os idosos tenderiam a permanecer até o final da vida nestes espaços que lhes oferecem o sentimento de “familiaridade”. Assim, a migração de retorno apresenta uma situação mais “perversa” para o envelhecimento dos locais de origem. Estes que já haviam sofrido com a perda da população jovem, sofrem com a chegada de idosos, o que acentua o seu processo de envelhecimento. No Brasil, ainda não se verificam fluxos significativos de idosos, seja em direção a espaços aprazíveis, seja de retorno.

Segundo este autor, existem três tipos de migração associadas ao ciclo vital da velhice: para “zonas de amenidades e ócio”, “em busca de apoio e ajuda” e “institucionalização”. A primeira seria realizada por “jovens aposentados” com independência (social, física e econômica), que parte em busca de “novos ares”. A segunda, ocorreria quando se apresentam os primeiros problemas de autonomia pessoal. Nesta fase, os idosos mudam-se para perto de suas famílias. A institucionalização, o terceiro tipo, acontece quando os problemas se tornam crônicos, sendo necessário mais do que os cuidados familiares. Neste momento, há a demanda por internação em instituições asilares ou de abrigo.

MEYER & CROMLEY (1989) identificam os mesmos tipos ou estágios de migração verificados por GARCÍA: uma primeira migração que ocorre porque o idoso não possui mais laços de trabalho que o prendam no lugar de residência; uma segunda fase, onde os idosos se mudam para ajustar-se a uma situação de declínio da saúde física, normalmente para perto dos filhos adultos e, a

terceira e última migração, em direção a uma instituição de cuidados asilares. Contudo, estes autores identificam mais um padrão de migração dos idosos, a migração “antecipatória”, onde os idosos se mudam para perto de filhos e familiares mesmo antes de sofrerem um declínio das funções psíquicas e biológicas, como uma medida preventiva às demandas futuras de cuidados.

Alguns trabalhos têm sido feito no sentido de identificar a migração dos idosos para as “zonas de amenidades e ócio”. López de Lera (1995), pesquisou a migração dos aposentados europeus para o litoral espanhol; Warnes et al (1998), investigaram a migração dos idosos britânicos para as regiões costeiras da Itália e da Espanha; Serow e Hass (1988) analisaram a migração dos idosos norte-americanos para o “Sun belt” (Flórida, Arizona, etc). Este movimento também foi identificado por Treas (1995), em seu inventário sobre a situação dos idosos norte-americanos.

MCHUGH & MINGS (1996), em seu estudo sobre a mobilidade espacial da população idosa norte-americana, sugerem a existência de uma modalidade diferente de migração da população em idade mais avançada, a migração sazonal. Nesta modalidade de migração, os idosos mudam-se para áreas de clima mais ameno durante a estação de inverno e retornam para suas casas durante o verão. Como estes idosos, apelidados de “snowbirds”, teriam um “destino de verão” pré-definido (comunidades de trailers, principalmente nos arredores de Phoenix, Estado do Arizona)e, possuíram um padrão residencial múltiplo, com mais de uma residência fixa³⁶.

Contudo, este tipo de migração só pode ser feito por idosos que conquistaram uma certa independência econômica, o que não constitui nos países desenvolvidos, uma maioria desta população. Em países como o Brasil, ainda não se registra uma migração significativa dos idosos para as “comunidades do lazer”. Isto apesar de algumas localidades estarem começando a tornar-se pólos de atração para a população de mais idade, como

³⁶ MCHUGH, K. E., MINGS, R. C. The circle of migration: attachment to place in aging. **Annals of the American Geographers Association**, v. 86, n. 3, p. 530-549. 1996.

“The prevailing view has been that upon retirement elders either age in place or migrate to another community. This simple dichotomy fails to capture the diverse mobility histories and place-based experiences of elders. We introduce a variant of aging in place – the notion that elders may reside in multiple locales, forging place attachments and experiences via seasonal migration and recurrent mobility”. 530

é o caso de alguns municípios da baixada santista, especialmente Santos, e da estância hidromineral de Águas de São Pedro, no interior do Estado de São Paulo.

3.2. O envelhecimento populacional: o caso brasileiro.

Durante muito tempo, a imagem que se tinha do Brasil era a de um país com uma população jovem e rapidamente crescente. Contudo, a partir da segunda metade do século XX, especialmente após a década de 1970, os padrões demográficos brasileiros começaram a se alterar. A fecundidade declinou rapidamente, reduzindo assim o crescimento da população e aumentando a participação da população idosa em detrimento da população jovem. Assim, o Brasil começou a envelhecer³⁷.

BERQUÓ (1996, p. 5), considerando esta tendência, considera que “Caracterizado como possuidor de uma população jovem, o Brasil apresentou até 1970 estrutura praticamente constante de jovens menores de 15 anos, de adultos de 15 a 64 anos e de idosos de 65 anos ou mais. A partir de então, e fruto da queda da fecundidade, o grupo de jovens passa a representar, a partir de 1980, proporcionalmente bem menos no cômputo geral da população, abrindo, com isso, espaço para aumentar o peso relativo do grupo de 15 a 64 anos e de idosos de 65 anos e mais”.

³⁷ CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p.725-733, 2003.

“No final da década de 60, inicia-se rápido e generalizado declínio da fecundidade no Brasil. Sua TFT passa de 5,8, em 1970 (Carvalho, 1974), para algo em torno de 2,3 filhos, por mulher, em 2000. O nível da fecundidade, em 2000, já está bem próximo daquele de reposição, isto é, aquele que produz crescimento nulo da população a longo prazo. Parte da população já se encontra com fecundidade abaixo do nível de reposição e o nível médio do País deverá continuar a cair, pois há claras indicações de rápido declínio no Nordeste e em grupos mais pobres da população. Como consequência, entra a população brasileira em um sustentado processo de desestabilização de sua estrutura etária, com estreitamento continuado da base da pirâmide e, conseqüentemente, envelhecimento da população (Camarano, 1999; Wong, 2001)”.

MARTINE et al (1994, p. 7), também apontam para as recentes transformações demográficas brasileiras. Para estes autores “a queda da fecundidade vem produzindo uma redução progressiva e significativa da taxa de crescimento populacional e, a médio e longo prazos, uma modificação profunda na distribuição etária. Tais mudanças refutam a convicção já profundamente arraigada de que o Brasil estava fadado a conviver com uma população rapidamente crescente e com uma estrutura permanentemente jovem”.

Para MELO (1998, p.2231), o início da transição demográfica no Brasil pode ser situado na década de 1940. Para ela, “tem-se como marco a década de quarenta a partir da qual começam a se intensificar as alterações demográficas no país. Inicialmente, tais alterações ocorrem através da diminuição dos níveis de mortalidade, permitindo incrementos significativos nas taxas de crescimento populacional, uma vez que a natalidade se manteve em patamares elevados (Camargo, Saad, 1990) [...] Nas décadas seguintes observa-se também que a participação percentual dos idosos na população total acentua-se, notadamente no Estado de São Paulo quando comparado ao total do Brasil. Com a queda da fecundidade a partir da década de setenta, estes percentuais mostram nítido aumento, para ambos os universos”.

O envelhecimento populacional brasileiro é, portanto, um fato consumado. Diversos pesquisadores reconhecem a nova tendência: MOREIRA, 1998, 2000; CAMARANO, 1999, 2002; GUIDUGLI, 2000, 2001, 2002; ALMEIDA, 2002; dentre tantos outros. Porém, mais do que o fato de o Brasil estar “envelhecendo”, o que chama a atenção é a velocidade e intensidade com que o fenômeno se processa entre a população brasileira.

Os países desenvolvidos apresentam, há vários anos (mais de um século no caso de alguns países da Europa Ocidental), reduções nas suas taxas de fecundidade e mortalidade, que vêm culminando num gradual envelhecimento de suas populações. Desta forma, o processo de envelhecimento no Brasil não é inovador apenas por acontecer. O que impressiona no envelhecimento populacional brasileiro e de alguns outros países em desenvolvimento como o

México, o Chile, a Coréia do Sul, entre outros, é a rapidez com que as taxas demográficas declinaram³⁸.

Neste sentido, MOREIRA (1998, p. 79), destaca que “uma das mais significativas mudanças demográficas verificadas no Brasil nos últimos decênios deste século tem sido a redução dos níveis de fecundidade nacional, que se dá em todas as classes sociais e regiões do país, com uma velocidade sem correspondência na experiência histórica dos países desenvolvidos”.

SANTANA (2002), observa que o Brasil tem um dos processos de envelhecimento populacional mais velozes no conjunto dos países mais populosos do mundo. Para ele, “a velocidade do processo de envelhecimento populacional brasileiro guarda forte correlação com a velocidade com que a fecundidade no Brasil reduziu-se. Em 1960 a taxa de fecundidade total do Brasil era de 6 filhos por mulher e em 1991 já era 2,5, isto é, uma redução de quase 60% em apenas 30 anos”.

O envelhecimento populacional brasileiro pode ser associado a diversos processos sócio-econômicos ocorridos no país, durante a segunda metade do século XX. Os programas de desenvolvimento econômicos implantados após o Governo Vargas (passando pelo de Juscelino e o período militar), culminaram com um intenso êxodo rural, que deslocou grande parte da população do campo para a cidade.

Esta urbanização que gerou os problemas urbanos que o país enfrenta atualmente (favelização, desemprego, violência, etc), também possibilitou a estes indivíduos um maior acesso aos bens públicos (hospitais, vacinas, condições sanitárias, educação). Este acesso, ainda que insuficiente para prover as demandas e acabar com as desigualdades sociais, teve sua contribuição na redução das taxas de mortalidade, principalmente a infantil, o que transformou a dinâmica demográfica brasileira.

³⁸ BREA, J. A. op. cit.

“The rapidly declining fertility and improving health of adults in Latin America during the past 50 years have also set the scene for a remarkable increase in the elderly's share of the total population... The aging process is occurring fastest in countries that have seen the most rapid fertility declines. Between 2000 and 2050, the percentage of the population age 65 or older will rise from 10 percent to nearly 27 percent in Cuba, for example, and from 5 percent to 18 percent in Brazil”. p. 22

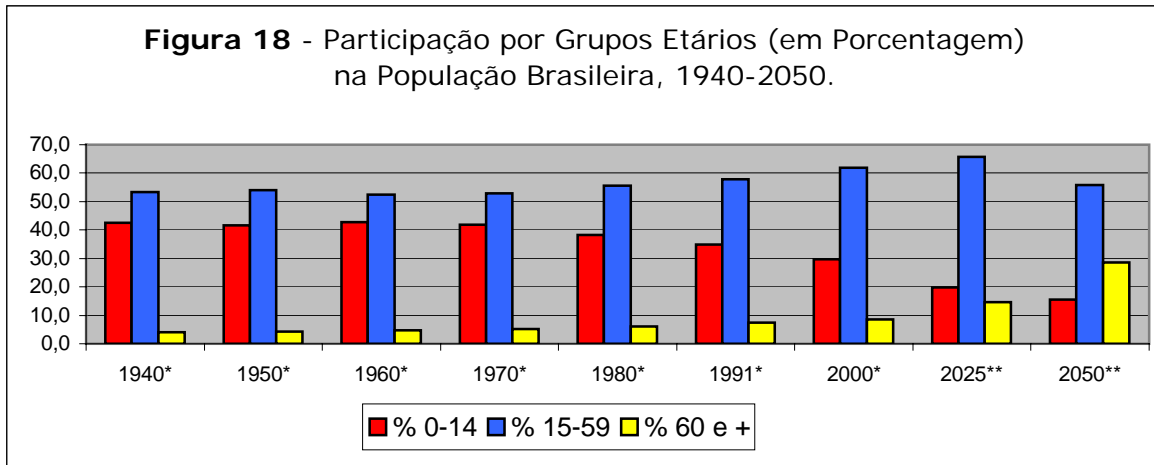
A migração de nordestinos para o “Centro-Sul” do país também contribuiu neste sentido. Os migrantes que estavam inseridos em um meio mais hostil, onde as condições de vida eram mais precárias, puderam desfrutar de melhores serviços públicos e infra-estrutura urbana. Desta forma, o êxodo rural e a migração das áreas mais pobres colaboraram para a redução da mortalidade em geral, e possibilitaram aos brasileiros viver um maior número de anos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho, a política de controle de natalidade e as “campanhas” de esterilização da população feminina, especialmente na década de 1970, que resultaram em um decréscimo das taxas de fecundidade, também podem ser identificadas como processos que conduziram ao envelhecimento populacional.

Na Figura 18, pode-se observar a evolução da participação dos grupos etários na população ao longo da segunda metade do século XX e primeira do século XXI.

Percebe-se, através desta figura, que até a década de 1970 o percentual do grupo etário mais jovem (de 0 a 14 anos), apresentava elevados valores de participação no conjunto, em virtude da alta fecundidade da população brasileira. Em 1940, a participação dos mais jovens era de 42,5%, tendo permanecido mais ou menos constante até 1970, quando a taxa apresenta uma leve redução, caindo para 41,9%.

A partir de 1980, a queda da participação da população jovem começa a se fazer mais perceptível. Neste ano, o valor alcança 38,2%, reduz-se para 34,8%, em 1991, caindo para 29,6%, em 2000. As projeções do U.S. Bureau of the Census (2003), apontam que, em 2025, a população de 0 a 14 anos representará 19,8% e, em 2050, 15,6%.



Fonte: * Censo IBGE, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

** US Bureau of the Census, 2003, Projeções.

Organizado: Pelo Autor.

Desta forma, se as projeções se concretizarem, ao final da primeira metade do século XXI, a população jovem encontrará sua participação reduzida a menos da metade do que era em 1940.

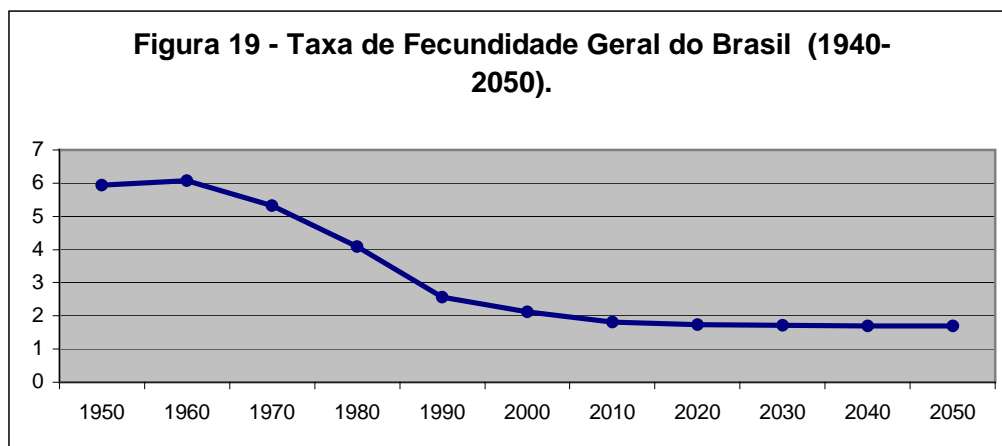
Por outro lado, se a população jovem perde espaço, a população idosa, aqui entendida como o grupo com 60 e mais anos, apresenta ganhos significativos. Durante este período, a população idosa aumentará em 85,6% sua participação no total da população.

Em 1940, apenas 4,1% da população brasileira era de indivíduos com 60 anos e mais. Já, em 1980, este grupo agregava 6,1% da população e, em 2000, 8,6% (mais do que o dobro de 1940). Nos próximos cinquenta anos, a participação dos idosos aumentará, substancialmente, para 14,6%, em 2025, e 28,6%, em 2050. Isto significa que em 2050, a cada 10 brasileiros, aproximadamente 3 serão idosos. Neste ano, a participação da população de sessenta anos e mais será superior a do grupo mais jovem da população. Contudo, em escala municipal alguns espaços apresentam percentuais maiores do que a média brasileira, este é o caso de Assis (Estado de São Paulo), onde a participação dos idosos já alcançou 11,7% em 2000.

Também é interessante observar o grupo intermediário de idade, ou seja, os adultos (de 15 a 59 anos). Esta população inicia o período com uma participação de 53,4%. No primeiro quarto do século XXI, os adultos brasileiros encontrarão o seu ápice com uma participação de 61,8%, em 2000, e de

65,6%, em 2025. A partir de então seu percentual declinará. Em 2050, passará a 55,8%, sua participação será um pouco superior ao valor verificado no início de 1940.

Através da análise da participação dos grupos etários na população brasileira e observando a evolução da taxa de fecundidade no país (Figura 19), pode-se estabelecer, segundo as etapas propostas por CHESNAIS (1990), que o Brasil se encontra no início do terceiro estágio da transição demográfica.



Fonte: Censo IBGE (1940-2000). US Census Bureau, 2003, Projeções (2010-2050).
Organizado: Pelo Autor.

O primeiro estágio teria marcado o período entre a década de 1940 e 1970. Neste momento, fruto da queda da mortalidade e com uma taxa de fecundidade ainda elevada (na ordem de 6 filhos por mulher) ocorre um crescimento acentuado da população e os grupo de menor idade encontram altos percentuais de participação³⁹.

³⁹ CARVALHO, J. A. M. & GARCIA, R. A. op cit. p. 728.

“Nesse período, houve significativo declínio da mortalidade (passou de aproximadamente 41 anos, na década de 30, para 55,7, anos, na década de 60 – Carvalho, 1974) e houve leve queda da fecundidade (a taxa de fecundidade total teria passado de 6,1 filhos por mulher, nos anos 30, para 5,8, em 1970 – Frias & Carvalho, 1994). Parece que, como visto na seção anterior, o efeito rejuvenescedor do declínio da mortalidade foi perfeitamente compensado pelo efeito contrário da leve queda da fecundidade, permanecendo, assim, constante a estrutura etária da população. Obviamente, no período em questão houve significativa aceleração no ritmo de crescimento da população, que, de uma taxa anual de 2,4%, na década de 40, passou para 2,9%, nos anos 60”.

A segunda etapa ocorreria entre 1970 e 2000, quando a fecundidade cai para 2,13, o grupo etário jovem contrai sua participação e o idoso apresenta um ligeiro aumento.

A terceira etapa, caracterizada pelo incremento das coortes de idade intermédia (15 a 59 anos) deverá ocorrer nos próximos vinte e cinco ou trinta anos, quando a população adulta brasileira deverá encontrar seu ápice.

A partir da segunda metade do século XXI, quando a população idosa ultrapassará a população jovem no Brasil, alcançaremos o quarto estágio, quando teremos uma consolidação do envelhecimento e uma população de fato "envelhecida"⁴⁰.

As pirâmides etárias representam um excelente instrumento para avaliar, para o conjunto, o estado e a dinâmica de uma dada população⁴¹. As pirâmides mostradas na Figura 20 permitem avaliar estes aspectos da população brasileira ao longo de 80 anos (1970 até 2050).

Observa-se que o Brasil, até o ano de 1980, apresentou pirâmides etárias típicas de um país ainda com alto crescimento vegetativo. Elas foram caracterizadas por uma base larga (jovens), e as coortes com mais idade vão se estreitando continuamente até o topo (cada coorte de idade representa um número menor do que a coorte de idade imediatamente mais jovem). Somente, no ano de 1991, é que a pirâmide começa a modificar seu formato, em consequência do grupo de 5 a 9 anos agregar um maior número de indivíduos do que o grupo de idade inferior (0-4 anos).

Esta tendência se mantém no ano de 2000, ocorrendo um estreitamento significativo na base da pirâmide (três primeiras coortes de

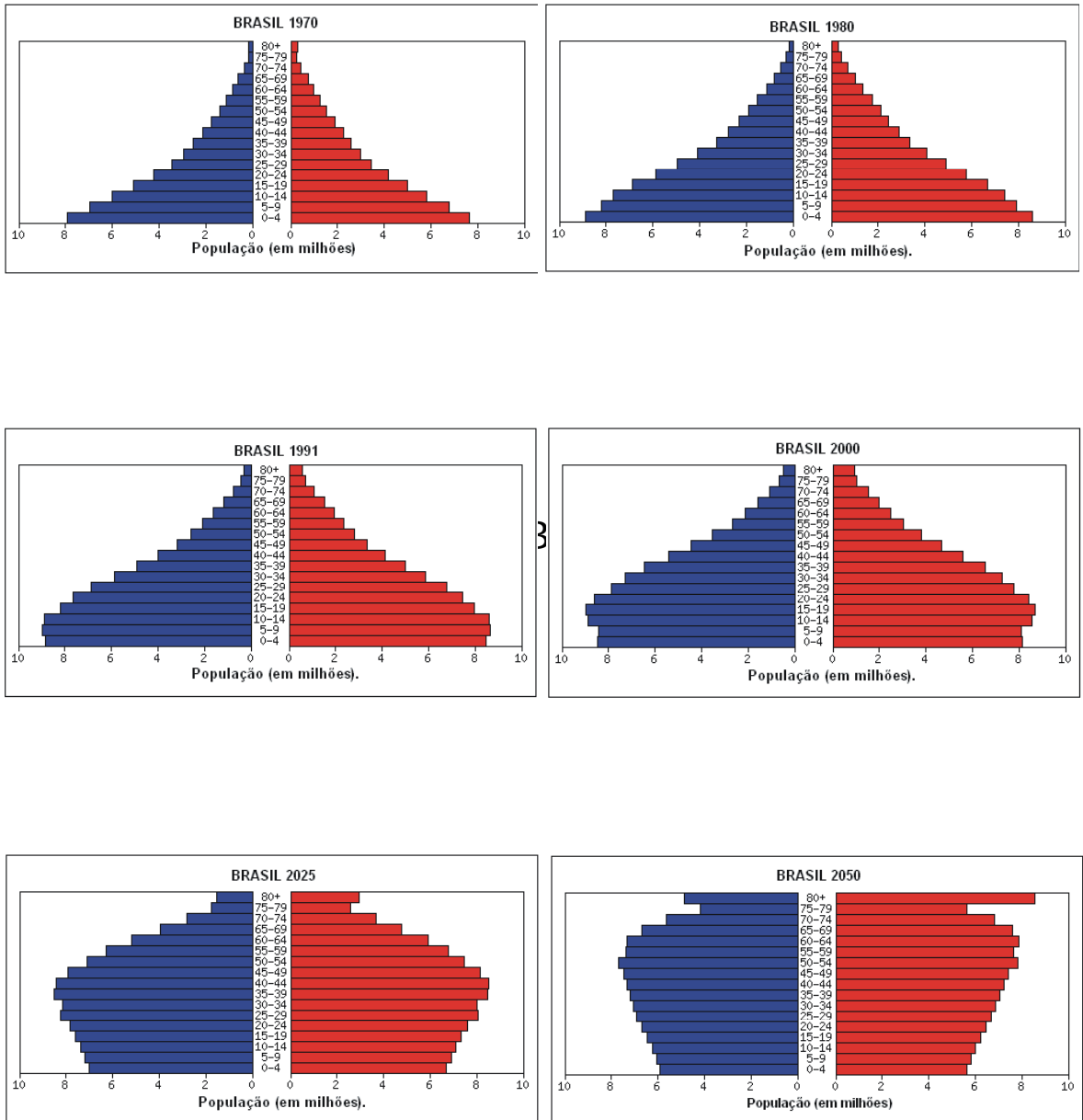
⁴⁰ CARVALHO, J. A. M. & GARCIA, R. A. op cit. p. 728.

"Como, provavelmente, a fecundidade continuará a cair (Wong, 2000), pode-se afirmar que a estrutura estável de 2000 define o grau de envelhecimento (proporção de idosos de 19,3%) mínimo a ser atingido nas próximas décadas, supondo-se que a população brasileira permaneça fechada"

⁴¹ MCFALLS, J. A. op cit. p. 26-27.

"The age composition of a society can be depicted by a population pyramid, a figure that shows the proportion of the population in each age group... There are three general types of population pyramids: those depicting rapid growth, slow growth and near-zero growth. A rapid growth population is the only that really looks like a pyramid because each age cohort is larger than the one born before it... Pyramids also reflect historical events – wars, famines, baby boom or busts, and changes in immigration policies – that have affected one of the three demographic variables"

Figura 5 - Pirâmide Etária do Brasil (1970 - 2050).



Fonte: US Census Bureau, 2003.

idade: 0-4 anos, 5-9 anos e 10-14 anos). Também, observa-se um certo alargamento no topo da pirâmide.

A partir de então, observando a projeção para o ano de 2025, ocorre um alargamento das coortes de idade adultas, especialmente nas coortes chamadas de “velhos-adultos”. Ao final do período analisado (2050), a pirâmide revelará uma estrutura típica de países envelhecidos, onde a base é estreita e o topo largo, conferindo um formato mais retangular. Então será possível observar a expressiva participação que o grupo etário de mais idade, especialmente as mulheres, terão alcançado naquele momento.

Contudo, o envelhecimento populacional brasileiro não é homogêneo em todo o território. Com dimensões continentais e com grandes desigualdades espaciais, o envelhecimento população brasileiro assume, em cada porção do seu território, diferentes intensidades, graus e estágios⁴².

Neste sentido MOREIRA, (1998, p.3106), atenta para o fato de que “O processo de envelhecimento não é igual entre as regiões brasileiras. O nível da fecundidade nacional, quando do início do processo de redução da fecundidade era bastante diferenciado a nível regional e o declínio dos níveis de reprodução não se deu simultânea e à mesma velocidade entre as regiões do Brasil”.

Segundo este autor a fecundidade declinou, primeiramente e de maneira mais intensa, nas regiões Sul e Sudeste. Posteriormente, as outras regiões experimentaram a queda da fecundidade sendo que, a partir da década de 1980, o Nordeste apresentou uma redução que diminuiu, significativamente, a diferença com as taxas verificadas nas regiões mais desenvolvidas.

⁴² GUIDUGLI, O. S. Mapa do envelhecimento demográfico no Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, Caxambu, 2000. **Anais...** Caxambu, ABEP, 2000.

“Ao se considerar as diferenciações entre estas formas de distribuição espacial não se está destacando apenas o fato de que a velocidade e característica do processo em uma área são diversos daqueles que ocorrem em outra. O que se está destacando é que assim como em outros processos econômicos ou sociais o adensamento do envelhecimento em áreas específicas decorrem de um lado dos comportamentos das variáveis que lhes dão origem mas, de outro, estabelecem relações com inúmeras outras situações particulares que caracterizam diferentes espaços. Daí a implicação de seu estudo para finalidades práticas ou aplicadas. Não é sem razão que a adequada compreensão do processo de envelhecimento em termos da totalidade de um país traz importantes elementos para a análise e adequação das questões vinculadas à previdência social assim como, em uma cidade, o mesmo adensamento traz implicações para planos de habitação para idosos, questões de mobilidade dentro da cidade ou acessibilidade para bens e serviços específicos”.

Também MELO (1998), ao comparar o envelhecimento das Unidades Federadas (Estados), destaca o caso do Rio de Janeiro (maior percentual de idosos) cujas taxas de fecundidade declinaram antes que as demais unidades; da Paraíba, onde a saída da população adulta jovem, em busca de trabalho, pode ter contribuído para o envelhecimento e, o caso do Rio Grande do Sul, onde o envelhecimento pode ser explicado pela maior expectativa de vida ao nascer.

Assim, os diferentes graus do processo de envelhecimento verificados no Brasil, não são apenas resultados das taxas de fecundidades diferenciais. Vários espaços brasileiros encontram-se mais ou menos envelhecidos em virtude da migração.

Alguns Estados brasileiros, especialmente os da região Nordeste, sofreram, ao longo dos anos, uma intensa saída de indivíduos em busca de oportunidades de trabalho em centros econômicos mais dinâmicos. Com esta migração ocorreu uma diminuição, principalmente, dos indivíduos em idade adulta, ou seja, produtiva (homens em sua maioria). Para trás ficaram os velhos, as crianças e as mulheres. Com isto, produziu-se uma anormalidade, com a população idosa aumentando sua participação, em virtude do “esvaziamento” das coortes adultas.

Desta forma, não é de se estranhar que alguns estados apresentem elevados índices de envelhecimento sem terem reduzido, significativamente, suas taxas de fecundidade. Este é o caso do Ceará, que apresenta uma porcentagem de indivíduos com 65 anos e mais de 6,3%, enquanto o Estado de Santa Catarina (mais desenvolvido e com fecundidade mais baixa) de 5,4%. Apesar do envelhecimento populacional brasileiro não se processar espacialmente de maneira uniforme, ele é uma realidade. A partir desta constatação, deve-se reconhecer a urgência em identificar as variáveis que envolvem o processo, a fim de planejar as formas de melhor prover as demandas sociais, econômicas, culturais, etc, que este grupo irá requerer.

Também vale a pena salientar, que o Brasil ainda é um país com sérios problemas sociais e econômicos, onde os idosos já se encontram e estarão, cada vez mais, expostos à miséria, ao abandono, ao descaso, etc. Desta

forma, o planejamento de políticas públicas específicas para este grupo etário se faz, extremamente, necessário.

Alguns autores (MARTINE, et al., 1994; BERQUÓ; 1996; CAMARANO & MEDEIROS, 1999; MOREIRA, 1998, 2000; CARVALHO & GARCIA, 2003; etc) observam que mais do que um desafio, o envelhecimento populacional brasileiro representa uma oportunidade para a sociedade. Durante algum tempo, enquanto se reduz a participação do grupo jovem e aumenta a participação do grupo idoso, os indivíduos em idade adulta irão sofrer um expressivo incremento. Isto fará com que, num intervalo de pouco mais de trinta ou quarenta anos, teremos mais pessoas ativas do que inativas, reduzindo assim as taxas de dependência. Contudo, um planejamento rigoroso na alocação de recursos se faz necessário para que possamos aproveitar esta “janela”⁴³.

GUIDUGLI (2000) observa que:

“É preciso considerar que o processo de envelhecimento não pode estar combinado com um processo de marginalização da vida dos idosos pelo acréscimo, as vezes perverso, de acúmulo de deficiências em seus cotidianos. Apesar de idosos é preciso destacar que eles continuam com a função de cidadãos, de contribuintes e de colaboradores na capacitação e formação das novas gerações. Por isto é indispensável avaliar a questão dos idosos além dos simples números que, na verdade, são crescente mas sim considerar, simultaneamente, quais são os impactos deste envelhecimento sobre o crescimento, o desenvolvimento e a vida das regiões e dos municípios bem como as mudanças que eles vêm apresentando sobre o processo de envelhecimento”.

⁴³CARVALHO, J. A. M. & GARCIA, R. A. op cit. p. 731.

“A rapidíssima mudança na estrutura etária brasileira cria, para o País, oportunidades para o enfrentamento de alguns problemas básicos, principalmente relacionados às crianças e jovens, porém coloca novos desafios, gerados, mormente, pelo envelhecimento de sua população (Carvalho & Wong, 1999)”.

3.3. O envelhecimento populacional em micro-escala (local).

Conforme discutido anteriormente, o envelhecimento populacional é uma realidade para um grande número de Estados Nacionais. As populações têm envelhecido rapidamente em virtude da queda das taxas de fecundidade e de mortalidade fazendo com que a participação da população de mais idade (idosos) aumente, significativamente.

Os países que enfrentam o envelhecimento de suas populações se vêem, cada vez mais, desafiados pelas conseqüências deste fenômeno. O impacto sobre os sistemas previdenciários e de saúde, a implantação de políticas públicas voltadas para o idoso, etc, entraram definitivamente para a agenda política.

Contudo, no interior destes espaços nacionais, ao se analisar as porções menores do território, especialmente a escala local, o processo de envelhecimento populacional adquire dimensões diferenciadas. Devido a algumas características próprias dos micro-espaços, estes apresentam, muitas vezes, um processo de envelhecimento populacional muito mais acentuado e volátil do que o Estado, no qual estão inseridos.

Dentre as características que tornam o envelhecimento populacional em micro-escala tão específico pode-se destacar, em primeiro lugar, que os espaços locais agregam normalmente um número mais reduzido de população. Isto faz com que sejam mais suscetíveis a mudanças rápidas e profundas, uma vez que transformações nas principais dinâmicas demográficas (fecundidade, mortalidade e migração), podem ser difundidas muito mais rapidamente.

Em segundo lugar, a micro-escala apresenta uma mobilidade espacial muito mais acentuada do que as escalas superiores. Atualmente, as migrações internacionais são fortemente controladas por legislações e barreiras (fronteiras). Já os espaços locais não contam com tais mecanismos. A população, dentro de um mesmo Estado, pode movimentar-se livremente e

quantas vezes desejar. Isto faz com que a migração assuma um papel fundamental na equação do envelhecimento populacional, uma vez que as micro-escalas podem, a todo instante, se verem acrescidas de indivíduos maiores (idosos) e subtraída de população jovem.

Em terceiro lugar, as micro-escalas são os espaços onde, de fato, se desenvolve a vida. É no local, na cidade, no bairro, que as pessoas vivem. Pode-se estar inserido a uma região maior (região, estado, província, cantão, condado, departamentos, etc), a um Estado (país, nação), mas habita-se o local. É nele que o indivíduo se relaciona com o espaço ou ambiente. Isto faz com que o envelhecimento populacional suscite, nesta escala de análise, dimensões muito mais próximas ao cotidiano dos idosos. É nele, também, que os idosos se relacionam de forma mais direta com o governo local. Neste espaço, os idosos demandarão e se servirão dos serviços públicos de transporte, de saúde, de segurança, de lazer, etc. É também neste “palco da vida” que os idosos decidirão sua “estratégia residencial”, ou forma de “apropriação espacial”.

É, portanto, na micro-escala que o processo de envelhecimento populacional se encontra, de forma mais nítida, com a dimensão espacial. É deste encontro do processo de envelhecimento com a dimensão espacial, que resultará a contribuição geográfica para a temática. Contudo, os estudos populacionais em micro-escala, sobretudo aqueles interessados nos arranjos espaciais urbanos da população, não representam senão uma diminuta parcela dos trabalhos realizados tanto na ciência demográfica quanto na geográfica. Como enfatiza NOIN (1993, p.7-8):

“Dans la littérature démographique ou demo-géographique, l'étude des populations urbaines à micro-échelle n'occupe qu'une petite place. Jusqu'à présent, les démographes se sont essentiellement intéressés à l'échelle nationale ou, à la rigueur, à l'échelle régionale. Assez logiquement, les démographes sont plus souvent préoccupés par le niveau local mais, en fin de compte, ceux qui se sont penchés sur la population de telle ou telle ville pour en analyser la différenciation interne sont assez peu nombreux”. p 7-8

Segundo este autor, o problema da micro-escala já começa com sua definição. Esta escala de análise micro, dos bairros, setores e distritos urbanos,

seria para a geografia, ou melhor, para a cartografia, a escala macro, 1:5.000 ou 1:10.000, onde os detalhes estariam mais nítidos e observáveis.

Em segundo lugar a confusão estaria na escolha do objeto. Segundo NOIN, a escala micro dos demógrafos seria a escala dos indivíduos, dos casais, dos lares (domicílio), dos pequenos grupos e comunidades. Já para os geógrafos, a micro-escala seria a escala dos setores censitários, dos bairros e distritos⁴⁴.

HIGUERAS-ARNAL (1993) também discute esta questão. De acordo com este autor, tanto o estudo ao nível dos pequenos grupos de população, quanto o estudo ao nível das pequenas áreas habitadas, seriam objeto da micro-escala. Contudo, para a Geografia da População, o interesse estaria no segundo caso. HIGUERAS-ARNAL define a casa (domicílio/residência) como o objeto de análise dos estudos micro em geografia⁴⁵.

Na pesquisa desenvolvida para a cidade de Assis, optou-se por trabalhar ao nível dos setores censitários, mesmo reconhecendo que estes são unidades espaciais arbitrárias, uma vez que são definidos apenas pelo número de domicílios, e não resultam, na maioria das vezes, de uma construção social e cultural. Contudo, estes são o menor nível de desagregação dos dados censitários no Brasil e, desta forma, possuem como vantagem o fato de apresentarem diversos dados previamente coletados.

Ainda sobre a pequena expressão dos estudos populacionais em micro-escala, GUIDUGLI (2002, p.) insiste que:

⁴⁴ NOIN, D. L'étude des populations urbaines a micro-echelle. **Geographia Polonica**, 61, p. 7-17, 1993.

"L'étude demo-géographique à micro-échelle d'une population désigne une étude fine mais qui ne va tout même pas jusqu'au niveau considéré comme 'micro- démographique' par les démographes, c'est-à-dire le niveau des individus, couples, ménages, familles, petit groupes ou petites communautés. Les analyses demo-géographiques utilisent essentiellement les données provenant des recensements. Au minimum, celles-ci concernent un district de recensement ou un îlot urbain". p. 8

⁴⁵ HIGUERAS-ARNAL, A. Microscale population study: methodological problems. **Geographia Polonica**, v. 61, 1993, p. 65-71

"It is advisable to clarify whether microscale population study refers to the study of small groups of people or to small inhabited areas or spaces. In the first case, we would be studying families, as the minimum social unit; in the second case, the object of the microscale population geography would be the homes. We agreed in advance that microscale population study refers to small inhabited areas and not to the small units or social communities, although the latter, by natural law, live in small areas". p. 67

"Estudos específicos relacionados a espaços locais são ainda em pequeno número. Esta situação pode ser atribuída a alguns fatores e dentre eles pode-se destacar: 1- o caráter recente da eclosão do reconhecimento do envelhecimento demográfico no país e sua vinculação predominante com questões de políticas públicas de natureza macro tais como a previdência social e as aposentadorias e pensões, aumento da expectativa de vida ao nascer, atendimento à saúde, etc. 2- a tradição meso e macro espacial dos estudos demográficos; 3- Os desafios existentes quanto aos dados para o desenvolvimento de estudos para micro-áreas quer em termos quantitativos quer qualitativos; 4- Dificuldades ainda existentes para identificar descontinuidades e diversidades nos estudos locais".

Também NOIN (op. cit.), demonstra preocupação quanto aos problemas existentes na análise micro das populações. Segundo este autor, existe uma grande dificuldade de acesso a dados detalhados no interior das menores unidades de desagregação espacial dos Censos e Unidades Administrativas. Também, alerta para o fato de que pequenos grupos de população são mais suscetíveis à qualidade dos levantamentos demográficos e particularidades locais⁴⁶.

O envelhecimento populacional em escala micro, assim como nas escalas superiores de análise, se processa de três formas, que apesar de serem vistas separadamente, estão, na maioria das vezes, associadas. Elas são: o envelhecimento pela saída da população jovem, o envelhecimento pela chegada de idosos e; o *envelhecimento in situ* ou "*Ageing in place*".

A migração atua no envelhecimento de pequenas áreas espaciais (cidades, municípios, etc) da mesma forma que nas grandes escalas: às vezes retirando população jovem, às vezes acrescentando população idosa (migração para áreas de ócio e amenidades, migração de retorno, etc).

A terceira modalidade de envelhecimento, o chamado "*aging in place*"⁴⁷ ou "*envelhecimento in situ*", resultado dos padrões de fecundidade e

⁴⁶ NOIN, D. op cit.

"Le second obstacle touche à la valeur des données fines. Celles-ci sont évidemment de qualité très variable, car elles valent d'abord ce que valent les recensements. Leur finesse ajoute une difficulté supplémentaire: plus elles sont fines, plus elles sont susceptibles d'être affectées par des variations de qualité dans l'exécution du recensement ou simplement par des particularités locales. En effect, plus on descend dans l'échelle spatiale, plus la variabilité des populations est grande". p. 11

⁴⁷ Harris, D. **Dictionary of gerontology**. New York: Greenwood press, 1988.

Aging in place: "The effect of time on a non-mobile population; remaining in the same residence where one has spent his or her earlier years"

mortalidade do local, onde as migrações desempenhariam um papel secundário ou irrelevante na estrutura etária da população.

O envelhecimento *in situ* ocorre quando, num dado espaço, as taxas de mortalidade e fecundidade declinam, fazendo com que a participação da população de menor idade (0-14 anos) diminua. Com o envelhecimento das coortes permanentes, aumenta-se a participação dos idosos no total da população.

Desta forma, esta modalidade do processo acontece em virtude do próprio envelhecimento dos indivíduos que vivem no local associado à diminuição da participação da população mais jovem. GOBER (1992), ao discutir o estudo da demografia dos domicílios urbanos identifica, no interior dos espaços locais, que o envelhecimento mais acentuado das áreas centrais decorre, principalmente, do "*envelhecimento in situ*", e não de uma migração dos idosos em direção ao centro. Segundo esta autora (p.177):

"The expectation that shrinking households will return to centre was based on an interpretation of cross-sectional patterns in evidence during the 1960s and 1970s when urban life cycle models were developed and articulated. The presence of large elderly population in the city centre and young families in the suburbs led urban theorists to conclude that families move back to the city centre as they age and children leave home. Myers (1990c) and Kendig (1990) point out the error in drawing longitudinal conclusions from this form of cross sectional analysis [...] The elderly of the 1960s were in city centres because they had always been there. Similarly, today's elderly are ageing in place in the suburbs (Fitzpatrick and Logan, 1985)".

Neste sentido, LAWTON (1990) apud AHN (2004, p. 18) descreve o envelhecimento *in situ* como "a transaction between an aging individual and his or her residential environment that is characterized by changes in both persons and environment over time". Para este autor, três tipos de mudança se processam quando o envelhecimento *in situ* ocorre, primeiro acontece a mudança física sobre o indivíduo no decorrer do tempo. Em segundo lugar, o ambiente residencial se modifica devido ao uso físico e comportamental dos idosos. Em terceiro, as mudanças passam a ocorrer baseadas nas alterações que os idosos fazem em sua residência para criar uma estrutura de suporte e estímulo.

As razões pelas quais ocorre o envelhecimento in situ nos espaços locais são: 1) econômicas – poucos são os idosos que possuem uma situação financeira que lhes permita mudar-se para lugares mais aprazíveis; 2) conforto, familiaridade e pertencimento – muitos idosos sentem-se “ligados” à sua residência e aos valores cognitivos (história) que esta representa; 3) independência e controle – muitos idosos se sentem ameaçados e inseguros em lugares novos, onde não possuem referências e conhecimentos; 4) benefícios de permanecer em uma comunidade familiar – a existência de uma rede de suporte (vizinhos, amigos, familiares, médicos), colabora para que os idosos prefiram permanecer em um determinado espaço⁴⁸.

FRANZ et al. (op cit), ao estudarem a segregação espacial nas cidades da Alemanha Ocidental afirmam que existem duas abordagens principais no entendimento da distribuição espacial urbana da população idosa. A primeira, denominada de “displacement thesis” parte da premissa que os idosos são mais frágeis na competição imobiliária, podendo ser “despejados” de áreas que se tornam atrativas ou excluído de novas áreas⁴⁹. A segunda abordagem, denominada de “residual thesis” supõe que os idosos sejam vítimas de sua própria imobilidade espacial. Os jovens, em fase de expansão familiar, seriam mais suscetíveis a procurar novas residências nos bairros mais recentes da cidade, com novas construções que atendam às especificidades de suas necessidades domiciliares. Já o idoso, normalmente com uma unidade familiar estável, não precisaria buscar uma nova unidade domiciliar⁵⁰.

⁴⁸ AHN, M. **Older people’s attitudes toward residential technology: the role of technology in aging in place**. 2004, 188 f. Tese (Doutorado). Virginia Polytechnic Institute & State University, Blacksburg.

⁴⁹ FRANZ, P., UELTZEN, W., VASKOVICS, L. op cit.

“Explanations using the ‘displacement thesis’ argue that aged persons often fail to have the economic power and/or the prestige to prevail in the competitive with younger persons, normally members of the labour force, for attractive residential locations. In all cities where a highly-competitive market exists, the aged have a high chance of being displaced either from their residence, perceived as attractive by others, or to be excluded from an aspired new residence”. p. 373

⁵⁰ FRANZ, P., UELTZEN, W., VASKOVICS, L. op cit.

“From the life-cycle perspective younger persons and households in the stage of family expansion are more mobile than households with older persons which stagnate or shrink in size. These differences can be explained in terms of differing housing needs: the present residences of persons forming new households and of growing households very often cannot be adapted to changed needs and thus residential mobility becomes necessary. On the other hand, households

Estes mesmos autores concluem que a “residual thesis” parece mais apropriada para explicar a segregação espacial das pessoas idosas nas cidades alemãs:

“These locational decisions depend heavily on the housing supply in the City and its region, Younger persons leave those blocks with a high concentration of the aged because they see their needs and desires better met in other neighborhoods or in the Suburbs. On the other hand, there are very few vacancies in these age-homogeneous blocks. Many elderly people prefer to live in their familiar environment as long as their physical condition allows. Only after the death of older residents are these dwellings offered on the housing market. A high concentration of elderly people often results from the exodus of the younger generation and from the sedentariness of the aged. So it would seem that the 'residual thesis' at present seems to be more appropriate in explaining the Segregation Pattern of the elderly in West-German cities” (FRANZ et al., op. cit., p. 380-381).

VARELLA (1999), em seu estudo sobre a área central de Madri encontra resultados similares. Para ela, o encarecimento imobiliário e a diminuição da “área útil de moradia” são os responsáveis pela concentração de pessoas idosas no centro das cidades. Segundo esta autora:

“Toda esta serie de condicionantes no ha hecho sino agravar la situación, con especial incidencia en las áreas centrales de las ciudades, donde la carestía de la vida afecta con mayor intensidad al bien vivienda, que, en respuesta a su acelerado encarecimiento y a los cambios acaecidos en la estructura de hogares, disminuye cada vez más su superficie útil. En suma, nos estamos acercando peligrosamente a la imagen de ciudad convertida en refugio para <viejos y ricos> de la que tantas veces hemos oído hablar”. p. 652

Também, DE VOS (1984, p. 11), identifica a mesma tendência nas cidades americanas:

“A common observation in the post-World War II period in the United States was that younger people tended to move out into suburbs from central cities, leaving a concentration of older people in the city proper”.

LAWS (1993) comenta que o advento do subúrbio norte-americano foi o grande responsável não apenas pela separação entre o lar e o lugar de trabalho mas, também, da separação de gerações. Os jovens mudaram-se para as novas áreas em busca de imóveis mais baratos e domicílios mais

stagnating or shrinking in size more frequently satisfy their housing needs within their present dwellings”. p. 374

preparados para suas famílias em expansão, enquanto que as gerações mais velhas ficaram nas cidades.

GOBER (2002, p.12) comenta os malefícios da concentração espacial da população idosa. Observando que:

“Lack of housing choice means that older couples who want to downsize their homes find it almost impossible to alter housing consumption but remain in the same neighborhood. This results in a tendency to age in place which, in turn, means that young families seeking family housing must look farther and farther out at the urban fringe and leads to the spatial concentration of elderly in older established neighborhoods. These neighborhoods, combined with newly built retirement communities at the urban fringe, leads to a high level of residential segregation among the elderly in American cities and cuts down on intergenerational contact”

No Brasil, conforme o discutido no capítulo sobre o estado da arte do tema, poucos são os trabalhos sobre as dimensões espaciais do processo de envelhecimento populacional em micro-escala. Dentre eles temos o trabalho de GUIDUGLI (2002) sobre o envelhecimento populacional no município paulista de Rio Claro. Este autor assinala que os setores censitários mais antigos da cidade, onde a população não crescia ou declinava, ocorreram os maiores percentuais de idosos. GUIDUGLI não ignora os fatores negativos da concentração espacial de idosos:

“Mudanças importantes em diferentes áreas da cidade como aquelas que estão em processo de envelhecimento, as envelhecidas e despovoadas, aquelas que, por suas localizações centrais, conduzem o idoso a um certo isolamento de vizinhança, e mesmo à uma situação onde ele se sente um migrante sem ter migrado”.

O envelhecimento populacional é uma realidade cada vez mais concreta para um sem número de Estados nacionais e sociedades. Dentro destes países, o processo de envelhecimento das populações não tem ocorrido de maneira homogênea. Pelas diferenças entre o comportamento das principais variáveis demográficas, alguns espaços têm apresentado um percentual de idosos bastante acentuado. Promover estudos sobre a dinâmica demográfica destes espaços intranacionais é de fundamental importância, seja porque estes espaços, muitas vezes, não contam com órgãos e instrumentos capazes de

gerenciar esta nova realidade, seja porque têm sido insuficiente os esforços no sentido de dar embasamento teórico-científico para o entendimento da questão.

Dentre estes espaços intranacionais, a escala local (intra-urbana), denominada aqui de micro-escala, adquire importância fundamental. Isto porque, além de ser a escala da morada das populações, é onde o processo de envelhecimento pode se desencadear, avançar e se consolidar em um intervalo temporal muito pequeno (susceptibilidade dos pequenos grupos populacionais a transformações e alterações em seus padrões). Desta forma, é necessário que os gerentes urbanos estejam preparados e tenham a sua disposição dados e análises para embasar suas decisões.

Na parte empírica desta pesquisa efetua-se, justamente, a análise do envelhecimento populacional e da distribuição e arranjos espaciais da população idosa de Assis. Neste município paulista, o envelhecimento já é uma realidade e se encontra em um grau mais avançado que a média nacional e estadual e mesmo regional.

3.4. As conseqüências de uma população que “envelhece”.

De maneira geral, as conseqüências do processo de envelhecimento populacional têm sido vistas como negativas. Especula-se que o aumento da participação da população idosa ocasionará, por conseguinte, um aumento da razão de dependência, de indivíduos incapazes, improdutivos, etc.

Neste sentido, CAMARANO & MEDEIROS (op cit, p. 2) afirmam que, em relação ao envelhecimento, “suas conseqüências têm sido, em geral, vistas com preocupações, por acarretar mudanças no perfil das demandas por políticas públicas, colocando desafios para o estado, a sociedade e a família. A

preocupação reside basicamente na associação feita entre envelhecimento e dependência”.

Ao se associar, de forma precipitada, o envelhecimento populacional com o aumento da dependência incorre-se em alguns equívocos. Com os avanços na área da medicina, tem se vivido mais e em melhores condições, o que permite a muitos idosos permanecer, na maior parte da velhice, sãos e saudáveis, levando uma vida plena e autônoma. A difusão do sistema previdenciário permitiu que alguns idosos desfrutassem, com certa segurança financeira, a velhice. Também, é crescente o número de idosos que residem sós, ou apenas na companhia do cônjuge também idoso, sem necessitarem de cuidados constantes da família e do Estado.

Desta maneira, no estudo de populações idosas, deve-se, em primeiro lugar, reconhecer que este grupo tem como única característica em comum o fato de estarem com idades iguais ou superiores a sessenta anos. O grupo idoso, na verdade, contempla uma grande heterogeneidade de situações que devem ser consideradas em seu estudo.

Contudo, deve-se reconhecer que o envelhecimento populacional terá diversas conseqüências para o Estado, a sociedade, a família e para o indivíduo. Como será o mundo onde os idosos terão participação expressiva? Responder a esta pergunta não é tarefa fácil. Pode-se fazer algumas suposições no campo econômico e social, mas as transformações políticas e culturais que o envelhecimento ocasionará ainda não podem ser dimensionadas.

É correto afirmar que o incremento no número e na participação de idosos irá refletir nos sistemas previdenciários de todo o mundo. A conta é simples: diminuirá a proporção de indivíduos que trabalham e contribuem com a previdência e aumentará o número de aposentados e pensionistas que desfrutam dos benefícios.

Encontrar uma forma de resolver a equação de modo a minimizar o impacto do aumento da população idosa no sistema tem sido e, com certeza, continuará a ser um grande desafio dos governos. Diversos autores têm se dedicado ao estudo deste aspecto do envelhecimento (KLAASSEN e VAN DER

VLIST, 1990; HOLDEN, 1996; PARANT, 1992; BELTRÃO & OLIVEIRA, 1999; DELGADO & CARDOSO, 1999; etc). Nos últimos anos, tem ocorrido no Brasil, assim como na França, um amplo debate sobre a reforma do sistema de previdência social. Discussões desta natureza deverão fazer parte da agenda política nos próximos anos.

Também tem se afirmado que o aumento dos idosos resultará em um maior gasto no setor de saúde. Isto porque, os idosos seriam, pelo declínio de suas funções psico-biológicas mais suscetíveis a doenças e enfermidades. É nesta fase que temos a transição epidemiológica com significativas mudanças.

Quanto a este aspecto, ALMEIDA (2002, p.), argumenta que: “sabe-se que para o idoso, em função das doenças crônico-degenerativas, aumenta sua demanda por bens e serviços de saúde e, com o aumento deste contingente, aumenta também os desafios para os governos, sociedade e familiares [Saad,(1990), Berquó & Baeniger, 2000]”.

Também NUNES (1999, p.346), observa quanto à saúde dos idosos que estes possuem um perfil mais dispendioso devido a, pelo menos, três motivos: “a) a morbidade prevalente nessas faixas etárias é mais cara (doenças crônico - degenerativas); b) as taxas de internação em faixas etárias mais avançadas são mais elevadas, ou seja, essas pessoas tendem a 'consumir' mais saúde [Glennester e Matsaganis (1994)]; e c) o custo médio de internação de pessoas idosas é maior do que o observado em faixas etárias mais jovens [Rubio (1990)]”.

Ao concluir seu estudo sobre os custos de tratamento da saúde dos idosos no Brasil, NUNES faz uma ressalva: “pelo menos no que se refere ao SUS, não se verifica a hipótese de que os custos médios dos procedimentos realizados em idosos sejam mais caros que aqueles das idades mais jovens. Pelo contrário, parece que ocorrem custos decrescentes a partir de determinada faixa etária. A elevação das despesas com saúde dos idosos não é explicada pela elevação dos custos de procedimentos, e sim pela frequência, ou seja, pelo consumo mais elevado desses procedimentos” (p. 350).

Assim, os altos custos com a saúde dos idosos não ocorreriam, necessariamente, em função de procedimentos médicos mais caros e sim

devido a uma maior frequência de atendimentos desta população. NUNES (op cit) de forma oportuna observa que, através de programas preventivos (como a saúde em casa, programas substitutivos de procedimentos de internação convencional), poder-se-ia reduzir as frequências de internação e os custos em até 40%.

Porém, esta proposta de alteração da internação convencional esbarra em outra consequência do envelhecimento populacional: a família. Tradicionalmente, a família ocupava um papel fundamental no cuidado dos idosos. Cabia à prole cuidar dos progenitores durante a velhice. Quando os indivíduos alcançavam as idades mais avançadas contavam com um grande número de filhos que os proviam emocionalmente e, muitas vezes, financeiramente os cuidados de que necessitavam. A família funcionava como uma rede de proteção e amparo ao idoso⁵¹.

Contudo, as famílias também passaram por profundas transformações. O modelo tradicional de família numerosa foi substituído por núcleos bem mais reduzidos, com apenas um ou dois filhos. ROMERO (2002):

“Yazaki et al. (1991) afirmou que o processo de industrialização e modernização e o deterioro econômico sofrido nas últimas décadas levou a redução da rede de apoio ao idoso e alterações importantes na estrutura dos arranjos familiares. O número menor de membros na família e a entrada da mulher no trabalho implica em alterações na função tradicional da família de suporte e apoio aos idosos, seja por causa do número menor de membros na família para cuidar as pessoas idosas, seja por causa do menor tempo da mulher adulta, tradicional cuidadora dos dependentes da família, para assumir o cuidados dos parentes idosos (Goldani, 1985; Saad, 1998)”.

Portanto, a queda da fecundidade assume um duplo impacto no envelhecimento populacional. De um lado, ela funciona como catalisadora do processo, reduzindo a participação da população jovem. De outro, ela atua na

⁵¹ SAAD, P. M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, p. 251-279, 1999.

“As relações de troca e ajuda mútua entre pais e filhos são o principal fator que tem assegurado, ao longo da história, a sobrevivência nas idades mais avançadas. Neste século, no entanto, as funções familiares nos países mais desenvolvidos forma sendo gradativamente substituídas pelo setor público, reduzindo o papel central da família como suporte básico dos idosos. Este não é o caso, porém, da maioria dos países menos desenvolvidos – o Brasil entre eles – onde, devido às deficiências do setor público, particularmente nas áreas de saúde pública e de seguridade social, a família (em especial os filhos adultos) continua representando fonte primordial de assistência a parcela significativa da população idosa”. p. 251

transformação do núcleo familiar, reduzindo o tamanho da prole e, conseqüentemente, diminuindo as “oportunidades” de cuidados dos idosos⁵².

Vale a pena salientar também o papel da mulher quanto a esta situação. Coube-lhe a função de prover a assistência aos demais membros da família. No estágio inicial da vida adulta, encarregava-se de educar os filhos, na etapa seguinte, de cuidar dos pais ou sogros. Na velhice, a mulher dedicava-se a cuidar do cônjuge, que pela mortalidade diferencial dos homens, apresentava mais cedo o declínio das funções psico-biológicas. Contudo, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, todo este quadro se altera⁵³.

Assim, com uma rede de proteção mais reduzida (família), muitos dos idosos deverão demandar serviços públicos e privados de assistência médica, domiciliar e mesmo asilar. Estas demandas dos idosos deverão repercutir, principalmente, sobre os governos, uma vez que são poucos os idosos, ou mesmo famílias, que terão condições de arcar com os custos financeiros destes serviços de assistência.

O impacto deverá recair, sobretudo, nos governos locais por serem a instância política mais próxima dos indivíduos. Isto significará, que as prefeituras deverão estar preparadas para planejar e ordenar estes serviços, visando prover os idosos de suas necessidades básicas. Para isto, o conhecimento do tamanho e dos atributos (necessidades, desejos, condições de saúde, econômicas, etc), da população idosa será fundamental para que se aproveite, da melhor maneira, os poucos recursos financeiros de que os governos dispõem. Nestas circunstâncias, é importante destacar que muitos dos municípios com grande volume de população idosa são de pequeno ou médio porte e, exibem estagnação ou mesmo declínio econômico. Isto produz

⁵² HIMES, C. L. op cit. “Fertility trends of the past century influence not only the size and shape of the older population, but their families as well”. p. 21

“Families will have more, but smaller, generations, marriage, divorce, and remarriage patterns will alter the structure of families. Families will have fewer children as potential caregivers and a larger proportion of those younger family members will be employed”. p. 37

⁵³ SAAD, P. M. op cit.

“Consolida-se no Brasil uma conjuntura restritiva à transferência de ajuda de filhos adultos a pais idosos, o que torna a situação de dependência do idoso, em relação à família motivo de especial preocupação. É o caso, por exemplo, da sensível redução do tempo disponível da mulher, a quem tradicionalmente tem sido delegada a tarefa dos cuidados básicos com os idosos conforme aumenta a sua participação no mercado de trabalho”. p. 251

um grande desafio: o crescimento da demanda face a redução dos recursos necessários.

Neste sentido, FREY (1999, p.39) afirma que:

"The increased numbers and concentration of 'less privileged' elderly – those in their late seventies and eighties who are economically vulnerable and prone to disability, widows heading households at poverty or near-poverty levels, persons dependent upon public social services, health services and transportation for their general well being, and low income minorities – pose important challenges for the communities in which they live".

É interessante notar que estas conseqüências do envelhecimento populacional para o Estado, a família, para os governos locais, etc, repercutirão, decisivamente, na qualidade de vida dos idosos. O colapso de um sistema previdenciário repercutirá na segurança econômica da população de mais idade. Um sistema de saúde inoperante conduzirá ao aumento de mortes por doenças crônico-degenerativas, ou a convivência com um estado de saúde frágil e debilitado. A desfragmentação e redução do núcleo familiar resultarão em abandono e solidão dos idosos. Desta forma, ao mesmo tempo em que, o aumento dos idosos transforma a sociedade ao seu redor, estas transformações irão repercutir, positiva ou negativamente, na vida destes indivíduos.

O conhecimento do processo, de sua dinâmica, de seus atributos e suas conseqüências, será fundamental. É pré-requisito para que se possa planejar a melhor estratégia de "receber" este contínuo e crescente contingente de pessoas idosas. Desta forma, poderá promover a integração e cooperação entre as gerações e não uma marginalização das pessoas de mais idade.

Prover os idosos com uma vida plena, autônoma, confiante, com "qualidade", tem de ser um objetivo universal da sociedade. A velhice não deve ser sinônimo de exclusão, abandono, marginalização, de fim. Ela deve ser entendida como um prêmio pela sobrevivência.

4 – Envelhecimento e idosos no espaço intraurbano de Assis. Questões sócio-espaciais.

4.1. Introdução.

O processo de envelhecimento populacional é uma realidade para grande número de sociedades ao redor do globo, conforme o discutido nos capítulos anteriores. Países mais e menos desenvolvidos, diferentes etnias, culturas variadas, etc, são afetados pelo processo de envelhecimento. Ocorrendo em ritmos diferentes, com algumas populações se apresentando em estágio mais avançado, enquanto outras apenas iniciaram os primeiros passos rumo à transformação de suas estruturas etárias, pode-se afirmar, com certa segurança, que o envelhecimento é uma tendência geral.

O Brasil não escapa a este fenômeno. Nas últimas décadas a população brasileira modificou profundamente as suas principais dinâmicas demográficas, especialmente em relação à fecundidade. Como consequência tem registrado um significativo aumento na participação do grupo etário de mais idade no conjunto de sua população.

Contudo, o envelhecimento populacional brasileiro não é homogêneo. Como um “país continente” que possui uma vasta extensão territorial, com grandes diferenças regionais e disparidades sócio-econômicas, alguns espaços intranacionais têm apresentado um ritmo mais acelerado de transformações demográficas. Assim o posicionamento e o processo de envelhecimento demográfico são bastante diferenciados quando comparamos os Estados do Pará, Pernambuco, São Paulo ou o Rio Grande do Sul.

O Município de Assis, por suas peculiaridades históricas, sociais e econômicas, está “envelhecendo” em ritmo mais acelerado que o próprio Estado e o conjunto da Federação.

Isto posto, deve-se refletir sobre os desafios que esta nova realidade lança para a sociedade, especialmente, para a cidade de Assis, como o foco central desta pesquisa. Dentro da perspectiva de CAMARANO et al. (1999), o envelhecimento populacional deve ser encarado antes como uma conquista social extremamente importante. Ele é um resultado direto da melhoria das condições de vida, do maior acesso ao sistema de saúde e ao saneamento básico, do planejamento familiar, etc.

Porém, deve-se reconhecer que este processo traz consigo uma série de desafios que devem ser pensados e planejados, para que se possa oferecer os bens e serviços que o grupo etário idoso demanda e demandará, com maior pressão num futuro bastante próximo. Também é indispensável refletir sobre as diferentes formas de inserção deste grupo de uma maneira ativa. É evidente que o aumento da duração da vida média implica em rever o papel deste indivíduo no contexto da sociedade.

Para o município de Assis, os desafios são ainda maiores e mais urgentes. Em primeiro lugar, porque sua população está envelhecendo em ritmo mais acelerado (vide capítulo 2, tabelas 33 e 34). Isto pode significar que Assis tenha que lidar com algumas situações mais desafiadoras que o Estado de São Paulo e o Brasil. Permanecendo inalteradas as tendências indicadas no segundo capítulo, o município terá que pensar e criar uma estrutura de apoio e cuidado ao cidadão idoso antes que isso se torne tão premente para o restante do país.

Em segundo lugar, pela própria característica política e administrativa do espaço, que é um Município, os desafios poderão representar algumas dificuldades. Como município não possui autonomia para resolver as questões relativas ao sistema previdenciário, sua margem de atuação no sistema de saúde é limitado (até considerando os orçamentos dos municípios), sua legislação depende, em última instância, das constituições estadual e nacional, etc. Desta forma, o poder público municipal poderá, em muitos casos, ser

praticamente impotente para encaminhar e resolver as questões que o futuro próximo impuser.

Isto não significa que as autoridades locais devam ficar impassíveis diante da nova realidade. Ao contrário, sendo o município o espaço de maior contato entre administradores e população, a abordagem da questão é particular. Desta forma, somente através do conhecimento e do estudo da situação e, com um planejamento cuidadoso, será possível direcionar os recursos e serviços para ações que beneficiem um grupo maior de cidadãos.

Neste sentido, esta pesquisa adquire uma dimensão pragmática. Ela dar subsídios relevantes para se planejar a atuação do poder público local, no sentido de suprir as demandas do grupo etário de mais idade em Assis.

O conhecimento das estratégias residenciais, ou distribuição espacial da população idosa na cidade de Assis poderá indicar os espaços intraurbanos onde os bens públicos beneficiarão um número maior de cidadãos idosos. Uma determinada área, com uma grande concentração de idosos, poderá ser o local mais apropriado à instalação de um grupo ou clube da Terceira Idade. Assim como, o conhecimento da distribuição da população idosa poderá direcionar a disposição de postos de saúde e centros de atendimento médico. Também, estas informações podem auxiliar na determinação das rotas do sistema de transporte público de maneira a possibilitar uma maior mobilidade desta população.

Este é, portanto, o objetivo central deste quarto capítulo: entender a distribuição espacial da população idosa na cidade de Assis, considerando as características dos micro-espços urbanos que se apresentam mais, ou menos, "envelhecidos".

Para tanto, decidiu-se, primeiramente, realizar uma breve análise sobre o desenvolvimento do espaço urbano da cidade. Esta análise, que não pretendeu dar conta de reconstituir todo o seu desenvolvimento, teve como objetivo entender como a expansão urbana se relaciona com as áreas com maior concentração de idosos e em que medida a dinâmica espacial da população gera espaços mais envelhecidos que outros. Procurou-se investigar se os idosos residem, predominantemente, nas áreas centrais e mais antigas

da cidade, num processo típico de envelhecimento *in situ*, isto é, as pessoas envelhecem junto ao meio em que estão inseridos, ou se a população idosa se concentra em bairros mais novos e periféricos, num processo de expulsão provocado pela concorrência imobiliária.

Na segunda parte deste capítulo, procurou-se mostrar, além da distribuição espacial intraurbana da população idosa, as características sócio-econômicas das áreas em que os idosos estão inseridos. Para realizar esta tarefa, conforme o explicitado anteriormente, optou-se por utilizar como escala de análise espacial os setores censitários previamente estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para os levantamentos censitários.

Deve-se reconhecer, mais uma vez, que os setores censitários apresentam algumas dificuldades e limitações quanto à sua utilização. Pode-se alegar que estes setores são arbitrários. Como são definidos através do critério do número de domicílios e pessoas, muitas vezes, não agregam grupos sócio-econômicos homogêneos ou áreas com histórico similar de desenvolvimento urbano. Algumas vezes um setor pode agregar uma porção antiga e consolidada da cidade e, ao mesmo tempo, abranger uma área de desenvolvimento recente (um novo loteamento). Também, os setores podem estar agrupando, simultaneamente, populações de baixa e alta renda criando, desta forma, valores médios não condizentes com a realidade.

No entanto, devido à inexistência de dados com maior nível de desagregação (quadras e domicílios, por exemplo), ou de dados acessíveis para os bairros que são, normalmente, fruto de uma construção histórica e social que revelam espaços mais homogêneos, optou-se por trabalhar com os setores censitários, mesmo reconhecendo os problemas advindos desta escolha.

Os dados utilizados nesta análise da distribuição espacial da população idosa em Assis foram obtidos dos Censos Demográficos de 1991 e 2000. Teria sido interessante realizar uma comparação histórica mais sistemática, analisando também a distribuição espacial registrada nos Censos de 1970 e 1980, que era o objetivo inicial desta pesquisa. Contudo, os dados censitários

destes anos, desagregados ao nível dos setores censitários, somente estão disponíveis no formato denominado “Microdados”, que demandam, para sua manipulação, de determinados programas computacionais e domínio de técnicas mais sofisticadas de estatística. Também, não se conseguiu as descrições dos setores censitários (1970 e 1980) junto à Agência Local do IBGE (Assis) e junto ao Setor de Difusão da Informação (SDDI) do IBGE de São Paulo e Rio de Janeiro. Desta forma, a análise ficou restrita aos levantamentos mais recentes.

Os dados do Censo de 1991 para os setores censitários de Assis foram obtidos através do CD-ROM “Agregados por setores censitários – Sudeste”⁵⁴ contendo o resultado do universo. Já para o censo de 2000 foram utilizados o programa “Estatcart”⁵⁵ (Sistema de recuperação de informações georreferenciadas) e a “Base de informações por setor censitário-Resultado do Universo”⁵⁶ e “Base de informações por área de ponderação – Resultado da amostra”⁵⁷.

4.2. O desenvolvimento urbano de Assis.

A ocupação da área urbana do município de Assis inicia-se em 1905, quando o Capitão Francisco de Assis Nogueira, grande proprietário de terras da região, doa oitenta alqueires de terra para a construção de uma capela e um povoado. A capela foi construída em taipa de sebe no morrote acima do Córrego Barra Funda, num local situado a alguns metros abaixo da atual

⁵⁴ IBGE. **Agregados por setores censitários dos resultados do Universo**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 3, 2002. CD-ROM.

⁵⁵ IBGE. **Estatcart. Sistema de recuperação de informações georreferenciadas. Versão 1.1**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. CD-ROM.

⁵⁶ IBGE. **Base de informações por setor censitário-Resultado do Universo-Assis**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. CD-ROM.

⁵⁷ IBGE. **Base de informações por área de ponderação – Resultado da amostra-Assis**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. CD-ROM.

catedral da cidade (SILVA, 1996). Este é o núcleo inicial de Assis. É, ao redor desta primeira igreja que a cidade começa a se desenvolver, com a construção das primeiras moradias e casas comerciais.

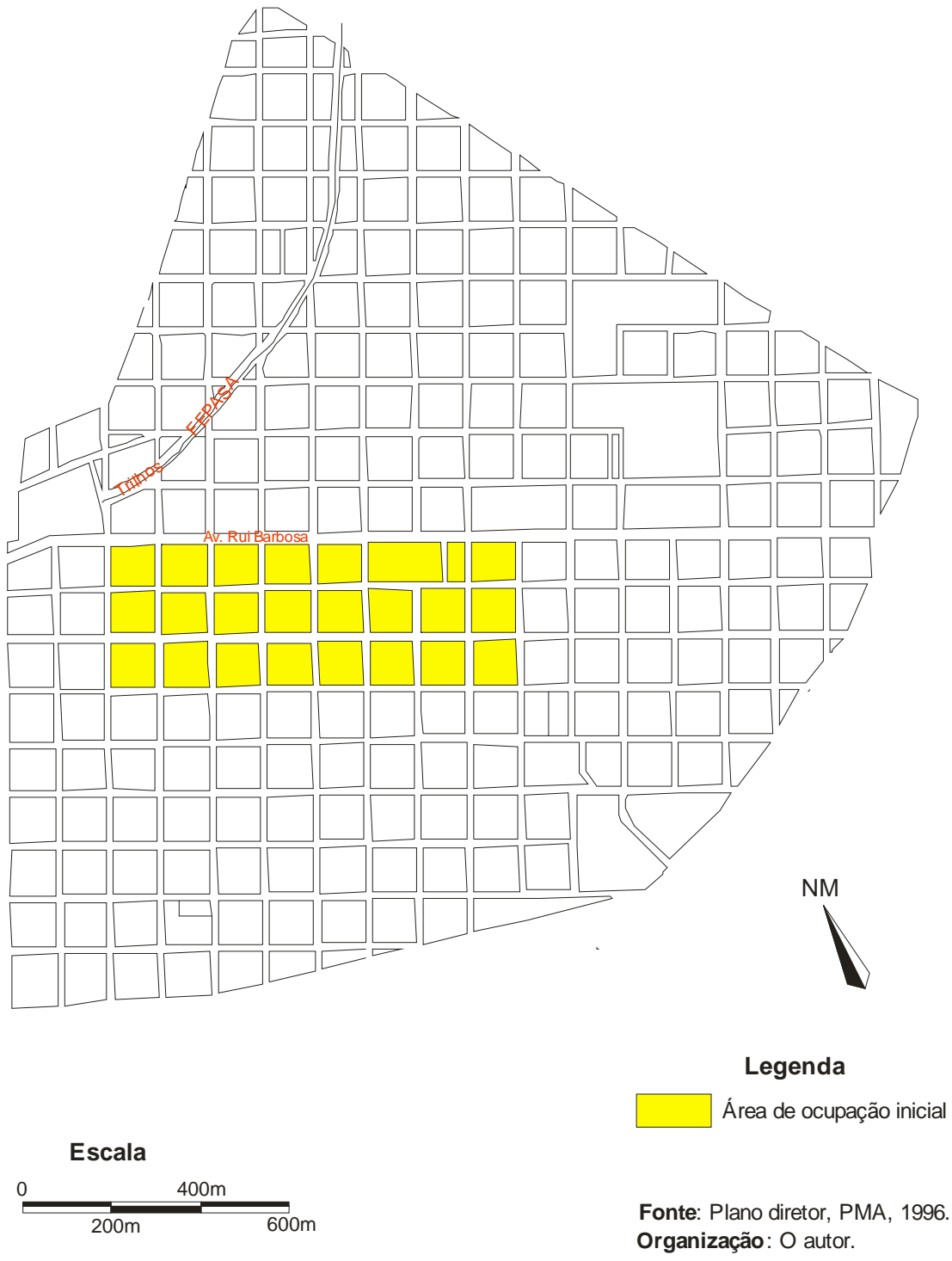
Sobre este aspecto, SILVA (1996, p. 257) procura meticulosamente delimitar emergente configuração urbana:

“A ocupação do novo patrimônio se deu ao longo da estrada que ligava às águas do Matão e do Dourado e as primeiras atividades se implantaram na região compreendida entre o espigão dos córregos Jacu e Barra Funda e a capela do Sagrado Coração de Jesus. O arruamento em xadrez desenhado em toda a área abrangida pela doação foi implantado aos poucos. As poucas edificações foram se concentrando na região compreendida entre as ruas Capitão Assis (estrada Dourado) ao sul, a rua Rui Barbosa (rua da Conceição) ao norte, o córrego do Jacu a leste e a oeste, a linha de drenagem que passa pelas atuais ruas José Bonifácio e Sebastião Leite do Canto”.

Na Figura 21 observa-se o núcleo inicial da ocupação urbana de Assis, bem como, a área do Patrimônio do Bispado (ocupação registrada até 1920), conforme o descrito por SILVA.

Utilizando-se a análise da evolução urbana proposta por este autor, pode-se dividir a expansão da cidade de Assis em fases. A primeira fase, a da ocupação, que compreende a instalação do núcleo inicial, dura até 1915, quando chegam os trilhos de trem da Ferrovia Sorocaba. Os trilhos são instalados no sentido Norte e Oeste do núcleo inicial e, modificam a direção do crescimento urbano. Em uma linha reta, entre a Estação ferroviária e a Igreja Matriz (Catedral), abre-se uma grande avenida (ver Figura 21) que passa a orientar o desenvolvimento urbano de Assis. Nesta avenida, posteriormente denominada de Rui Barbosa, instalam-se unidades comerciais e de serviços públicos. A avenida Rui Barbosa conserva, até os dias atuais, o papel de centro linear, abrigando alguns dos principais instrumentos urbanos da cidade (prefeitura, rede bancária, shopping centers, escolas, lojas, etc). A maioria dos marcos urbanos, que não estão localizados na própria avenida, estão situados em suas imediações. Este é o caso da Câmara Municipal, do Hospital Regional,

FIGURA 21 - Patrimônio do Bispado e área da ocupação inicial de Assis.



da Santa Casa de Misericórdia, da Cadeia Pública, do Fórum, do Teatro e do Cinema Municipal, do Mercado Municipal, etc.

Portanto, o crescimento de Assis, na segunda fase de seu desenvolvimento, entre 1920 e 1930, foi orientado por dois eixos principais: a Avenida Rui Barbosa e os trilhos da ferrovia. Durante este período inicia-se a ocupação do bairro **Vila Boa Vista**, localizado ao norte do núcleo inicial. Também, desenvolvem-se os loteamentos da **Vila Coelho** (posteriormente denominado de Vila Operária) e **Vila Clementina** (ver Figura 22), situados à Oeste-noroeste do núcleo inicial, margeavam o pátio da ferrovia (Estação, oficinas, silos, etc).

Durante as décadas de 1930 e 1950, a cidade de Assis concentrou uma gama de atividades ligadas à ferrovia, tais como: oficina, abastecimento, armazenagem de grãos e, principalmente, base de operações para a expansão da ferrovia para o Oeste paulista, etc. Desta forma, Assis concentrou um grande número de funcionários e operários da ferrovia que, se instalaram, justamente, nas Vilas Coelho e Clementina. Atualmente, estes dois bairros agregam um grande número de aposentados da ferrovia e, estão entre as áreas mais “envelhecidas” (maiores proporções de idosos) da cidade.

Também se deve destacar que a Vila Coelho (Operária) foi a primeira área de ocupação urbana “além-trilhos”, sendo que, sua via principal, a Rua João Pessoa, que continua como a Avenida Siqueira Campos, após a passagem do “Túnel” (pontilhão da ferrovia na Rua André Perini), margeia os trilhos de trem.

Na terceira fase do desenvolvimento urbano de Assis, entre os anos de 1930 e 1950, destaca-se o crescimento, principalmente, no sentido oeste, ainda orientado pela estrada de ferro.

Esta expansão para oeste, seguindo a direção da ferrovia, pode ser entendida como uma expansão dos bairros da Vila Operária e Vila Clemente. Assim, como um espaço contínuo à Vila Operária, surgem os loteamentos das vilas: **Souza, Maria Izabel, Marialves e Prudenciana**.

Segundo CAMPOS JÚNIOR (1992), que estudou a relação entre a agroindústria e o espaço urbano de Assis, estes bairros agregaram um grande número de trabalhadores rurais (volante) das usinas de cana-de-açúcar. Cabe aqui lembrar que, no ano de 1950, Assis já contava com uma população, majoritariamente, urbana (54,5%) e, que cresceria consideravelmente nas décadas posteriores, em decorrência da expulsão do campesinato da zona rural (êxodo rural).

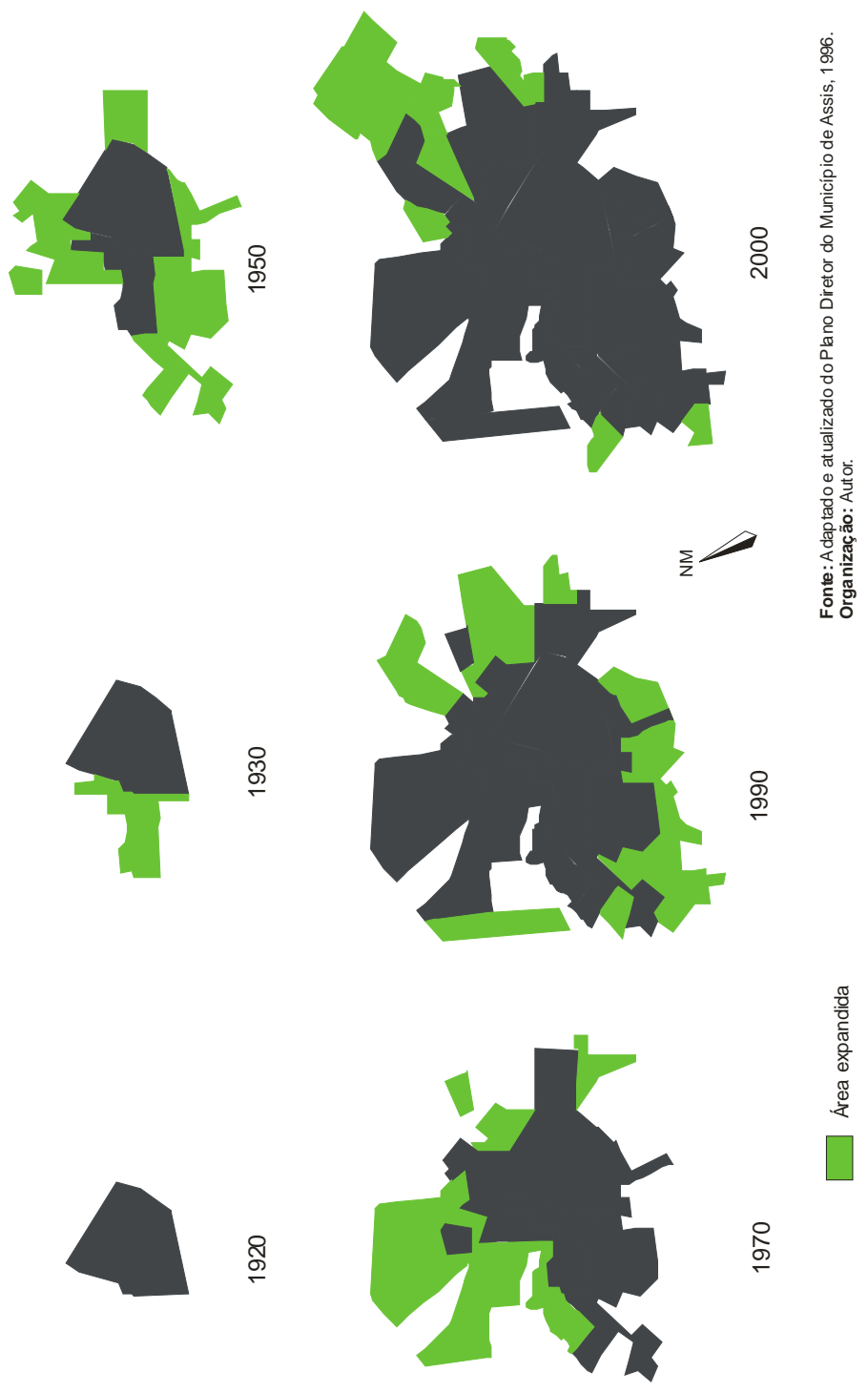
Ainda segundo CAMPOS JÚNIOR (op cit), a Vila Prudenciana teve seu impulso com a doação de um terreno (1952) por parte de Prudência Esméria de Melo, que estava disposta a dar um lote de terra para a construção de uma igreja de qualquer religião. Desta forma, assim como no povoamento do núcleo inicial, a ocupação foi, em grande parte, orientada pela construção de uma capela.

Já a expansão da Vila Clementina, no sentido Oeste-sudoeste do núcleo inicial, dá origem aos bairros: **Vila Mercedes**, **Vila Xavier** e **Vila Ribeiro**. Ao norte, no prolongamento da Vila Boa Vista, aparecem a **Vila Santa Cecília** e a **Vila Glória**.

No sentido Leste do núcleo inicial é criado o loteamento do **Jardim Paulista** (ver Figuras 22 e 23). Este bairro, ocupado por uma população de maior poder aquisitivo, vai direcionar a expansão de loteamentos de alto nível no sentido Leste e Nordeste da cidade, nas décadas posteriores.

A quarta fase do desenvolvimento urbano de Assis, entre os anos de 1950 e 1970, registra um expressivo crescimento da área urbana. É interessante relacionar esta grande expansão urbana com o desenvolvimento populacional verificado no mesmo período. Durante período de 1950 a 1970, a população de Assis cresceu a uma taxa geométrica anual de 2,80%, passando de 32.959 habitantes em 1950 para 57.220 em 1970, ou seja, um crescimento de, aproximadamente, 42,4%. Também, este período se caracteriza pela realização de alguns empreendimentos imobiliários estatais, como o BNH, que colabora com o desenvolvimento urbano da cidade de Assis.

FIGURA 23 - Evolução da área urbana do Município de Assis - 1930 a 2000.



Durante esta fase, na direção Norte-Noroeste da cidade, tem-se a abertura de diversos bairros populares como, o já mencionado **BNH**, o **Jardim Paraná**, a **Vila Progresso**, o **Jardim Alvorada**, a **Vila Santa Rita** e a **Vila Rodrigues**. A expansão na direção Norte-Nordeste da cidade fica contida pela presença das rodovias Raposo Tavares (SP-270) e Miguel Jubran (SP-333). Desta forma, não se verifica um crescimento urbano nesta direção nos anos posteriores. Os bairros marginais das rodovias, especialmente a Vila Progresso e o Jardim Paraná, constituem-se em bolsões de miséria na cidade de Assis, concentrando a população de mais baixa renda.

Também ocorre a expansão urbana na continuação do “Bairro das Três Porteiras”, área “além-trilhos”, localizada no extremo oeste da cidade, com a abertura das Vilas: **Cambuí**, **Carvalho** e **Silvestre**. A ocupação destes loteamentos, na margem esquerda do Córrego Fortuninha, foi bastante precária. Por ser uma área de intensa atividade erosiva, onde se localizava a “Voçoroca do Buracão”, sua ocupação inicial foi realizada pela população de baixa renda. Somente nas décadas posteriores, com os projetos de contenção da voçoroca, urbanização de seu entorno e, mais recentemente, com a criação do “Parque Ecológico Buracão” é que a área se torna mais valorizada.

Na margem direita do Fortuninha, como continuação da Vila Santa Cecília, surgem a **Vila Orestes** e a **Vila Tênis Clube** e no sentido Norte-nordeste do Patrimônio do Bispado ocorre a implantação das Vilas: **Maria**, **Zulmira**, **Adileta** e **Fiúza**, etc (consultar as Figuras 22 e 23).

Na direção Sul aparecem os bairros: **Jardim Amaury** e **Santa Amélia**. Estes bairros surgem para preencher o espaço ao redor do tradicional o Colégio Diocesano.

O quinto período de desenvolvimento urbano, compreendido entre 1970 e 1990, caracteriza-se pela expansão no sentido Oeste-sudoeste e Leste-nordeste. Como expansão da Vila Ribeiro e, para ocupar o vazio existente entre este bairro e a Vila Prudenciana aparecem as Vilas: **Brasileira**, **Fortuna** e **Soubhie**. Como expansão da Vila Ribeiro surgem: **Vila Nova Florínea** e o **Jardim Eldorado**.

A ocupação urbana neste período também orienta-se no sentido Sul e Sudoeste, com a abertura de alguns bairros tais como: o **Jardim Três Américas**, **Vila Paraíso**, **Vila Funari**, **Vila Santa Elisa**, **Vila São João**, também os loteamentos de **San Fernando Valley** e **Jardim Canadá**.

Nesta quinta fase da expansão urbana também se deve destacar a abertura de um loteamento voltado para a população de alto poder aquisitivo. O **Jardim Europa**, situado na porção leste da cidade (expansão do Jardim Paulista), se consolida como área “nobre” da cidade, sendo caracterizado pela presença de grandes lotes, casas luxuosas e, atualmente, atraindo estabelecimentos privados de saúde como: clínicas médicas, centros de estética, Hospitais (Hospital de Olhos Oeste Paulista, etc). No sentido Leste-sudeste temos a abertura do **Jardim América**, margeando o acesso à Rodovia Raposo Tavares, na continuação da Avenida Rui Barbosa.

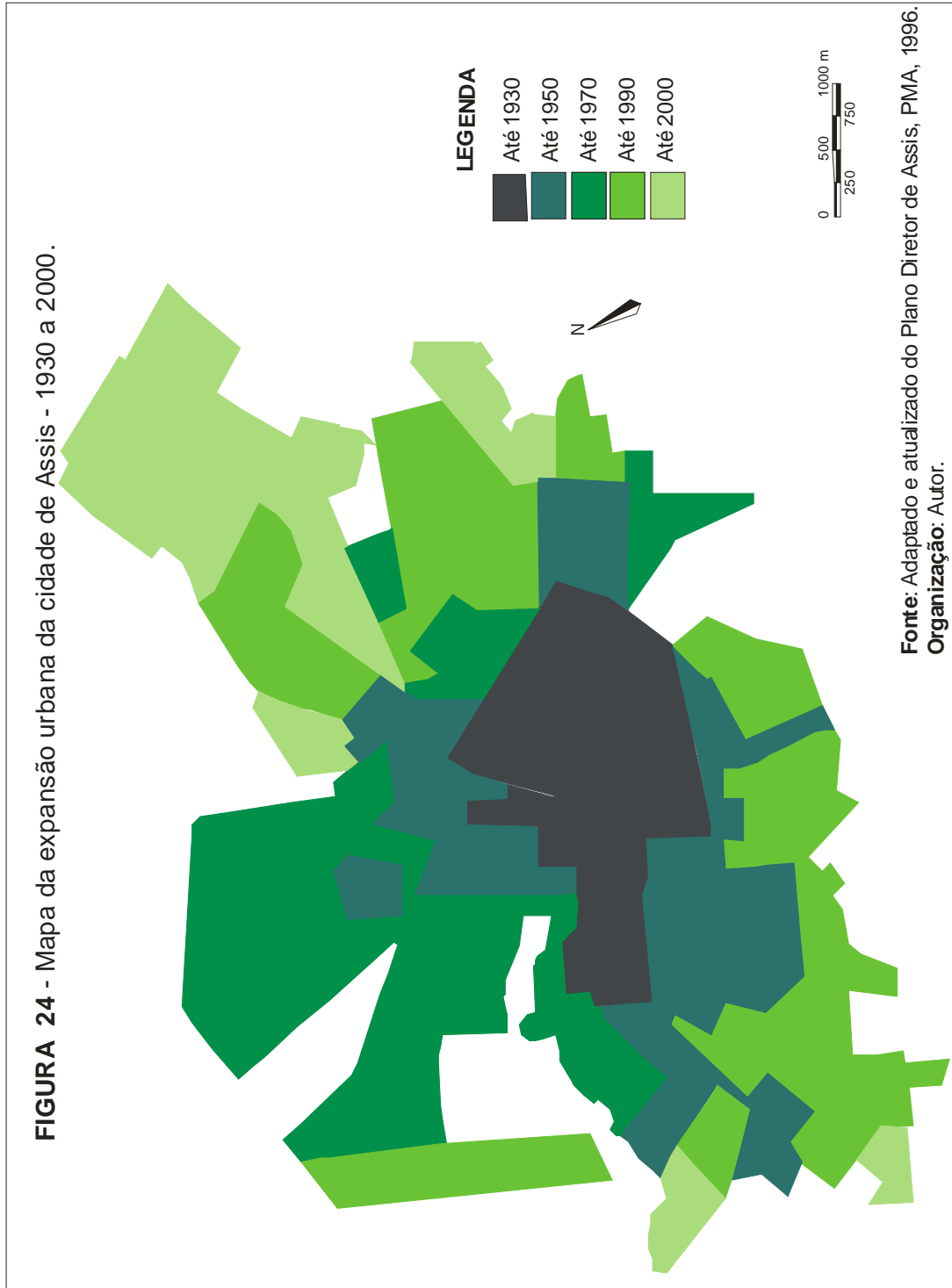
No sentido Nordeste temos a abertura dos loteamentos: **Parque das Acácias**, **Conjunto Habitacional (Cohab) Elvira Nogueira Duarte**, **São Nicolau** e **Parque das Flores**. Neste período também ocorre o surgimento do **Parque Universitário**, situado próximo ao Campus da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no acesso a Rodovia Miguel Jubran (saída para Londrina) na região Noroeste da cidade.

A sexta e última fase do crescimento urbano de Assis, situa-se entre os anos de 1990 e 2000, caracterizando-se pela abertura de empreendimentos imobiliários estatais e pelo preenchimento de alguns vazios urbanos. Dentre os empreendimentos imobiliários estatais destacam-se o **INOCOOP**, **CDHU** e **Distrito Industrial (C.D.A.)**, localizados na porção Nordeste da cidade.

É interessante observar que o Distrito Industrial, instalado numa área entre as Rodovias Miguel Jubran (saída para Marília) e Raposo Tavares (saída para São Paulo), transpõe a barreira física da estrada de rodagem e abre perspectiva para a expansão da cidade nesta direção.

Nesta mesma porção, como prolongamento do Conjunto Habitacional (Cohab) Elvira Nogueira Duarte, surge o loteamento Assis IV, instalado aos fundos do Cemitério Municipal e da Estação Rodoviária.

FIGURA 24 - Mapa da expansão urbana da cidade de Assis - 1930 a 2000.



No sentido Leste-sudeste, no vazio urbano entre o Jardim Europa e Jardim das Américas, no divisor de águas do Córrego do Matão e do Água do Pavãozinho, abrem-se os loteamentos: **Jardim Morumbi** e **Jardim Montecarlo**.

Na porção oeste, ainda como prolongamento do “Bairro das Três Porteiras”, abre-se os loteamentos populares: **Assis III** e **Nova Assis**.

A Figura 24 apresenta a cidade de Assis dividida segundo os períodos de expansão urbana (até 1930, 1930-1950, 1950-1970, 1970-1990 e 1990-2000). Ela pode dar uma visão mais geral da “idade” de ocupação das diferentes áreas urbanas.

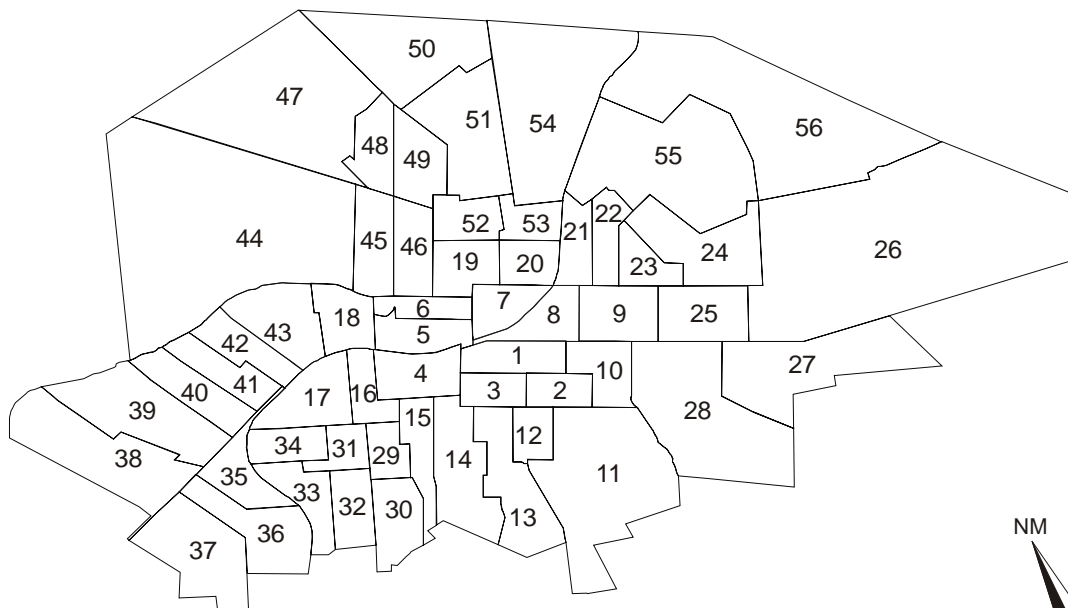
4.3. A distribuição espacial intraurbana da população idosa na cidade de Assis.

A avaliação da distribuição espacial da população decorre de duas variáveis relevantes: a primeira vinculada ao processo de surgimento dos novos bairros para as quais há que se considerar o momento do loteamento, tamanho, a localização no contexto geral da cidade, o tipo (loteamento popular ou de luxo). A segunda relaciona-se à dinâmica populacional da cidade, à velocidade de ocupação, ao perfil sócio-econômico, etc. Conforme o mencionado, este processo, apesar das dificuldades, teve como base os dados dos setores censitários do IBGE para os dois censos mais recentes.

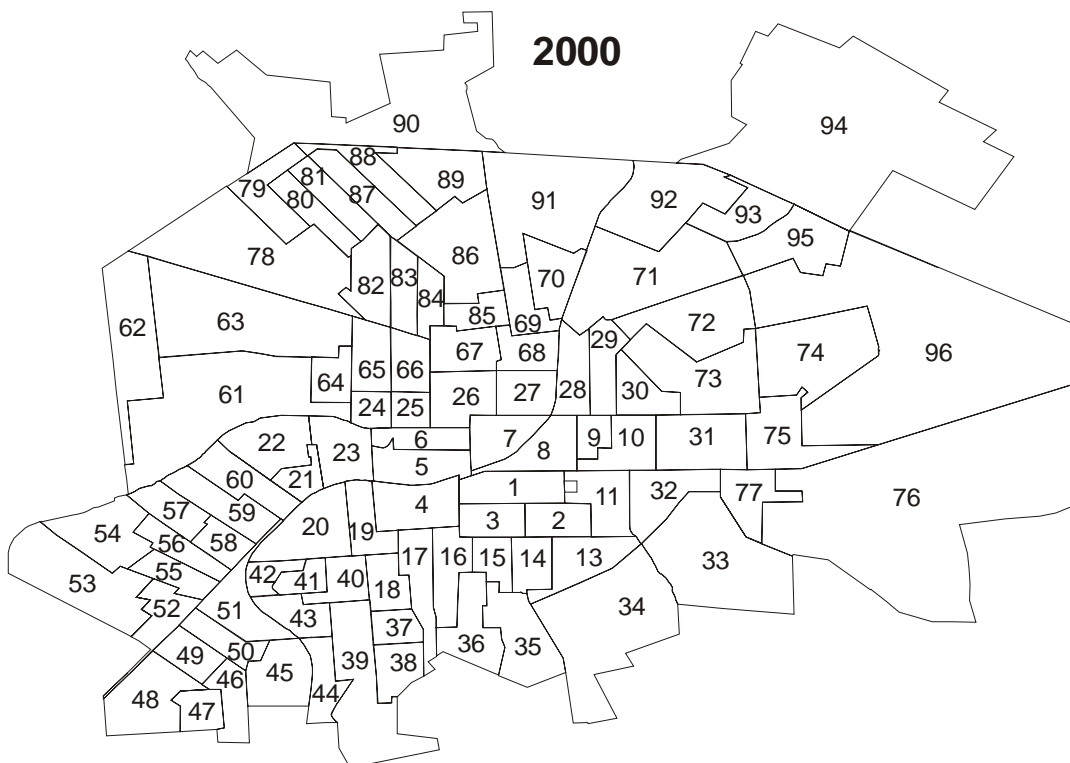
A Figura 25 apresenta o parcelamento da malha urbana de Assis segundo os setores censitários dos Censos Demográficos de 1991 e 2000. Nela observa-se que, durante os nove anos que separam os dois levantamentos, não houve um grande acréscimo na área urbana. Apenas se incluiu, no ano de 2000, os setores 90 e 94 que, na verdade, representam, respectivamente, uma área de urbanização não consolidada (urbano-rural) e o distrito industrial

FIGURA 25 - Setores Censitários Urbanos de Assis.

1991



2000



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991 e 2000.

Organização: Autor

e seu entorno. Também ocorre uma expansão do setor 27 (1991), dá origem ao setor 76 (outra área de urbanização não consolidada). Deve-se esclarecer que a nomenclatura dos setores censitários, adotada neste trabalho, na verdade deriva de uma simplificação do código do setor utilizado pelo IBGE. Assim, por exemplo, o setor **350400805000023** passa a ser denominado simplesmente pelo algarismo 23.

Contudo, observa-se um grande aumento no número de setores censitários entre os levantamentos de 1991 e 2000. O número de setores que no Censo de 1991 era de 56, passa para 96, em 2000. Este acréscimo decorre, principalmente, do parcelamento ou divisão dos setores pré-existentes.

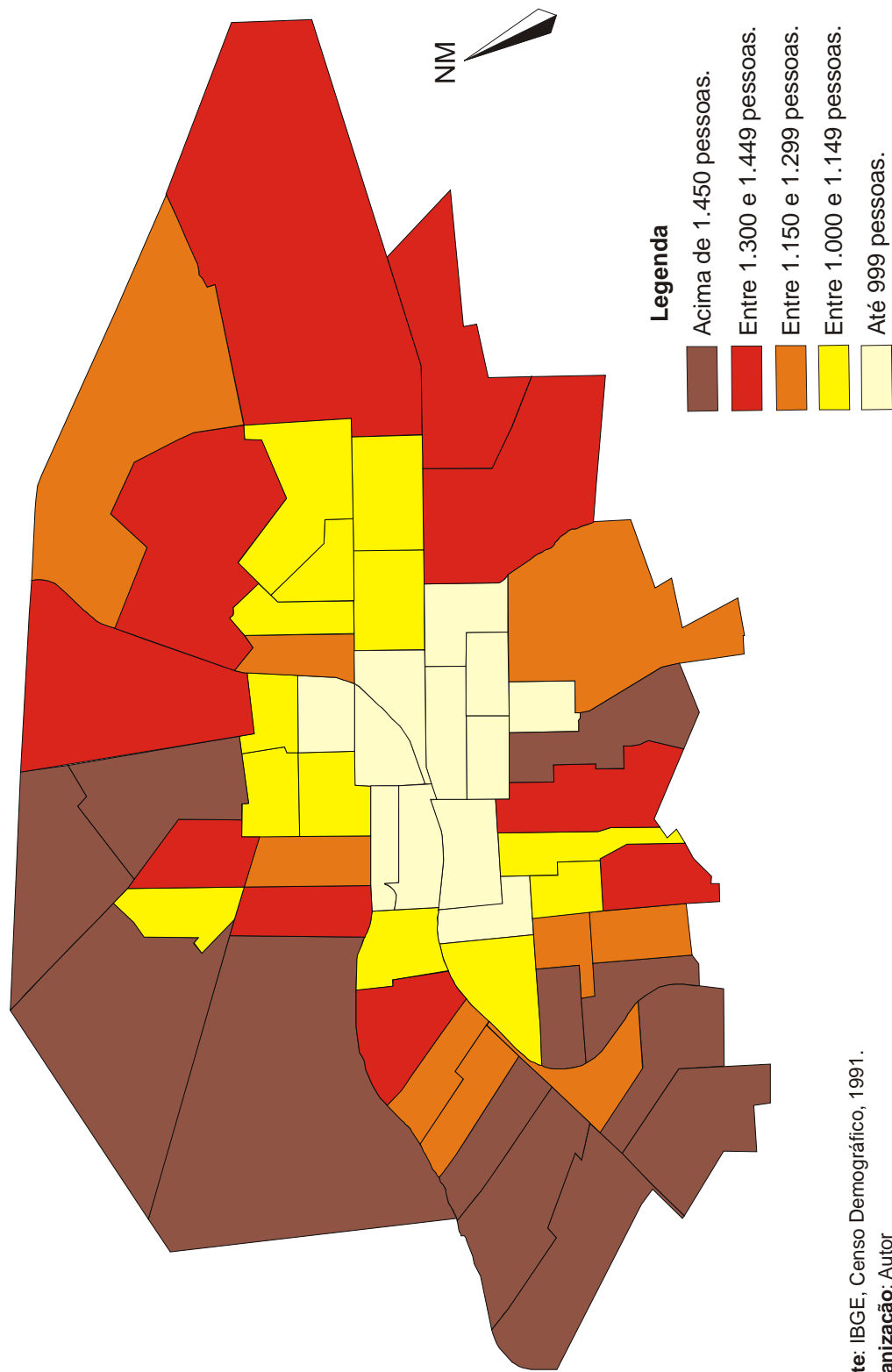
Esta divisão de antigos setores, em dois ou três novos, não comprometeu a análise proposta na pesquisa. Isto porque, em primeiro lugar, os setores centrais, que se revelaram mais relevantes para o estudo permaneceram, na maioria das vezes, inalterados. Em segundo lugar, quando necessário, foi possível reconstituir um grande número dos antigos setores. Por exemplo, somando os atuais setores 09 e 10 é possível efetuar a comparação com o antigo setor 09 (1991).

Também, esta divisão da malha urbana em um número maior de setores censitários, na realidade, favoreceu a análise espacial. Os setores passaram a representar áreas menores e, portanto, mais homogêneas do ponto de vista do desenvolvimento urbano de Assis.

A primeira análise realizada foi em relação à distribuição da população assisense pelos setores censitários de 1991 e 2000. Os resultados, mostrados nas Figuras 26 e 27, revelaram que os setores em 1991 eram muito mais populosos que os de 2000. Em 1991, somente 12 setores contavam com uma população inferior a mil habitantes. Já no levantamento de 2000, 66 setores apresentavam totais de população com este perfil. Isto pode ser explicado pela nova divisão de setores censitários realizados pelo IBGE, em 2000, que fez com os setores passassem a reunir um número mais reduzido de domicílios.

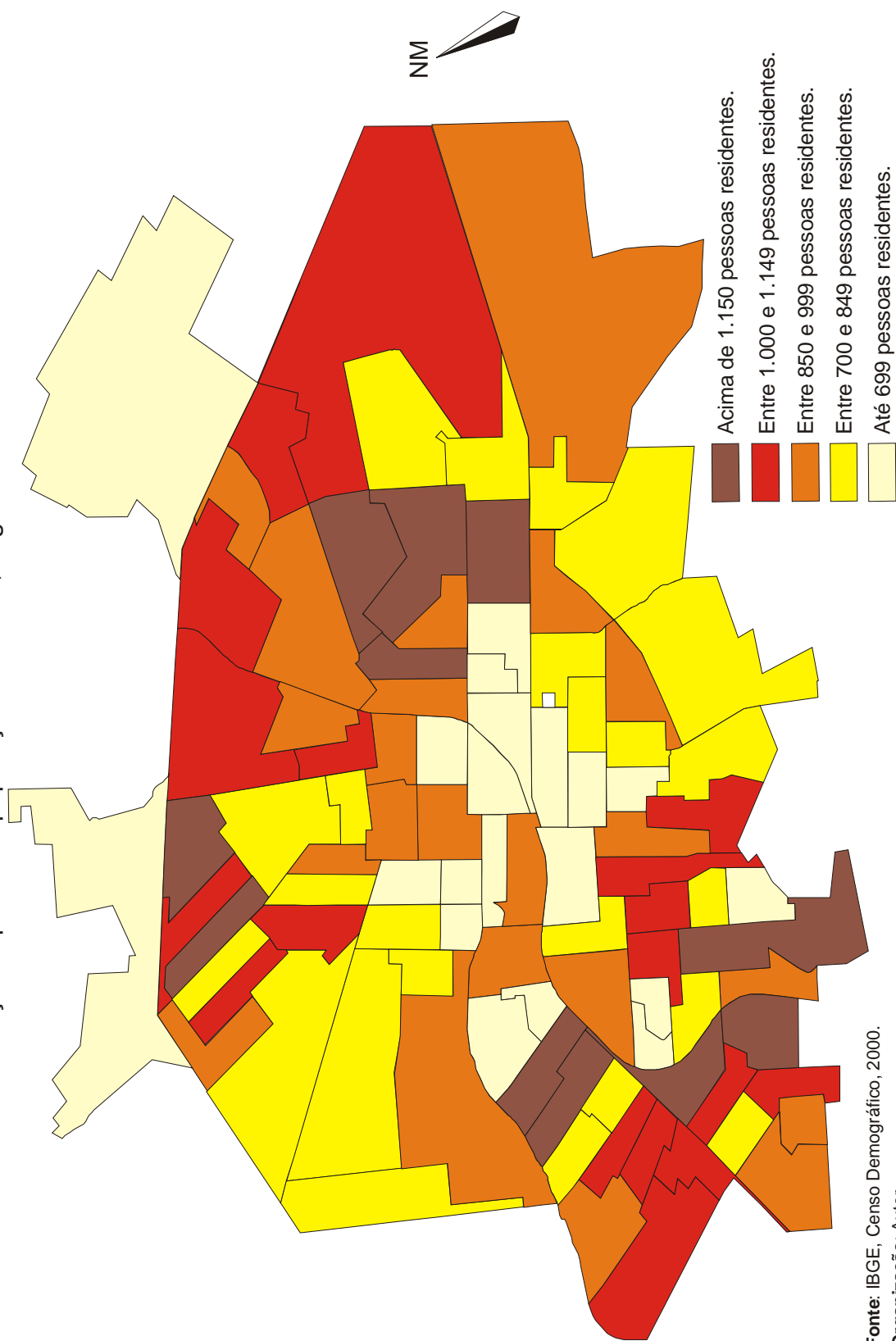
Contudo, corre-se o risco de incorrer em distorções ou exageros do processo de envelhecimento intraurbano de Assis. Como os setores ficaram menores, ao agrupar um conjunto de indivíduos mais reduzidos, algumas áreas

FIGURA 26 - Distribuição espacial da população residente, segundo os setores censitários - Assis - 1991.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991.
Organização: Autor

FIGURA 27 - Distribuição espacial da população residente, segundo os setores censitários - Assis - 2000.



podem ter experimentado um acréscimo muito expressivo da participação de pessoas idosas entre os dois períodos. É também relevante destacar que nem sempre os setores censitários coincidem, isoladamente ou em conjunto, a um bairro específico. Nestas circunstâncias aumenta-se a probabilidade de distorções.

Quanto à distribuição da população propriamente dita, ela pode ser observada nas figuras 26 (Censo de 1991) e 27 (Censo 2000). Pode-se perceber que, no essencial, não aconteceram alterações muito expressivas. A área central da cidade, que confunde-se com a área de ocupação mais antiga, apresenta-se, nos dois momentos, como menos populosa. No entanto, é relevante considerar que os setores mais centrais e mais antigos da cidade (setores 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 19 e 20 do censo 1991; e 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 26 e 27 do censo 2000) exibem uma significativa redução na participação da população total da cidade. Enquanto, em 1991, estes setores eram responsáveis por 14,2% da população, em 2000, representam apenas 10,3%. Alias, esta tendência não surpreende visto a intensa a grande concorrência imobiliária verificada nessas zonas centrais.

Os centros urbanos, como área de convergência das atividades comerciais e de serviços (bancário, administração pública, etc), vão se transformando, lentamente, em vazios demográficos, na medida em que os domicílios têm que disputar espaço com as lojas, bancos, prédios de escritório, supermercados, etc⁵⁸. Esta situação pode representar importantes desafios para os grupos de mais idade. Como o ímpeto migratório diminui com o avanço da idade, os idosos tendem a permanecer nos seus bairros tradicionais, onde viveram a maior parte da vida, criaram a família, construíram uma rede social (amigos e parentes), etc. Desta forma, os idosos costumam ser os "remanescentes" das zonas centrais e, assistem impotentes a conversão dos

⁵⁸ VARELA (op. cit.)

"Todo parece indicar que las estrategias de vaciamiento poblacional, hasta entonces ligadas a la penetración del terciario en áreas consolidadas y a la expulsión de la población de los barrios tradicionalmente residenciales con serios problemas de vivienda inadecuada, comienzan a diversificar sus cauces de actuación, afectando a barrios cuyas características y posición estratégicas dentro del conjunto urbano los hacen susceptibles de acoger nuevas formas de tercerización y recalificación social previa transformación de su tejido residencial". p. 655

seus antigos bairros residenciais em novas zonas comerciais. Nestas circunstâncias, esta população tende a perder seus vínculos sociais (vizinhos, amigos, parentes, etc) e seus marcos espaciais e, muitas vezes, acabam “migrando”, mesmo sem sair do lugar.

Por outro lado, as áreas mais populosas continuam sendo os bairros mais populares que, pelos preços mais acessíveis de terrenos e casas, concentram famílias mais “jovens”, com filhos e, portanto, mais numerosas. Isto fica evidente observando-se à parte Oeste da cidade (Bairro “Três Porteiras”), ao longo dos trilhos da ferrovia. Os setores situados nesta área apresentam, nos dois momentos, os maiores volumes de população.

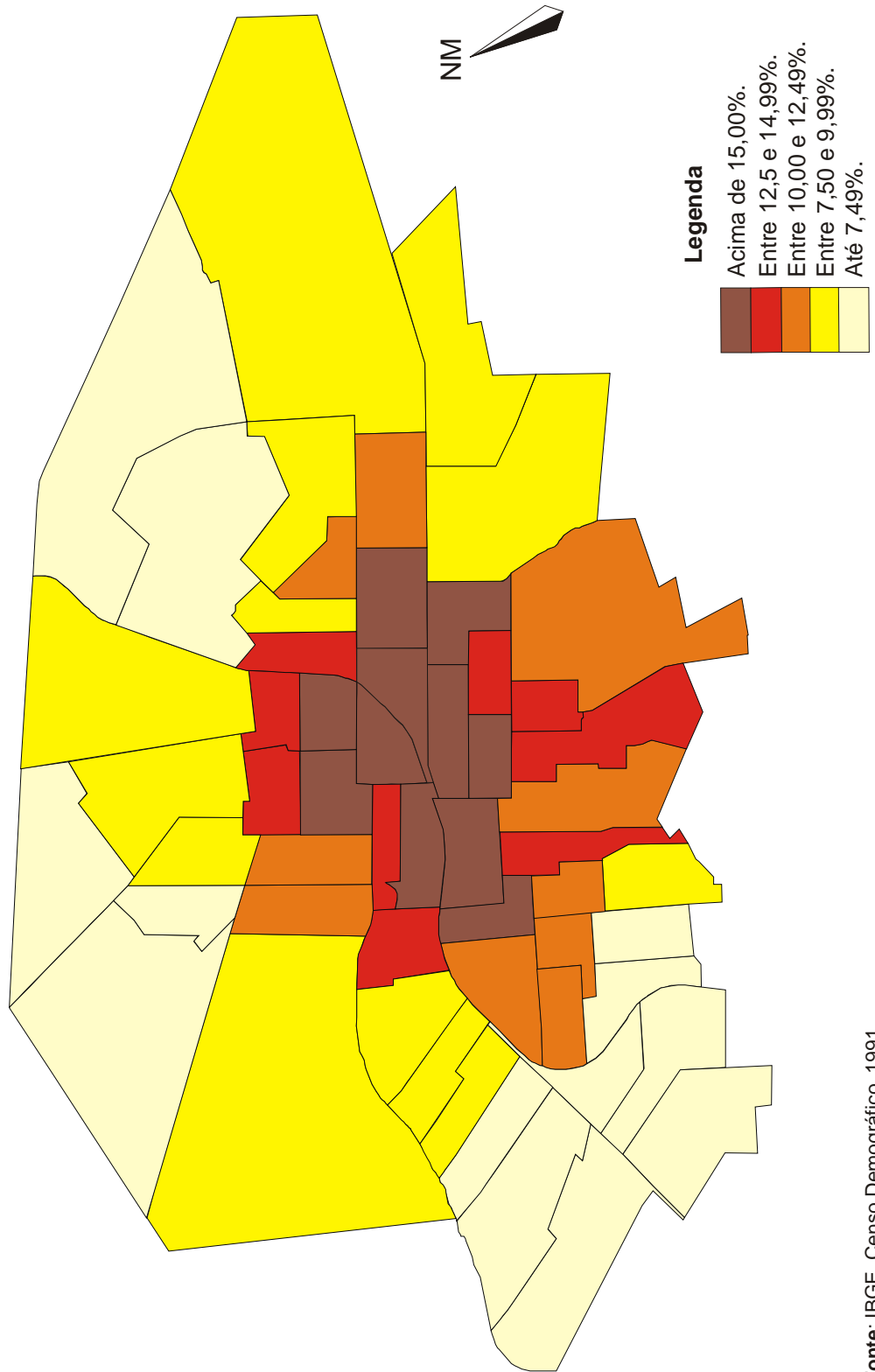
Os bairros da porção norte da cidade, no limite das rodovias Raposo Tavares (SP-270) e Miguel Jubran (SP-333), áreas de loteamentos populares, conforme referência anterior, também comportam um número elevado de habitantes.

Outro destaque pode ser dado à seção Norte-nordeste da cidade, envolvendo os antigos setores 55, 56 e 26 e os atuais setores 92, 93, 95, 71, 74 e 96. Esta região mostra uma significativa expansão urbana na última década, com a abertura de novos loteamentos populares (COHAB, por exemplo) e expansão de antigos loteamentos de luxo (Jardim Europa, Morumbi, etc). Assim, registra um número mais significativo de habitantes no ano 2000.

Quanto à estrutura etária da população dos setores censitários, informação que particularmente interessa a esta pesquisa, reproduzida nas Figuras 28 e 29. Estas mostram respectivamente a porcentagem de pessoas com sessenta anos e mais nos Censos de 1991 e 2000.

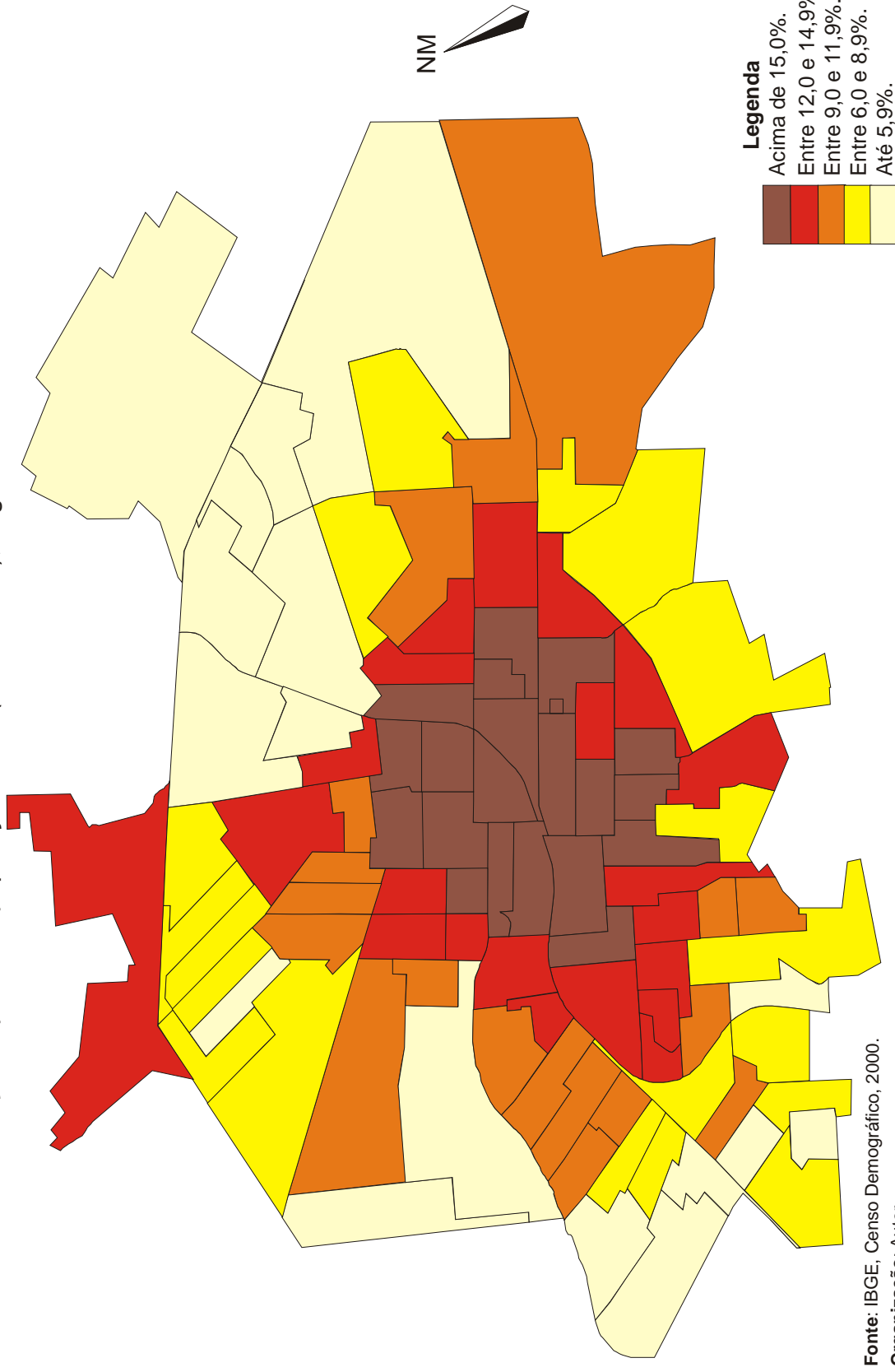
Observando a Figura 28, percebe-se que, a grande maioria dos setores, ainda apresentava uma estrutura etária bastante jovem. Apenas um pequeno grupo de setores (11) registrava participação da população idosa superior a 15% do total da população. O setor 01, cuja estrutura etária era mais envelhecida, contabilizava 26,7% de sua população com sessenta anos e mais de idade.

FIGURA 28 - Distribuição espacial da população idosa (60 anos e +), segundo setores censitários - Assis - 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991.
Organização: Autor

FIGURA 29 - Distribuição espacial da população idosa (60 anos e +), segundo os setores censitários - Assis - 2000.



É interessante destacar que os setores mais envelhecidos estavam situados nas áreas de ocupação mais antiga da cidade. Estes setores compreendiam a área do núcleo inicial de ocupação (01, 02, 03 e 10), a área do Patrimônio do Bispado (08 e 09), a do início da Vila Boa Vista (07, 19 e 20), da Vila Operária, antiga Vila Coelho (05 e 06) e a da Vila Clementina (04 e 16). Todas estas áreas iniciaram suas ocupações antes da década de 1930.

Ainda que se respeite as peculiaridades do envelhecimento populacional de Assis, é oportuno refletir sobre os resultados similares a que chegaram alguns geógrafos norte-americanos. Analisando as tendências de suas cidades, convenceram-se, num primeiro momento, de que os centros das cidades agregavam um número elevado de pessoas idosas, enquanto que os subúrbios registravam populações mais jovens. Acreditou-se que as pessoas mudavam para os subúrbios quando se casavam e começavam a constituir família e, depois, quando os filhos saíam de casa, retornavam para o centro. Contudo, estudos mais recentes provaram que esta tese estava errada, pois constaram que os idosos representavam um percentual mais expressivo nos centros da cidade por terem permanecido, ou seja, envelheceram neste espaço (GOBER, 1992).

Tabela 38 – Estrutura etária dos cinco setores censitários mais envelhecidos” e, dos cinco setores menos “envelhecidos” no Censo de 1991 – Assis.

	N.º do setor	% 0-14	% 15-59	% 60 e +
Velhos	01	15,4	58,0	26,7
	07	20,0	58,2	21,8
	08	20,2	58,9	20,9
	20	24,3	57,0	18,6
	19	19,0	63,0	18,0
Jovens	50	36,7	57,8	5,4
	47	32,9	62,4	4,7
	37	37,9	57,6	4,5
	56	36,9	59,0	4,2
	55	35,4	60,4	4,2

Fonte: Agregados por setor censitário – Sudeste – Censo 1991 – IBGE.

Organização: o autor.

Também, o fato de os setores mais envelhecidos coincidirem com os setores menos populosos parece decorrer do mesmo fenômeno. Não apenas o espaço e os indivíduos envelheceram no centro da cidade, como as famílias também envelheceram. Os filhos destas famílias já saíram de casa para

constituírem suas próprias famílias e foram residir provavelmente nos novos bairros e loteamentos com preços mais acessíveis de moradia. Para comprovar a reprodução, em Assis, desta tendência, pode-se realizar um pequeno exercício, examinando a estrutura etária dos cinco setores mais envelhecidos e dos cinco menos envelhecidos no ano de 1991, que estão registrados na tabela 38.

Percebe-se que os setores mais envelhecidos apresentam um percentual baixo de jovens e crianças, em alguns casos, inclusive, inferiores ao percentual de idosos. Já os setores menos envelhecidos exibem um percentual muito elevado de jovens e crianças, superior a 30%. Portanto, esta amostra é indicativa que os bairros centrais agregam famílias “velhas”, enquanto que a periferia reúne famílias “jovens”.

Se prevalecer as tendências deste padrão de desenvolvimento urbano e demográfico pode-se esperar, num futuro próximo, que os atuais bairros periféricos também modifiquem sua estrutura etária, na medida em que seus moradores envelheçam e seus filhos saiam de casa para constituir novas famílias em novos bairros. Também, deve-se mencionar o fato de que as atuais famílias “jovens” se constituíram sob a égide das taxas de fecundidade mais baixa, ou seja, possuem uma prole mais reduzida. Assim, o envelhecimento populacional dos bairros periféricos pode ocorrer em uma velocidade muito mais acentuada que a verificada nas áreas centrais.

O desafio, contudo, passa a ser o centro urbano: quem irá ocupar este espaço? Os futuros idosos irão migrar para este espaço para ocupar o lugar de seus pais e avós? Poderá se dar um esvaziamento demográfico absoluto desta área, com os domicílios sendo substituídos pelo terceiro setor (serviço e comércio)? Ou ocorrerá um processo de gentrificação da zona central, com um aumento de uma população mais jovem e de maior poder aquisitivo? Estas alternativas vêm sendo observadas em diferentes cidades de tamanhos populacionais diversos.

Os resultados encontrados para o Censo 2000, exibidos na Figura 29, parecem comprovar a tese exposta anteriormente. Ocorre uma difusão do envelhecimento pelos setores, num processo de expansão areal (o entorno da

área “envelhecida” também envelhece). Esta situação parecer provar a relação entre o desenvolvimento urbano (ocupação) e envelhecimento populacional. A população envelhece juntamente com o meio ao seu redor.

Também, os setores menos envelhecidos (ver tabela 39) são justamente as áreas de expansão urbana da década de 1990 (porção Norte-nordeste da cidade).

Tabela 39 – Percentual dos grandes grupos de idade (0-14, 15-59 e 60 anos e mais) dos cinco setores censitários mais envelhecidos” e dos cinco setores menos “envelhecidos” no Censo de 2000 – Assis.

	N.º do setor	% 0-14	% 15-59	% 60 e +
Velhos	01	15,4	49,4	35,2
	07	15,6	55,1	29,3
	08	12,6	59,8	27,6
	27	14,1	58,6	27,3
	26	14,7	60,8	24,5
Jovens	94	35,7	60,2	4,1
	91	29,0	67,4	3,6
	54	33,7	63,2	3,1
	95	31,8	65,2	3,0
	96	28,8	68,5	2,8

Fonte: Base de Informações por setor censitário – Assis – Censo 2000 – IBGE.

Organização: o autor.

Uma forma de avaliar o processo de transformação da estrutura etária dos setores censitários, especialmente aqueles mais antigos, mais centrais e que têm apresentado um envelhecimento mais acentuado é a comparação direta entre os dois levantamentos. Novamente selecionamos os setores censitários 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07 e 08, que permanecem inalterados entre os dois levantamentos, os atuais setores 09 e 10, que serão agrupados para reconstituir o antigo setor 09 e, os setores 11, 26 e 27, anteriormente denominados, respectivamente, 10, 19 e 20. Esta comparação do percentual de idosos e entre 1991 e 2000 pode ser observada na Tabela 40.

Percebe-se que os setores centrais apresentaram um significativo aumento da participação da população idosa no total da população entre os dois levantamentos. Alguns aumentaram esta participação acima de oito pontos percentuais. Contudo, ao se observar a evolução do número absoluto

de pessoas residentes nestes setores, constata-se que o aumento foi mínimo, quando não se deu uma redução.

Tabela 40 – Percentual e população total de idosos nos setores centrais de Assis no Censo 1991 e 2000.

Setor 1991	Setor 2000	% Idosos 1991	% Idosos 2000	Total Idoso 1991	Total Idoso 2000
01	01	26,7	35,2	149	148
02	02	12,8	15,5	110	110
03	03	17,6	23,1	135	131
04	04	17,5	21,7	146	136
05	05	15,5	19,0	151	161
06	06	13,8	19,1	119	133
07	07	21,8	29,3	158	199
08	08	20,9	27,6	147	166
09	09				
	10	17,3	21,8	197	225
10	11	15,7	18,5	153	148
19	26	18,0	24,5	140	239
20	27	18,6	27,3	157	163

Fonte: Base de Informações por setor censitário – Assis – Censo 2000 – IBGE.

Agregados por setor censitário – Sudeste – Censo 1991 – IBGE.

Organização: o autor.

Como estes setores não foram alterados, em sua base geográfica, entre os dois levantamentos pode-se afirmar que, o envelhecimento populacional verificado nestes setores ocorreu, predominantemente, em virtude do “esvaziamento” populacional das áreas centrais. Este “esvaziamento” deve ter atingido as coortes de menor idades, pois o grupo etário idoso conseguiu, mesmo sem aumentar o seu tamanho absoluto, aumentar sua participação no total da população. Assim, a área central também envelhece em virtude da diminuição de sua população total.

Outro procedimento para se avaliar o envelhecimento populacional intraurbano de Assis é, através, do Índice de Envelhecimento⁵⁹. Este índice, ao relacionar a população de mais e menos idade (idosos e jovens), demonstra, com bastante propriedade, o real estágio do processo de envelhecimento de

⁵⁹ Conforme mencionado no segundo capítulo, na página **88**. O Índice de envelhecimento, conforme referência anterior, é uma razão entre a população idosa (60 anos e mais) e a população jovem (0 a 14 anos).

uma determinada população. Os índices de envelhecimento calculados para os Censos de 1991 e 2000 são apresentados, respectivamente, nas Figuras 30 e 31.

Os resultados encontrados para o Censo de 1991 revelam uma situação instigante, pois os setores mais e menos envelhecidos apresentam uma diferença muito significativa quanto ao grau de envelhecimento. Enquanto os setores mais envelhecidos (01, 07, 08 e 19) apresentam valores superiores a 100, os setores menos envelhecidos (37, 47, 55 e 46) não alcançam 15.

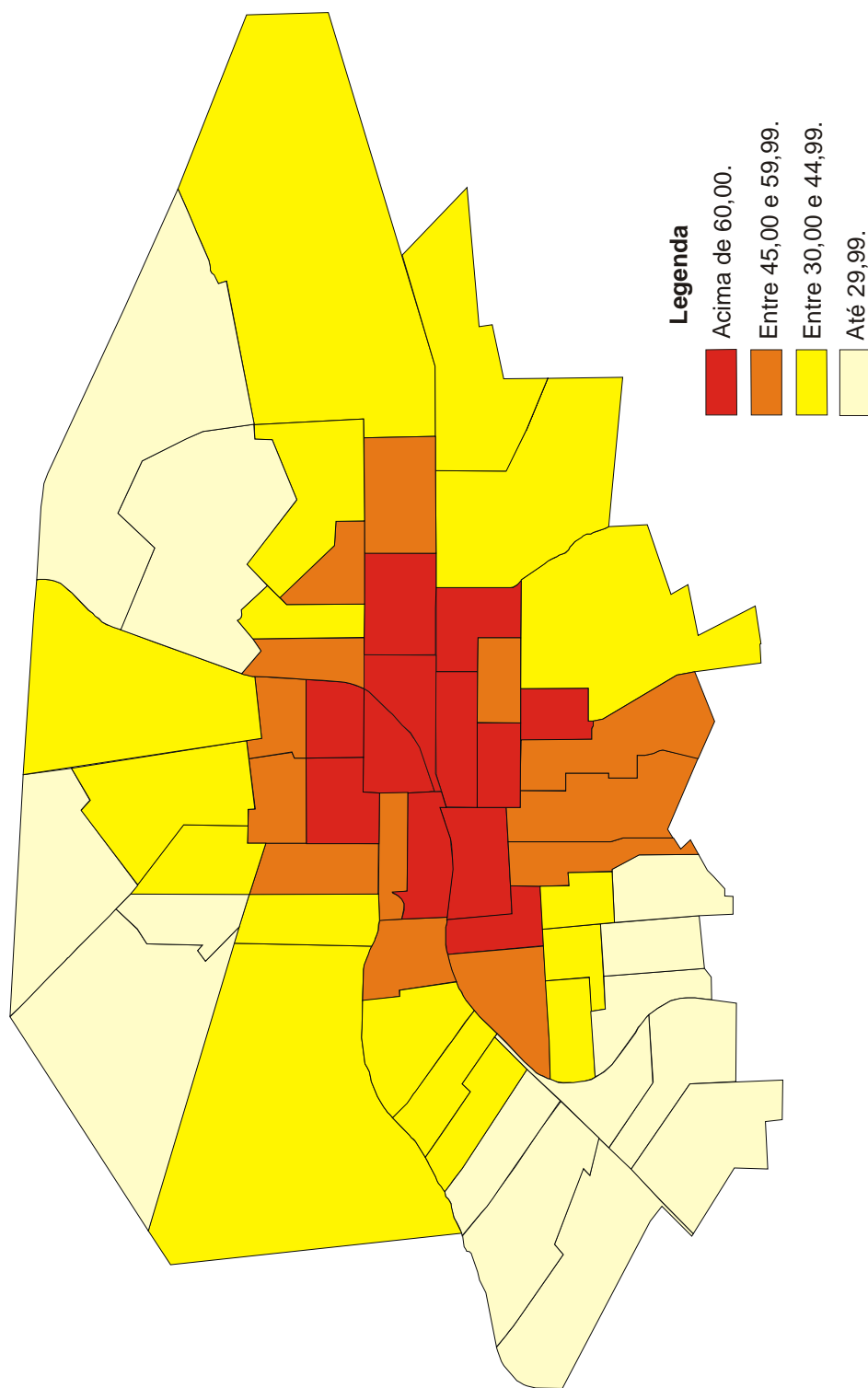
É interessante, portanto, notar que dentro de uma mesma cidade, teoricamente com uma população homogênea, enquanto alguns espaços exibem uma estrutura etária muito envelhecida, outros, ao contrário, revelam uma distribuição de idades muito jovem. Isto comprova a relevância da dimensão espacial nos estudos sobre o envelhecimento. Os idosos, através de seus atributos históricos e socioeconômicos, conformam um padrão de distribuição e apropriação espacial muito específico.

Analisando-se a concentração espacial deste grupo etário, pode-se supor que exista um tipo de segregação espacial provocada pelo: desenvolvimento urbano, concorrência imobiliária, características psico-biológicas (vontade de mudar, laços cognitivos com o espaço em que reside, fragilidade, etc), características sócio-econômicas, etc. Assim, os idosos são compelidos a residir, ou melhor, a continuar residindo, em determinados espaços.

Em 2000, a situação se agrava, como atesta aprofundamento das diferenças entre os setores mais e menos envelhecidos, que fica, cada vez mais marcante. Os setores mais envelhecidos (01, 07, 08 e 27) apresentam um índice próximo a 200, enquanto os menos (54, 94, 95 e 96) registrando valores inferiores a 12.

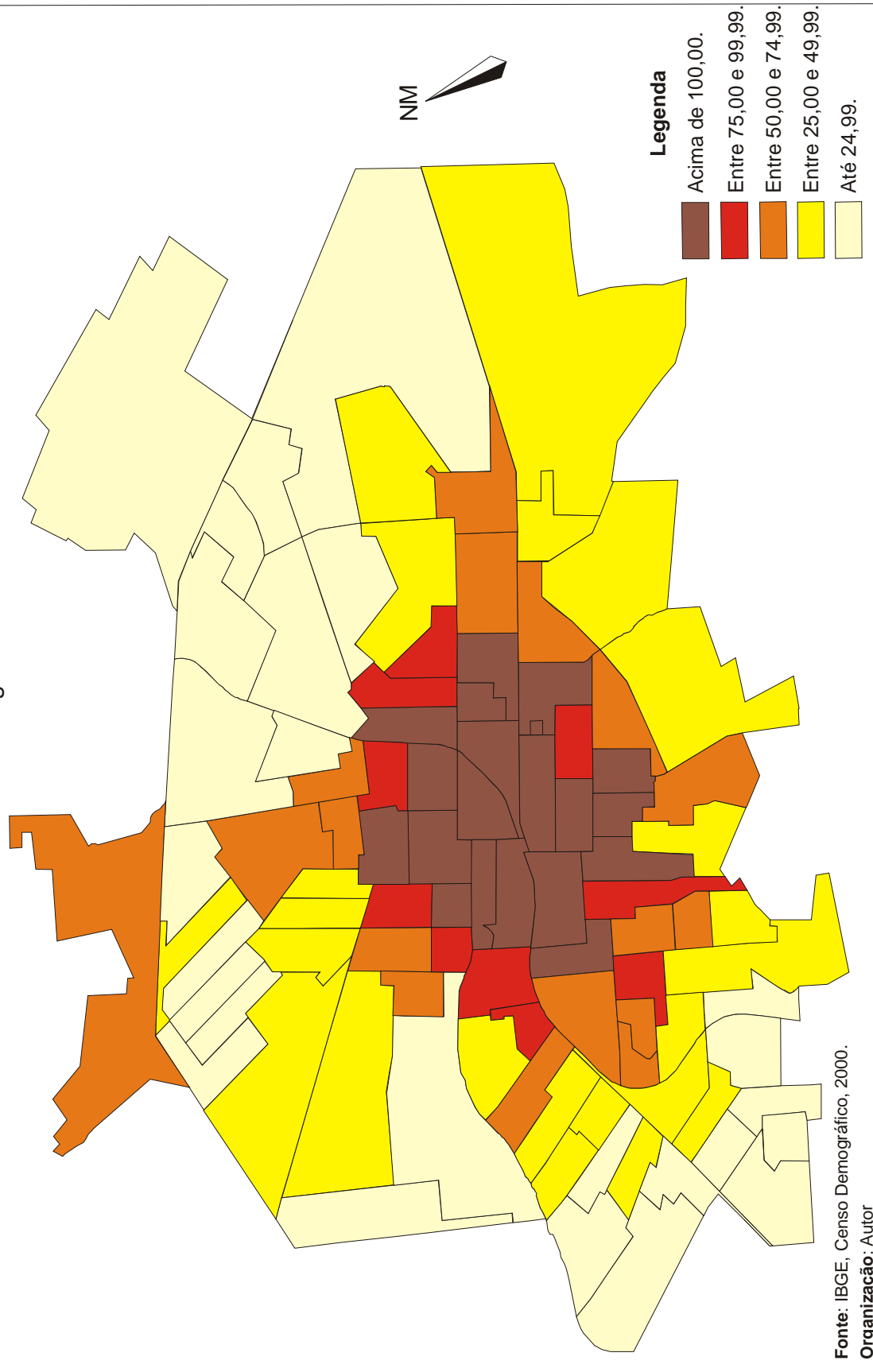
Também se observa que o Índice de envelhecimento, em ambos os anos (1991 e 2000), é elevado na área central e antiga da cidade, mas vai se reduzindo à medida que avança para a periferia, quando sinaliza valores mais baixos.

FIGURA 30 - Índice de Envelhecimento segundo os setores censitários - Assis - 1991.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.
Organização: Autor

FIGURA 31 - Índice de envelhecimento segundo os setores censitários - Assis - 2000.



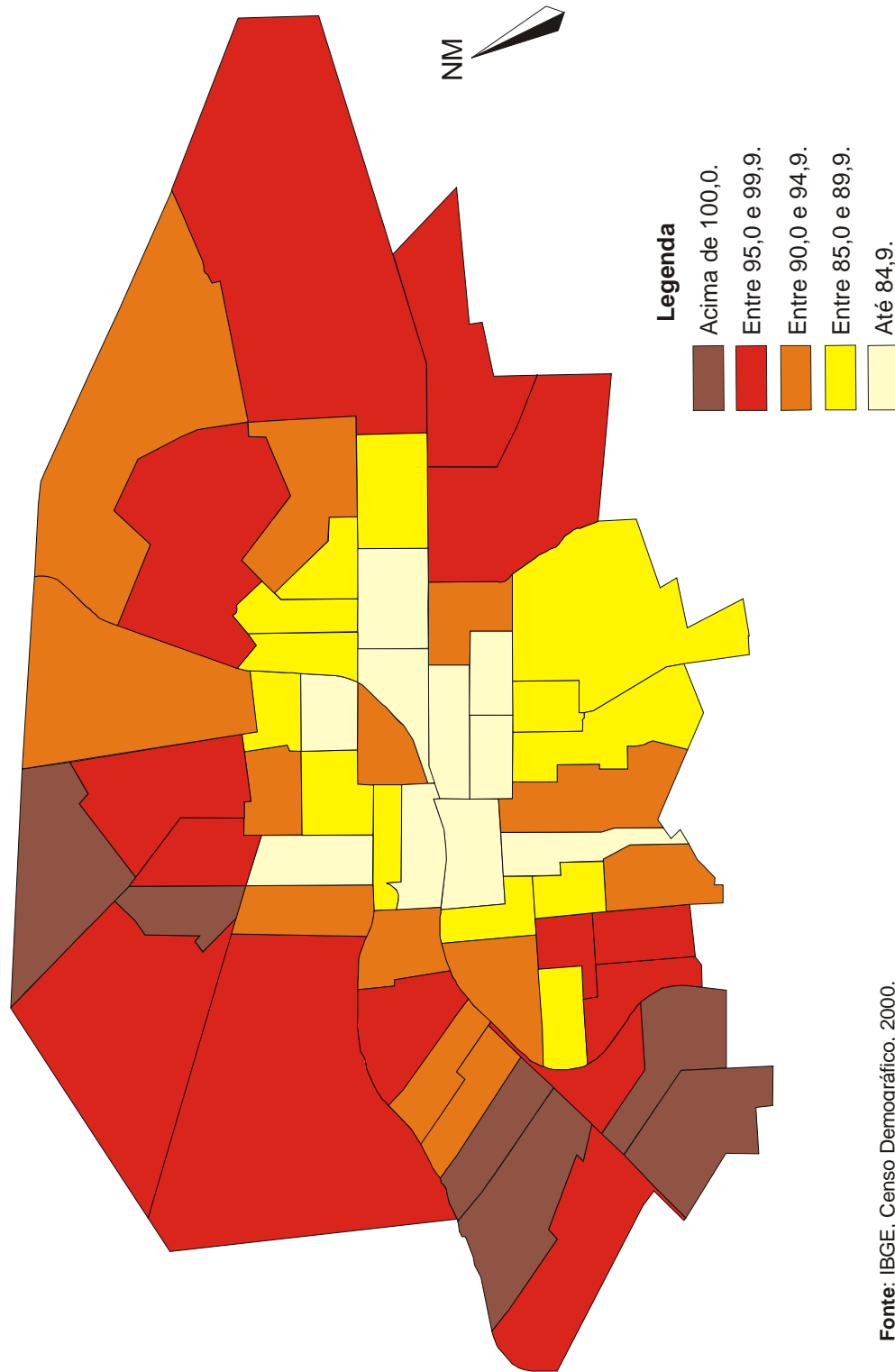
Procurou-se focar o envelhecimento a partir da Razão de masculinidade por setor censitário (Figuras 32 e 33). Esta razão, de acordo com o explicado no segundo capítulo, é a relação entre o número de homens e mulheres (homens por grupo de cem mulheres). Avaliando-se as figuras verifica-se que esta taxa deixa transparecer algumas particularidades demográficas interessantes. A razão de masculinidade é elevada nos bairros periféricos (novos) da cidade e reduzida nas áreas mais centrais (mais antigas).

Por exemplo, no setor 46 (Censo 2000), área do bairro popular “Três Porteiras”, existe 108,05 homens para cada grupo de 100 mulheres. Já no setor 03 (2000), área de ocupação mais antiga (central), existe apenas 68,75 homens para cada cem mulheres. Este dado é relevante na pesquisa porque pode ser tomado como sendo um forte indício do envelhecimento espacialmente diferenciado da cidade de Assis. Como os homens apresentam uma mortalidade diferencial, morrem, normalmente, antes do que as mulheres, áreas com alta concentração feminina podem indicar uma estrutura etária mais envelhecida. Também, é interessante notar que os setores mais populosos são justamente os mais “masculinizados”, ou seja, com uma razão de masculinidade mais elevada, enquanto que, os setores menos populosos, são os mais “feminilizados”.

4.4. As características sócio-econômicas dos setores censitários.

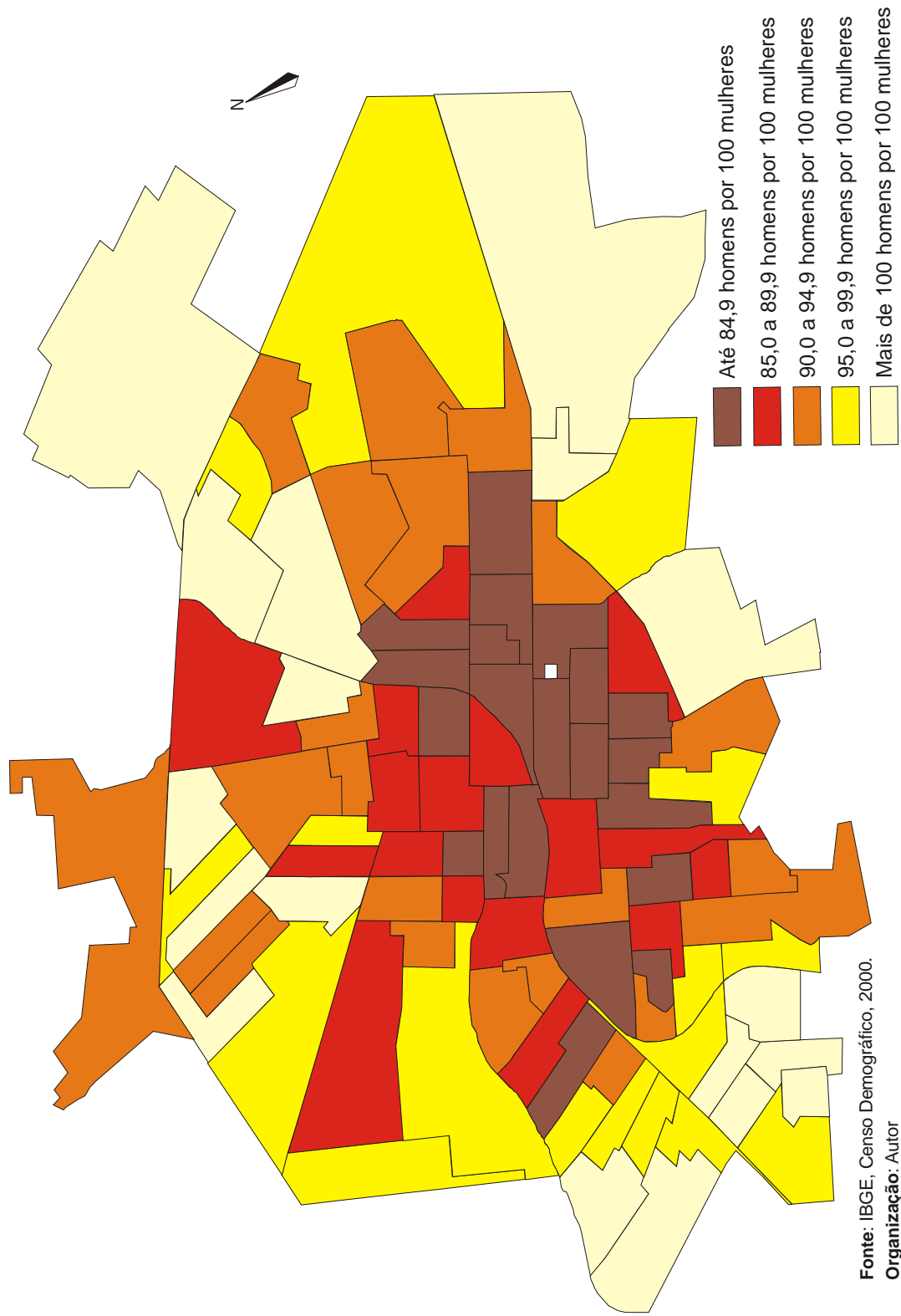
O estudo do processo de envelhecimento, mesmo em escala micro, demanda investigação sobre as condições de vida da população, neste caso específico do grupo etário de mais idade (idosos). As condições de vida da população idosa envolvem múltiplos fatores, alguns de ordem subjetiva. Pode-se relacionar as condições de vida da população idosa com renda, educação,

FIGURA 32 - Razão de masculinidade por setor censitário - Assis - 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.
Organização: Autor

Figura 33 - Razão de masculinidade por setor censitário - Assis - 2000



acesso ao sistema de saúde, transporte público, segurança, lazer, contato familiar. Também, a condição de vida dos idosos compreende o declínio das funções psico-biológicas como, por exemplo, a existência de um determinado tipo de deficiência (auditiva, visual, locomotora, etc). Estes fatores influenciam a auto-percepção do estado de saúde e a satisfação com a vida que, por sua vez, interferem na qualidade de vida da população idosa.

Os censos demográficos, que tem como objeto central o estudo do universo total da população e não de um determinado grupo etário, não dão conta de retratar, de forma detalhada e abrangente as condições de vida população idosa. Assim, faz-se necessário que o próprio pesquisador produza os dados que necessita, através de um levantamento amostral. Contudo, por dificuldades, especialmente de natureza técnico-operacionais, não foi realizado este levantamento para a população idosa de Assis, como tinha se pensado inicialmente no projeto de pesquisa. Ainda que não tenha comprometido a apreensão das tendências gerais do fenômeno, este levantamento teria sem dúvida a presente abordagem. Fica a sugestão de que futuros trabalhos avancem as análises iniciais aqui produzidas e realizem um levantamento amostral deste grupo.

O recurso às fontes secundárias de dados, especialmente os censos demográficos, permitiu a apreensão de aspectos significativos da condição de vida da população idosa em Assis.

O primeiro indicador selecionado para compor esta análise é a renda das pessoas responsáveis pelos domicílios. Diversos estudiosos, especialmente da ciência demográfica, têm-se interessado pela questão da renda dos idosos. Por exemplo, BARROS et al (1999) identificam o papel de provedor (chefe de domicílio), que cada vez mais, tem sido desempenhado pelos idosos. Segundo estes autores, os problemas econômicos sofridos pela sociedade brasileira nas últimas décadas (desemprego, inflação, precarização do trabalho, queda dos salários, etc) têm convertido os idosos, enquanto detentores de uma renda constante, ainda que pequena (aposentadorias e pensões), em arrimos de família. Em muitos casos os idosos sustentam filhos e netos, ou

complementam a renda familiar. Este fenômeno é identificado por BARROS et al (1999, p.223), ao destaca a participação dos idosos na renda familiar.

“Os idosos influenciam a renda *per capita* da família a que pertencem e, portanto, o seu grau de pobreza. Esta influência é exercida de duas formas. Por um lado, os idosos representam membros adicionais na família e, portanto, reduzem a sua renda *per capita*. Por outro lado, e na medida em que têm sua própria renda, contribuem para a renda familiar elevando a renda *per capita* e reduzindo o grau de pobreza. O fator que irá predominar em cada família vai depender de a renda média do idoso da família ser superior ou inferior à renda *per capita* familiar. Caso a renda média do idoso seja maior que a renda *per capita* familiar, sua presença determinará um aumento na renda *per capita* da família e, portanto, uma redução na probabilidade ou intensidade da pobreza desta família. Em suma, em que medida os idosos contribuem para aumentar ou reduzir a pobreza depende, em última instância, da relação entre a renda dos idosos e a dos demais membros da família”.

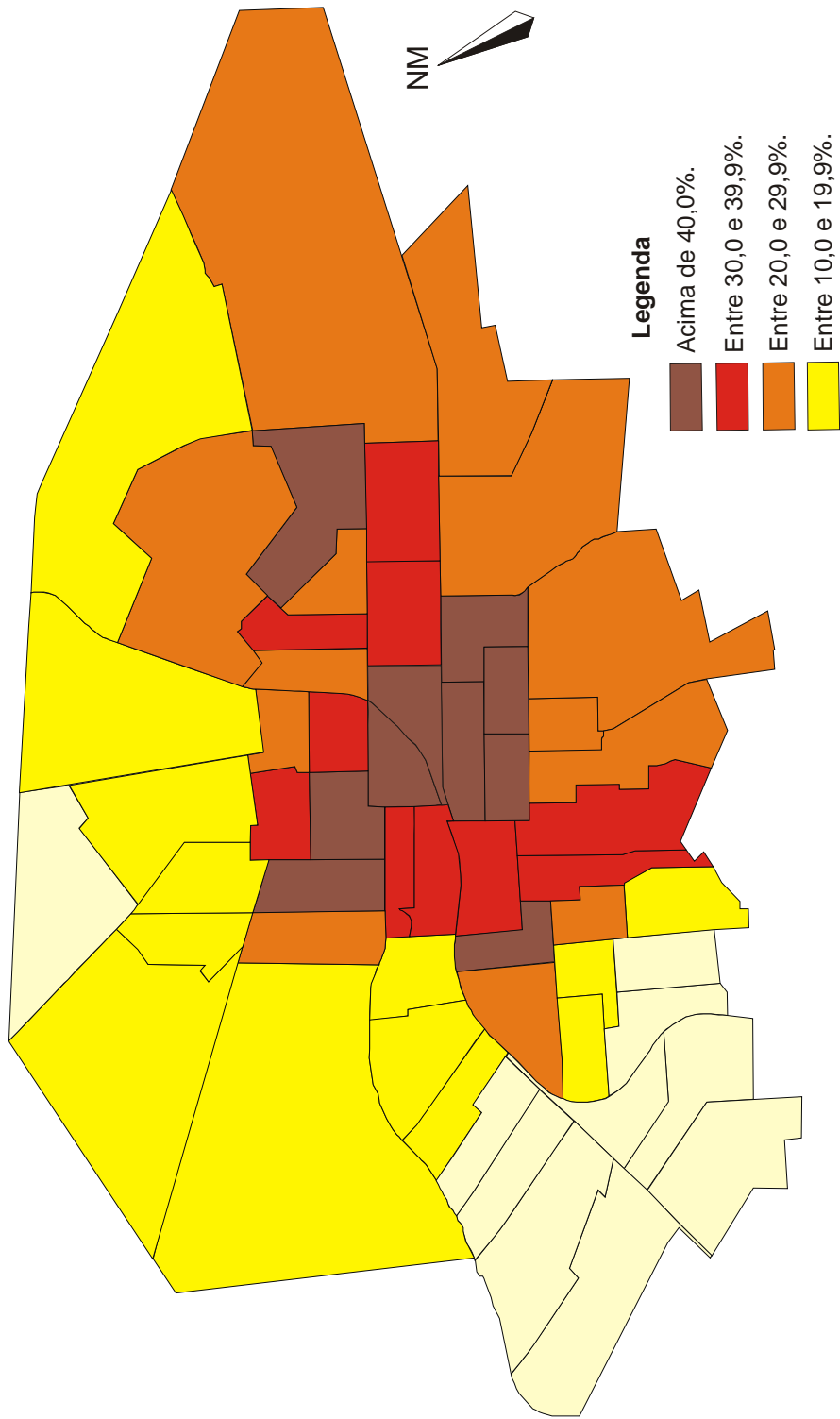
Partindo destas considerações, procurou-se investigar a renda da população dos setores censitários visando identificar se os idosos se concentravam nas áreas mais pobres ou mais ricas de Assis. Para tanto, calculou-se, para o Censo Demográfico de 1991 e 2000, a percentagem de chefes de domicílio com rendimento nominal superior a cinco salários mínimos por setor censitário. Os resultados obtidos são demonstrados na Figura 34 e 35.

Percebe-se que a maior concentração de pessoas responsáveis com rendimento superior a cinco salários mínimos incide nos setores centrais da cidade, bem como na porção Leste-sudeste, área dos loteamentos de luxo.

As áreas que registram os menores percentuais estão localizadas na região Oeste (Bairro “Três porteiras”), ao longo da via férrea, e na porção Norte (área margeada pelas Rodovias Raposo Tavares e Miguel Jubran).

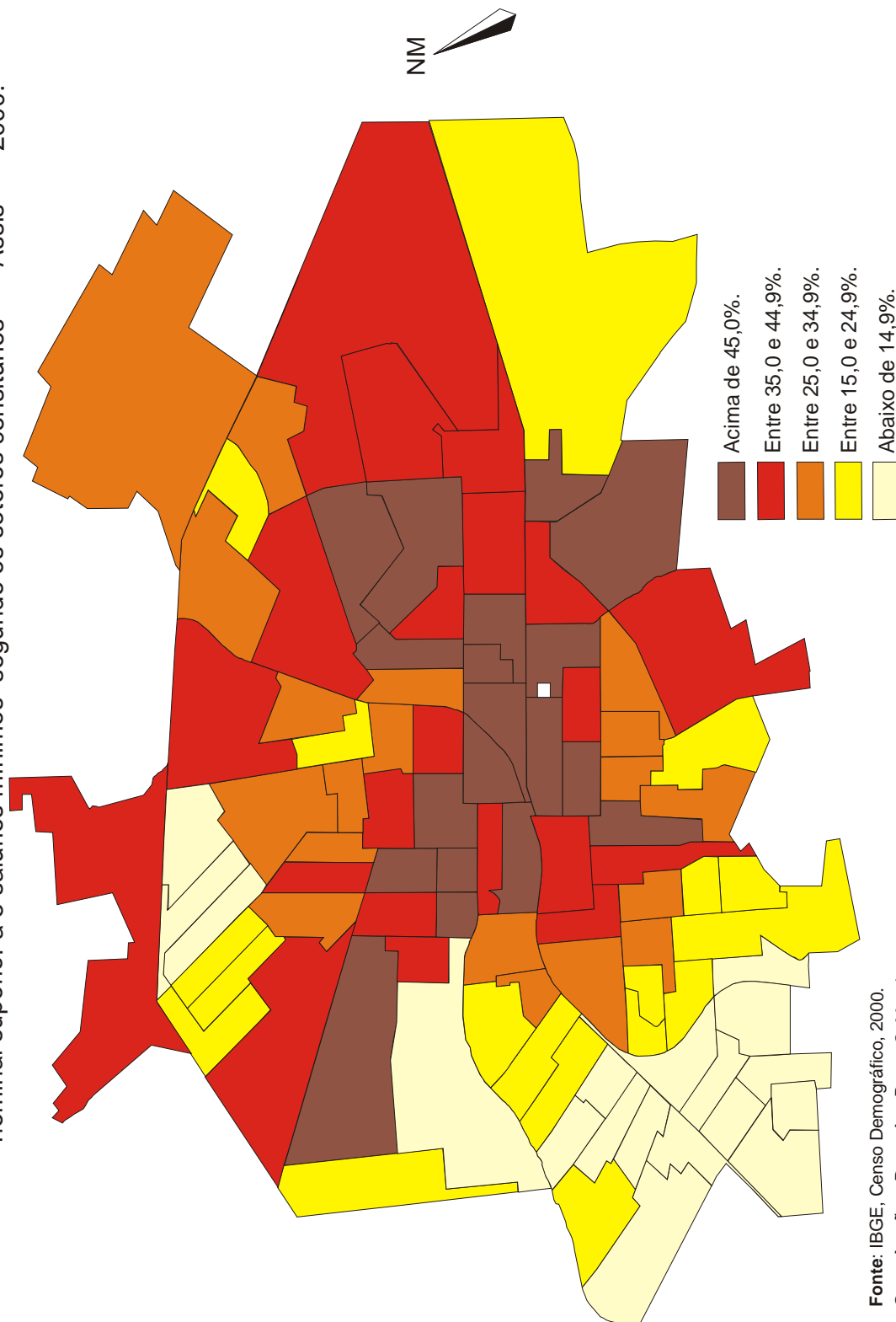
É interessante notar que existe uma correlação entre as áreas mais envelhecidas e as mais ricas e, entre as áreas menos envelhecidas e as mais pobres. Esta situação pode estar relacionada a diversas causas. Em primeiro lugar, pode-se argumentar que as áreas mais “pobres” possuem uma estrutura etária mais jovem justamente porque ela atrai indivíduos em início do ciclo familiar, ou seja, recém casados, jovens com filhos pequenos. Como estes

FIGURA 34 - Percentagem de pessoas responsáveis por domicílio com rendimento nominal superior a 5 salários mínimos segundo os setores censitários - Assis - 1991.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.
Organização: Autor

Figura 35 - Percentagem de pessoas responsáveis por domicílio com rendimento nominal superior a 5 salários mínimos segundo os setores censitários - Assis - 2000.



indivíduos também estão começando suas carreiras profissionais, geralmente, dispõem uma renda mais baixa.

Por outro lado, esta situação pode estar indicando que os idosos são, de fato, o grupo de maior poder aquisitivo, ou seja, que as aposentarias e pensões se constituem, na cidade de Assis, em uma renda considerável. Assim, a maior concentração de idosos resultaria, por conseguinte, na maior concentração de pessoas com renda mais elevada.

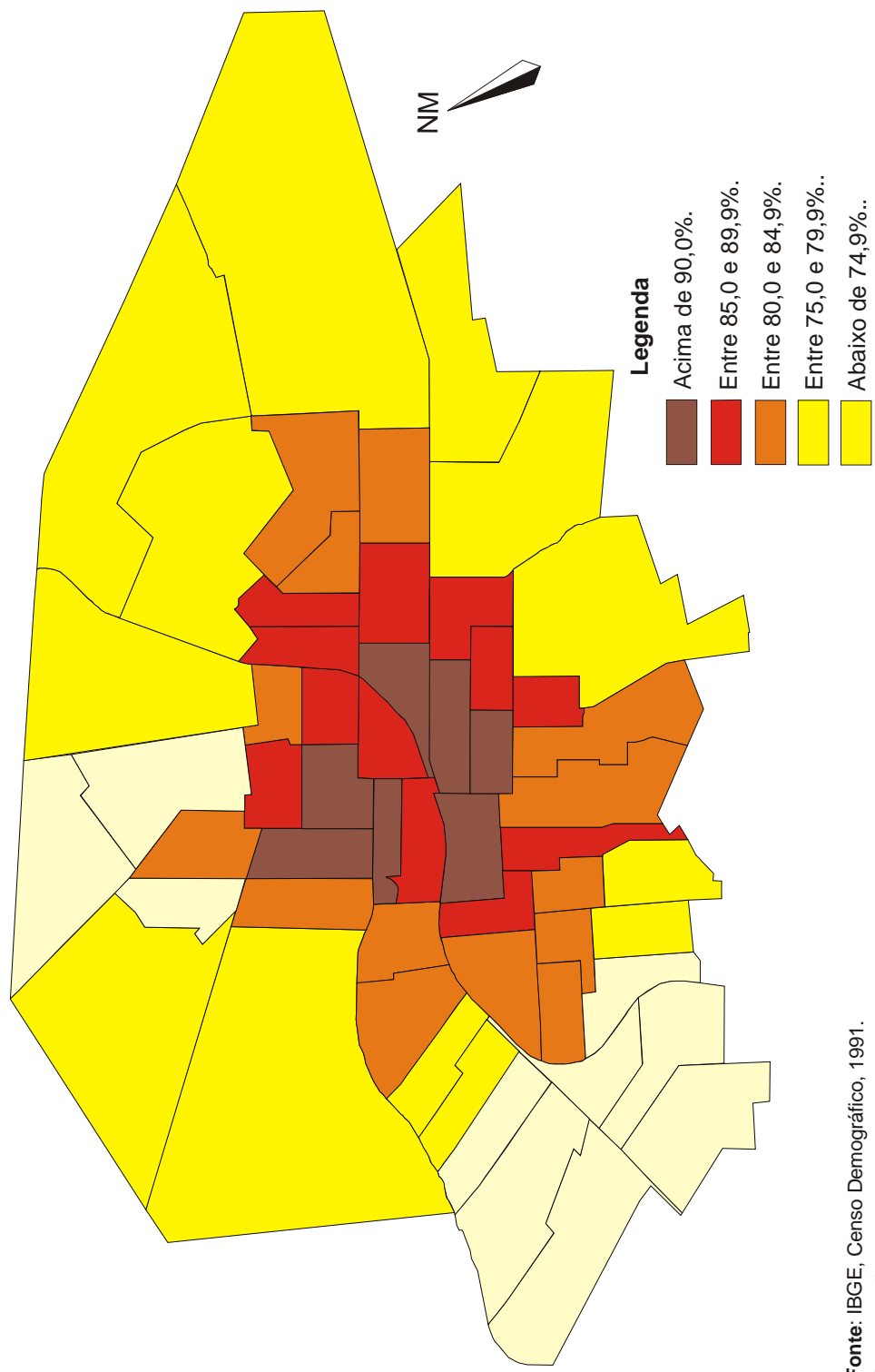
Outra hipótese, a ser considerada, é que os idosos estão concentrados no centro da cidade porque envelheceram nesta área. Já concentração de pessoas com renda elevada explica-se pela valorização deste espaço central que atrai população de maior poder aquisitivo. Se esta hipótese se confirma, os idosos podem estar inseridos nas áreas mais ricas sem que, de fato, partilhem da riqueza. Viveriam num espaço privilegiado sem poder usufruí-lo.

Esta hipótese parece estar mais próxima da realidade. Ao se avaliar os dados registrados no Censo Demográfico de 2000 constata-se que os 62,1% dos idosos responsáveis por domicílio apresentam rendimento nominal mensal inferior a três salários mínimos, enquanto apenas 20,4% têm rendimento superior a cinco salários. Analisando o total da população, ou seja, a renda nominal mensal de todas as pessoas responsáveis pelos domicílios, tem-se 45,3%, com renda inferior a três salários e, 30,4% acima de cinco salários.

Percebe-se que o grupo idoso apresenta um rendimento inferior aos demais grupos etários. Assim, mesmo que residam nos espaços mais caros ou valorizados, os idosos não fazem, necessariamente, parte do segmento mais rico da população assisense.

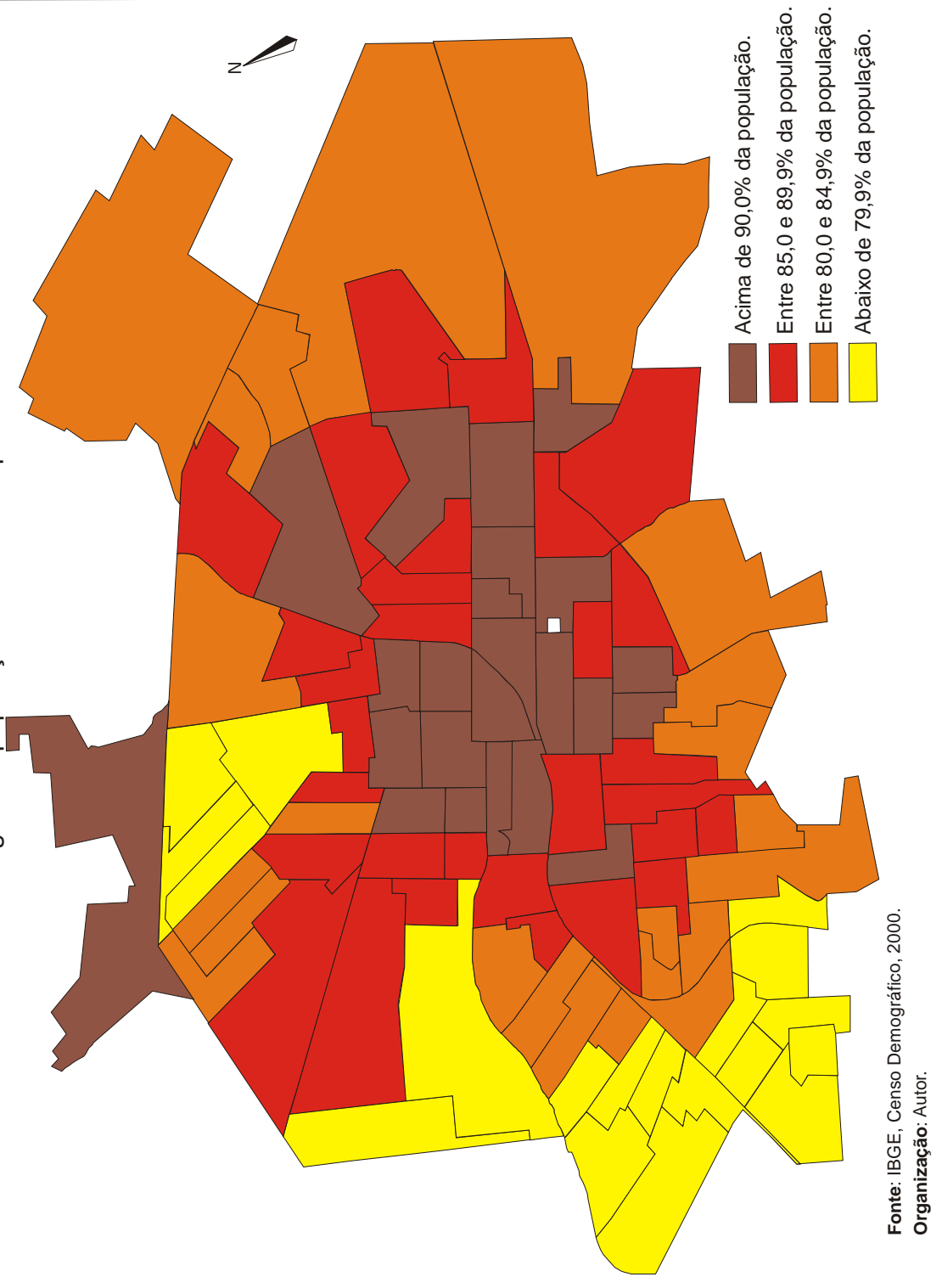
Outro indicador contemplado nesta pesquisa foi a taxa de alfabetização. Como o sistema de educação no Brasil ainda não conseguiu atingir a universalização, e as pessoas de menor poder aquisitivo nem sempre têm a oportunidade de receber instrução formal, considerou-se que, um maior percentual de pessoas alfabetizadas num determinado setor poderia ser indicativo de melhores condições de vida. Deste modo, mapeou-se as maiores concentrações percentuais de população alfabetizada nos setores censitários de Assis. O resultado é exposto na Figura 36 (Censo 1991) e 37 (Censo 2000).

FIGURA 36 - Percentagem de população alfabetizada por setor censitário - Assis - 1991.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1991.
Organização: Autor

FIGURA 37 - Percentagem de população alfabetizada por setor censitário - Assis - 2000.



Mais uma vez constata-se que as áreas centrais e a região Leste-sudeste da cidade apresentam os melhores valores, enquanto que as áreas periféricas das regiões Oeste (“Três Porteiras”) e Norte apresentam os piores. Desta forma, novamente, verifica-se que os idosos estão inseridos nos espaços “nobres” da cidade. Contudo, comparando-se a taxa de alfabetização dos idosos, que é de 77,3%, com a taxa de alfabetização da população de 5 anos e mais, 84,5%, conclui-se que o grupo etário idoso está em desvantagem.

Esta situação não surpreende, uma vez que, quando os atuais idosos estavam em idade escolar, há cinquenta, sessenta, setenta anos atrás, época em que o acesso à educação era precário. Portanto, muitos dos indivíduos que hoje alcançam as coortes de idade mais avançada possuem uma taxa de alfabetização mais reduzida, porque não puderam estudar quando estavam em idade escolar.

Por ser um indicador expressivo das condições de vida da população idosa recorreu-se a Taxa de Dependência Geral⁶⁰ dos setores censitários. Esta taxa é um instrumento muito expressivo para medir o impacto do envelhecimento, uma vez que, considera o “peso” do grupo não trabalhador (0-14 anos e 60 anos e mais) sobre o grupo de trabalhadores (15-59 anos). Deve-se, no entanto, reconhecer que se trata de um indicador que deve ser usado com restrições. Em primeiro lugar, porque presumir que os indivíduos de menos de 15 anos e os maiores de 60 não participam da população ativa, não desenvolvem atividade remunerada e, desta forma, não contribuem para a sociedade e a família. Fato que está longe de ser verdade, especialmente num país como o Brasil, onde muitos dos jovens são forçados, desde muito cedo, a trabalhar. E, uma parcela significativa dos idosos é compelida a permanecer no mercado de trabalho após terem alcançado a idade de sessenta anos.

⁶⁰ MOREIRA, M. M. (1998, p. 91).

Taxa de dependência geral é “uma medida da ‘carga’ exercida pela fração populacional dependente em relação à população não - dependente, isto é, trabalhadores. A taxa de dependência demográfica é medida pela razão entre a população em idade de dependência, seja ela jovem - menor de 15 anos - ou idosa - acima de 65 anos (ambas constituindo o grupo de não trabalhadores) em relação à população em idade ativa - 15 a 64 anos (trabalhadores)”. Lembra-se que neste trabalho adotou-se, conforme recomendação da OMS, a idade de 60 anos e mais para delimitar o grupo idoso.

Porém, o ensaio aqui proposto é válido no sentido de relacionar o grupo adulto com os demais grupos etários (jovens e idosos).

Detendo-se no exame das Figuras 38 e 39, com a taxa de dependência geral registradas nos setores censitários de Assis, Censos 1991 e 2000, depara-se com um resultado instigante. Não só os setores mais envelhecidos e centrais apresentam uma alta taxa de dependência, como os setores periféricos, de estrutura etária menos envelhecida. Porém, são “dependências” de natureza diversa que afetam estas duas áreas.

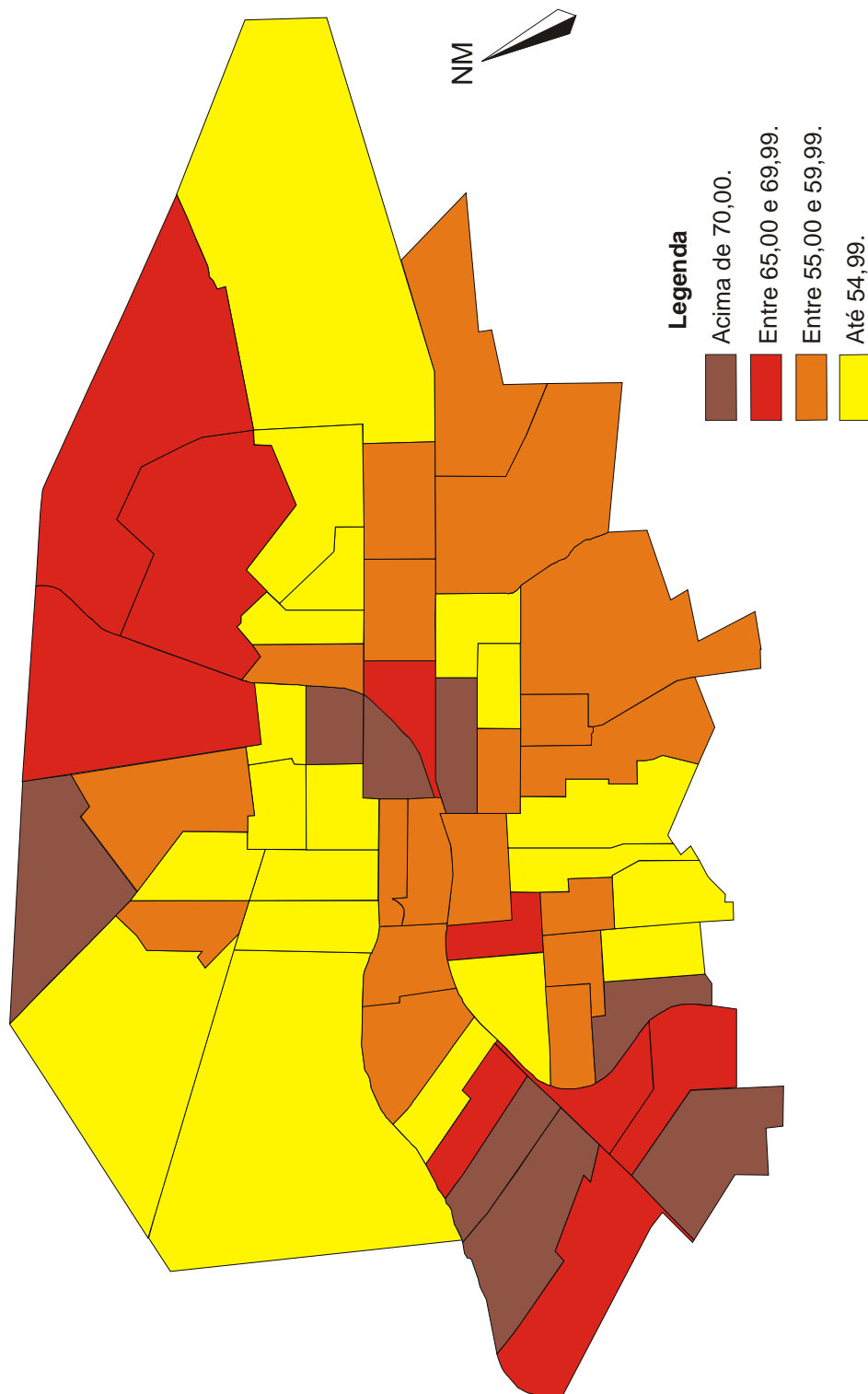
Como os setores centrais registram uma alta concentração de idosos e um baixo percentual de jovens, conforme mostrado anteriormente, a dependência verificada no centro é resultado do grupo de mais idade. Já os setores mais periféricos, com o baixo percentual de idosos, apresentam uma dependência ligada a maior concentração de indivíduos jovens.

Isto é relevante porque, enquanto a dependência do grupo etário tende a ser reduzida nos próximos anos, devido à baixa fecundidade registrada (menor entrada de jovens e crianças no conjunto da população) e ao amadurecimento das atuais coortes (deverão ingressar na idade adulta em poucos anos), a dependência ligada ao grupo idoso tende a aumentar. Esta dependência tende a se acentuar, porque o grupo idoso deverá aumentar progressivamente sua participação no total da população. Também é importante destacar que o grupo idoso, mesmo não considerando o aumento de sua participação, deverá causar um impacto na dependência na medida em que forem avançando para as coortes de mais idade, ou seja, se tornem “velhos-idosos” e, desta forma, mais dependentes.

Recorrendo a diversos procedimentos buscou-se, neste capítulo, retratar a situação dos idosos no espaço intraurbano de Assis. Procurou-se identificar o seu padrão de distribuição espacial, bem como, relacionar este padrão com algumas características demográficas e sócio-econômicas da população assisense.

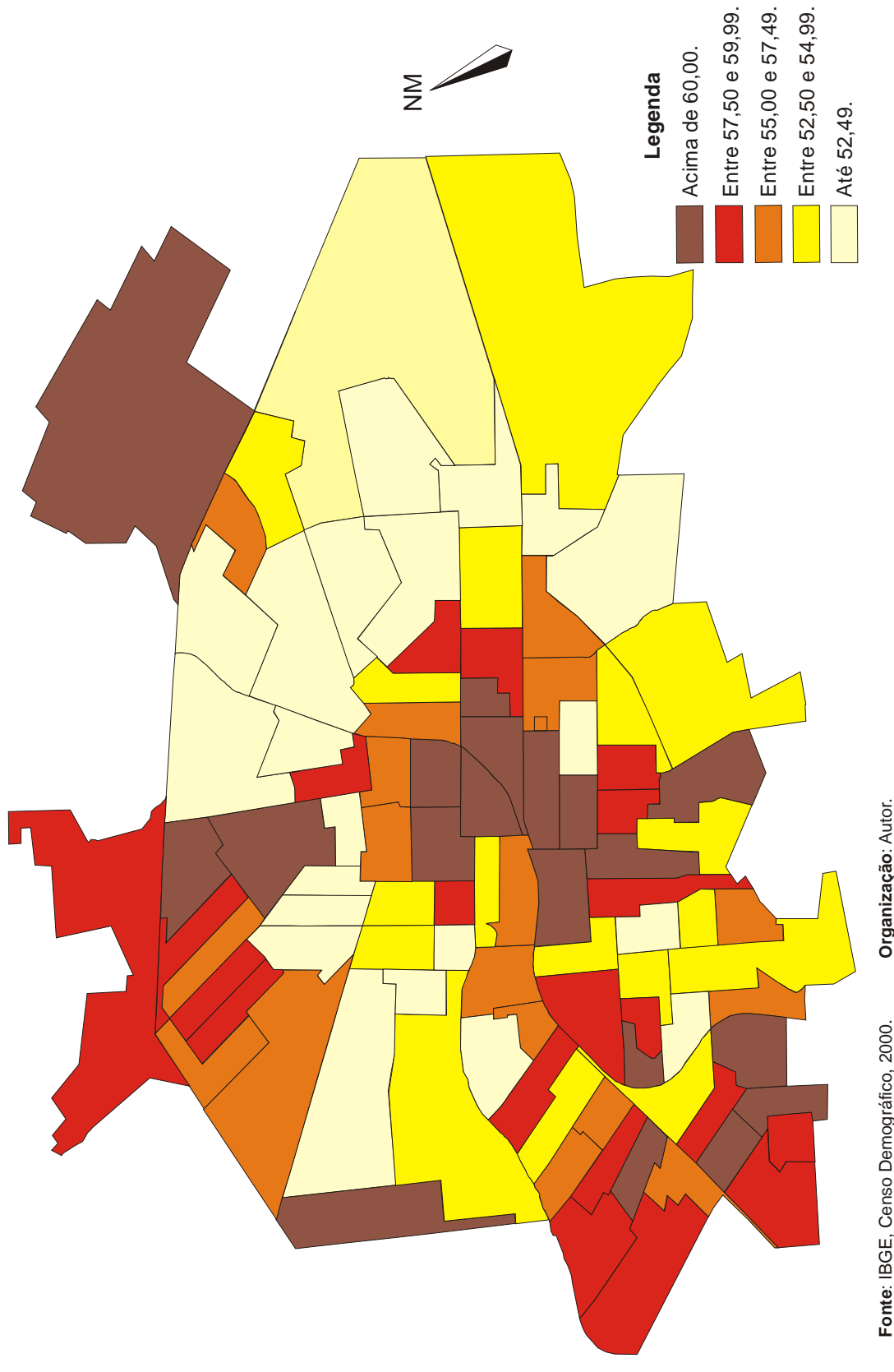
Reconhece-se a necessidade de um maior aprofundamento análises mais aprofundadas para o espaço intraurbano de Assis. Futuros trabalhos devem avançar o exame dos dados secundários, considerando a distribuição espacial

FIGURA 38 - Taxa Geral de Dependência por setor censitário - Assis - 1991.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000.
Organização: Autor

FIGURA 39 - Taxa Geral de Dependência por setor censitário - Assis - 2000.



da população idosa nos levantamentos censitários anteriores a 1991 (1980, 1970, 1960). Também, se faz necessário uma investigação que contemple um levantamento completo ou amostral da população idosa para que se possa investigar as questões pertinentes às especificidades do grupo etário idoso.

Entretanto, as análises desenvolvidas neste capítulo, sem dúvida, lançam uma primeira luz sobre esta situação tão complexa e, de crescente importância, do envelhecimento populacional em micro-escala, especialmente para o Município de Assis. Estas análises não contemplam toda a problemática, mas podem dar subsídios para o planejamento urbano e de políticas públicas, e sobretudo devem contribuir para o reconhecimento da relevância e urgência da questão. Como o processo não alcançou seu último estágio cabe alertar o poder público, a sociedade, a família e o próprio indivíduo para os desafios que se tornam cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

Considerações finais.

O envelhecimento populacional é um fenômeno demográfico recente. Os países mais avançados no processo passaram a transformar suas estruturas etárias no final do século XIX. Para os demais países do globo, especialmente aqueles que apenas começam a experimentar um acréscimo absoluto e relativo de indivíduos em idade mais avançada, as alterações datam de pouco mais de três ou quatro décadas.

O Brasil se encaixa nesta última categoria. Até quase o terceiro quarto do século XX, vivia-se o medo de uma explosão demográfica, de uma superpopulação. Acreditava-se que nosso país estava fadado a ter uma população constantemente jovem e rapidamente crescente. Contudo, fruto de transformações significativas e muito rápidas, principalmente, nas taxas de fecundidade e natalidade (a queda da mortalidade apesar de sua importância não foi o grande catalisador), o Brasil tem alterado profunda e definitivamente sua estrutura etária. Passaremos de uma população jovem para idosa em pouco mais de oitenta anos.

Estas transformações na estrutura etária, que devem ser celebradas como importantes conquistas sociais, ou seja, permite-se que os indivíduos vivam um tempo maior, também trazem alguns desafios. O Estado, a sociedade, a família e o próprio indivíduo não poderão se esquivar de enfrentar importantes questões. O aumento da participação da população idosa irá resultar no aumento de demandas específicas a este grupo, tais como: moradia, renda, cuidados, lazer, segurança, etc.

Também, na medida em que o indivíduo passa a viver mais e melhor, com mais saúde e independência, e na medida em que se aumenta a participação dos idosos, o próprio conceito de velhice não poderá ser o mesmo. Se, no passado, a velhice era sinônimo de decrepitude, de dependência, de declínio, esta visão preconceituosa não poderá persistir no futuro com o risco

de relegarmos uma parcela significativa de nossa população a cidadãos de segunda ou terceira categoria.

Assim, o envelhecimento populacional, com as múltiplas dimensões que o envolvem, é a realidade a ser enfrentada. Devemos, portanto, estar aptos a lidar com as novas situações e desafios. Para isso se faz necessário dispor de informações e conhecimentos para direcionarmos os recursos com inteligência e sabedoria objetivando proporcionar melhores condições de vida aos idosos. Portanto, reafirma-se a urgência e relevância da temática.

Esta pesquisa buscou identificar algumas das questões relevantes que cercam o processo de envelhecimento populacional. Nosso objetivo, contudo, não foi o de esgotar a temática, mas, fundamentalmente, contribuir para o debate. E abrir um primeiro diálogo, em especial na Geografia, cujo envolvimento é recente e escasso.

Conforme, foi mostrado no primeiro capítulo, o processo de envelhecimento, apesar de já suscitar uma rica e variada bibliografia, principalmente na demografia, ainda é, praticamente, uma novidade para a Geografia. Considerando-se a Geografia brasileira, a situação é mais crítica ainda. Poder-se-ia dizer que as pesquisas sobre o envelhecimento populacional no campo da geografia brasileira são inexistentes, não fosse pelo esforço de uns poucos profissionais que têm percebido a importância da temática. Assim, se faz necessário um maior envolvimento dos geógrafos com a questão. O envelhecimento populacional possui uma dimensão espacial que não pode ser ignorada e é, neste sentido, que a geografia pode contribuir com o debate. Esta espacialidade coloca em questão a dualidade entre os espaços de residência dos idosos e os espaços de atendimento de suas necessidades. E, também, entre as novas demandas especiais deste segmento (como aquelas relativas à moradia adequada) e o despreparo da sociedade para compreender e atender-las.

Espera-se que esta pesquisa sirva de estímulo para que outros geógrafos, instigados com a temática, aprofundem as análises e solidifiquem a participação de nossa ciência.

Quanto à parte empírica do trabalho, algumas considerações são oportunas. Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que as análises, apesar dos importantes resultados alcançados, não apreendem em toda sua dimensão as complexas transformações ocorridas em Assis. Este não foi, contudo, o objetivo desta pesquisa. Pretendeu-se, antes de tudo, provocar a discussão sobre a temática em escala micro, ou seja, apontar a nova realidade demográfica e social que se configura para o Município de Assis. Acredita-se que as informações aqui contidas possam dar subsídios para outros trabalhos. Também, estas informações, certamente, poderão auxiliar o poder público municipal a definir estratégias, isto é, estruturar e organizar sua atuação agora e no futuro.

Em segundo lugar, deve-se reconhecer que o estudo particularizado de um grupo etário específico, como é o caso da população idosa, demanda informações que não podem ser obtidas apenas através das fontes secundárias (SEADE, IBGE, DATAPREV, DATASUS, etc). Conforme, o discutido no quarto capítulo faz-se necessário a realização um levantamento completo ou parcial (amostragem) da população idosa, visando identificar algumas questões, especialmente aquelas de caráter subjetivo (auto-percepção do estado de saúde, contato familiar, lazer, satisfação com a vida, etc), que os dados secundários não contemplam.

Contudo, pode-se extrair algumas conclusões importantes do estudo empírico na cidade de Assis. A população deste município está envelhecendo num ritmo diferenciado do Estado de São Paulo e do conjunto da Federação (Brasil). Neste município, os idosos já representam doze por cento do total. Isto significa dizer que o poder público municipal deverá, mantidas as tendências atuais, estar preparado para enfrentar os desafios do envelhecimento antes mesmo que os governos estadual e federal.

Considerando a distribuição espacial intraurbana da população idosa, é interessante destacar que ela se encontra concentrada em determinadas áreas (setores censitários). Alguns setores censitários chegam a registrar percentuais de idosos superiores a 30%, enquanto outros apresentam valores próximos a 4%. As áreas centrais, mais antigas, mais ricas, menos populosas, são as

áreas mais envelhecidas. Já as áreas periféricas, mais recentes, mais pobres e mais populosas, são as que apresentam a estrutura etária mais jovem. Conclui-se que o envelhecimento *in situ* (aging in place) é o grande responsável pela concentração de idosos nas áreas centrais-antigas, onde os indivíduos envelheceram junto ao espaço no qual estavam inseridos. Assim, percebe-se que o envelhecimento é espacialmente desigual e, esta desigualdade traz alguns desafios a serem enfrentados.

A concentração, ainda que involuntária, de idosos em uma determinada área pode representar um doloroso processo de segregação espacial, no qual não seja propiciado aos idosos um convívio social mais próximo com o restante da população.

O envelhecimento populacional é um processo recente, que avança rapidamente e que representa, mais do que uma simples transformação da estrutura etária, um novo paradigma social, econômico, cultural e demográfico. Desta forma, muitas das questões ainda estão longe de serem respondidas, e outras ainda nem despontaram no horizonte. Contudo, para que possamos oferecer à crescente população idosa uma vida plena e ativa, impõe-se à sociedade, Estado, família, indivíduo e, a própria Universidade, o conhecimento detalhado do processo, sua dinâmica, velocidade, atributos e conseqüências.

Alerta-se, mais uma vez, que a velhice não deve ser sinônimo de exclusão, abandono, marginalização e fim. Ela deve ser entendida como um prêmio pela sobrevivência à vida.

Bibliografia.

AHN, M. **Older people's attitudes toward residential technology: the role of technology in aging in place.** 2004, 188 f. Tese (Doutorado). Virginia Polytechnic Institute & State University, Blacksburg.

ALMEIDA, A. N. **A demanda por serviços de saúde dos idosos no Brasil em 1998.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

ARILLA, M. J. A. El Envejecimiento de la Población en Aragón. **Estudios Geográficos**, Madri, v. LVII, n. 225, p. 573-595, out. - dez. 1996.

BALLESTEROS, A. G. Urban Dynamics and life cycle of Madrid's population. **Geographia Polonica**, 61, p. 121-132, 1993.

BARROS, R.P.; MENDONÇA, R.; SANTOS, D. Incidência e Natureza da Pobreza entre os Idosos no Brasil. In: CAMARANO, A. A. (org). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros.** Brasília: IPEA, p. 221-249, 1999.

BELTRÃO, K. I.; OLIVEIRA, F. E. B. O idoso e a previdência social. In: CAMARANO, A. A. (org). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros.** Brasília: IPEA, p. 307-318, 1999.

BERQUÓ, E. **Algumas Considerações Demográficas sobre o Envelhecimento da População no Brasil.** Campinas: NEPO/UNICAMP, 1996 (Texto de discussão).

BOURCIER DE CARBON, P. La situation demographique de la France en 1993. Quelques observations a partir de publications recentes. **Population et Avenir**, Paris, n. 617, p. 2-5, Mar-Abr 1994.

BRAY, S. C. A política do Instituto do açúcar e do álcool na década de 70 e seus reflexos na área canavieira do Vale do Paranapanema. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 61, 1984.

BREA, J. A. Population Dynamics in Latin America. **Population Bulletin.** Population Reference Bureau, v. 58, n. 1, 2003, 36 p.

BRECKENRIDGE, R. Shelter provision for the black elderly in Soweto. **GeoJournal**, v. 30, n.1, p 73-78, 1993.

BUCHER, H. Die raumliche Dimension der Alterung. **Forum Demographie und Politik**, Bonn, n. 6, p. 53-77, Jun 1994.

CAMARANO, A. A.; MEDEIROS, M. Introdução. In: CAMARANO, A. A. (org). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros**. Brasília: IPEA, p. 1-15, 1999.

CAMARANO, A. A. et al. Como Vive o Idoso Brasileiro. In: CAMARANO, A. A.(org). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros**. Brasília: IPEA, 1999.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Brasília: IPEA, 2002. (Texto para Discussão n.º 858).

CAMARANO, A. A; EL GHAOURI, S. K. **Famílias com idosos: ninhos vazios?** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

CAMPOS JR, L C. **A agroindústria e o espaço urbano de Assis – Vila Prudenciana (1970/1991)**. 1992. 296 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Assis.

CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n.3, p.725-733, 2003.

CARVALHO, J. A. M.; SAWYER, D. O.; RODRIGUES, R. N. **Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia**. São Paulo: ABEP, 1998 (reimpr.).

CAETANO, A. J. População no século 21: o Brasil e o mundo. **Folha de São Paulo**, 20 de agosto de 2001.

CHACKIEL, J. El envejecimiento de la población latino-americana. ¿Hacia una relación de dependencia favorable? **Serie Población y Desarrollo**: CELADE, n.4, Santiago, 2000. 35 p.

CHAKRAVARTY, S. R.; CHAKRAVARTY, S. A general index of aging. **Demography India**, v. 22, n. 1, p. 89-96, Jan-Jun 1993.

CHENG, C. Z.; WU, Q. Population aging in China: the demographic implications. **China Report**, v. 30, n. 1, p. 29-51, Jan-Mar 1994.

CHESNAIS, J. C. **El proceso de envejecimiento de la población**. Santiago: CELADE/INED, 1990.

COWART, M. E.; SEROW, W. J. Population aging in urban centers of Pacific Rim: implications for planners. **Berkeley Planning Journal**, v. 12, p 145-157, 1997/98.

CUNHA, J. M. P., BAENINGER, R. Migração, dinâmica regional e projeções populacionais. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 10, n.2, p. 102 – 109, 1996.

DANTEC, A. Convergence des vieillissements en Europe et retraites. **Revue de l'OFCE**, Paris, n. 64, p. 177-202, Jan 1998.

DELGADO, G. C.; CARDOSO, J. C. O idoso e a previdência rural no Brasil: a experiência recente da universalização. In: CAMARANO, A. A. (org). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros**. Brasília: IPEA, p. 319-343, 1999.

DELISLE, M.-A. Vieillissement et régionalité. **Recherches Sociographiques**, v. 40, n. 2, p 313-44, Mai-Ago 1999.

DE VOS, S. **Where demography and gerontology meet**. University of Wisconsin-Madison, Center for Demography and Ecology, Working Paper 84-7, 1984, 25 p.

DI CREDDO, M. C. S. **A propriedade de terra no Vale do Paranapanema – A fazenda Taquaral (1850-1910)**. 1977. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Assis.

ESTIENNE, J. F. Vieillissement et retraites au Japon: une adaptation économique et sociale? **Notes et Etudes Documentaires**, Paris, n. 5031, 1996, 140 p.

FERNANDES, J. C. Urbanismo e envelhecimento – Algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia. **Caminhos de Geografia**, v. 1, n. 2, p.31-49, dez/2000.

FERNÁNDEZ-MAYORALAS, G. F.; ROJO PÉREZ, F.; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ. Envejecimiento y estilos de vida saludables en España. **Estudios Geográficos**, v. LV, n. 216, p. 455-478, 1994.

FERREIRA, C. E., WALDVOGEL, B. Os novos cenários da população paulista. **Conjuntura demográfica**. São Paulo, SEADE, 26, jan./mar. 1994.

FERREIRA, F. P. M. **Estruturas Domiciliares e Idosos: um estudo para Belo Horizonte**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

FÍGOLI, M. G. B; WONG, L. L. R. **O processo de finalização da transição demográfica na América Latina**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

FNUAP. **Seis mil milhões**. Chegou a hora de escolher. Nova York: FNUAP, 1999.

FRANZ, P., UELTZEN, W., VASKOVICS, L. Residential Segregation of the elderly in West German Cities. **The Netherlands Journal of Housing and Environment Research**, v. 4, n. 4, p. 371-382, 1989.

FREY, W. H. **Beyond social security: the local aspects of an aging America**. Washington: The Brookings Institution, 1999. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/es/urban/publications/freysocialsecurityexsum.htm>>. Acesso em: 16 mai. 2004.

FUGUITT, G. V., HEATON, T. B. **The Impact of Migration on the Nonmetropolitan Population Age Structure, 1960-1990**. University of Wisconsin-Madison, Center for Demography and Ecology, Working Paper 94-14, 1994, 33 p.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS – SEADE. **DOCPOP**. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/docpop>>. Acesso em: 04 de março de 2001.

GANT, R. Elderly people, personal mobility and local environment: an opportunity for fieldwork. **Geography**, v. 82, n. 3, p 207-217, 1997.

GARCÍA, A. A. La Decisión de Emigrar en las Personas de Edad. **Estudios Geográficos**, Madrid, v. LIV, n. 210, p. 05-17, jan - mar 1993.

GARCÍA, A. A., MAYORALAS, G. F., RODRÍGUEZ, V. R., PÉREZ, F. R. El Envejecimiento de la Población Española y sus Características Sociosanitarias. **Estudios Geográficos**, Madri, v. LI, n. 199-200, pp. 241-257, abr-set. 1990.

GAUTHIER, H. La mobilité géographique des personnes agees au Quebec. **Espace, Populations, Societé**, Villeneuve d'Ascq, n. 1, p. 59-70, 1992.

GOBER, P. Urban housing demography. **Progress in Human Geography**, v. 16, n. 2, p. 171-189, 1992.

GOICOCHEA, A. R.; COELHO, E. C. M. Perfis de condições habitacionais e situações de bem-estar de alguns residentes em Viçosa, Minas Gerais. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 23-32, dez. 1990.

GONZÁLES-GONZÁLES, M. J. Desarticulación del Mundo Rural: El Envejecimiento en Castilla e León. **Estudios Geográficos**, Madri, v. LVII, n. 226, p. 59-76, jan. - mar 1997.

GUIDUGLI, O. S. **Mapa do envelhecimento demográfico no Estado de São Paulo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, Caxambu, 2000. *Anais...* Caxambu, ABEP, 2000.

_____. **O Envelhecimento Populacional e sua Espacialização no Brasil e Aspectos do Estado de São Paulo**. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 8, Santiago, 2001. *CD-ROM*. Santiago: Universidad de Chile, 2001.

_____. **Envelhecimento populacional em escala micro-espacial: questões sócio-espaciais e o caso de Rio Claro-SP**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

HARING, L. L. et al. Data generation by survey research. In: HARING, L. L. et al. **Introduction to scientific geography research**. Nova Iorque: C Brown Publishers, p. 63-77, 1992.

HARRIS, D. **Dictionary of gerontology**. New York: Greenwood press, 1988.

HAUPT, A., KANE, T. T. **Population Handbook**. Washington: PRB, 2001 (9^a ed.)

HELLER, P. S. Aging in the Asia tiger economies. **Finance & Development**, v. 35, n. 2, p 26-29, 1998.

HEREDIA, O. C. **O idoso urbano no Rio Grande do Sul**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

HIGUERAS-ARNAL, A. Microscale population study: methodological problems. **Geographia Polonica**, v. 61, 1993, p. 65-71

HIMES, C. L. Elderly Americans. **Population Bulletin**: Population Reference Bureau, v. 57, n. 4, 2001, 40 p.

HOLDEN, C. New populations of old add to poor nations' burdens. **Science**, v. 273, n. 5271, p. 46-48, 1996. pp.

BRASIL. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Base de informações por setor censitário – Assis -2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. CD-ROM.

BRASIL. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Agregados por setor censitário dos resultados do universo – Região Sudeste – 1991**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. CD-ROM.

JOHNSON, P. Grey horizons: who pays for old age in the 21st century? **Australian Economic Review**, n. 3, p. 261-271, 1996.

JOSEPH, A.; CHALMERS, A. I. Growing old in place: a view from rural New Zealand. **Health and Place**, v. 1, n.2, p. 79-90, 1995.

KILSZTAJN, S; ROSSBACH, A; DA CAMARA, M. B; DO CARMO, M. S. N. **Serviços de saúde, gastos e envelhecimento da população brasileira**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

KLAASSEN, L.; VAN DER VLIST, J. Senior citizens: a burden? **Economist**, v. 138, n. 3, p. 302-20, 1990.

LAWS, G. "The land of old age": Society's changing attitudes toward urban built environments for elderly people. **Annals of the Association of Americans Geographers**, v.83, n. 4, p 673-693, 1993.

LENER, J.; STROS, O. Homes for elderly in urban areas. **Statistician**, v. 39, n. 2, p 169-172, 1990.

LÓPEZ DE LERA, D. La inmigración en España a fines del siglo XX. Los que vienen a trabajar y los que vienen a descansar. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madri, n. 71-72, p 225-245, 1995.

LOPEZ-JIMENEZ, J. J. El proceso de envejecimiento demográfico en España. **Revista Internacional de Sociología**, Madri, n. 1, p. 127-46, 1992.

MARTINE, G.; CARVALHO, J. A. M.; ARIAS, A. R. **Mudanças Recentes no Padrão Demográfico Brasileiro e Implicações para a Agenda Social**. Brasília: IPEA, 1994. (Texto para Discussão n.º 345).

MCFALLS, J. A. Population: a lively introduction. **Population Bulletin**, Washington, v. 53, n. 3, 1998, 48 p.

MCHUGH, K. E.; HOGAN, T. D.; HAPPEL, S. Multiple residence and cyclical migration: a life course perspective. **Professional Geographer**, v. 47, n. 3, p 251-267, 1995.

MCHUGH, K. E.; MINGS, R. C. The circle of migration: attachment to place in aging. **Annals of the Association of Americans Geographers**, v. 86, n. 3, p. 530-550, 1996.

MELO, A. V. **Envelhecimento populacional no Brasil e Estado de São Paulo na década de noventa**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11, Caxambu, 1998. *Anais...* Caxambu, ABEP, p. 2229-2237, 1998.

MEYER, J. W.; CROMLEY, E. K. Caregiving environments and elderly residential mobility. **Professional Geographer**, v. 41, n. 4, p. 441-450, 1989.

MOREIRA, M. M. O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Brasília, v. 15, n. 1, p.79-94, 1998.

MOREIRA, M. M. **Determinantes demográficos do envelhecimento populacional**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, Caxambu, 2000. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2000.

NOIN, D. L'étude des populations urbaines a micro-echelle. **Geographia Polonica**, 61, p. 7-17, 1993.

NUNES, A. Os Custos do Tratamento da Saúde dos Idosos no Brasil. . In: CAMARANO, A. A. (org.). **Muito Além dos 60. Os novos idosos brasileiros**. Brasília: IPEA, p. 345-365, 1999.

PARAHYBA, M. I.; MELZER, D. **Profile of Disability in Older People in Brazil: results of the PNAD survey**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

PARANT, A. Le vieillissement demographique. La France et le Quebec dans le monde: hier, aujourd'hui, demain. **Espace Populations Societes**, n. 1992-1, p 13-27, 1992.

PÉREZ-DÍAZ, J. La demografía y el envejecimiento de las poblaciones. In: STAAB, A. S.; HODGES, L. C., **Enfermería Gerontológica**. México: McGraw Hill, p. 451-463, 1998.

PINCH, S. The impact of centralization upon geographical variations in the provision of aged care services: a comparison of outcomes in Melbourne and Adelaide. **Australian Geographical Studies**, v. 29, n.1, p 26-41, 1991.

PLANE, D. A. Age-composition change and the geographical dynamics of interregional migration in the U.S. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 82, n. 1, p. 65-85, 1992.

RAMIREZ, J.C.L. **O envelhecimento populacional e os serviços de saúde pública em Uberlândia**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12, Caxambu, 2000. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2000.

RAMOS, L. R. et al. Perfil do idoso em área metropolitana na região Sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 87-94, abr. 1993.

ROGERS, A.; WOODWARD, J. The sources of regional elderly population growth: migration and aging-in-place. **Professional Geographer**, v. 40, n. 4, p 451-459, 1988.

ROGERSON, P. A.; WENG, R. H.; GE, L. The spatial separation of parents and their adult children. **Annals of the Association of American Geographers**, v.83, n. 4, p 171-189, 1993.

ROMERO, D. E. **Variações de gênero na relação entre arranjo familiar e status de saúde dos idosos brasileiros**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

ROSE, M. Snow belt: retirement communities – past, present and future. **Plan Canada**, v. 38, n.4, p 19-22, 1998.

ROWLAND, D. T. Population momentum as a measure of ageing. **European Journal of Population**, v. 12, n. 1, p. 41-61, Mar 1996.

SAAD, P. M. Transferências de apoio entre gerações no Brasil: um estudo para São Paulo e Fortaleza. In: CAMARANO, A. A. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, p. 251-279, 1999.

SALOTTI, R. M. **A penetração do capitalismo na agricultura: um estudo de caso de alteração das relações sociais de produção e representação social dos trabalhadores rurais**. 1982. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Assis.

SANTANA, J. A. **A influência da migração no processo de envelhecimento de Minas Gerais e suas regiões de planejamento**. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. *Anais...* Ouro Preto: ABEP, 2002.

SEROW, W. J.; HAAS, W. H. Measuring the economic impact of retirement migration: the case of western North Carolina. **Journal of Applied Gerontology**, v. 11, n. 2, p 200-215, Jun 1992.

SILVA, R. S. **Urdiduras e tessituras urbanas. Na história das cidades, a estruturação territorial de Assis**. 1996. 351 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Assis.

SMITH, G. Residential separation and patterns of interaction between elderly parents and their adult children. **Progress in Human Geography**, v. 22, n. 3, p 368-384, 1998.

SURAUULT, P. La diffusion du vieillissement dans les campagnes du Poitou-Charentes. **Norois**, Poitiers, v. 35, n. 140, p. 443-452, 1988.

THUMERELLE, P. J. Une population écartelée entre explosion et stagnation, jeunesse et vieillissement. **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, 71, p 486-508, 1994.

TREAS, Judith. Older Americans in the 1990s and Beyond. **Population Bulletin**, Washington: Population Reference Bureau, v.50, n.2, 1995.

TOUTAIN, S. Vieillissement et âge de la retraite. **Genus**, Roma, v. 53, n. 1-2, p. 37-60, 1997.

WARNES, A. M. Geographical questions in gerontology: needed directions for research. **Progress in Human Geography**, v. 14, n. 1, p 25-56, 1990.

WARNES, A. M. Cities and elderly people: recent population and distributional trends. **Urban Studies**, v. 31, n. 4-5, p. 799-816, 1994.

WARNES, A.; PATTERSON, G. British retirees in Malta: components of the cross-national relationship. **International Journal of Population Geography**, v. 4, n. 2, p 113-133, 1998.

VALENTE ROSA, M. J. Envelhecimento demográfico: proposta de reflexão sobre o curso dos factos. **Análise Social**, Lisboa, v. 31, n. 139, p. 1183-1198, 1996.

VARELA, C. V. Entre la Despoblación y el Envejecimiento. Estructura Demográfica de un Tejido Social en Crisis. El Casco Antiguo de Madrid. **Estudios Geográficos**, Madrid, v. LX, n. 237, p. 651-692, out. - dez. 1999.

VICTOR, R. C. R. **Uma cooperativa agrícola no processo capitalista do Vale do Paranapanema (1959-1990)**. 1994. 195 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Assis.

VOSSSEN, A. Population ageing and increasing public expenditure: is population policy the answer? **Zeitschrift für Bevölkerungswissenschaft**, Wiesbaden, v. 17, n. 1, p. 49-67, 1991.